

Ano 04 2026

ARQUIBANCADA

A revista do Museu do Futebol
ISSN 3086-4038

Edição **Nº 0004**

Museus, deslocamentos e outros lugares

Além do campo, por Gijsbert Oonk

Caminhamos o presente olhando o passado, por Cristina Branco e Monica Huanca

O poder do futebol de contribuir para a autonomia e a identidade de pessoas refugiadas no Brasil, por Miguel Pachioni

Uma exposição do Empathy Museum na COP30, por Andréa Bueno Buoro

De Nhe'Ẽ Porã *ao Oyapock*, por Cecilia Farias e Majoí Favero Gongora

Entrevista com Jamil Chade, por Letícia Marcolan e Matias Pinto

MUSEU DO FUTEBOL

A REVISTA D
MUSEU DO P

MUSEUS, DE
E OUTROS L

Museus, deslocamentos e outros lugares

PRIMEIRO TEMPO *FIRST HALF*

6 **FUTEBOL, TRAVESSIAS E PERTENCIMENTOS**
Football, crossings, and belonging

Renata Vieira da Motta

JOGO ABERTO *OPEN GAME*

16 **FUTEBOL, DIPLOMACIA E CULTURA: O INTERCÂMBIO EUROPEU DO CLUB ATHLETICO PAULISTANO EM 1925**
Football, Diplomacy, and Culture: Club Athletico Paulistano's European Tour of 1925

Ana Paula Fernandes

TORCIDA *CROWD*

67 **CAMINHAMOS O PRESENTE OLHANDO O PASSADO: SOBRE OS DEZ ENCONTROS DE SABEDORIA E PESQUISA INDÍGENA ANDINA NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO**
Walking the Present While Looking to the Past: On the Ten Gatherings of Andean Indigenous Knowledge and Research at the Immigration Museum

Cristina Branco e Monica Huanca

88 **O PODER DO FUTEBOL DE CONTRIBUIR PARA A AUTONOMIA E A IDENTIDADE DE PESSOAS REFUGIADAS NO BRASIL**
The Power of Football to Foster Autonomy and Identity Among Refugees in Brazil

Miguel Pachioni

106 **ENTRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: A IMAGEM DO RETIRANTE NA EXPOSIÇÃO *NOS TRILHOS DO TEMPO: HISTÓRIAS DA FERROVIA DO CEARÁ***
Between Memory and Representation: The Representation of the Migrant Figure *in the Exhibition* Along the Tracks of Time: Stories of Ceará's Railway

José Jardelson Rufino Lima e
José Wellington Sousa Martins

125 **UM MUSEU DOS ESTILOS DE JOGO**
A Museum of Styles of Play

Nuno Domingos

137 **UMA EXPOSIÇÃO DO EMPATHY MUSEUM NA COP30: TERRITÓRIO, DESLOCAMENTOS SIMBÓLICOS, RECONHECIMENTO DE CONFLITOS**
An Empathy Museum Exhibition at COP30: Territory, Symbolic Displacement, and the Recognition of Conflicts

Andréa Bueno Buoro

154 **FUTEBOL E PERTENCIMENTO: ESPORTE E ADAPTAÇÃO NA MIGRAÇÃO CANADENSE**
Soccer and Belonging: Sport and Adaptation in Canadian Migration

Steven Schwinghamer

MEIO DE CAMPO *MIDFIELD*

38 **ALÉM DO CAMPO: IDENTIDADE NACIONAL, MIGRAÇÃO E ELEGIBILIDADE NO FUTURO DAS SELEÇÕES NACIONAIS DE FUTEBOL**
Beyond the pitch: national identity, migration, and eligibility in the future of national football teams

Gijsbert Oonk

GOL DE PLACA *AWESOME GOAL*

172 **DE *NHE'Ẽ PORÃ* AO OYAPOCK: UMA REDE TRANSFRONTEIRIÇA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS**
From Nhe'ẽ Porã *to the Oyapock: A Cross-Border Network of Indigenous Languages*

Cecilia Farias e Majoí Favero Gongora

190 **O FUTEBOL BRASILEIRO NOS QUATRO CANTOS DO PLANETA**
Brazilian Football Across the Four Corners of the Planet

Marcel Diego Tonini e Marcelo Duarte

BATE-BOLA *BACK-AND-FORTH*

198 **ENTREVISTA COM JAMIL CHADE**
Interview with Jamil Chade

Letícia Marcolan e Matias Pinto

FUTEBOL, TRAVESSIAS E PERTENCIMENTOS

FOOTBALL, CROSSINGS, AND BELONGING

RENATA VIEIRA DA MOTTA

RENATA VIEIRA DA MOTTA é arquiteta, especialista em Museus e Gestão Pública. É diretora-executiva do IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, a organização social gestora do Museu do Futebol.

is an architect, specialist in museums and public management. She is the CEO of IDBrasil, Cultura, Educação e Esporte, the social organization that manages the Football Museum.

A revista *Arquibancada* chega à quarta edição reafirmando seu compromisso com o diálogo entre futebol, museologia, patrimônio e sociedade.

Neste número, as noções de travessia, fronteira e pertencimento perpassam textos e experiências. Elas aparecem nas viagens de clubes e atletas, nas trajetórias de pessoas migrantes e refugiadas, nas línguas que atravessam divisões nacionais, nos saberes que se reorganizam em novos territórios e nos acervos que registram partidas, chegadas e permanências. Deslocar-se, aqui, significa reconstruir vínculos, negociar identidades, preservar memórias e disputar modos de narrar a própria experiência.

O futebol, compreendido como cultura e patrimônio, ocupa lugar central nesse percurso. Mais do que prática esportiva, tem o poder de reunir memórias, identidades nacionais, vínculos comunitários, projeções internacionais e disputas simbólicas. Nesta edição, esse universo é colocado em diálogo com experiências museológicas, educativas, linguísticas, ambientais e comunitárias que também lidam com fronteiras – geográficas, políticas, sociais, afetivas ou culturais.

A realização de uma Copa do Mundo em três países confere ao tema densidade especial. A Copa não é apenas um torneio que acende a paixão das torcidas: é também um marcador temporal, um acontecimento que condensa debates, tensões e expectativas do mundo em que se realiza. Nacionalidade, cidadania, migração, geopolítica, racismo, crise climática e disputas por representação atravessam o evento e materializam o espírito do nosso tempo. A pergunta que percorre este volume nasce desse contexto: como pessoas, grupos e instituições constroem vínculos em um mundo em movimento?

Em "Jogo Aberto", a análise iconográfica da viagem do Club Athletico Paulistano à Europa, em 1925, evoca um momento inaugural da circulação internacional do futebol brasileiro e um projeto de apresentação do país ao exterior, que articulou esporte, diplomacia e construção de uma imagem nacional. Acompanhando esses registros, observamos como imagens e acervos ajudam a preservar partidas e modos pelos quais o Brasil se projetou no mundo.

A seção "Meio de Campo" desloca a discussão para as seleções nacionais. O artigo de Gijsbert Oonk examina como migração, dupla cidadania, elegibilidade esportiva e regras da FIFA tensionam a ideia, aparentemente simples, de representar um país. Por trás de cada convocação, surgem histórias familiares, legislações nacionais, comunidades diaspóricas, estratégias de federações e disputas em torno da identidade. O futebol de seleções revela-se, assim, um espaço privilegiado para compreender as relações entre Estado, mobilidade global e laços, mostrando que a camisa nacional carrega muito mais do que apenas uma escolha esportiva.

Em "Torcida", o tema se abre para diferentes experiências de deslocamento e reconstrução de vínculos. Steven Schwinghamer observa o futebol como prática de adaptação e pertencimento para pessoas migrantes no Canadá, mostrando como o jogo pode criar sociabilidades, redes de apoio e formas de integração cotidiana. Nuno Domingos propõe compreender os estilos de jogo como linguagens corporais situadas historicamente, formadas em bairros, periferias, contextos coloniais e espaços de circulação. O Museu

Ferroviário Estação João Felipe, no Ceará, analisa a imagem do retirante e os modos como seca, ferrovia, trabalho e migração foram incorporados à narrativa museológica, evidenciando as disputas presentes na representação da memória social.

A mesma seção reúne experiências em que museus e práticas culturais se tornam espaços de presença, escuta e negociação de vínculos. O Museu da Imigração apresenta o ciclo *Sarnaqtanxa*, realizado em parceria com o Centro Cultural Andino Amazônico, no qual saberes indígenas andinos transformam o museu em lugar de formação, autonomia comunitária e circulação de memórias ancestrais. Andrea Buoro relata a proposta do Empathy Museum na COP30: tomar a empatia como exercício de deslocamento simbólico diante da crise climática, dos territórios amazônicos e dos conflitos que atravessam diferentes modos de vida. O texto de Miguel Pachioni, do ACNUR, aborda o futebol como ferramenta de proteção, saúde mental, autonomia e reconstrução de vínculos para pessoas refugiadas no Brasil, lembrando que o pertencimento também se constrói em espaços de acolhimento, convivência e reconhecimento.

Em "Gol de Placa", duas experiências institucionais – do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa – mostram como os museus podem atuar junto a públicos e territórios, reafirmando sua função social e seu papel na construção de laços, diálogos e reconhecimento público. O texto de Marcelo Duarte e Marcel Tonini aborda o processo de curadoria da sala Brasil no Mundo, da exposição de longa duração do Museu do Futebol, revelando caminhos de construção de uma narrativa sobre a diáspora de jogadoras e jogadores brasileiros pelos cinco continentes, e os desafios culturais, emocionais e sociais vividos por atletas em trânsito. Já Cecilia Farias e Majoí Favero Gongora abordam, a partir da experiência do Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa, o processo de formação de uma rede transfronteiriça de línguas indígenas, nascida da exposição *Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação* e ampliada pelo diálogo com o Oiapoque, a Guiana Francesa e comunidades indígenas da região. Juntos, os dois textos mostram como os processos museológicos podem transformar fronteiras em zonas de contato, cooperação, escuta e produção compartilhada de sentidos.

Encerrando a edição, em "Bate-Bola", Letícia Marcolan – pesquisadora do Museu do Futebol – e Matias Pinto – curador da exposição *¡Cancha Brava! Futebol sudamericano en disputa* – entrevistam Jamil Chade. A conversa retoma as Copas do Mundo como territórios de afeto, memória e fascínio, mas também como palco de interesses econômicos, decisões políticas, disputas geopolíticas e contradições institucionais. Ao discutir a neutralidade esportiva, a entrevista reforça uma das premissas desta edição: o futebol nunca está apartado da história e de seu tempo.

A revista *Arquibancada vol. 0004* convida leitoras e leitores a percorrer essas travessias sem reduzi-las a um único sentido. Entre clubes, seleções, museus, línguas, comunidades, refugiados, retirantes, povos indígenas, atletas e torcedores, o que se desenha é um conjunto de experiências em que memória e movimento caminham juntos. O futebol, enquanto patrimônio vivo, não se isola dessas experiências: soma-se a elas como uma das formas pelas quais sociedades forjam laços, narram deslocamentos e transparecem suas tensões.

Que as páginas a seguir contribuam para ampliar nossa compreensão sobre fronteiras e pertencimentos, reafirmando o papel dos museus como espaços de escuta, reconhecimento e elaboração pública das muitas formas de viver e narrar o mundo contemporâneo.

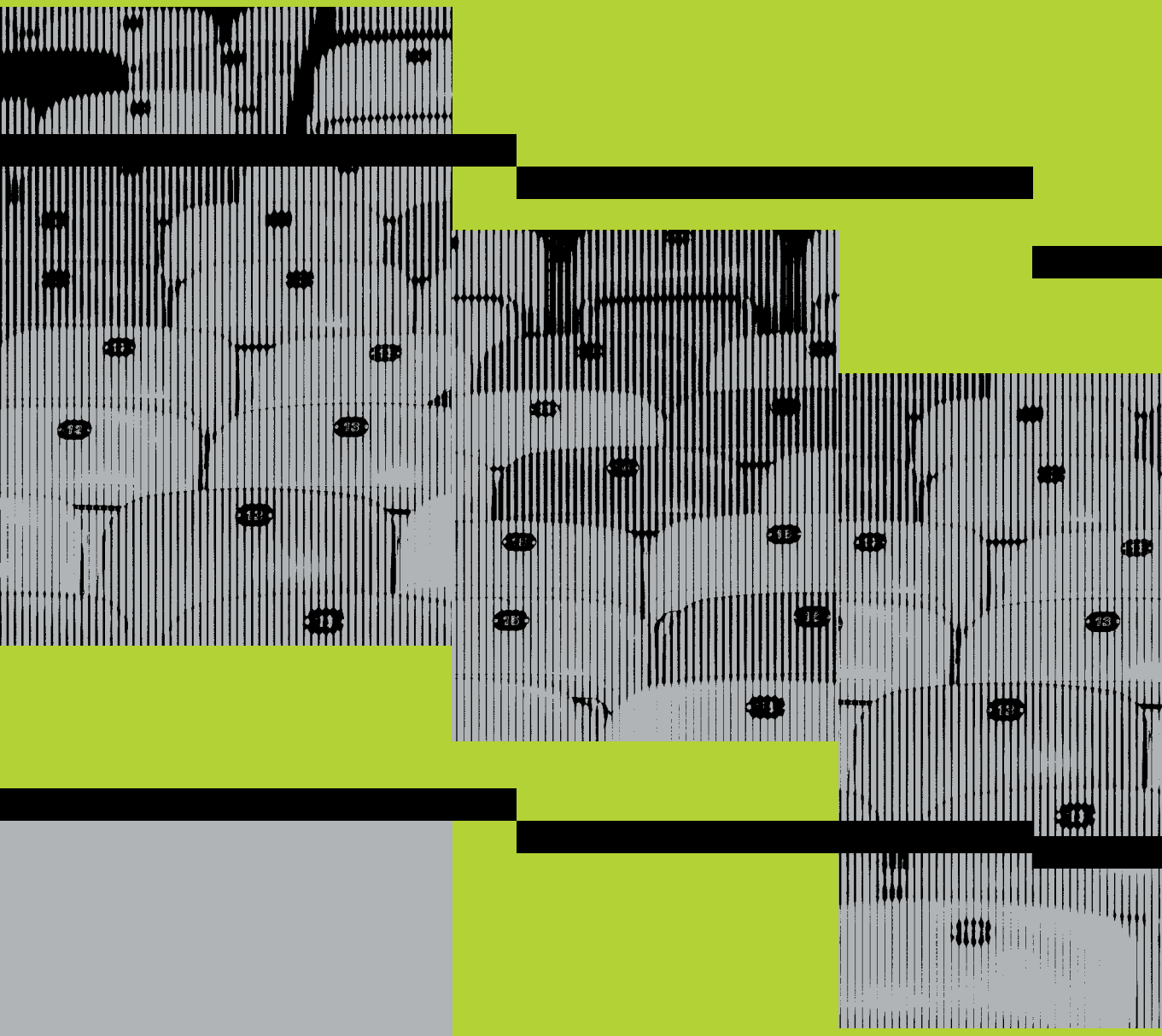


Foto original: William Volcov

With its fourth issue, *Arquibancada* reaffirms its commitment to dialogue between football, museology, heritage, and society.

The ideas of crossing, borders, and belonging run through every text and experience in this issue. They emerge in the travels of clubs and footballers, in the lives of migrants and refugees, in languages that transcend national boundaries, in forms of knowledge that take shape in new territories, and in collections that document departures, arrivals, and lasting presences. Here, movement means rebuilding connections, negotiating identities, preserving memories, and competing to shape the ways in which personal and collective experiences are narrated.

Football, understood as both culture and heritage, occupies a central place throughout this journey. More than a sport, it has the power to bring together memories, national identities, community ties, international projection, and symbolic disputes. In this issue, football enters into conversation with museological, educational, linguistic, environmental, and community-based initiatives that likewise engage with borders—geographical, political, social, emotional, and cultural.

The staging of a FIFA World Cup across three countries lends this theme particular significance. The World Cup is more than a tournament that ignites the passion of supporters; it is also a marker of its time, an event that condenses the debates, tensions, and expectations of the world in which it takes place. Nationality, citizenship, migration, geopolitics, racism, the climate crisis, and struggles over representation all intersect within the tournament, embodying the spirit of our age. The question that guides this volume emerges from that context: how do individuals, communities, and institutions build bonds in a world constantly on the move?

In "Open Game", the iconographic analysis of the Club Athletico Paulistano's 1925 tour of Europe recalls a landmark moment in the international circulation of Brazilian football and a broader project of presenting Brazil to the world—one that brought together sport, diplomacy, and the construction of a national image. Through these visual records, we see how images and museum collections preserve not only matches but also the ways Brazil projected itself internationally.

"Midfield" shifts the discussion to national teams. Gijsbert Oonk's article explores how migration, dual citizenship, sporting eligibility, and FIFA regulations complicate the seemingly straightforward notion of representing a country. Behind every call-up lie family histories, national legislation, diasporic communities, federation strategies, and struggles over identity. International football thus emerges as a privileged lens through which to understand the relationship between the state, global mobility, and human ties, revealing that wearing a national jersey represents far more than a sporting choice.

In "Crowd", the theme expands through different experiences of displacement and the rebuilding of belonging. Steven Schwinghamer examines football as a practice of adaptation and belonging for migrants in Canada, showing how the game fosters sociability, support networks, and everyday forms of integration. Nuno Domingos proposes understanding styles of play as historically situated bodily languages, shaped in neighborhoods, urban peripheries, colonial contexts, and spaces of circulation. The Museu Ferroviário Estação João Felipe, in Ceará, analyzes the figure of the *retirante* (a drought migrant) and the ways drought, the railway, labor, and migration have been incorporated into the museum's narrative, highlighting the contested nature of representing social memory.

The same section also brings together experiences in which museums and cultural practices become spaces of presence, listening, and the negotiation of belonging. The Museum of Immigration presents the *Sarnaqtanxa* cycle, developed in partnership with the Andean-Amazonian Cultural Center, in which Indigenous Andean knowledge transforms the museum into a place for learning, community autonomy, and the circulation of ancestral memory. Andrea Buoro discusses the Empathy Museum's proposal for COP30: to treat empathy as an exercise in symbolic displacement in the face of the climate crisis, the Amazonian territories, and the conflicts that shape different ways of life. Miguel Pachioni, from UNHCR, examines football as a tool for protection, mental health, autonomy, and the rebuilding of social ties for refugees in Brazil, reminding us that belonging is also forged in spaces of welcome, coexistence, and mutual recognition.

In "Awesome Goal", two institutional experiences—from the Football Museum and the Museum of the Portuguese Language—demonstrate how museums can engage with audiences and territories while reaffirming their social role in building connections, fostering dialogue, and promoting public recognition. Marcelo Duarte and Marcel Tonini discuss the curatorial process behind *Brasil no Mundo* [Brazil Around the World], one of the permanent galleries at the Football Museum, revealing how the exhibition traces the diaspora of Brazilian footballers, both men and women, across the globe while addressing the cultural, emotional, and social challenges faced by players on the move. Cecilia Farias and Majoí Favero Gongora, drawing on the work of the Reference Center at the Museum of the Portuguese Language, examine the creation of a cross-border network of Indigenous languages that grew out of the exhibition *Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação* [Nhe'ẽ Porã: Memory and Transformation] and expanded through dialogue with the town of Oiapoque in Amapá state, French Guiana, and Indigenous communities across the region. Together, these two contributions show how museum practices can transform borders into spaces of encounter, cooperation, listening, and the shared production of meaning.

Closing the issue, "Back and Forth" features an interview with journalist Jamil Chade conducted by Football Museum researcher Letícia Marcolan and Matias Pinto, curator of the exhibition *¡Cancha Brava! Fútbol sudamericano en disputa* [Fiery Field! South American Football in Contention]. Their conversation revisits the FIFA World Cup as a territory of affection, memory, and fascination, while also recognizing it as a stage for economic interests, political decisions, geopolitical disputes, and institutional contradictions. In discussing the notion of sporting neutrality, the interview reinforces one of the central premises of this issue: football is never detached from history or from the times in which it exists.

Arquibancada vol. 0004 invites readers to follow these crossings without reducing them to a single meaning. Across clubs, national teams, museums, languages, communities, refugees, *retirantes*, Indigenous peoples, players, and supporters, what emerges is a constellation of experiences in which memory and movement go hand in hand. As a living heritage, football does not stand apart from these experiences; rather, it joins them as one of the ways societies forge bonds, narrate displacement, and reveal their tensions.

May the pages that follow deepen our understanding of borders and belonging, while reaffirming the role of museums as spaces for listening, recognition, and the public interpretation of the many ways of living in, and narrating, the contemporary world.





Gabriel Bicho

Tácio Melo

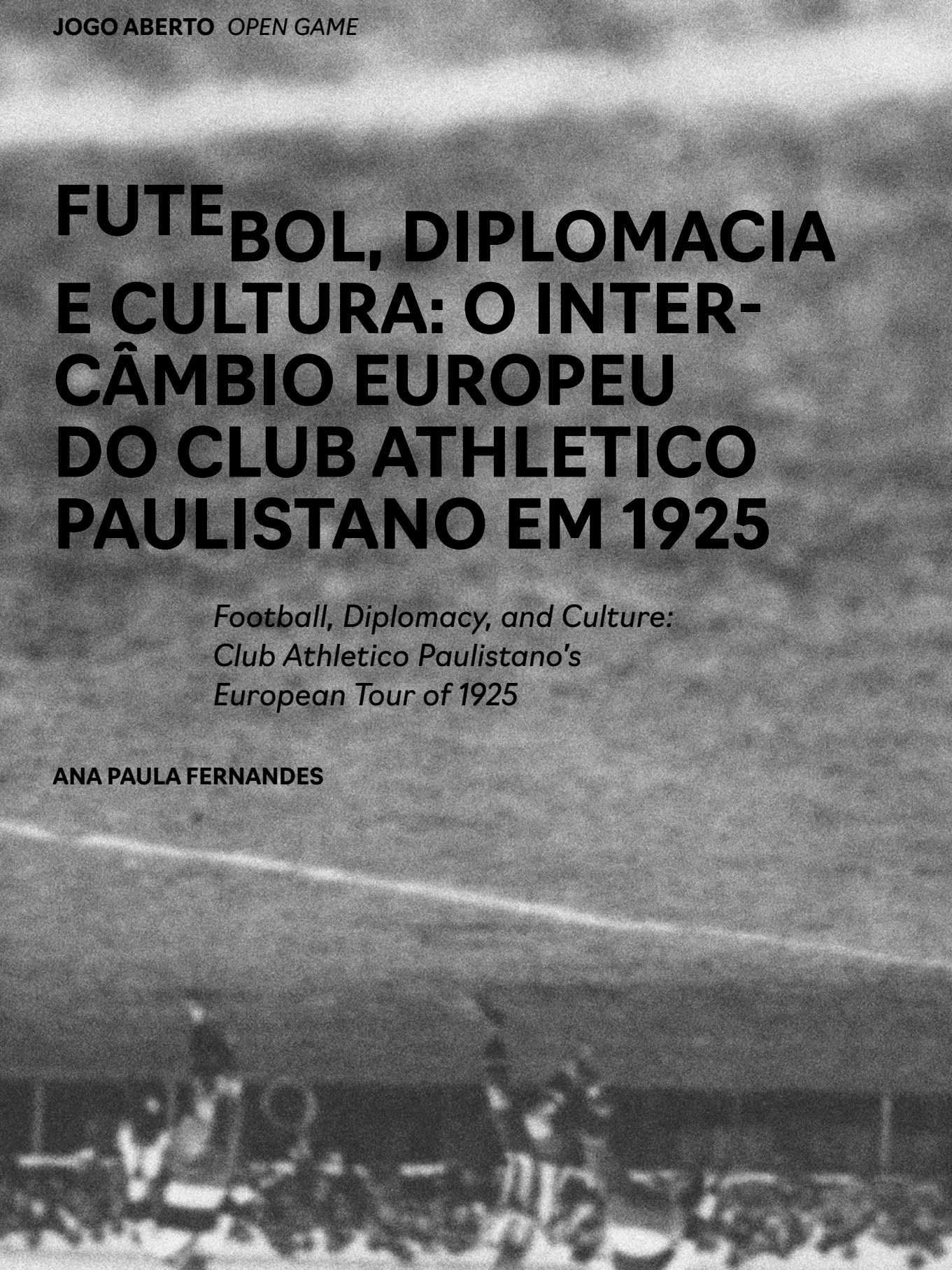


Michele Gomes

FUTEBOL, DIPLOMACIA E CULTURA: O INTERCÂMBIO EUROPEU DO CLUB ATHLETICO PAULISTANO EM 1925

Football, Diplomacy, and Culture: Club Athletico Paulistano's European Tour of 1925

ANA PAULA FERNANDES



ANA PAULA FERNANDES é historiadora, formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e responsável pelo Centro Pró-Memória do Club Athletico Paulistano desde 2008. Nesse período, produziu, entre outros eventos, exposições voltadas à era do futebol amador do clube. Com isso, tornou-se especialista no tema da Excursão de 1925, que, embora se refira à viagem que naquele ano o Club Athletico Paulistano empreendeu à França, a Portugal e à Suíça, aborda a primeira exibição do futebol brasileiro na Europa e a importância desse feito nas esferas esportiva, social e política brasileiras.

is a historian who graduated from the Pontifical Catholic University of São Paulo and has been overseeing Club Athletico Paulistano's Center for Historical Memory since 2008. Over this time, she has curated exhibitions and projects dedicated to the club's amateur football era, becoming a leading specialist on their landmark 1925 European tour. While the tour itself refers to Paulistano's journey through France, Portugal, and Switzerland, its significance extends far beyond the matches played. It marked Brazilian football's first appearance in Europe and became a milestone in Brazil's sporting, social, and political history.

O Club Athletico Paulistano (CAP), fundado em 30 de novembro de 1900, é, comprovadamente, um dos clubes responsáveis pela implantação e pela disseminação da prática oficial do futebol no Brasil no início do século XX. Isso se deve tanto por ter sido um dos fundadores das duas entidades organizadoras da modalidade em São Paulo[1] quanto pelos títulos conquistados[2] e, ainda, pelo fato de suas sedes – o Velódromo Paulista e o Jardim América – terem figurado entre os principais palcos de disputa da modalidade no país. Por exemplo, os títulos conquistados pelo Paulistano, em níveis metropolitano, estadual e nacional, evidenciam que o intercâmbio entre equipes de diferentes cidades e estados, bem como a migração de atletas, configuram práticas inerentes à dinâmica esportiva.

No que diz respeito a jogos internacionais até 1925, ano em que excursionou pela Europa, o C.A. Paulistano enfrentou times estrangeiros em território brasileiro, como Corinthians da Inglaterra, em 1910 e 1913; uruguaios em algumas oportunidades; e a Seleção Argentina, em 1922, tendo vencido pelo placar de 4 a 1.

Se considerarmos o período de trinta anos que separa o primeiro jogo de futebol no Brasil, organizado por Charles Miller em 1895, e a excursão do C.A. Paulistano ao continente europeu em 1925, constatamos que o intercâmbio com times estrangeiros se concentrou no território nacional e na América do Sul. Os times mais conhecidos e estudados que estiveram no país são o South Africa Football Club, formado por ingleses da África do Sul (que jogaram no Velódromo Paulista em 1906), o próprio Corinthians da Inglaterra e os italianos Football Club Pro Vercelli e Torino Football Club, em 1914. Campeonatos em nível internacional também aconteceram: Copa Roca e Sul-Americano de Futebol.

O estudo aprofundado de documentos históricos sobre a excursão do C.A. Paulistano à Europa, a primeira de um time de futebol brasileiro, revela que havia na atitude do clube a intenção de apresentar o Brasil e o brasileiro às nações europeias por meio do esporte, e do próprio esporte brasileiro, notavelmente do futebol. Além disso, o movimento aponta para o uso do esporte com um viés diplomático.

A observância mais atenta à organização da excursão leva à conclusão de que parte dos efeitos produzidos por ela eram intencionais. A apresentação do Brasil e do brasileiro às nações europeias por meio do esporte foi planejada antes mesmo do embarque da delegação, quando o clube filmou suas instalações e os pontos turísticos da cidade de São Paulo, produziu programa de apresentação – junto a ensaio fotográfico dos jogadores – e incluiu na lista de passageiros dois jornalistas, com intuito de registrar o feito isocronicamente, para assim garantir que a história fosse narrada e supervisionada, e que sua repercussão fosse rápida, eficiente e abrangente.

A projeção internacional da excursão teve caráter providencial e status de importância para o Estado

brasileiro, com o envolvimento do embaixador do Brasil em Paris, Luiz Martins de Souza Dantas, e do ministro plenipotenciário do Brasil em Berna, Raul da Silva Paranhos de Rio Branco, que conseguiu inserir a Suíça no roteiro da viagem, mesmo em meio a convites de outros tantos países. A relação diplomática foi tão forte, que a imprensa francesa chegou a insinuar que aquela seria uma missão brasileira de caráter oficial, a ponto de o embaixador ter que ir a público, por meio de carta, desmentir veementemente, a pedido de Prado Junior.[3]

Nesse contexto, Araken Patusca[4] dedicou ao tema uma seção de seu livro *Os reis do futebol*,[5] intitulado "Araken e Souza Dantas. Algumas ligeiras reflexões sobre futebol e diplomacia". Em certo momento do texto, ele disse:

Infelizmente nós ainda não evoluímos bastante para termos gente no Itamarati e no Catete, capaz de compreender que um bom quadro de futebol vale mais para nossa propaganda no estrangeiro, do que toda a nossa diplomacia junta (Patusca, 1976, p. 204).

A análise iconográfica da sequência cronológica de fotografias a seguir permite compreender o processo do primeiro intercâmbio entre futebolistas brasileiros e europeus, promovido pelo Club Athletico Paulistano na Europa Ocidental em 1925.

De início, destacam-se dois fatores: o acesso à produção fotográfica que o clube em questão tinha; e a compreensão que ele teve da importância de registrar as etapas da viagem a fim de assegurar sua própria narração do acontecimento. A soma desses dois fatores leva a crer que o Paulistano tinha consciência de estar escrevendo um capítulo inédito na história do futebol clubístico e também nacional.

A primeira imagem (Fotografia 1), tirada no jogo-treino com o Sport Club Internacional, dois dias antes do embarque para a Europa, ilustra o que se tornou a clássica "foto posada" dos atletas, identificados pelo uniforme de jogo, e, nesse caso, acompanhados por dirigentes do clube, com vestimenta socialmente formal da época em questão – terno, gravata, calça social e chapéu. A imagem corresponde a uma foto oficial da delegação ainda incompleta, uma vez que dois jogadores (Durval Junqueira e Seabra) não integravam o elenco do Paulistano e residiam em outras localidades.

O registro que se segue – da delegação do Paulistano no navio *Zeelandia*, da Lloyd Real Holandês, um dos principais transatlânticos da época – contribui para a historiografia do esporte e da história social.

Do ponto de vista esportivo, trata-se, possivelmente, da primeira ocorrência conhecida de uma equipe de futebol viajando com uniforme padronizado. Nem mesmo a seleção nacional adotava esse procedimento à época. O uso dele contribui para a construção da noção de "delegação esportiva", que, nesse caso, representava não apenas o clube, mas também o país, transmitindo a mensagem de credibilidade internacional. Em conjunto, esses elementos permitem identificar um processo de profissionalização simbólica do futebol brasileiro.

Do ponto de vista da história social, destaca-se a relação entre futebol e música, que se intensificaram ao longo do tempo. A célebre "Bagunça", grupo musical formado pelos jogadores, animava a tripulação com canções de Eduardo Souto, Marcelo Tupynambá e Joubert de Carvalho. Na foto, destaca-se Mário Vespasiano de Macedo, diretor do jornal *São Paulo Sportivo*, com sua batuta.

É justamente nesse período da história brasileira que ambos, futebol e música, passaram por um processo de "popularização", o que incentivou a construção de uma identidade cultural urbana mais forte. O samba e o foxtrote tornaram-se a trilha sonora do futebol popular.



Fotografia 1: Time do C.A. Paulistano que venceu o Sport Club Internacional pelo placar de 5 a 0, no campo do Jardim América, São Paulo. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 8 de fevereiro de 1925.

Photograph 1: The C.A. Paulistano team that defeated Sport Club Internacional 5–0 at the Jardim América ground in São Paulo. | Credit: CAP Center for Historical Memory, February 8, 1925.

Identificados, em pé / *Standing, from left to right*: Orlando Pereira (chefe da delegação / *head of delegation*), Miguel Feite, Amphilóquio Guarisi Marques (Filó), Sérgio Pereira, Antônio Carlos Seixas, Arthur Friedenreich, Araken Patusca, Mario Andrada e Silva, Ernesto Pujol Filho (Nettinho), Mário Cardim (1º secretário / *First Secretary*) e Fernão de Moraes Salles (vice-presidente / *Vice President*).

Agachados / *Crouching*: Juan Mestres Alijostes, Caetano Caldeira, Luiz Lopes de Andrade (Guarany), Clodoaldo Caldeira (Clodô), Francisco Abate, Epaminondas Motta (Nondas), Maurício Villela e Bartholomeu Vicente Gugani (Barthô).

Deitados / *Lying in front*: os goleiros / *goalkeepers* Júlio Kunz Filho e Nestor de Almeida.



Fotografia 2: Delegação do Paulistano rumo à Europa. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 19 de fevereiro de 1925.

Photograph 2: The Paulistano delegation en route to Europe. | CAP Center for Historical Memory, February 19, 1925.

Primeira fila / *Top row:* Araken Patusca, Sérgio Pereira (capitão / *captain*), Orlando Pereira (chefe da delegação / *head of delegation*) e José Fernando Seabra Carvalho.

Segunda fila / *Second row:* Miguel Feite, Juan Mestres Alijostes, Nestor de Almeida e Arthur Friedenreich.

Terceira fila / *Third row:* Júlio Kunz Filho, Antônio Carlos Seixas, Durval Junqueira Machado, Mário Vespasiano de Macedo, Bartholomeu Vicente Gugani (Barthô) e Clodoaldo Caldeira (Clodô).

Quarta fila / *Fourth row:* Mario Andrada e Silva, Caetano Caldeira, Ernesto Pujol Filho (Nettinho), Amphilóquio Guarisi Marques (Filó), Wallace, filho de Sérgio, e Maurício Villela.

Quinta fila / *Fifth row:* Epaminondas Motta (Nondas) e Luiz Lopes de Andrade (Guarany).

As próximas fotografias (3 a 10) registram o Paulistano em sua viagem à Europa. O intuito da escolha delas é apontar alguns aspectos. O primeiro, presente nas imagens 1 e 2, evidencia o futebol como um espaço de sociabilidade ritualizada. Por meio da troca de *corbeille*[6] de flores e cumprimentos entre as equipes adversárias – Sporting Club de La Bastidienne, em 2 de abril, e Association Sportive de Strasbourg, em 10 de abril, respectivamente –, observa-se a legitimação dessa modalidade como uma instituição social.

Fotografia 3: C.A. Paulistano e Sporting Club de La Bastidienne antes do início da partida no Parc des Sports, em Bordeaux, França. Vitória do clube brasileiro por 4 a 0. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 2 de abril de 1925.

Photograph 3: C.A. Paulistano and Sporting Club de La Bastidienne before kickoff at Parc des Sports in Bordeaux, France. Victory for the Brazilian club by a score of 4–0. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 2, 1925.

Identificados / *Identified*: Amphilóquio Guarisi Marques (Filó), Júlio Kunz Filho, Ernesto Pujol Filho (Nettinho), Clodoaldo Caldeira (Clodô), Francisco Abate, Bartholomeu Vicente Gugani (Barthô), Arthur Friedenreich, Epaminondas Motta (Nondas) e Sérgio Pereira.



As fotografias seguintes (5 a 8), todas dedicadas a lances de jogo, apresentam elementos semelhantes. A presença do público sugere a afirmação do futebol como evento público, técnico e progressivamente massificado, configurando-se como um espetáculo coletivo e urbano, de natureza dinâmica e performática. No que se refere à captura fotográfica, cabe ressaltar que esse tipo de registro implicava desafios técnicos significativos para a época.

Abaixo: Fotografia 4: C.A. Paulistano e Association Sportive de Strasbourg antes do início da partida na cidade de Estrasburgo. Vitória do clube brasileiro por 2 a 1. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 10 de abril de 1925.

Below: Photograph 4: C.A. Paulistano and Association Sportive de Strasbourg before kickoff in Strasbourg. Victory for the Brazilian side by a score of 2–1. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 10, 1925.





Fotografia 5: Filó e Friedenreich comandando o ataque contra o Sporting Club de La Bastidienne, no Parc des Sports, na cidade francesa de Bordeaux. Vitória do clube brasileiro por 4 a 0. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 2 de abril de 1925.

Photograph 5: Filó and Friedenreich leading the attack against Sporting Club de La Bastidienne at Parc des Sports in Bordeaux, France. Victory for the Brazilian club by a score of 4–0. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 2, 1925.



Fotografia 6: Defesa do goleiro da Association Sportive de Strasbourg. À frente, de uniforme listrado, Mario Andrada e Silva, do C.A. Paulistano. Vitória do clube brasileiro por 2 a 1. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 10 de abril de 1925.

Photograph 6: A save by the Association Sportive de Strasbourg goalkeeper. In the foreground, wearing the striped kit, is Mario Andrada e Silva of C.A. Paulistano. Victory for the Brazilian club by a score of 2–1. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 10, 1925.




2855

Páginas anteriores: Fotografia 7: Malabarismo do zagueiro alsaciano para impedir a aproximação de Filó. Placar final: 2 para C.A. Paulistano, 1 para Association Sportive de Strasbourg. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 10 de abril de 1925.

Previous pages: Photograph 7: An acrobatic clearance by an Alsatian defender to prevent Filó from advancing. Final score: C.A. Paulistano 2, Association Sportive de Strasbourg 1. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 10, 1925.

Abaixo: Fotografia 8: Antônio Carlos Seixas arrisca chute de fora da grande área na vitória, por 2 a 1, do C.A. Paulistano sobre a Association Sportive de Strasbourg. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 10 de abril de 1925.

Below: Photograph 8: Antônio Carlos Seixas attempts a shot from outside the penalty area during C.A. Paulistano's 2–1 victory over Association Sportive de Strasbourg. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 10, 1925.



As duas últimas fotografias (9 e 10) registram dois passeios realizados por atletas e dirigentes alvirrubros na França, em 8 de abril de 1925: visita à prefeitura de Estrasburgo, a convite do prefeito, e à redação do jornal *Les Dernières Nouvelles*, na mesma cidade.

Os locais simbolizam a relação do futebol com a política e com a imprensa, dois importantes pilares para consolidação e disseminação da modalidade, dentro e fora do país. Ambos os registros ajudam a reforçar a projeção internacional que a excursão do Paulistano teve.

Confraternizações (almoços, jantares e visitas a locais diversos, reunindo autoridades futebolísticas, políticas, diplomáticas e militares) tornaram-se meio de propaganda do Football Associaton, do desenvolvimento do Brasil no aspecto esportivo e de infraestrutura esportiva, e do próprio povo brasileiro, cujas características de culturalidade, cordialidade e civilidade foram frequentemente exaltadas nos discursos dos europeus durante os encontros.

Na conjuntura atual, a viagem do Paulistano não impressiona devido à normalização dos torneios intercontinentais, há mais de meio século. No entanto, numa época em que a comunicação e o transporte eram limitados e trabalhosos, o alvirrubro superou todas as dificuldades e empreendeu uma verdadeira propaganda do futebol brasileiro no exterior. Pode-se afirmar, de certa maneira, que o apresentou ao mundo, já que, na época, a Europa era o grande centro esportivo, em virtude da realização dos Jogos Olímpicos. Apresentou, também, o próprio Estado brasileiro por meio das relações interpessoais e diplomáticas.

Internamente, é óbvio que o êxito alcançado nos gramados ampliou a fama do Club Athletico Paulistano nos meios esportivos, mas sobretudo contribuiu, em certa medida e dentro de seu contexto histórico, para a construção de uma unidade nacional sustentada pelo esporte, por meio da paixão popular pela modalidade e pelo sentimento de orgulho pátrio. O feito torna-se ainda mais surpreendente e singular porque todo esse efeito foi produzido por um clube, e não pela Seleção Brasileira – que tinha onze anos de formada e que, conceitualmente, deveria ter mais condições de promover esse feito histórico.

1 Liga Paulista de Football (LPF), em 1901, que coordenou o Campeonato Paulista durante catorze anos a partir de 1902, e Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA), em 1913, que coordenou o mesmo torneio entre 1913 e 1936.

2 Onze Campeonatos Paulistas, sendo quatro de forma consecutiva, três estaduais (à época, o torneio era disputado entre o campeão da capital e do interior) e um nacional, intitulado "Campeão dos Campeões" – torneio promovido pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que reuniu os três campeões estaduais de 1919 em 1920.

3 Antonio da Silva Prado Junior (1880-1955), presidente da diretoria mais longevo da história do CAP (1906 a 1909 e 1916 a 1954) e descendente de tradicional família paulistana, era engenheiro, esportista, empresário e político. Foi deputado estadual por São Paulo em duas ocasiões: 1924 (era suplente desde 1922) e 1925; também foi prefeito do Rio de Janeiro, entre 1926 e 1930. Com a irrupção da Revolução de 1930, que depôs o presidente da República, Washington Luís, Prado Junior foi deposto e exilado em Paris. Como gestor esportivo, foi presidente da APEA, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) de 1935 a 1947, e membro do Comitê Olímpico Internacional (COI) entre 1938 e 1955.

4 Araken Patusca (1905-1990). Filho de Sizinho Patusca, primeiro presidente e um dos fundadores do Santos F.C., ingressou na carreira futebolística, nesse clube, com quinze anos. Em 1923, chegou ao time principal, que defendeu até 1929. Em 1925, foi convidado pelo C.A. Paulistano para compor o quadro que viajaria à Europa. Em 1930, foi inscrito no Flamengo e integrou a Seleção Brasileira na primeira edição da Copa do Mundo FIFA (o único jogador paulista da relação). No ano seguinte, chegou ao São Paulo F.C., no qual permaneceu até 1935. Teve mais uma passagem pelo Santos e pelo São Paulo antes de se aposentar. Ficou famoso, também, por seu trabalho como radialista e comentarista esportivo.

5 PATUSCA, Araken. *Os reis do futebol*. São Paulo: Gráfica Bentivegna, 1976.

6 *Corbeille* (do francês "cesta" ou "cesto de vime") de flores é um arranjo floral sofisticado, geralmente grande e estruturado, oferecido em homenagens ou ocasiões formais.



Fotografia 9: Apesar do pouco tempo disponível, a delegação do Paulistano conseguiu passear em algumas cidades. No registro, grupo posa em frente à prefeitura de Estrasburgo, na Alsácia – região nordeste da França, próxima às fronteiras com Alemanha e Suíça. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 8 de abril de 1925.

Photograph 9: Despite the limited time available, the Paulistano delegation managed to visit several cities. In this image, members of the group pose in front of Strasbourg City Hall in Alsace, a region in northeastern France near the borders of Germany and Switzerland. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 8, 1925.

Identificados / *Identified:* Durval Junqueira, Luiz Lopes de Andrade (Guarany), Amphilóquio Guarisi Marques (Filó), Júlio Kunz Filho, Maurício Villela, Clodoaldo Caldeira (Clodô), Mario Andrada e Silva, Caetano Caldeira, Mário Vespasiano de Macedo e Antonio Prado Junior.

Fotografia 10: Delegação do Paulistano em frente à sede do jornal Les Dernières Nouvelles, na cidade de Estrasburgo, na Alsácia francesa. | Crédito: Centro Pró-Memória do CAP, 8 de abril de 1925.

Photograph 10: The Paulistano delegation in front of the headquarters of the newspaper Les Dernières Nouvelles *in Strasbourg, French Alsace. | Credit: CAP Center for Historical Memory, April 8, 1925.*

Identificados / *Identified*: Júlio Kunz Filho, Clodoaldo Caldeira (Clodô), Caetano Caldeira, Durval Junqueira, Mario Andrada e Silva, Arthur Friedenreich (ao fundo / *background*), Nestor de Almeida (ao fundo / *background*), Maurício Villela (ao fundo / *background*), Araken Patusca (ao fundo / *background*), Luiz Lopes de Andrade (ao fundo / *background*), Orlando Pereira, Francisco Abate, Amphilóquio Guarisi Marques (Filó), Mário Vespasiano de Macedo e Antônio Carlos Seixas.



Founded on November 30, 1900, Club Athletico Paulistano (CAP) was unquestionably one of the institutions responsible for establishing and spreading organized football in Brazil during the early 20th century. Its influence stemmed not only from its role in founding São Paulo's[1] first football governing bodies, but also from its sporting achievements[2] and from the prominence of its home grounds—the Velódromo Paulista and later Jardim América—which became among the country's most important football venues. Paulistano's titles at the city, state, and national levels also reveal how exchanges between teams from different regions, as well as player movement, were already integral to the sport's development.

Before 1925, the year of its European tour, Paulistano had already faced several foreign opponents on Brazilian soil. These included England's Corinthian team in 1910 and again in 1913, Uruguayan sides on some occasions, and the Argentine national team in 1922, whom Paulistano defeated 4–1.

Looking at the thirty years between Charles Miller's organization of Brazil's first football match in 1895 and Paulistano's European tour in 1925, it becomes clear that international football exchanges had largely been confined to Brazil and neighboring South American countries. Among the most notable visiting teams were South Africa Football Club, consisting of English players living in South Africa (which played at the Velódromo Paulista stadium in 1906); England's Corinthian; and the Italian clubs Pro Vercelli and Torino, both of which toured Brazil in 1914. International competitions had also begun to emerge, including the Copa Roca and the South American Championship.

A close examination of historical documents related to Paulistano's European tour, the first undertaken by a Brazilian football club, reveals that the club intended not only to compete abroad, but also to present Brazil and Brazilians to European audiences through sport, and particularly through Brazilian football. The move also points to the use of sport as a diplomatic tool.

An attentive look at how the trip was organized suggests that many of its effects were deliberate. Even before the delegation departed, plans were made to present Brazil and Brazilians to European nations, so the club filmed its facilities and São Paulo's major landmarks, produced a presentation booklet accompanied by a professional photo shoot of the players, and included two journalists among its passengers. Their role was to document the tour in real time, ensuring that the story would be told from the club's perspective and that its impact would be reported quickly, effectively, and widely.

The tour's welcome international visibility proved significant enough to attract the attention of the Brazilian state. Among those involved were Brazil's ambassador in Paris, Luiz Martins de Souza Dantas, and the country's minister plenipotentiary in Bern, Raul da Silva Paranhos do Rio Branco, who successfully secured Switzerland's inclusion in the itinerary despite

"It was during this period of Brazilian history that both football and music underwent a process of popularization"

invitations from several other countries. The diplomatic dimension became so pronounced that portions of the French press suggested the tour was an official Brazilian mission. At Prado Junior's request[3], Ambassador Souza Dantas was eventually compelled to issue a public letter firmly denying the claim.

This connection between football and diplomacy was later explored by Araken Patusca[4] in a section of his book *Os reis do futebol* [The Kings of Football][5] titled "Araken and Souza Dantas: Brief Reflections on Football and Diplomacy." At one point, he wrote:

Unfortunately, we have not yet progressed enough to have people in Itamaraty and at the Catete Palace[6] *capable of understanding that a good football team does more for Brazil's image abroad than all of our diplomacy combined.* (Patusca, 1976, p. 204)

The chronological sequence of photographs presented in the magazine offers a window into the first exchange between Brazilian and European footballers, promoted by Club Athletico Paulistano during its 1925 tour of Western Europe.

Two aspects stand out from the outset: the club's remarkable access to photographic production and its understanding of the importance of documenting each stage of the journey. Together, these factors suggest that Paulistano was fully aware that it was writing an unprecedented chapter in football history at both club and national level.

The first image (Photograph 1), taken during a training match against Sport Club Internacional two days before departure, captures what would become the classic posed team photograph. The players appear in full uniform, accompanied by club officials dressed in the formal attire of the period—suits, ties, dress trousers, and hats. The photograph served as an official portrait of the touring delegation, though it was not yet complete, as two players, Durval Junqueira and Seabra, were not members of Paulistano's regular squad and lived elsewhere.

The next image—a photograph of the Paulistano delegation aboard the *Zeelandia*, operated by the Royal Holland Lloyd and one of the leading transatlantic liners of its era—offers valuable contributions to both sports historiography and social history.

From a sporting perspective, it is possibly the earliest known example of a football team traveling in standardized attire. At the time, not even the Brazilian national team followed such a practice. The use of coordinated dress helped shape the notion of a "sporting delegation," which in this case represented not only the club but also the nation, conveying an image of international credibility. Taken together, these elements point to a process of symbolic professionalization within Brazilian football.

From the standpoint of social history, the image also highlights the relationship between football and music, a connection that would only grow stronger over time. The celebrated *Bagunça*, a musical group formed by the players themselves, entertained the ship's crew with songs by Eduardo Souto, Marcelo Tupynambá, and Joubert de Carvalho. Prominently featured in the photograph is Mário Vespasiano de Macedo, director of the newspaper *São Paulo Sportivo*, conducting with his baton.

It was during this period of Brazilian history that both football and music underwent a process of popularization, helping foster a stronger urban cultural identity. Samba and foxtrot became the soundtrack of popular football.

The following photographs (3 through 10) document Paulistano's journey through Europe. Their selection is intended to highlight several aspects of the tour. The first, already visible in Photographs 1 and 2, underscores football as a space of ritualized

"Yet at a time when communication and transportation were slow, limited, and demanding, the red-and-white club overcame considerable obstacles and carried out what amounted to a remarkable campaign on behalf of Brazilian football abroad"

sociability. Through the exchange of *corbeilles*[7] and greetings between opposing teams—Sporting Club de La Bastidienne on April 2 and Association Sportive de Strasbourg on April 10—we can observe the sport's growing legitimacy as a social institution.

The next photographs (5 through 8), all devoted to match action, reveal similar features. The presence of spectators suggests football's emergence as a public, technical, and increasingly mass-attended event, evolving into a collective urban spectacle characterized by movement and performance. From a photographic standpoint, it is worth noting that capturing images of live play posed significant technical challenges at the time.

The final two photographs (9 and 10) document outings taken by Paulistano players and officials in France on April 8, 1925: a visit to Strasbourg City Hall at the mayor's invitation and a visit to the newsroom of the newspaper *Les Dernières Nouvelles*, also in Strasbourg.

These locations symbolize football's relationship with politics and the press, two essential pillars in the consolidation and dissemination of the sport, both within Brazil and abroad. Both records reinforce the international visibility achieved by Paulistano's tour.

Social gatherings (including lunches, dinners, and visits to a variety of venues involving football authorities, politicians, diplomats, and military officials) became vehicles for promoting Association Football, showcasing Brazil's sporting development and infrastructure, and presenting the Brazilian people themselves, whose culture, cordiality, and civility were frequently praised in speeches delivered by Europeans during these encounters.

Today, Paulistano's journey may seem less extraordinary given that intercontinental competitions have been a fixture of the sporting landscape for more than half a century. Yet at a time when communication and transportation were slow, limited, and demanding, the red-and-white club overcame considerable obstacles and carried out what amounted to a remarkable campaign on behalf of Brazilian football abroad. In a sense, it introduced Brazilian football to the world, since Europe was then the sport's principal center due to the prominence of the Olympic Games. The tour also presented the Brazilian state itself through a network of interpersonal and diplomatic relationships.

Within Brazil, the success achieved on the pitch naturally enhanced Club Athletico Paulistano's repu-

tation in sporting circles. More importantly, however, it contributed, within that historical context, to the construction of a sense of national unity rooted in sport, fueled by popular passion for football and a growing feeling of national pride. The achievement becomes even more remarkable and singular when one considers that all of this was accomplished by a club rather than by the Brazilian National Team, which had already existed for eleven years and, conceptually, at least, should have been in a stronger position to accomplish such a historic feat.

1 Founded in 1901, the *Liga Paulista de Football* (LPF) organized the São Paulo State Championship for fourteen seasons beginning in 1902. The *Associação Paulista de Sports Athleticos* (APSA), founded in 1913, oversaw the same competition from 1913 to 1936.

2 Eleven São Paulo State Championship titles, including four consecutive editions; three state titles (at the time, the competition was contested between the champions of the capital and the interior of the state); and one national title, known as the *Champion of Champions* [*Campeão dos Campeões*], a tournament organized by the Brazilian Confederation of Sports (CBD) that brought together three state champions of 1919 in a competition held in 1920.

3 Antonio da Silva Prado Junior (1880-1955) was the longest-serving president in CAP history, leading the club from 1906 to 1909 and again from 1916 to 1954. A descendant of a prominent São Paulo family, he was an engineer, athlete, businessman, and politician. He served two terms as a state deputy in São Paulo, first in 1924 (after having been elected alternate deputy in 1922) and again in 1925. He was also mayor of Rio de Janeiro from 1926 to 1930. Following the outbreak of the 1930 Revolution, which overthrew President Washington Luís, Prado Junior was removed from office and exiled to Paris. In sports administration, he served as president of the APEA, president of the Brazilian Olympic Committee (COB) from 1935 to 1947, and a member of the International Olympic Committee (IOC) from 1938 until his death in 1955.

4 Araken Patusca (1905-1990). The son of Sizinho Patusca, the first president and one of the founders of Santos F.C., he began his football career at the club at age fifteen. He joined the first team in 1923 and remained there until 1929. In 1925, he was invited by C.A. Paulistano to join the squad that toured Europe. In 1930, he signed with Flamengo and represented the Brazilian National Team at the inaugural FIFA World Cup, becoming the only player from the state of São Paulo selected for the squad. The following year, he joined São Paulo F.C., where he played until 1935. He later had additional spells with both Santos and São Paulo before retiring. Patusca also became well known for his work as a radio broadcaster and football commentator.

5 PATUSCA, Araken. *Os reis do futebol*. São Paulo: Gráfica Bentivegna, 1976.

6 Respectively, the former headquarters of the Brazilian Foreign Ministry and the Brazilian Presidency, in Rio de Janeiro. [Editor's note.]

7 A *corbeille* (French for "basket") is an elaborate floral arrangement, typically large and carefully structured, presented as a tribute or on formal occasions.





Tete Silva

Rykelme Brito



Vinicios Cotrim

ALÉM DO CAMPO:

identidade nacional, migração e elegibilidade no futuro das seleções nacionais de futebol[1]

Beyond the pitch: national identity, migration, and eligibility in the future of national football teams[1]

GIJSBERT OONK

GIJSBERT OONK é professor de História Mundial na Erasmus School of History, Culture and Communication (ESHCC), em Roterdã, Países Baixos. Ele é o diretor fundador da rede Sport and Nation: www.sportandnation.com.

is Professor of Global History at the Erasmus School of History, Culture and Communication (ESHCC) Rotterdam, Netherlands. He is the founding director of the Sport and Nation network: www.sportandnation.com.

Com o mundo voltando sua atenção para a próxima Copa do Mundo da FIFA no México, nos Estados Unidos e no Canadá, o torneio chega em um momento em que questões de nacionalidade, migração e pertencimento são excepcionalmente relevantes no debate público. O futebol sempre foi mais do que um jogo praticado no campo: ele é um palco onde nações se apresentam para o mundo e negociam quem está incluído dentro de suas fronteiras simbólicas. Em 2026, discussões sobre dupla cidadania, jogadores naturalizados, comunidades diaspóricas e políticas de imigração provavelmente influenciarão a forma como os torcedores e os comentaristas interpretarão as escolhas dos times e as lealdades nacionais. Contra esse cenário, a Copa do Mundo oferece uma oportunidade ideal para revisitar o que o esporte internacional revela – e às vezes esconde – sobre as relações entre identidade e o Estado-nação moderno.

Em minha pesquisa, analisei como as nacionalidades dos atletas são formadas não apenas por laços pessoais ou local de nascimento, mas também por regras políticas em constante mudança, desigualdades globais e interesses estratégicos dos Estados e das entidades esportivas. O torneio que está por vir faz com que essas dinâmicas se tornem visíveis para uma grande audiência: jogadores com origens multiculturais representarão países diferentes daqueles onde nasceram, enquanto debates sobre elegibilidade e "verdadeira" identidade nacional serão discutidos tanto na mídia quanto entre os fãs. Essa rápida atualização reflete como os padrões identificados nesta pesquisa nos ajudam a compreender as narrativas que marcarão esta Copa do Mundo – por que certas histórias sobre migração e lealdade ganham força, o que elas deixam de lado e como a competição, mais uma vez, se torna uma lente através da qual se expressam maiores ansiedades e aspirações sobre fronteiras e pertencimento.

À primeira vista, o futebol pode parecer simplesmente uma competição entre dois times em campo, regida por regras e regulamentos estabelecidos. No entanto, essas regras surgem de uma história complexa de conflitos legais, paradoxos culturais e mudanças nas perspectivas sobre identidade nacional. As questões-chave sobre quem é elegível para representar um país e quem deveria decidir esses assuntos vão muito além da escolha do técnico. Embora o técnico possa escolher a escalação, ele deve lidar com as normas de nacionalidade impostas tanto pelo Estado quanto pelos órgãos reguladores, como a Federação Internacional de Futebol (FIFA). Essa dimensão escondida de escolha de uma seleção tem se transformado em uma competição complexa fora de campo, na qual Estados, federações e técnicos buscam garantir os jogadores mais talentosos disponíveis, incluindo aqueles com dupla ou múltipla nacionalidade. As federações nacionais de futebol cada vez mais têm procurado jogadores que possam representar seu país devido à sua origem étnica, como exemplificado pelo recrutamento estratégico, por parte da Federação Marroquina de Futebol, de jogadores marroquino-europeus (com dupla cidadania) para as Copas do Mundo de 2018 e 2022.

Este artigo analisa o panorama em constante evolução das seleções nacionais de futebol no contexto da migração, da cidadania e da identidade; e explora

o delicado equilíbrio entre a soberania dos Estados na concessão da cidadania e os esforços da FIFA para preservar a integridade do futebol internacional. O que está em jogo é a questão de como a mobilidade global remodela a identidade nacional e o futuro do futebol como reflexo de pertencimento, diversidade e unidade.

FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

"Um país precisa, em determinados momentos, se unir em torno de uma ideia que o faça se orgulhar de si mesmo", declarou o presidente francês Jacques Chirac após a vitória da França na Copa do Mundo de 1998.[2] Esse sentimento capturou o grande significado do futebol como palco para a identidade nacional. Para os políticos franceses, a vitória representou mais do que a excelência no esporte. Ela foi celebrada como um marco no progresso do país rumo à integração de sua população imigrante. O time, amplamente conhecido como a geração *Black-Blanc-Beur* (negra-branca-árabe), simbolizava diversidade e sucesso multicultural. Zinédine Zidane, filho de imigrantes da Argélia e jogador principal, personificava esse ideal.

Contudo, essa percepção de unidade se provou frágil. Na Copa do Mundo de 2010, outra seleção francesa diversificada enfrentou uma campanha desastrosa, não conseguindo passar da fase de grupos. Fora do campo, controvérsias, incluindo greve dos jogadores, dominaram as manchetes. A repercussão levou alguns políticos a usar linguagem com conotação racial, rotulando os jogadores de *racailles* (escória), o que desencadeou debates acalorados sobre raça e pertencimento. Avançando para 2018, a França conquistou mais uma vez a Copa do Mundo com um elenco ainda mais diversificado – menos de um terço dos jogadores eram brancos. Dessa vez, o presidente Emmanuel Macron mudou a narrativa, enfatizando os valores da república e a unidade ao invés da diversidade étnica. Ele elogiou a seleção como um reflexo de uma França unida e orgulhosa, evitando discussões explícitas sobre as origens dos jogadores.[3] No entanto, os debates na mídia continuaram; eles questionavam se uma seleção tão diversificada poderia realmente representar uma identidade nacional francesa única.

Perguntas parecidas surgem em relação a outras seleções nacionais. Por exemplo, a seleção marroquina na Copa do Mundo de 2018 contava com apenas seis jogadores nascidos no Marrocos; os demais eram originários de França, Países Baixos, Espanha, Portugal e Canadá. A diversidade linguística da equipe era impressionante, com árabe, francês, espanhol e holandês falados junto ao inglês – uma língua franca para jogadores de diferentes origens culturais. O conceito de "superdiversidade" do sociólogo Steven Vertovec (2007) descreve adequadamente essas seleções, nas quais nenhuma cultura ou língua domina, e cada jogador representa uma identidade minoritária. A seleção marroquina tornou-se um símbolo da diáspora global, sem deixar de representar o Marrocos no cenário mundial. Outro exemplo é a seleção suíça, cujo elenco é um verdadeiro caldeirão cultural: os jogadores Breel Embolo e François Moubandje nasceram nos Camarões, Xherdan Shaqiri e Granit Xhaka têm raízes na antiga Iugoslávia, e Ricardo Rodríguez tem tripla cidadania devido à sua ascendência espanhola e chilena. Catorze jogadores da seleção suíça tinham dupla nacionalidade, o que reflete a complexidade da identidade nacional no futebol globalizado (Wissgott, 2018). Enquanto o futebol no campo pode parecer uma competição simples, regida por regras, as histórias fora dele, os marcos legais e as dinâmicas de poder são fatores que o moldam. As decisões sobre quem pode representar um país são influenciadas por regulamentações sobrepostas estabelecidas pelos Estados e pela FIFA. Os Estados

definem as leis de cidadania, determinando quem se qualifica como cidadão, enquanto a FIFA estabelece critérios de elegibilidade para garantir o *fair play* e evitar mudanças frequentes de nacionalidade. Esse duplo quadro cria uma competição velada entre os Estados e as federações de futebol para atrair jogadores talentosos com dupla ou múltipla nacionalidade.

REGRAS E REGULAMENTOS RECENTES E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A aquisição da cidadania é um pilar fundamental da soberania estatal, profundamente ligada à identidade nacional e aos marcos jurídicos que a regem. No entanto, no âmbito do esporte internacional, a interseção entre as leis de cidadania e os critérios de elegibilidade estabelecidos por órgãos reguladores como a FIFA cria uma dinâmica complexa. Os regulamentos da FIFA determinam as condições sob as quais os jogadores de futebol podem representar um país, muitas vezes baseando-se nas leis de cidadania estatais, mas sem se alinhar totalmente a elas. Essa divergência é sobretudo pronunciada em casos de dupla cidadania, nos quais os atletas podem ter o direito de escolher entre várias seleções nacionais.

"O futebol sempre foi mais do que um jogo praticado no campo: ele é um palco onde nações se apresentam para o mundo e negociam quem está incluído dentro de suas fronteiras simbólicas."

A cidadania estatal refere-se ao pertencimento formal a um Estado. De modo geral, existem três formas inter-relacionadas de obter a cidadania. Em primeiro lugar, ela pode ser adquirida por descendência (*jus sanguinis*). Trata-se do princípio jurídico segundo o qual uma pessoa adquire a cidadania ou a nacionalidade de um país por descendência, e não pelo local de nascimento. De acordo com essa regra, uma pessoa tem direito à cidadania se pelo menos um dos pais for cidadão desse país, independentemente do local de nascimento da pessoa. Por exemplo, esse princípio foi fundamental na legislação alemã sobre nacionalidade até 1999; durante a Guerra Fria, muitos alemães étnicos que viviam em países da Europa Oriental mantiveram o direito à cidadania alemã com base na descendência de pais alemães, mesmo que nunca tivessem morado na Alemanha.

O segundo jeito de adquirir a cidadania é por nascimento no território (*jus soli*), como nos Estados Unidos. A cidadania americana é concedida automaticamente a qualquer pessoa nascida dentro do país e sujeita à sua jurisdição. Em terceiro lugar, o princípio da ligação (*jus nexi*) é uma alternativa (ou um complemento) à cidadania por direito de nascimento. Pessoas que têm um "vínculo real e efetivo" (Shachar, 2009, p. 165) com a comunidade política ou um "interesse permanente na adesão" (Bauböck, 2006, p. 132) têm o direito de reivindicar a cidadania. Esse critério relativamente novo pretende garantir a cidadania àqueles

que são membros da comunidade política, no sentido de que suas perspectivas de vida dependem das leis e das escolhas políticas do país. Isso geralmente se aplica a migrantes que trabalham e residem em um país por um período determinado (normalmente de cinco a sete anos). Eles são considerados novos membros da sociedade, dotados de competências úteis (para que possam trabalhar e pagar impostos) e capazes de se tornar politicamente ativos, *contribuindo*, assim, para o Estado. Se essas três formas de aquisição da cidadania se unirem, elas tendem a reforçar-se mutuamente, e podemos falar de "cidadania densa". No entanto, se apenas um princípio se aplicar, isso seria considerado "cidadania fraca" (Shachar *et al.*, 2017; Oonk, 2020).

É importante reconhecer que as leis atuais para a aquisição da cidadania por nascimento muitas vezes resultam em indivíduos com múltiplas cidadanias. A dupla nacionalidade surge por nascimento em dois casos: primeiro, no sistema de *jus sanguinis*, neutro em termos de gênero, em que filhos de pais de nacionalidades diferentes herdam as nacionalidades de ambos os genitores; e, segundo, a partir de uma combinação de *jus soli* e *jus sanguinis*. A múltipla cidadania só poderia ser evitada se todos os Estados adotassem o *jus soli* puro ou o *jus sanguinis* apenas do lado de um dos pais. Contudo, as normas do direito internacional e nacional proíbem a discriminação de gênero em matéria de cidadania, e a maioria das nações que aplicam o *jus soli* em seu território também concede a cidadania por *jus sanguinis* aos filhos de seus cidadãos nascidos no exterior. Diante desses fatos, não existe nenhuma regra que todos os países possam adotar para evitar as várias formas de cidadania. Em outras palavras, nos regimes de cidadania existentes, sempre há a possibilidade de os atletas representarem dois ou mais países.

A primeira tentativa da FIFA para pôr fim à era da troca de nacionalidade sem regulamentação aconteceu em 1962. Isso foi resultado, principalmente, do caso do jogador Alfredo Di Stéfano, um dos maiores do mundo, que disputou seis partidas pela seleção da Argentina, seu país de nascimento, e depois mudou de nacionalidade para disputar 31 partidas pela seleção espanhola. Em 1953, Di Stéfano assinou contrato com o Real Madrid, e obteve a cidadania espanhola em 1956. Naquela época, as regras da FIFA permitiam que os jogadores mudassem de seleção nacional caso não tivessem disputado nenhuma partida oficial da FIFA há alguns anos e tivessem mudado de nacionalidade. A FIFA o autorizou a jogar pela Espanha em 1957. Di Stéfano também jogou quatro vezes pela Colômbia; no entanto, a seleção colombiana da época não era reconhecida pela FIFA, pois a liga havia violado as regras de transferência ao contratar jogadores que

"Essas histórias mostram como o futebol funciona como um microcosmo dos debates sociais mais amplos sobre pertencimento, oportunidades e a relação entre escolha pessoal e poder institucional."

ainda estavam sob contrato em outros clubes. Ainda assim, o caso de Di Stéfano levou a FIFA a estabelecer regras e regulamentos que dizem respeito à mudança de nacionalidade. As disposições de 1962 incluíam o seguinte: (1) um jogador deve ser cidadão naturalizado, de acordo com as leis do país em questão, para ser elegível para representar o país; (2) se um jogador tiver sido incluído em uma seleção nacional, ele não é elegível para representar outro país em toda a sua carreira; e (3) as únicas exceções a essas regras referem-se a jogadores cuja nacionalidade seja afetada pela independência concedida a uma região ou pela cessão de parte de um país a outro (Oonk, 2021).

Essas regras foram alteradas e aperfeiçoadas em 2004 para atender a novas considerações. Os jogadores só podem representar uma única seleção nacional em competições oficiais de qualquer categoria. Se um jogador tiver mais de uma nacionalidade ou adquirir uma nova, só poderá solicitar uma vez a mudança da federação nacional pela qual está habilitado a disputar partidas internacionais, e somente se não tiver disputado partidas internacionais de nível "A" pela federação de seu país natal. Além disso, um jogador que já tenha adquirido o direito de jogar por uma federação, mas a quem tenha sido atribuída outra nacionalidade por uma autoridade governamental, também tem o direito de mudar de federação. Essa disposição não está sujeita a quaisquer limites de idade.

Um exemplo famoso no início do século XXI foi Diego Costa, nascido no Brasil em 1988 (e batizado em homenagem a Diego Maradona, considerado um dos maiores jogadores da história do futebol). No início, Costa disputou dois amistosos pela seleção brasileira, mas, de forma controversa, optou por representar a Espanha em 2013, após obter a cidadania espanhola por meio da residência (tendo vivido no país por mais de cinco anos). Sua decisão provocou uma repercussão negativa por parte dos torcedores e dirigentes brasileiros, com pedidos para que sua cidadania brasileira fosse revogada, enquanto Costa destacou a dificuldade de escolher entre o país onde nasceu e o país que o acolheu. Esse caso reflete tendências mais amplas no futebol internacional, no qual não é incomum que os jogadores mudem de seleção. Um estudo que analisou dados biográficos de mais de 10 mil jogadores verificou que a porcentagem de jogadores nascidos no exterior nas edições da Copa do Mundo da FIFA, de 1930 (ano da primeira Copa) a 2018, permaneceu estável entre 8% e 12%. No entanto, a dinâmica migratória varia de país para país, com as seleções que participaram da Copa do Mundo mais recente apresentando maior diversidade, sobretudo entre nações com diferentes perfis históricos de imigração (Van Campenhout; Van Sterkenburg; Oonk, 2019). A variedade de países de nascimento representados em uma seleção nacional reflete a história migratória de uma nação, suas leis de cidadania e seus laços coloniais ou da diáspora. Uma maior diversidade é mais comum em países com uma longa história de imigração e leis de nacionalidade inclusivas, em especial aquelas baseadas no *jus soli* (cidadania pelo local de nascimento) ou em políticas flexíveis de naturalização. Por exemplo, historicamente, a França tem contado com jogadores nascidos em suas antigas colônias na África e no Caribe, formando seleções com muitos jogadores nascidos no exterior (62 no total na história da Copa do Mundo), graças tanto às disposições do *jus soli* quanto aos talentos provenientes de suas antigas colônias. Em contrapartida, a Suécia, apesar de ter registrado níveis de imigração semelhantes desde a década de 1990, contou com apenas dois jogadores nascidos no exterior, o que reflete sua tradição de *jus sanguinis* (cidadania por descendência) e a ausência de redes coloniais.

Países de imigrantes, como os Estados Unidos, também apresentam uma alta representação de jogadores nascidos no exterior, com uma média de cerca de 23%, fruto de uma tradição migratória de longa data que faz parte de sua identidade nacional. Por outro lado, países que "aderiram mais recentemente à imigração", como a Itália e a Espanha, costumam naturalizar jogadores de origem sul-americana com laços ancestrais, como o argentino Mauro Camoranesi, que passou a defender a Itália em 2014. Em países com um histórico de migração restritivo, como a Coreia do Sul, é raro encontrar jogadores de origem estrangeira na seleção durante a Copa do Mundo, sendo Cha Du-ri (nascido na Alemanha, filho de pais coreanos) um exemplo notável. Esses padrões ilustram como os fluxos migratórios históricos e os regimes de cidadania moldam a diversidade migratória das seleções nacionais, muitas vezes reforçando laços culturais e políticos já existentes, em vez de criar laços inteiramente novos.

Em 2007, o então presidente da FIFA percebeu que alguns países haviam flexibilizado suas regras de elegibilidade; por exemplo, o Togo passou a conceder cidadania a jogadores brasileiros sem qualquer vínculo prévio com o país. Em novembro de 2007, o presidente da FIFA, Sepp Blatter, disse à *Al Jazeera*: "Se não pararmos com essa farsa, se não tomarmos cuidado com os invasores do Brasil rumo à Europa, à Ásia e à África, então, na Copa do Mundo de 2014 ou de 2018, das 32 seleções, 16 estarão repletas de jogadores brasileiros" (News Agencies, 2007). Em setembro de 2020, a FIFA aprovou uma alteração no regulamento que permite aos jogadores mudarem de seleção após três anos, desde que tenham disputado no máximo três partidas oficiais na seleção nacional principal antes de completarem 21 anos e não tenham participado de jogos da fase final da Copa do Mundo da FIFA ou de finais continentais (por exemplo, a Eurocopa).

A FIFA reconhece o direito inquestionável dos Estados de definir suas próprias leis de nacionalidade. No entanto, o Tribunal Arbitral do Esporte (CAS) tem defendido consistentemente a autoridade de organismos internacionais de regulamentação esportiva, como a FIFA, para regulamentar a "nacionalidade esportiva". O CAS faz uma distinção entre o direito público (nacionalidade estatal) e o direito privado (elegibilidade esportiva), enfatizando que esses domínios jurídicos operam de forma independente e sem conflito. Esse princípio foi resumido em uma decisão consultiva de 1998, na qual o CAS determinou que uma pessoa pode ter várias nacionalidades legais, mas cada atleta tem apenas uma nacionalidade esportiva. Uma vez que o atleta a escolhe, quaisquer vantagens decorrentes da dupla cidadania tornam-se irrelevantes no esporte. Portanto, os atletas não devem sofrer tratamento desigual no esporte com base no número de nacionalidades legais que têm. A princípio, as regras da FIFA vinculavam a elegibilidade à nacionalidade do jogador na jurisdição da federação de futebol competente. Assim que um jogador representasse uma federação em uma partida oficial, ele ficava vinculado a essa nacionalidade esportiva, a menos que sua nacionalidade mudasse involuntariamente. Reestruturações realizadas entre 2004 e 2008 permitiram que os jogadores mudassem de nacionalidade esportiva sob condições específicas, abordando casos de nacionalidades compartilhadas ou recém-adquiridas. Em 2020, a FIFA adotou princípios fundamentais para a reformulação da elegibilidade, enfatizando critérios objetivos (a nacionalidade como base da elegibilidade), igualdade de tratamento entre as federações, vínculos genuínos entre jogadores e federações, equidade, prevenção da exploração da nacionalidade ("escolha da nacionalidade por conveniência") e proteção da integridade das competições

internacionais. A conclusão (com algumas exceções), após as reformas de 2020, é que, antes dos dezoito anos, os jogadores podem mudar de seleção com base nas regras de elegibilidade – mas, após completarem 21 anos, qualquer jogador que tenha disputado uma partida oficial por um país fica vinculado permanentemente a essa nação. Entre os 18 e os 21 anos, regras especiais se aplicam aos jogadores que foram selecionados para a seleção de um país ainda jovens e que tenham disputado mais de três partidas; eles também têm permissão para mudar (FIFA, 2021, p. 4-7).

Essas normas e princípios (deixando de lado as nuances técnicas e jurídicas) têm imposto duas "competições fora do campo" que, por vezes, se sobrepõem ou, como Shachar (2011) denomina no contexto dos Jogos Olímpicos, a "seleção de vencedores":

(1) Recrutamento de jogadores com dupla cidadania: assim que um jogador participa de uma competição oficial por uma federação nacional, sua nacionalidade esportiva fica definida, impedindo que outras federações tentem roubar talentos. Por exemplo, um jovem jogador com dupla cidadania pode ser cortejado por várias federações, mas sua escolha se torna definitiva após representar uma delas em uma partida oficial. Isso garante que as federações se empenhem mais para identificar e reter talentos logo no início de seu processo de formação.

(2) Criação de passaportes esportivos: as regras da FIFA tratam de situações em que os jogadores têm múltiplas cidadanias, exigindo um vínculo claro e genuíno entre o jogador e a federação que ele representa. Portanto, as federações devem demonstrar uma conexão significativa, como origem ou residência, em vez de basear-se exclusivamente na cidadania "no papel" do jogador. Isso incentiva as federações a investir em programas de base e/ou a envolver comunidades da diáspora ou regiões com jogadores de dupla nacionalidade.

A BUSCA POR JOGADORES COM DUPLA OU MÚLTIPLA CIDADANIA

Vale a pena explorar como funcionam as competições fora de campo na prática cotidiana do futebol internacional; a questão de quem pode representar uma seleção nacional está longe de ser simples. Reúnem-se as complexidades da migração global, das leis de cidadania e da identidade nacional, frequentemente revelando uma competição oculta entre nações pela conquista de novos talentos. Desde equipes da diáspora até jogadores individuais que lidam com a dupla lealdade, essas dinâmicas destacam a crescente complexidade do futebol moderno. Esta seção apresenta dois exemplos – uma substituição aparentemente insignificante e uma mudança de lealdade de grande repercussão – para ilustrar o que está em jogo e as histórias humanas por trás das regras. Essas histórias mostram como o futebol funciona como um microcosmo dos debates sociais mais amplos sobre pertencimento, oportunidades e a relação entre escolha pessoal e poder institucional.

No dia 9 de junho de 2017, com a Holanda abrindo uma vantagem de 4 a 0 sobre Luxemburgo em uma partida das eliminatórias da Copa do Mundo, o jogo parecia destinado a cair no esquecimento. Mas, para Nathan Aké, então com dezessete anos, sua entrada em campo aos 82 minutos marcou um momento decisivo em sua vida. Enquanto o então zagueiro do Chelsea FC entrava correndo em campo, o placar pouco importava; o que importava era o que essa participação simbolizava. Nascido em Haia, filho de mãe holandesa e pai marfinense, Aké tinha direito a jogar tanto pela Holanda quanto pela Costa do Marfim. Ele subiu nas categorias de base do futebol holandês, conquistando, consecutivamente, dois Campeonatos Europeus Sub-17 da União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) consecutivos, em 2011 e 2012. No

entanto, a atração pela terra natal de seu pai continuava forte, com rumores de que a Federação Marfinense de Futebol lhe ofereceria uma oportunidade de integrar a seleção principal. O técnico holandês Dick Advocaat estava ciente do que estava em jogo. Dias antes, ele havia dado a Aké a oportunidade de estrear na seleção principal em um amistoso contra o Marrocos, mas aquele jogo não vinculava o zagueiro à Holanda. A partida contra Luxemburgo, no entanto, era um jogo oficial das eliminatórias. Ao entrar em campo em uma competição oficial, Aké vinculou irrevogavelmente seu futuro internacional à Laranja Mecânica, como é conhecida a seleção holandesa, de acordo com os regulamentos da FIFA da época. As regras de 2017 estipulavam que Aké não poderia mais mudar sua filiação futebolística para qualquer outra seleção nacional.

Enquanto isso, outros países, sobretudo aqueles com grandes reservas de talentos do futebol na Europa, começaram a buscar jovens promessas. Embora os casos de Aké e Costa ilustrem como os jogadores lidam com a complexa interação entre identidade pessoal, lealdade nacional e pressões externas, a abordagem do Marrocos demonstra como as próprias federações de futebol podem assumir um papel proativo e estratégico na definição dessas decisões. A Federação Real Marroquina de Futebol (FRMF) destaca-se por seu esforço sistemático para recrutar jogadores com dupla nacionalidade e por transformar o que muitas vezes é uma decisão pessoal em uma narrativa mais ampla de pertencimento cultural e nacional. Essa abordagem institucionalizada marca uma mudança significativa na dinâmica do futebol internacional, passando de medidas reativas centradas em casos individuais para campanhas organizadas com o objetivo de formar seleções nacionais compostas por jogadores da diáspora. Os recentes sucessos da seleção marroquina de futebol masculino no cenário mundial ilustram o potencial dessas estratégias, mostrando como as nações podem aproveitar a política de identidade e os laços comunitários. Os sucessos da seleção marroquina nas Copas do Mundo de 2018 e 2022 não se devem ao nível do campeonato nacional de futebol, nem a programas de treinamento e instalações exclusivos no Marrocos. Em vez disso, esses sucessos estão relacionados principalmente a uma política da FRMF de atrair jogadores com dupla cidadania da diáspora marroquina.

"A FRMF abordou não apenas os jogadores, mas também suas famílias e comunidades, enfatizando o orgulho cultural e a honra de representar sua terra natal ancestral."

Em 2010, a FRMF nomeou o técnico holandês Pim Verbeek como diretor técnico. Sua principal tarefa era identificar jogadores (juniores) em países europeus que fossem elegíveis para jogar pelo Marrocos (geralmente com dupla nacionalidade) e acompanhá-los. Verbeek observou que a família costuma desempenhar um papel decisivo nas escolhas dos jogadores e aconselhou a federação marroquina a se tornar mais

ativa na abordagem de pais, irmãos e amigos de jogadores talentosos para influenciar suas decisões. O projeto marroquino e os esforços de Verbeek ganharam força em 2014, quando a FRMF começou a se aproximar da sua diáspora europeia por meio de uma campanha intitulada "Trazer de volta os talentos que pertencem à terra" (Oonk, 2021). O técnico da seleção nacional e seus assistentes entraram em contato com jogadores marroquinos de sucesso que atuavam nas divisões mais altas das competições da Europa Ocidental. Esses jogadores tinham a cidadania do país onde nasceram (por exemplo, França, Bélgica ou Países Baixos) e a da terra natal dos pais, o Marrocos. Eles foram convidados a jogar pela seleção marroquina em vez da seleção do país onde nasceram. Na maioria das vezes, os técnicos das seleções dos países onde nasceram também entraram em contato com esses jogadores.

As seleções de futebol da diáspora são equipes nas quais o país de origem desempenha um papel ativo na captação de jogadores de futebol no exterior, que muitas vezes nasceram e foram criados em um país estrangeiro, mas que, por meio da ascendência de (um de) seus pais, ainda mantêm laços étnicos ou de parentesco com o país natal. Esses jogadores têm a oportunidade de representar sua pátria, embora também possam ser elegíveis para jogar pelos países onde nasceram. Na maioria das vezes, eles se referem a si mesmos como estando "entre dois mundos", como é o caso dos jogadores marroquinos na Holanda, que são chamados de membros hifenizados da comunidade, ou seja, jogadores "marroquino-holandeses".

Em 2015, o mundo do futebol acompanhou de perto quando Hakim Ziyech, um dos talentos marroquino-holandeses mais promissores, tomou sua decisão: ele representaria o Marrocos, e não a Holanda, em nível internacional. Essa decisão causou grande repercussão no futebol holandês, gerando polêmica e reflexão, especialmente porque a Federação Holandesa de Futebol (KNVB) viu-se superada pela abordagem estratégica e profundamente pessoal de Marrocos. A KNVB esperava garantir a lealdade de Ziyech desde cedo, integrando-o ao seu sistema de base, onde ele se destacou. Mas, apesar desses esforços, a falta de conexão pessoal e de compreensão cultural enfraqueceu a situação. Quando Ziyech começou a mostrar hesitação, a reação das figuras do futebol holandês, incluindo seu ex-técnico Marco van Basten, foi desdenhosa e crítica. Van Basten classificou a decisão como "estúpida" e alertou Ziyech de que o Marrocos não tinha o prestígio e o potencial da Holanda. Além disso, jornalistas e observadores afirmaram que ele havia sido formado no sistema holandês e, portanto, tinha a obrigação moral de escolher a Holanda. Mas Ziyech não concordou. A arrogância holandesa o afastou, reforçando sua sensação de desconexão com o sistema holandês. Enquanto isso, o Marrocos adotou uma abordagem diferente: Verbeek aperfeiçoou sua estratégia de olheiros para identificar jogadores com dupla nacionalidade na Europa. A FRMF abordou não apenas os jogadores, mas também suas famílias e comunidades, enfatizando o orgulho cultural e a honra de representar sua terra natal ancestral. A decisão de Ziyech (juntamente com a de 17 dos 23 outros jogadores da diáspora) foi recebida com festa no Marrocos e entre a diáspora marroquina, que viu sua escolha como um triunfo da identidade sobre o que consideravam elitismo.

A decisão do marroquino-holandês Mohamed Ihattaren de representar a Holanda em vez do Marrocos trouxe à tona os esforços intensos e muitas vezes controversos das nações para garantir a lealdade de talentos do futebol com dupla nacionalidade. Nascido de pais marroquinos nos Países Baixos, Ihattaren esteve no centro de uma disputa entre as federações

de futebol holandesa e marroquina. Em 2019, quando Ihattaren tinha dezessete anos, seu pai faleceu, uma perda devastadora para o jovem jogador. Percebendo uma oportunidade de estreitar os laços com ele, as autoridades marroquinas se ofereceram para arcar com os custos do funeral, incluindo o repatriamento do corpo do pai para o Marrocos. Esse gesto foi além do apoio material – foi um ato profundamente simbólico, que apelou aos laços culturais e familiares de Ihattaren. O técnico da seleção holandesa, Ronald Koeman, depois insinuou que as autoridades marroquinas poderiam até oferecer incentivos financeiros para atrair Ihattaren, uma alegação que acrescentou mais polêmica ao já conturbado processo de recrutamento. Apesar dos esforços do Marrocos, Ihattaren acabou optando pela Holanda, citando suas ambições no futebol e sua familiaridade com o sistema holandês. Sua decisão teve forte contraste com a de Hakim Ziyech, que havia optado pelo Marrocos anteriormente, motivado por um sentimento de orgulho e identidade e pela abordagem mais personalizada da FRMF.

Esses casos destacam as complexidades éticas enfrentadas por jovens jogadores e suas famílias, que se encontram divididos entre dois mundos. Tanto a KNVB quanto a FRMF empregam estratégias – por vezes beirando o transacional – para influenciar as escolhas dos jogadores.

PASSAPORTES ESPORTIVOS

Muitos países com populações diaspóricas – incluindo Marrocos, Turquia, Índia, China e Israel – permitem dupla cidadania para manter laços com essas populações. Porém, outros países não. A rivalidade velada entre Suriname e Curaçau nos oferece um microcosmo de como os Estados e suas federações esportivas lidam com as regras de elegibilidade e com a questão do acesso aos jogadores da diáspora. Ex-colônia, o Suriname conquistou a independência dos Países Baixos em 1975, o que marcou um importante ponto de inflexão, incluindo a decisão do país de proibir a dupla cidadania. Décadas mais tarde, a dissolução, em 2010, de outra colônia holandesa, as Antilhas Holandesas, criou novas dinâmicas políticas, levando Curaçau, Aruba e São Martinho a se tornarem países dentro do Reino dos Países Baixos. Essa mudança também teve implicações para o futebol internacional, já que a FIFA reconheceu Curaçau e Suriname como nações futebolísticas distintas. Uma diferença fundamental entre os dois, no entanto, reside em suas respectivas políticas de cidadania. Curaçau permite a dupla cidadania, possibilitando que jogadores profissionais de futebol de ascendência curaçauense, nascidos, criados e formados nos Países Baixos, representem tanto Curaçau quanto a Holanda como cidadãos holandeses. Por outro lado, a proibição da dupla cidadania no Suriname representou um obstáculo significativo para os jogadores de futebol nascidos nos Países Baixos, de ascendência surinamesa, que desejavam representar o Suriname. Até recentemente, os jogadores de futebol de ascendência surinamesa nos Países Baixos eram obrigados a renunciar à cidadania holandesa e adquirir a nacionalidade surinamesa para representar o Suriname, perdendo assim os direitos na União Europeia e o acesso a ela, bem como o acesso ao sistema público de saúde e às instituições de ensino holandesas. Essa disparidade deu a Curaçau uma vantagem significativa no recrutamento de talentos dos Países Baixos, já que podia facilmente atrair jogadores de ascendência curaçauense sem exigir que renunciassem à cidadania holandesa. O Suriname, por sua vez, enfrentou maiores desafios na formação de uma equipe competitiva, prejudicado por suas leis restritivas de cidadania.

Desde os anos 1980, a ideia de permitir que jogadores de futebol da diáspora surinamesa representas-

sem a seleção nacional do Suriname já ganhava força entre os jornalistas esportivos do país. Eles foram inspirados pelo sucesso de jogadores da seleção holandesa de ascendência surinamesa, como Ruud Gullit, Frank Rijkaard, Clarence Seedorf, Edgar Davids e Patrick Kluivert. No entanto, houve vozes dissidentes, como a do ex-atleta e militar Sammy Monsels, que argumentou que os jogadores surinameses nascidos nos Países Baixos não tinham afinidade suficiente com o Suriname. Em 2009, a Federação Surinamesa de Futebol (SVB) começou a explorar seriamente a possibilidade de introduzir um passaporte esportivo, um passaporte temporário que garantia a elegibilidade para um jogo internacional específico, depois do qual o passaporte seria devolvido. Ele não dá acesso ao direito de votar ou a qualquer outro direito de cidadania no Suriname. A exigência mais importante é que os jogadores comprovem que um de seus avós ou pais nasceram no país (a fim de criar um "laço efetivo"). Levou quase dez anos de pressão para que o governo surinamês, assim como a FIFA, criasse essa possibilidade. Em 2019, Nigel Hasselbaink tornou-se o primeiro jogador de futebol da diáspora nascido nos Países Baixos a representar o Suriname no âmbito do programa de passaporte esportivo. Em 2021, mais jogadores da diáspora surinamesa integraram a seleção nacional, marcando um ponto de virada significativo na história do futebol do Suriname.

Para vários outros países, nem mesmo esse elo é necessário. A organização da Copa do Mundo da FIFA de 2022 pelo Catar, concedida de forma controversa em 2010, marcou um ponto de inflexão na estratégia futebolística do país. Como primeira nação árabe a sediar o torneio, o Catar recebeu automaticamente uma vaga na competição. Contudo, isso revelou um problema evidente: o país não tinha um grupo sólido de talentos locais para formar uma seleção nacional competitiva. Para resolver essa questão, o Catar adotou uma estratégia deliberada e bem financiada para cultivar talentos do futebol, sobretudo atraindo jovens jogadores promissores do exterior, especialmente da África, e treinando-os na Aspire Academy. Embora o objetivo inicial fosse formar talentos locais, a academia logo expandiu seu alcance internacionalmente, recrutando jovens jogadores da África, da América do Sul e da Ásia. Países como Senegal, Gana e Nigéria tornaram-se pontos-chave para o recrutamento, com olheiros identificando meninos talentosos de regiões economicamente desfavorecidas e oferecendo-lhes bolsas de estudo para treinar no Catar. A academia oferecia instalações de nível internacional, treinamento de primeira linha e a oportunidade de esses jogadores competirem nos níveis mais altos. Para muitos, a promessa de melhores condições de vida e a chance de seguir carreira no futebol profissional superaram os desafios de deixar suas pátrias. Entre os jogadores de destaque da seleção nacional formados pela Aspire Academy estão Almoez Ali e Abdelkarim Hassan, que se tornaram peças fundamentais da seleção do Catar.

A dependência do Catar em relação a jogadores naturalizados foi alvo de críticas na preparação para a Copa do Mundo de 2022 e durante o torneio. A controvérsia em torno de Almoez Ali e Bassam Al-Rawi, nascidos no Iraque, durante a semifinal da Copa da Ásia de 2019, exemplificou as tensões mais amplas. Os Emirados Árabes Unidos apresentaram uma reclamação alegando que os jogadores não atendiam aos requisitos de elegibilidade da FIFA, dizendo que eles não cumpriam a regra de cinco anos de residência. Embora a FIFA tenha indeferido a reclamação, o incidente destacou a linha tênue que o Catar percorre entre aderir às regulamentações internacionais e explorar suas brechas.

Até 2020, as regras de elegibilidade da FIFA permitiam que os jogadores representassem um país caso

"Para muitos, a promessa de melhores condições de vida e a chance de seguir carreira no futebol profissional superaram os desafios de deixar suas pátrias."

tivessem uma "ligação" clara com ele. Isso incluía ter nascido no país, ter um dos pais ou avós nascidos lá ou ter residido na região por um período determinado (cinco anos após completar dezoito anos). No entanto, essas regras podem entrar em conflito com as leis nacionais que regem a cidadania. O Catar, por exemplo, é seletivo na concessão de nacionalidade e o faz em casos limitados para atletas. Essa divergência levanta questões sobre a legitimidade dos jogadores naturalizados e se eles realmente representam a nação em um sentido cultural e legal.

CONCLUSÃO E OBSERVAÇÕES

Países como Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha provavelmente se tornarão cada vez mais flexíveis em relação aos jogadores do *jus nexi*, como no caso da Espanha e de Diego Costa. Como os melhores e mais promissores jovens jogadores são agora selecionados nas cinco principais competições europeias, esses países se beneficiariam da chegada de talentos estrangeiros incorporados (ou "naturalizados") às suas seleções nacionais. O anfitrião da Copa do Mundo de 2022, o Catar, tem aproveitado esse mesmo princípio para atrair jovens jogadores de futebol africanos. Esses jogadores – após assinarem um contrato de cinco anos – poderão jogar pela seleção do Catar, assim como Costa pôde jogar pela Espanha, embora a disputa com a FIFA sobre essa questão continue (Oonk, 2021). No entanto, é fascinante observar que, atualmente, o Catar busca talentos locais, e a opção de naturalização não está mais disponível para jogadores de futebol de outros países (Babar; Reiche, 2024).

Além disso, técnicos buscarão cada vez mais talentos com base nas ligações de *jus sanguinis* e *jus soli* dos jogadores, como se vê na estratégia da Federação Marroquina de Futebol. Ao fazer isso, aumentam seu leque de talentos, que, por sua vez, se beneficiam das melhores instituições de treinamento e educação no centro. Isso garantirá que o Marrocos se torne uma seleção forte, sobretudo em relação a outros times da África que não atrairão jogadores de futebol da sua diáspora. Contudo, essa maior força não será efetiva contra o poder das seleções nacionais europeias. A maioria dos jogadores da diáspora e dos descendentes de migrantes coloniais – se forçados a escolher entre seu país de nascimento e o país de seus pais – inevitavelmente escolherá o país com a melhor classificação, a menos que prevejam não ser selecionados para essa equipe (Oonk, 2021).

Países pequenos, como Suriname, e países com uma tradição no esporte limitada, como o Vietnã (ou a Holanda no *curling*), podem atrair atletas da diáspora, o que geralmente significa que um dos pais ou avós nasceu no país de origem, enquanto o atleta nasceu na diáspora e se beneficia do acesso a excelentes instalações de treinamento e à tradição esportiva. Para países que não aceitam dupla cidadania (como Suriname e

Países Baixos), a criação de um passaporte esportivo pode ser a solução. Um passaporte esportivo apenas permite que um jogador represente um país diferente daquele de sua cidadania e não confere outros direitos. A FIFA permite isso porque qualquer país pode adotar o passaporte esportivo. Na verdade, isso já está ocorrendo em países como Catar e Bahrein, visando especialmente atletas olímpicos. Mas, por outro lado, pode-se perguntar: por que não incentivar a FIFA a ser mais flexível em seus próprios regulamentos? A Holanda reforçou sua seleção com jogadores cujas famílias têm origens nas suas antigas colônias do Caribe. Por que não permitir que o Suriname também se beneficie de sua diáspora? Assim, por que não permitir que alguém como Georginio Wijnaldum, nascido em Roterdã, de pais de ascendência surinamesa, jogue pelo Suriname no final de sua carreira, mesmo que tenha jogado toda a sua carreira pela Holanda?

1 O presente artigo foi originalmente publicado na *Social Research: An International Quarterly* (vol. 92, n.3, 2025) e foi adaptado pelo autor para este volume da revista *Arquibancada*.

2 Citação original: "Je crois qu'un peuple a besoin, à un certain moment, de se retrouver, de se retrouver ensemble, autour d'une idée qui le rend fier de lui-même" (entrevista de Patrick Poivre D'Arvor, TF1, 14 jul. 1998).

3 Citação original: "Ne changez pas, cette équipe elle est belle parce qu'elle a été unie et parce qu'elle a été forte et fière de la France. Ne changez pas!" (discurso de Macron no Elysée Palace, 16 jul. 2018, TF1, https://www.tf1info.fr/sport/emmanuel-macron-a-l-equipe-de-france-ne-changez-pas-2093461.html).

BABAR, Zahra; REICHE, Danyel. From imported athletes to home-grown talents: long-term residents in Qatari national sports teams. *In*: MAGUIRE, Joseph; LISTON, Katie; FALCOUS, Mark (ed.). *Handbook on sport and migration*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2024. p. 187-196.

BAUBÖCK, Rainer. *Migration and citizenship*: legal status, rights and political participation. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2006.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL (FIFA). *Commentary on the rules governing eligibility to play for representative teams*. 2021.

NEWS AGENCIES. Blatter blasts "Brazilian invasion". *Al Jazeera*, 25 nov. 2007. Disponível em: https://www.aljazeera.com/sports/2007/11/25/blatter-blasts-brazilian-invasion. Acesso em: 4 abr. 2026.

OONK, Gijsbert. Sport and nationality: towards *thick* and *thin* forms of citizenship. *National Identities*, v. 24, n. 3, p. 197-215, 2020.

OONK, Gijsbert. Who may represent the country? Football, citizenship, migration, and national identity at the FIFA World Cup. *International Journal of the History of Sport*, v. 37, n. 11, p. 1046-1065, 2021.

SHACHAR, Ayelet. Picking winners: olympic citizenship and the global race for talent. *Yale Law Journal*, v. 120, n. 8, p. 2088-2140, 2011.

SHACHAR, Ayelet. *The birthright lottery*: citizenship and global inequality. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

SHACHAR, Ayelet; BAUBÖCK, Rainer; BLOEMRAAD, Irene; VINK, Maarten. *The Oxford handbook of citizenship*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

VAN CAMPENHOUT, Gijs; VAN STERKENBURG, Jacco; OONK, Gijsbert. Has the World Cup become more migratory? A comparative history of foreign-born players in National Football Teams, c. 1930–2018. *Comparative Migration Studies*, v. 7, p. 1-19, 2019.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007.

WISSGOTT, Sim Sim. Which are the most diverse World Cup 2018 teams? *CGTN*, 2 jul. 2018. Disponível em: https://news.cgtn.com/news/3d3d774d7859444e78457a6333566d54/share_p.html. Acesso em: 4 abr. 2026.


CHILE



Sergio Silva

As the world turns its attention to the upcoming FIFA World Cup in Mexico, the United States, and Canada, the tournament arrives at a moment when questions of nationality, migration, and belonging are unusually prominent in public debate. Football has always been more than a game played on the pitch; it is a stage on which nations present themselves to the world and negotiate who is included within their symbolic borders. This year, discussions about dual citizenship, naturalized players, diaspora communities, and immigration policies are likely to shape how fans and commentators interpret team selections and national loyalties. Against this backdrop, the World Cup offers a timely opportunity to revisit what international sport reveals—and sometimes conceals—about the relationship between identity and the modern nation-state.

In my research, I have examined how athletes' national affiliations are shaped not only by personal ties or birthplace but also by shifting political rules, global inequalities, and the strategic interests of states and sporting bodies. The forthcoming tournament makes these dynamics visible to a broad audience: players with multicultural backgrounds will represent countries different from where they were born, while debates over eligibility and "true" national identity will unfold in media and fan conversations alike. This short update reflects on how the patterns identified in that research help us understand the narratives that will surround this World Cup—why certain stories about migration and loyalty gain traction, what they overlook, and how the competition, once again, becomes a lens through which wider anxieties and aspirations about borders and belonging are expressed.

On the surface, football may appear to be simply a competition between two teams on a field, governed by established rules and regulations. However, these regulations emerge from a complex history of legal conflicts, cultural paradoxes, and shifting perspectives on national identity. Key questions about who is eligible to represent a country and who should decide these matters extend far beyond the choice of the coach. While the coach may select the lineup, they must navigate nationality regulations imposed by both the state and governing bodies like FIFA (Fédération Internationale de Football Association). This hidden dimension of national team selection has transformed into an intricate competition off the field, where states, federations, and coaches seek to secure the most talented players available, including those with dual or multiple nationalities. National football federations have increasingly pursued players who can represent their country due to their heritage, as exemplified by the Moroccan football federation's strategic recruitment of Moroccan-European (dual citizenship) players for the 2018 and 2022 World Cups.

This article examines the evolving landscape of national football teams in the context of migration, citizenship, and identity. It explores the delicate balance between state sovereignty in granting citizenship and FIFA's efforts to preserve the integrity of international football. At stake is the question of how global mobility reshapes national identity and the future of football as a reflection of belonging, diversity, and unity.

FOOTBALL AND NATIONAL IDENTITY

"A country needs, at certain moments, to come together around an idea that makes it proud of itself," declared French President Jacques Chirac following France's 1998 World Cup victory.[2] This sentiment captured the broader significance of football as a stage for national identity. For French politicians, the victory represented more than sporting excellence. It was celebrated as a milestone in the nation's progress toward

"Football has always been more than a game played on the pitch; it is a stage on which nations present themselves to the world and negotiate who is included within their symbolic borders"

integrating its immigrant population. The team, widely referred to as the "Black-Blanc-Beur" (Black-White-Arab) generation, symbolized diversity and multicultural success. Zinédine Zidane, the son of Algerian immigrants and a key player, epitomized this ideal.

However, this sense of unity proved fragile. By the 2010 World Cup, another diverse French team faced a disastrous campaign, failing to advance beyond the group stage. Off-field controversies, including a players' strike, dominated headlines. The fallout saw some politicians use racially charged language, labeling the players as *racailles* (scum), which ignited fierce debates about race and belonging. Fast forward to 2018, and France once again lifted the World Cup trophy with an even more diverse squad—fewer than a third of the players were White. This time, President Emmanuel Macron shifted the narrative, emphasizing republican values and unity over ethnic diversity. He praised the team as a reflection of a united and proud France, avoiding explicit discussions about the players' backgrounds.[3] Yet media debates persisted, questioning whether such a diverse team could truly represent a singular French national identity.

Similar questions arise regarding other national teams. For instance, Morocco's 2018 World Cup squad included only six players born in Morocco; others hailed from France, the Netherlands, Spain, Portugal, and Canada. The team's linguistic diversity was striking, with Arabic, French, Spanish, and Dutch spoken alongside English—a lingua franca for players from different cultural backgrounds. Sociologist Steven Vertovec's (2007) concept of "super-diversity" aptly describes such teams, where no single culture or language dominates, and every player represents a minority identity. The Moroccan team became a symbol of the global diaspora while still representing Morocco on the world stage. Another example is the Swiss national team, whose lineup exemplifies a melting pot: Players Breel Embolo and François Moubandje were born in Cameroon, Xherdan Shaqiri and Granit Xhaka have roots in the former Yugoslavia, and Ricardo Rodriguez holds triple citizenship through his Spanish and Chilean parentage. Fourteen players in Switzerland's squad had dual citizenship, reflecting the complexity of national identity in globalized football.[4] While football on the field may seem like a straightforward competition governed by rules, off-the-field histories, legal frameworks, and power dynamics shape it. Decisions about who can represent a country are influenced by overlapping regulations established by states and FIFA. States determine citizenship laws, deciding who qualifies as a national, while FIFA establishes eligibility criteria to maintain fair play and prevent frequent transfers of allegiance. This dual framework creates a hidden competition

among states and football federations to attract talented players with dual or multiple nationalities.

RECENT RULES AND REGULATIONS AND THEIR CONSEQUENCES

Citizenship acquisition is a cornerstone of state sovereignty, intricately tied to national identity and the legal frameworks that govern it. Yet, in the realm of international sports, the intersection of citizenship laws and eligibility criteria set by governing bodies like FIFA creates a complex dynamic. FIFA's regulations determine the conditions under which football players can represent a country, often drawing on but not fully aligning with state-based citizenship laws. This divergence is particularly pronounced in cases of dual citizenship, where athletes may be eligible to choose between multiple national teams.

State-based citizenship refers to formal membership in a state. Overall, there are three interrelated ways of obtaining citizenship. First, it may be acquired through descent (*jus sanguinis*). This is the legal principle that a person acquires citizenship or nationality of a country through descent, rather than place of birth. Under this rule, an individual is eligible for citizenship if at least one parent is a citizen of that country, regardless of where the individual was born. For example, this principle was central to German nationality law until 1999; during the Cold War, many ethnic Germans living in Eastern European countries retained access to German citizenship based on their descent from German parents, even if they had never lived in Germany.

The second way to acquire citizenship is by birth in the territory (*jus soli*), as in the United States. American citizenship is granted automatically to any person born within and subject to the jurisdiction of the US. Third, the stakeholder principle (*jus nexi*) is an alternative (or a supplement) to birthright citizenship. Individuals who have a "real and effective link" (Shachar 2009, 165) to the political community or a "permanent interest in membership" (Bauböck 2006, 132) are entitled to claim citizenship. This relatively new criterion aims at securing citizenship for those who are members of the political community, in the sense that their life prospects depend on the country's laws and policy choices. This often applies to migrants who work and reside in a country for a specified period (typically five to seven years). They are regarded as new members of society who have desirable skills (so they can work and pay taxes) and can become politically active and thus *contribute* to the state. If these three ways of acquiring citizenship come together, they tend to reinforce each other and we may speak of "thick citizenship." However, if only one principle applies, that would be "thin citizenship" (Shachar et al. 2017; Oonk 2020).

"In other words, through existing citizenship regimes, there is always scope for athletes to represent two or more states."

It is important to recognize that the current laws for acquiring citizenship at birth often result in individuals holding multiple citizenships. Dual nationality merges at birth in two cases: first, in the gender-neutral system of *jus sanguinis*, where children of

mixed parentage inherit both parents' nationalities, and second, from a combination of *jus soli* and *jus sanguinis*. Multiple citizenships could only be avoided if all states adopted either pure *jus soli* or *jus sanguinis* from only one parent's side. However, norms of international and domestic law have outlawed gender discrimination in citizenship, and most countries that apply *jus soli* within their territory also grant citizenship *jus sanguinis* to children born to their citizens abroad. Given these facts, there is no possible rule that all states could adopt to avoid multiple forms of citizenship. In other words, through existing citizenship regimes, there is always scope for athletes to represent two or more states.

FIFA first attempted to end the era of unregulated nationality swapping in 1962. This was mainly the outcome of the case of world-leading player Alfredo Di Stéfano, who played six matches with the national team of Argentina, his country of birth, and then switched to play 31 matches with the Spanish national team. In 1953 Di Stéfano signed with Real Madrid. He obtained Spanish citizenship in 1956. By then, FIFA's rules allowed players to switch national teams if they had not played in a competitive FIFA match for several years and had changed nationality. FIFA cleared him to play for Spain in 1957. Di Stéfano also played four times for Colombia; however, the Colombian team at the time was not recognized by FIFA, as the league had broken transfer rules in signing players while they were still under contract elsewhere. Nevertheless, Di Stéfano's case prompted FIFA to establish rules and regulations regarding nationality swaps. The 1962 provisions included the following: (1) A player must be a naturalized citizen, according to the relevant country's laws, to be eligible to represent the country; (2) if a player has been included in a national team, he is not eligible to represent another country in his entire career; and (3) the only exceptions to these rules concern players whose nationality is affected by independence being given to a region or part of a country being ceded to another (Oonk 2021).

These rules were amended and evolved in 2004 to address additional considerations. Players may only represent one national team in an official competition of any category. If a player has more than one nationality or acquires a new nationality, they may only once request a change of the national association for which they are eligible to play international matches and only if they have not played at the "A" international level for their home country association. In addition, a player who has already acquired eligibility to play for one association but has another nationality imposed upon them by a government authority is also entitled to change associations. This provision is not subject to any age limits.

A famous example in the early twenty-first century was Diego Costa, who was born in Brazil in 1988 (and named after Diego Maradona, regarded as one of the greatest players in the history of football). Costa initially played two *friendly* matches for Brazil but controversially chose to represent Spain in 2013 after gaining Spanish citizenship through residency (living there for more than five years). His decision provoked a backlash from Brazilian fans and officials, with calls to revoke his Brazilian citizenship, while Costa emphasized the difficulty of choosing between his birthplace country and his adopted country. His case reflects broader patterns in international football, where it is not uncommon for players to switch national teams. A study analyzing biographical data of more than 10,000 players found that the percentage of foreign-born players in FIFA World Cup tournaments from 1930 (the year of the first Cup) to 2018 remained steady at 8 to 12 percent. However, migration dy-

namics vary across countries, with recent World Cup teams showing greater diversity, particularly among nations with different historical immigration profiles (Van Campenhout et al. 2019). The range of countries of birth represented within a national team reflects a nation's migration history, citizenship laws, and colonial or diasporic ties. A broader diversity is more common in countries with long-standing immigration histories and inclusive nationality laws, especially those based on *jus soli* (citizenship by birthplace) or flexible naturalization policies. For example, France has historically drawn on players born across its former colonies in Africa and the Caribbean, producing squads with many foreign-born players, 62 in total World Cup history, thanks to both *jus soli* provisions and an extensive colonial talent pool. In contrast, Sweden, despite similar immigration levels since the 1990s, has fielded only two foreign-born players, reflecting its *jus sanguinis* (citizenship by descent) tradition and lack of colonial networks.

Nations of immigrants like the United States also show high foreign-born representation, around 23 percent on average, drawing from a long-standing migration tradition that forms part of its national identity. By contrast, "latecomers to immigration" such as Italy and Spain typically naturalize players of South American origin with ancestral ties, like Argentina-born Mauro Camoranesi for Italy in 2014. In countries with restrictive migration histories, such as South Korea, foreign-born World Cup players are rare, with Cha Du-ri (born in Germany to Korean parents) being a notable example. These patterns illustrate how historical migration flows and citizenship regimes shape the migratory diversity of national teams, often reinforcing existing cultural and political ties rather than creating entirely new ones.

In 2007 the then-president of FIFA noticed that some countries loosened their eligibility rules; for example, Togo started to grant citizenship to Brazilian players with no prior connection to their country. In November 2007, FIFA President Sepp Blatter told *Al Jazeera*: "If we don't stop this farce, if we don't take care about the invaders from Brazil towards Europe, Asia and Africa then, in the 2014 or the 2018 World Cup, out of the 32 teams you will have 16 full of Brazilian players."[5] In September 2020, FIFA approved a rule change that allows players to switch teams after three years if they have played no more than three competitive matches at the senior level prior to turning 21 and made no appearances in FIFA World Cup final matches or continental finals (e.g., the UEFA European Championship).

FIFA acknowledges the undisputed right of states to define their own nationality laws. However, the Court of Arbitration for Sport (CAS) has consistently upheld the authority of international sports governing bodies like FIFA to regulate "sporting nationality." CAS distinguishes between public law (state nationality) and private law (sporting eligibility), emphasizing that these legal domains operate independently and without conflict. This principle was encapsulated in a 1998 advisory award, where CAS advised that a person may hold multiple legal nationalities, but every athlete has only one sporting nationality. Once an athlete selects their sporting nationality, any advantages of dual nationality become irrelevant in sports. Hence, athletes should not face unequal treatment in sports based on the number of legal nationalities they possess. Initially, FIFA's rules linked eligibility to a player's nationality in the jurisdiction of the relevant football association. Once a player represented an association in an official match, they were tied to that sporting nationality unless their nationality

changed involuntarily. Reforms between 2004 and 2008 allowed players to switch sporting nationalities under specific conditions, addressing cases of shared or newly acquired nationalities. In 2020 FIFA adopted core principles for eligibility reform, emphasizing objective criteria (nationality as the basis of eligibility), equal treatment across associations, genuine player-association links, fairness, prevention of nationality exploitation ("nationality shopping"), and the protection of international competition's integrity. The bottom line (with a few exceptions) following the 2020 reforms is that before the age of 18, players are allowed to switch their national representation based on eligibility rules—but after turning 21, any player who has played in an official match for one country is permanently tied to that nation. Between the ages of 18 and 21, special rules apply to players who have been selected to a country team at a young age and have made more than three appearances; they are allowed to switch as well (FIFA 2021, 4–7).

"These stories show how football serves as a microcosm of broader societal debates on belonging, opportunity, and the interplay of personal choice and institutional power."

These regulations and principles (putting aside technical and legal nuances) have enforced two sometimes overlapping "off-field competitions," or, as Shachar (2011) terms it, related to the Olympic Games, "picking winners":

(1) Pursuing players with dual citizenship: Once a player participates in an official competition for a national federation, their sporting nationality is fixed, preventing federations from poaching talent. For example, a young dual-national player may be courted by multiple federations, but their choice becomes permanent after representing one in an official match. This ensures federations work harder to identify and retain talent early in their development pipeline.

(2) Creating sport passports: FIFA rules address situations where players hold multiple citizenships, requiring a clear and genuine link between a player and the federation they represent. Therefore, federations must demonstrate a meaningful connection, such as heritage or residence, rather than relying solely on a player's "paper" citizenship. This encourages federations to invest in grassroots programs and/or engage diasporic communities or regions with dual-national players.

PURSUING PLAYERS WITH DUAL/MULTIPLE CITIZENSHIP

It is worth exploring how off-field competitions work out in the daily practice of international football; the question of who may represent a national team is far from straightforward. The issue brings together the intricacies of global migration, citizenship laws, and national identity, often revealing hidden competition between nations for emerging talent. From diaspora

teams to individual players navigating dual allegiances, these dynamics highlight the growing complexity of modern football. This section presents two examples—a seemingly minor substitution, and a high-profile transfer of allegiance—to illustrate the stakes and the human stories behind the rules. These stories show how football serves as a microcosm of broader societal debates on belonging, opportunity, and the interplay of personal choice and institutional power.

On June 9, 2017, with the Netherlands cruising to a 4–0 lead against Luxembourg in a World Cup qualifier, the match seemed destined to fade into obscurity. But for then-17-year-old Nathan Aké, his 82nd-minute substitution marked a life-changing moment. As the then–Chelsea FC defender jogged onto the field, the scoreline mattered little; what mattered was what this appearance symbolized. Born in The Hague to a Dutch mother and an Ivorian father, Aké was eligible to play for both the Netherlands and Ivory Coast. He had risen through the ranks of Dutch youth football, winning back-to-back UEFA European U-17 Championships in 2011 and 2012. Yet, the pull of his father's homeland lingered, with whispers from the Ivorian Football Federation offering him a path to their senior team. Dutch coach Dick Advocaat understood the stakes. Days earlier, he had handed Aké his senior debut in a friendly match against Morocco, but that match didn't bind the defender to the Netherlands. The Luxembourg game, however, was an official qualification match. By stepping onto the pitch in an official competition, Aké irrevocably tied his international future to Oranje, as the Dutch national team is known, according to FIFA's regulations at the time. The rules in 2017 stipulated that Aké was no longer allowed to switch his football allegiance to any other national team.

Meanwhile, other countries, especially those with a large football talent pool in Europe, started pursuing young talent. While the cases of Aké and Costa exemplify how individual players navigate the complex interplay of personal identity, national allegiance, and external pressures, Morocco's approach demonstrates how football federations themselves can take a proactive and strategic role in shaping these decisions. The Royal Moroccan Football Federation (FRMF) stands out for its systematic efforts to recruit dual-nationality players and transforming what is often a personal decision into a broader narrative of cultural and national belonging. This institutionalized approach marks a significant shift in the dynamics of international football, from reactive measures focused on individual cases to organized campaigns aimed at building diasporic national teams. The Moroccan men's football team's recent successes on the global stage illustrate the potential of such strategies, showing how nations can leverage identity politics and community ties. The successes of the Moroccan national team at the World Cup in 2018 and 2022 were not due to the level of their national football competition, nor to unique training, programs, and facilities in Morocco. Instead, those successes were mainly due to an FRMF policy to attract dual-citizenship players from the Moroccan diaspora.

In 2010 the FRMF appointed Dutch coach Pim Verbeek as technical director. His main task was to identify (youth) players in European countries who were eligible to play for Morocco (usually with dual nationality) and to monitor them. Verbeek noted that family often plays a decisive role in players' choices, and he advised the Moroccan federation to become more active in approaching parents, siblings, and friends of talented players to influence their decisions. The Moroccan project and Verbeek's effort were intensified in 2014 when the FRMF began to reach out to its European diaspora in a campaign headlined "Bring

"This institutionalized approach marks a significant shift in the dynamics of international football."

back talents belonging to the soil" (Oonk 2021). The national coach and his assistants approached successful Moroccan players in the highest ranks of Western European competitions. These players held citizenship of their country of birth (for example, France, Belgium, or the Netherlands) and their parents' country of origin, Morocco. They were invited to play for the Moroccan national team instead of the national team of their birth country. More often than not, the coaches of the national teams in their birth countries approached these players too.

Diasporic national football teams are teams in which the mother country plays an active role in attracting overseas football players who are often born and raised in a foreign country but through (one of) their parents' descent still have ethnic or kinship connections with the mother country. These players are offered the opportunity to represent their mother countries, whereas they also might be eligible to play for their countries of birth. More often than not, they refer to themselves as existing "in between two worlds," as in the case of Moroccan players in the Netherlands who are referred to as hyphenated members of the community, "Moroccan-Dutch" players.

In 2015 the football world watched closely as Hakim Ziyech, one of the most promising Moroccan-Dutch talents, made his choice: He would represent Morocco, not the Netherlands, at the international level. This decision sent ripples through Dutch football, sparking controversy and introspection, particularly as the Dutch Football Federation (KNVB) found itself outmaneuvered by Morocco's strategic and deeply personal approach. The KNVB had hoped to secure Ziyech's allegiance early by integrating him into its youth system, where he excelled. But despite those efforts, a lack of personal connection and cultural understanding weakened the case. When Ziyech began to show hesitancy, the response from Dutch football figures, including his former coach Marco van Basten, was dismissive and critical. Van Basten labeled the decision "stupid" and warned Ziyech that Morocco lacked the prestige and potential of the Netherlands. In addition, journalists and observers claimed he was trained in the Dutch system and therefore morally obliged to choose the Netherlands. But Ziyech did not agree. The Dutch arrogance alienated Ziyech, reinforcing his sense of disconnect from the Dutch system. Meanwhile, Morocco had played a different game: Verbeek had refined its scouting strategy to target dual-nationality players in Europe. The FRMF approached not only the players but also their families and communities, emphasizing cultural pride and the honor of representing their ancestral homeland. Ziyech's decision (along with 17 of 23 other diaspora players) was met with celebration in Morocco and among the Moroccan diaspora, which saw his choice as a triumph of identity over perceived elitism.

Moroccan-Dutch Mohamed Ihattaren's decision to represent the Netherlands instead of Morocco brought to light the intense and often controversial efforts by nations to secure the allegiance of dual nationality football talents. Born to Moroccan par-

ents in the Netherlands, Ihattaren was at the center of a tug-of-war between the Dutch and Moroccan football federations. In 2019, when Ihattaren was 17, his father passed away, a devastating loss for the young player. Sensing an opportunity to deepen their connection, Moroccan officials offered to cover the funeral costs, including repatriating the father's body to Morocco. This gesture went beyond material support—it was a deeply symbolic act, appealing to Ihattaren's cultural and familial ties. Dutch national coach Ronald Koeman later insinuated that Moroccan officials might even offer financial incentives to lure Ihattaren, a claim that added a layer of controversy to the already fraught recruitment process. Despite Morocco's efforts, Ihattaren ultimately chose the Netherlands, citing his footballing ambitions and his familiarity with the Dutch system. His decision contrasted sharply with that of Hakim Ziyech, who had opted for Morocco earlier, driven by a sense of pride and identity and the FRMF's more personal approach.

These cases highlight the ethical complexities faced by young players and their families caught between two worlds. Both the KNVB and the FRMF employ strategies—sometimes bordering on transactional—to influence players' choices.

SPORT PASSPORTS

Many countries with diaspora populations—including Morocco, Turkey, India, China, and Israel—do allow dual citizenship in order to keep ties with diaspora populations. Other countries do not permit doing so. The hidden competition between Suriname and Curaçao provides us with a microcosm of how states and their sports federations wrestle with eligibility regulations and getting access to their diaspora players. A former colony, Suriname gained independence from the Netherlands in 1975, marking a significant turning point, including the country's decision to prohibit dual citizenship. Decades later, the dissolution in 2010 of another Dutch colony, the Netherlands Antilles, created new political dynamics, leading to Curaçao, Aruba, and St. Maarten becoming countries within the Kingdom of the Netherlands. This shift also had implications for international football, as FIFA recognized Curaçao and Suriname as distinct football nations. A key difference between the two, however, lies in their respective citizenship policies. Curaçao permits dual citizenship, enabling professional football players of Curaçaoan descent who were born, raised, and trained in the Netherlands to represent both Curaçao and the Netherlands as Dutch citizens. In contrast, Suriname's prohibition of dual citizenship posed a significant barrier for Dutch-born footballers of Surinamese descent who wished to represent Suriname. Until recently, football players of Surinamese

"For many, the promise of better living conditions and the chance to achieve professional football careers outweighed the challenges of leaving their home countries"

descent in the Netherlands were required to renounce their Dutch citizenship and acquire Surinamese nationality to represent Suriname and with this lose access to their rights in the European Union, as well as the Dutch public healthcare system and Dutch educational institutions. This disparity gave Curaçao a significant advantage in recruiting talent from the Netherlands, as it could easily attract players of Curaçaoan descent without demanding they forfeit their Dutch citizenship. Suriname, on the other hand, faced greater challenges in building a competitive team, hindered by its restrictive citizenship laws.

Since the 1980s, the idea of allowing footballers from the Surinamese diaspora to represent the Surinamese national team had already gained traction among Surinamese sports journalists. They were inspired by the success of Dutch national team players of Surinamese descent like Ruud Gullit, Frank Rijkaard, Clarence Seedorf, Edgar Davids, and Patrick Kluivert. However, there were dissenting voices, such as former athlete and military sportsman Sammy Monsels, who argued that Dutch-born Surinamese players lacked sufficient affinity with Suriname. In 2009 the Surinamese Football Association (SVB) began seriously exploring the possibilities of introducing a Surinamese sport passport, a temporary passport granting eligibility for a specific international match, after which the passport would be returned. It does not give access to voting rights or indeed any other citizenship right in Suriname. The most important requirement is that players show that one of their (grand)parents was born in Suriname (to create an "effective link"). It took almost 10 years of lobbying the Surinamese government as well as FIFA to create this new possibility. In 2019 Nigel Hasselbaink became the first Dutch-born diaspora footballer to represent Suriname under the sport passport scheme. By 2021 more players from the Surinamese diaspora joined the national team, marking a significant turning point in Suriname's football history.

For a number of other countries, even such a link is not necessary. Qatar's hosting of the 2022 FIFA World Cup, awarded controversially in 2010, marked a turning point in the country's football strategy. As the first Arab nation to host the tournament, Qatar was automatically granted a spot in the competition. However, this exposed a glaring issue: the country lacked a robust pool of homegrown talent to field a competitive national team. To address this, Qatar embarked on a deliberate and well-funded strategy to cultivate football talent, primarily by attracting promising young players from abroad, especially Africa, and training them at the Aspire Academy. While it initially aimed to nurture local talent, the academy soon expanded its reach internationally, scouting young players from Africa, South America, and Asia. Countries like Senegal, Ghana, and Nigeria became key recruitment hotspots, with scouts identifying talented boys from economically disadvantaged regions and offering them scholarships to train in Qatar. The academy provided world-class facilities, toptier coaching, and an opportunity for these players to compete at the highest levels. For many, the promise of better living conditions and the chance to achieve professional football careers outweighed the challenges of leaving their home countries. Prominent national team players from the Aspire Academy include Almoez Ali and Abdulkarim Hassan, who have become key players on Qatar's national team.

Qatar's reliance on naturalized players drew scrutiny in the lead-up to and during the 2022 World Cup. The controversy surrounding Almoez Ali and Bassam Al-Rawi, born in Iraq, during the 2019 Asian Cup semifinal exemplified the broader tensions. The United Arab Emirates lodged a complaint alleging that the players failed to meet FIFA's eligibility re-

"The Moroccan men's football team's recent successes on the global stage illustrate the potential of such strategies, showing how nations can leverage identity politics and community ties."

quirements, claiming they had not met the five-year residency rule. Although FIFA dismissed the complaint, the incident highlighted the thin line Qatar walks between adhering to international regulations and exploiting their loopholes.

Until 2020 FIFA eligibility rules allowed players to represent a country if they had a clear "connection" to it. This included being born in the country, having a parent or grandparent born there, or living there for a specified period (five years after turning 18). However, these rules can clash with national laws governing citizenship. Qatar, for example, is selective in granting nationality and does so in limited cases for athletes. This divergence raises questions about the legitimacy of naturalized players and whether they truly represent the nation in a cultural and legal sense.

CONCLUSION AND OBSERVATIONS

Countries like Spain, France, Italy, the United Kingdom, and Germany will likely become increasingly flexible toward *jus nexi* players, as in the example of Spain and Diego Costa. As the best and brightest young players are now selected during the top five European competitions, these countries would profit from an influx of foreign talent incorporated (or "nationalized") into their national teams. The host of the 2022 World Cup, Qatar, has been capitalizing on the same principle by attracting young African football players. These players will—after having earned a contract for five years—be eligible to play for Qatar, just as Costa was eligible to play for Spain, although the battle with FIFA on this issue continues (Oonk 2021). Nevertheless, it is fascinating to see that nowadays Qatar searches for homegrown talent, and the citizenship option is no longer open to football players from elsewhere (Babar and Reiche 2024).

Additionally, coaches will increasingly seek talent using players' *jus sanguinis* and *jus soli* connections, as seen in the Moroccan football federation's strategy. In doing so, they increase their talent pool, which, in turn, profits from the better training and educational institutions at the center. This will ensure that Morocco becomes a stronger team, especially in relation to other teams in Africa that will not attract football players from their diaspora. However, this increased strength will be ineffective against the power of the European national teams. Most diaspora players and descendants of colonial migrants—if pushed to make a choice between their country of birth and the country of their parents—will inevitably choose the country with the highest ranking unless they expect not to be selected for that team (Oonk 2021).

Small countries like Suriname and countries with a limited sport tradition like Vietnam (or the Nether-

lands in curling) may attract athletes from their diaspora, which usually means that one of the (grand) parents is born in the mother country, whereas the athlete is born in the diaspora and benefits from having access to excellent training facilities and sporting tradition. For countries that do not allow dual citizenship (like Suriname and the Netherlands) the introduction of a sport passport might be a solution. A sport passport only permits a player to represent a country other than the country of one's citizenship and does not confer other rights. FIFA allows this because any country can introduce a sport passport. In fact, this is already happening in countries like Qatar and Bahrain, particularly targeting Olympic athletes. But from the opposite perspective, one can ask: Why not encourage FIFA to become more flexible in its own regulations? The Netherlands has augmented its team with players with family backgrounds in its former colonies in the Caribbean. Why not let Suriname benefit from its diaspora as well? Thus, why not allow someone like Georginio Wijnaldum, born in Rotterdam to parents of Surinamese descent, to play for Suriname at the end of his career even if he had played his entire career for the Netherlands?

1 This article was first published in *Social Research: An International Quarterly* (vol. 92, n.3, 2025) and has been adapted by the author for the current issue of *Arquibancada*.

2 Original quote: "Je crois qu'un peuple a besoin, à un certain moment, de se retrouver, de se retrouver ensemble, autour d'une idée qui le rend fier de lui-même" (interview by Poivre D'Arvor, TF1, July 14, 1998).

3 Original quote: "Ne changez pas, cette équipe elle est belle parce qu'elle a été unie et parce qu'elle a été forte et fière de la France. Ne changez pas!" (Macron's speech at Elysée Palace, July 16, 2018, TF1, https://www.tf1info.fr/sport/emmanuel-macron-a-l-equipe-de-france-ne-changez-pas-2093461.html).

4 Sim Sim Wissgott, "Which Are the Most Diverse World Cup 2018 Teams?" CGTN, July 2, 2018. (https://news.cgtn.com/news/3d3d774d7859444e78457a6333566d54/share_p.html).

5 New Agencies, "Blatter Blasts 'Brazilian Invasion,'" *Aljazeera*, Nov. 25, 2007, https://www.aljazeera.com/sports/2007/11/25/blatter-blasts-brazilian-invasion.

Babar, Zahra, and Danyel Reiche. 2024. "From Imported Athletes to Home-Grown Talents: Long-Term Residents in Qatari National Sports Teams." In *Handbook on Sport and Migration*, ed. Joseph Maguire, Katie Liston, and Mark Falcous. Edward Elgar Publishing.

Bauböck, Rainer, ed. 2006. *Migration and Citizenship: Legal Status, Rights and Political Participation*. Amsterdam University Press.

FIFA. 2021. *Commentary on the Rules Governing Eligibility to Play for Representative Teams.*

Oonk, Gijsbert. 2020. "Sport and Nationality: Towards *Thick* and *Thin* Forms of Citizenship." *National Identities* 24 (3): 197–215. https://doi.org/10.1080/14608944.2020.1815421.

Oonk, Gijsbert. 2021. "Who May Represent the Country? Football, Citizenship, Migration, and National Identity at the FIFA World Cup." *International Journal of the History of Sport* 37 (11): 1046–65. https://doi.org/10.1080/09523367.2020.1844188.

Shachar, Ayelet. 2009. *The Birthright Lottery: Citizenship and Global Inequality*. Harvard University Press.

Shachar, Ayelet. 2011. "Picking Winners: Olympic Citizenship and the Global Race for Talent." *Yale Law Journal* 120 (8): 2088–140.

Shachar, Ayelet, Rainer Bauböck, Irene Bloemraad, and Maarten Vink. 2017. *The Oxford Handbook of Citizenship*. Oxford University Press.

Van Campenhout, Gijs, Jacco van Sterkenburg, and Gijsbert Oonk. 2019. "Has the World Cup Become More Migratory? A Comparative History of Foreign-Born Players in National Football Teams, c. 1930–2018." *Comparative Migration Studies* 7: art. 22. https://doi.org/10.1186/s40878-019-0118-6.

Vertovec, Steven. 2007. "Super-Diversity and Its Implications." *Ethnic and Racial Studies* 30 (6): 1024–54. https://doi.org/10.1080/01419870701599465.



Bira Mendes

CAMINHAMOS O PRESENTE OLHANDO O PASSADO:

Sobre os dez encontros de sabedoria e pesquisa indígena andina no Museu da Imigração

Walking the Present While Looking to the Past: On the Ten Gatherings of Andean Indigenous Knowledge and Research at the Immigration Museum

Cristina Branco e Monica Huanca[1]



Shirley Espejo no terceiro encontro formativo do ciclo, em maio de 2025. Crédito: Cristina Branco, 17 de maio de 2025.

Shirley Espejo at the third educational gathering of the series, May 2025. Credit: Cristina Branco, May 17, 2025.

O Museu da Imigração nasceu nas instalações da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, patrimônio histórico vinculado às campanhas migratórias massivas que transformaram São Paulo e o Brasil como um todo. Foi construída há quase 140 anos, em 1887, para dar estrutura à política migratória brasileira, que, na impossibilidade de sustentar o regime escravista que durou mais de trezentos anos, buscou branquear o país na tentativa de apagar a presença de milhões de pessoas negras africanas, afrodescendentes e indígenas. De várias formas, cabe ao Museu da Imigração enfrentar esse sentido ideológico que segue fundando o racismo que ainda estrutura o país. Por isso, é fundamental semear pontes para que o museu seja uma casa de todas e todos, dos migrantes internos e também dos imigrantes africanos, latino-americanos e de outras latitudes, que mais recentemente chegam à capital paulista.

1 Cristina Branco é antropóloga visual e pesquisadora no Museu da Imigração. Integra o Visto Permanente (coletivo audiovisual e de confluência artística migrante) e o Centro Cultural Andino Amazônico.

Monica Huanca é indígena aymara, nascida na Bolívia. Integra o Centro Cultural Andino Amazônico e é mestranda em Saberes Ancestrais, Patrimônio Biocultural e Turismo na Universidad Andina Simón Bolívar.

"É FUNDAMENTAL SEMEAR PONTES PARA QUE O MUSEU SEJA UMA CASA DE TODAS E TODOS, DOS MIGRANTES INTERNOS E TAMBÉM DOS IMIGRANTES AFRICANOS, LATINO-AMERICANOS E DE OUTRAS LATITUDES"

A parceria com articulações comunitárias como o Centro Cultural Andino Amazônico (CCAA) é uma das chaves para abrir essas janelas e portas da antiga hospedaria. Nesse sentido, o ciclo formativo presencial "*Sarnaqtanxa*: sabedoria e pesquisa indígena andina em São Paulo" iniciou seu segundo ano em 2026 e já chegou a mais de 530 espectadores no momento de produção deste texto (com uma média de 44 pessoas por encontro, desde março de 2025 até fevereiro de 2026), na sua grande maioria andinos e descendentes andinos. O apoio a essa formação conforma mais uma frente de pesquisa e extroversão desenvolvida no Museu da Imigração. Com isso, garantem-se cessão de espaço para realização do ciclo formativo, oferta do lanche e parceria na divulgação visual e audiovisual da iniciativa, com a curadoria e a produção do ciclo formativo sendo de responsabilidade do CCAA. Não é o Museu da Imigração que determina quem vai falar, nem o que vai falar; a parceria é realizada no sentido de manter total autonomia do CCAA para essas decisões programáticas. A comunidade entra no museu e faz dele um novo espaço com base nas suas próprias necessidades.

Para mostrar essa parceria, apresentamos o texto a seguir, originalmente escrito para ser publicado no blog do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

OS DEZ ENCONTROS DE SABEDORIA E PESQUISA INDÍGENA ANDINA NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Uma das etimologias possíveis para a palavra *aymara* seria a condensação da expressão *jaya aru mara*, que aproximadamente poderia ser traduzida como "palavra de um tempo antigo" (Layme Pairumani, 2004). Entre as diversas características dessa língua andina, hoje falada por cerca de 2 milhões de pessoas na região altiplânica da Cordilheira dos Andes e para além dela, temos a existência de um pronome que é identificado como a quarta pessoa do singular, denominado *jiwasa*. Esse pronome expressa a inclusividade, uma forma de conjugar verbos contemplando todos, eu e você, incluindo todos e não excluindo ninguém. Por ser inclusivo, denota ação ou estado que é e tem sentido ao se fazer conjuntamente, coletivamente.

Já o verbo *sarnaqaña* significa caminhar, andar, viajar, mover-se de um lugar para outro, designando deslocamento espacial. Conjugado para o tempo presente e nessa forma verbal de quarta pessoa do singular, chegamos à expressão *sarnaqtanxa*, nos aproximando desse movimento feito coletivamente por muitos migrantes andinos, no tempo presente, vindo não necessariamente em um movimento ou momento só ou com apenas um fim, mas transitando entre os diferentes espaços, difusamente, em muitos sentidos e criando histórias e trajetórias de vida.

Inspirado nessas raízes de termos e ideias, o ciclo formativo "*Sarnaqtanxa*: sabedoria e pesquisa indígena andina em São Paulo" foi criado no início de 2025/5532[2] pelo Centro Cultural Andino Amazônico (CCAA). O CCAA é um coletivo independente formado maioritariamente por pessoas indígenas andinas e descendentes, Aymara e Quechua, com maior referência no Kollasuyu (território indígena pluriétnico entre o sul do atual Peru, o ocidente boliviano e os nortes argentino e chileno), e por aliados bolivianos e brasileiros não indígenas.

2 Conforme a contagem de tempo no calendário aymara, estamos no ano 5533. Por conta disso, ao lado da contagem do ano no calendário gregoriano, colocamos o ano correspondente no calendário andino.

Fundado nos idos de 2019/5526, num esforço conjunto de vários grupos de música e dança autóctones andinos que correalizaram o Ano-Novo Andino, ou *Willka Kuti*, em aymara, ou *Inti Raymi*, em quechua, o centro cultural foi traçando novos caminhos a partir de finais de 2023/5532, quando realizamos o nosso primeiro *Illa Pacha* enquanto coletivo. Até então, o centro cultural já tinha organizado as comemorações de ano novo andinas de 2022 (5530-5531) em Itaquaquecetuba e de 2023 (5531-5532) na Praça D. Pedro I, no centro de São Paulo. Na virada de 2023/5532 para 2024/5532, o coletivo começou a se organizar em outras frentes de ação, para além da organização anual do Ano-Novo. Assim, iniciamos a celebração pública de outras festividades do calendário cosmogônico andino, como o *Awti Pacha*, em março, e o *Chakana Raymi*, em maio.

Cada festividade era em si mesma um momento de formação e recordação não só sobre práticas indígenas andinas específicas relativas à cada data celebrativa,

mas também sobre valores e princípios de base dos mundos aymara e quechua, principalmente com referência no Kollasuyu, no Altiplano andino. Ainda assim, sentia-se uma maior demanda por momentos de formação direta, compartilhada por professores e mestres indígenas andinos. Por isso, ao percebermos a busca de vários dos integrantes por informação para complementar seus processos de reconexão e relembrança originária andina, em maio de 2024/5532 criamos o curso "Aproximações à língua e cosmogonia aymara", com seis aulas híbridas dirigidas por Roger Chambi, Elias Ajata, Minerva Coronel, Rubén Hilari, Nancia Huanca e Froilan Laime, todos professores aymaras das áreas de linguística, filosofia, sociologia, história, entre outras.

Diante do sucesso dessa primeira iniciativa formativa, com mais de cem pessoas inscritas, articulamos um grupo de trabalho dedicado especialmente para corresponder a essa demanda por formação. No início de 2025/5532, o CCAA criou, então, esse projeto formativo mensal que busca escutar uma diversidade de sábios e pesquisadores indígenas andinos que residem na cidade e na região de São Paulo. Em parceria com o Museu da Imigração, que desde março de 2025/5532 cede espaço para a realização dos encontros mensais, apoia na produção do material gráfico e audiovisual para divulgação e oferece o lanche da pausa de cada encontro, o centro cultural vem fazendo a programação do ciclo formativo "*Sarnaqtanxa*: sabedoria e pesquisa indígena andina em São Paulo".



Foto: Libertad Pinto apresentando sua dinâmica no encontro formativo do ciclo de agosto de 2025/5533. Crédito: Cristian Cancino, 23 de agosto de 2025.

Photo: Libertad Pinto leading her activity during the August 2025/5533 gathering of the educational series. Credit: Cristian Cancino, August 23, 2025.

Diante da numerosa comunidade indígena andina de São Paulo e de seus tantos referentes, a frente formativa do CCAA tomou o princípio aymara e quechua da dualidade complementar, reconhecido como *chachawarmi*, para direcionar e organizar a programação do ciclo. A dualidade basilar à vida pela ontologia aymara e quechua vai muito além de uma lógica dual entre homem (*chacha*) e mulher (*warmi*). A complementaridade entre pares existe desde a interconexão entre tempos-espaços, entre *Uku Pacha*, *Kay Pacha* e *Hanan Pacha*, em quechua, ou *Manqha Pacha*, *Aka Pacha* e *Alax Pacha*, em aymara, entre o Sol, *Tata Inti* ou *Willka*, e a Lua, *Mama Killa* ou *Phaxsi*, como também entre todos os seres vivos, as montanhas, os rios, e assim por diante. A complementaridade igualmente se dá entre pessoas que, ao comunicarem seus universos e suas vivências, informam também suas diferenças e semelhanças, suas sintonias e desencontros, e tudo isso se trança em forma de vida, de memória viva, de futuros possíveis.

Nesse sentido, a frente formativa do centro cultural desenhou uma curadoria na qual se escuta ora uma formadora mulher, ora um formador homem, ora uma pessoa aymara, ora uma pessoa quechua, ora uma pessoa de gerações mais jovens, ora uma pessoa de gerações anteriores, ora alguém mais vinculado a uma pesquisa de formato acadêmico, ora um sábio formado pelas suas experiências de vida individual, comunitária e social, sem vínculo universitário. Assim, dentro do panorama indígena andino, se escutam vozes diversas, sobre temas diferentes. Além disso, em 2026, as pessoas formadoras foram convidadas a trazerem os temários que quisessem, com a exceção de duas situações nas quais, pela coincidência com alguma data festiva andina, foi sugerido que os formadores abordassem assuntos relacionados à festividade da época.



Foto: Tata Max Chura e Mama Elena Abya Yala no encontro formativo de junho de 2025/5533. Crédito: Cristina Branco, 23 de junho de 2025.

Photo: Tata Max Chura and Mama Elena Abya Yala at the June 2025/5533 educational gathering. Credit: Cristina Branco, June 23, 2025.

Nessas ciclicidades, nos encontramos. No tempo circular e em espiral do mundo andino, os caminhos se sobrepõem, se complementam, se comunicam, se relacionam. A palavra aymara *qhipha* é um advérbio que exprime o que vem depois, o último, o que está atrás. Espacialmente esse termo também denomina o que está às costas ou atrás de quem o expressa. Seguindo nessa compreensão, o futuro – complementarmente – é ainda não visível, por isso está às nossas costas, atrás de nós. Por sua vez, a palavra aymara *nayra* é ao mesmo tempo designação de antes ou anterior, e denomina também o olho e o sentido da visão. Como a direção do caminhar é para o que conseguimos ver, no mundo andino vemos o que já nos precedeu, vemos o antes. E caminhamos nesse sentido.

Porém, isso somente se comunica se entendermos o tempo em ciclicidades, em fases que se seguem, como nos ciclos das estações, dos astros, do dia e da noite, nos variados movimentos do que no mundo ocidental eurocêntrico se chama "natureza", mas que no mundo andino tem a conotação de tudo o que existe e é denominado *Pacha*, referindo-se à totalidade do existente, seja no mundo visível, seja no mundo invisível. Assim, em *qhiphat nayrakamaw* podemos encontrar um sentido complementar ao expresso em *sarnaqtanxa*: do depois (*qhiphat*) e até o que está antes (*nayrakamaw*), caminhamos (*sarnaqtanxa*).

As tradições, memórias, histórias, vivências, experiências, sentidos e sentires coletivos vêm do antes, do que vimos e experienciamos, dos que nos precederam. O que podemos ver hoje é o que já veio antes. O depois, o após, está às nossas costas, não podemos vê-lo. No hoje e no presente, podemos construí-lo. Das *awichanaka* (avós) e dos *achachilanaka* (avôs) ancestrais que nos precederam nestas terras de Abya Yala, chega até nós a força para caminhar, pois nos legaram todo o conhecimento e sabedoria para caminhar na terra, pisando suavemente nela, como diz o parente Ailton Krenak (2020). Para as futuras gerações, para o que vem e virá depois, nós seremos o seu *Nayra Pacha*, o seu legado, no longo e contínuo fio de transmissão da Vida, de sua sabedoria, em toda a sua diversidade e complexidade.

O fato de os encontros no Museu da Imigração se denominarem ciclos formativos também nos traz a inspiração de compartilhamento, de ser um saber que se traduz em circulação de palavras, escuta mútua e de troca de experiências. Nesse contexto, a contribuição de cada um faz diferença, o que é impulsionado também pela diversidade geracional do público e das pessoas que compartilham suas vivências em Piratininga (nome ancestral para estas terras hoje denominadas São Paulo).

Para expressar um pouco do tanto que vivemos nos últimos dez meses de *sarnaqtanxa*, rememoramos cada um dos dez encontros realizados em 2025, trazendo algo dessas diversas vozes, olhares, histórias, memórias, impressões e vivências. As

falas reunidas constroem uma reflexão comum sobre a ancestralidade como presença viva e constitutiva do sujeito e da coletividade. Essa compreensão aparece, antes de tudo, no reconhecimento ético e ritual daqueles que vieram antes.

Na abertura do ciclo formativo, Monica Huanca, no mês de março (*achuqa*), afirma que "nós sempre pedimos, no começo, um *permiso, pedimos permiso a todos los que vinieron antes de nosotros*" [pedimos licença a todos os que vieram antes de nós][3] e que estão aqui de alguma forma, nossas memórias, nossas histórias, o que trazemos na bagagem, tudo isso nos forma". A ancestralidade, nesse sentido, não é entendida como herança distante, mas como relação de hoje, do agora.

Essa mesma lógica atravessa a ideia de relembrança e continuidade dos saberes ancestrais, compreendidos como práticas que permanecem em movimento. Don Martín Caballero, em abril (*qasiwi*), observa que "*hoy en día estamos rescatando todo lo que manejaban nuestros ancestros*" [hoje em dia, estamos resgatando tudo com o que nossos ancestrais lidavam], dando conta de vários processos ativos de retomada, como a divulgação do saber ervanário, que se opõem à noção de perda definitiva. Shirley Espejo, por sua vez, em maio (*llamayu*), aprofundou essa perspectiva ao afirmar que "os nossos *ancestros* estão vivos também, a minha história vem a partir de ser filha dos meus pais [...] é por causa deles que eu estou aqui", reforçando a centralidade da filiação e da experiência familiar como lugar de atualização da memória ancestral.

3 Todos os excertos de falas ou citações escritas em espanhol foram traduzidos para português pelas autoras. O mesmo se aplica para a tradução do glossário.

"A ATUAÇÃO COLETIVA NO CCAA BUSCA GARANTIR QUE OS FILHOS E DESCENDENTES JÁ NASCIDOS NO BRASIL SAIBAM DE ONDE VÊM E RECONHEÇAM A FORÇA DE SUAS ORIGENS E DE SEUS *ANCESTROS*"

Nesse mesmo sentido, a ancestralidade também foi mencionada como memória incorporada, inscrita no corpo, na energia vital de cada ser vivo e da comunidade, mesmo diante dos desafios da migração. Mama Elena Abya Yala, em junho (*mara t'aqa*), junto a Tata Max Chura, sintetizou essa ideia ao afirmar que "lo que nosotros manejamos es la memoria ancestral, es lo que hemos dejado nuestros ancestros, nuestras vivencias, aquellas que quizás por la migración ya se olvidaron pero nunca es tarde para recorrer porque está en el ADN del ajayu [energia vital]" [nós lidamos é com a memória ancestral, o que os nossos ancestrais deixaram, nossas vivências,

aquelas que talvez por conta da migração já foram esquecidas, mas nunca é tarde para recorrer a ela porque está no DNA da energia vital que tudo anima]. Ao evocar "*el despertar*", denunciam os processos de apagamento – "nos han hecho dormir haciéndonos olvidar de ellos [aphus]" [nos fizeram dormir fazendo-nos esquecer deles (seres tutelares, montanhas)] – e propõem uma inversão temporal fundamental à ontologia indígena andina ao afirmar que "la curación del futuro es el pasado" [a cura do futuro é o passado].

Esse movimento de reconexão não se dá sem conflito, especialmente quando atravessa instituições acadêmicas e espaços de legitimação do conhecimento. Hans Quelca Yanique explicita as tensões envolvidas nesse percurso ao relatar, no encontro do mês de julho (*willka kuti*), que "é muito complexo chegar nesse lugar, ocupar esse espaço, trazer toda a sua família e elas fortalecerem a sua caminhada também", destacando "doze, treze anos de muita correria, de busca pelo conhecimento, de muita deslegitimação, de muito desaforo". Para ele, a presença da família – "significa muito para mim, ela está aqui hoje, minha mãe, meus irmãos" – reafirma a ancestralidade como força de sustentação e resistência.



Jobana Moya e sua filha, Wayra, lendo um livro escrito por Jobana durante o encontro formativo de outubro de 2025/5533. Crédito: Cristina Branco, 18 de outubro de 2025.

Photo: Jobana Moya and her daughter, Wayra, reading a book written by Jobana during the October 2025/5533 gathering. Credit: Cristina Branco, October 18, 2025.

A relação intrafamiliar e comunitária e a transmissão transgeracional surgem, então, como eixo central das falas de vários encontros formativos do último ano, especialmente no contexto da mobilidade, das migrações e da vida em contexto urbano. Libertad Pinto ressalta, no ciclo de agosto (*llumpaqa*), sua experiência de pesquisa como um caminho compartilhado com diversas comunidades indígenas, cujos frutos podem não ser imediatamente visíveis, mas vão ressoar nas próximas gerações. De modo convergente, Oscar Willka Condori Ninahuanca afirma, ao falar

no encontro de setembro (*sata*), que a atuação coletiva no CCAA busca garantir que os filhos e descendentes já nascidos no Brasil saibam de onde vêm e reconheçam a força de suas origens e de seus *ancestros*.

Essa preocupação com a transmissão cotidiana aparece também no relato de Jobana Moya, que, no ciclo de outubro (*taypi sata*), descreve o esforço de comunicar aos filhos o que significa ser uma pessoa quechua – com tradições, saberes, conhecimentos e formas próprias de ser e pensar – em um contexto urbano e não andino que frequentemente opera no sentido do esquecimento e da homogeneização cultural. A continuidade desses saberes se expressa ainda na relação com a terra e com os elementos, como explica Cesar Chui Quenta ao falar em novembro (*lapaka*), quando afirma que os ensinamentos persistem no estado contínuo de conversa com a diversidade da terra e das plantas de cura, espaço no qual é possível encontrar *la sanación* [a cura].

Por fim, essas experiências e reflexões convergem para uma afirmação política e epistemológica mais ampla. Roxana Condori Flores destaca, no último encontro, em dezembro (*jallu qallta*), a importância de reconhecermos em nós mesmos a resistência e a pertinência do pensamento e da ação decolonial. Ainda que o termo "decolonial" circule cada vez mais no campo acadêmico, a própria vida e a luta dos povos andinos afirmam há mais de quinhentos anos essa realidade, demonstrando que a ancestralidade, longe de pertencer ao passado, constitui um princípio ativo de crítica, existência e projeção de futuro.

Foto: Juan Cusicanqui no último encontro formativo de 2025/5533. Crédito: Cristian Cancino, 13 de dezembro de 2025.

Photo: Juan Cusicanqui during the final formative gathering of 2025/5533. Credit: Cristian Cancino, December 13, 2025.



NOS PERGUNTAR: COMO CONTINUAREMOS?

Nossos próximos encontros, previstos para acontecer a partir de janeiro de 2026, continuarão a reafirmar a diversidade de oradores, experiências e saberes, valorizando a presença de indígenas andinos sábios e pesquisadores de diversas áreas (como linguística, história, tradições ancestrais, música e outras expressões), tanto de gerações mais novas como anteriores, seja com pessoas mais conhecidas por meio das mídias digitais, seja com aquelas reconhecidas pelo seu trabalho de base.

Dessa forma, afirmamos a continuidade da formação como espaço ativo de troca de saberes, transmissão de conhecimentos e diálogo plural, aberto e construtivo. A parceria entre o CCAA e o Museu da Imigração será fortalecida pela articulação do ciclo formativo com o projeto "Ano-Novo Andino: Willka Kuti 5534", contemplado pelo programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, em projeto escrito e idealizado pelo CCAA, que o museu segue fortalecendo através da cedência de espaço e apoio na divulgação.

Nessa ciclicidade em movimento, nossas datas celebrativas do calendário cosmogônico andino continuarão a ser festejadas e rememoradas, no espaço do museu e noutros espaços pela cidade, num processo contínuo de caminhar com os *ancestros* e ancestrais neste espaço-tempo, nesta *Pacha*.

Qhiphat nayrakamaw sarnaqtanxa.

Jallalla!!!



Registro do final do encontro formativo de setembro, com Oscar Condori Ninahuanca. Crédito: Cristian Cancino, 21 de setembro de 2025.

Photo: Closing moment of the September gathering, featuring Oscar Condori Ninahuanca. Credit: Cristian Cancino, September 21, 2025.

GLOSSÁRIO

Os verbetes aqui apresentados foram traduzidos diretamente do dicionário de Felix Layme Pairumani (2004).

Achachila. *s.* Bisavô. // *adj.* Ancestral. Deuses tutelares da região ou da nação.
Ajayu. *s.* Espírito. // *s.* Alma, vivacidade, energia.
Amawt'a. *adj. científico.* Uma pessoa que faz ciência.
Amawt'aña. *s.* Filosofia. A forma de pensar ou perceber o ambiente.
Amawt'iri. *adj.* Filósofo. Uma pessoa que professa, que filosofa.
Apu. *s.* Capitão, comandante de uma tropa. // *adj.* Senhor, distinto nobre. // *fig.* Sublime.
Aru. *s.* Palavra. // Idioma. // Língua de um país ou de uma nação.
Awicha. *s.* Avó. // Ancestral. Uma divindade benigna que se acredita estar próxima à lareira, em algum tecido ou em ruínas antigas.
Awti Pacha. *s.* Estação seca ou clima.
Chakana Raymi. *s.* Festa da Cruz do Sul.
Inti Raymi. *s.* Grande festa de Ano-Novo, Solstício de Inverno.
Jallalla. *interj.* Viva! Grito de aclamação.
Jaya. *adj.* Longe. Distante. // *adv.* Longe. A grande distância.
Mara. *s.* Ano. Transcurso dos doze meses.
Nayra. *s.* Olho. Órgão da visão. // Antes, anterior.

Pacha. *s.* Espaço-tempo. // Ciclo. // Época.

Phaxsi. *s.* Lua. // *fig.* Mês. Cada uma das doze partes em que se divide o ano.

Achuqa: porque todos os cultivos já produziram (março).

Qasiwi: porque todos os cultivos, depois de produzir, ficam amarelos antes de morrerem (abril).

Llamayu: porque em todo lugar cavam ou se colhem as batatas (maio).

Mara t'aqa: fim de ano; porque o dia é mais curto (junho).

Willka kuti: Willka: Sol; Kuti: retorno, volta. O sol renasce, ou seja, o dia volta a crescer (julho, solstício de inverno no Hemisfério Sul).

Llumpaqa: mês da oferenda e rituais de reciprocidade aos deuses (agosto).

Sata: semeadura, a primeira semeadura (setembro).

Taypi sata: semeadura média, este mês é a semeadura do meio em todos os lugares (outubro).

Lapaka: último plantio, porque faz muito calor neste mês (novembro).

Jallu qallta: começa a chover (dezembro).

Qhipha. *adv.* Atrás. Depois. Último.

Qulla Suyu (Kollasuyu). Antiga província do Tawantinsuyu. Atual nação aymara, ainda mantém as duas parcialidades que a compõem: Lupaka e Pakaji.

Sarnaqaña. *v. intr.* Caminhar. Deslocar-se de um lado para o outro movendo os pés. Andar, marchar.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAYME PAIRUMANI, Félix. 2004. *Diccionario Bilingüe Aymara Castellano – Castellano Aymara*. 3. ed. Consejo Educativo Aymara (CEA), 2004.

The Immigration Museum was established in the facilities of the former Immigrants' Hostel of Brás, a historic site tied to the mass migration campaigns that transformed São Paulo and Brazil as a whole. The building was constructed nearly 140 years ago, in 1887, to support Brazilian migration policy. At a time when the country could no longer sustain the slaveholding system that had lasted for more than three centuries, that policy sought to whiten the nation and erase the presence of millions of enslaved Africans, their descendants, and Indigenous people. In many ways, it falls to the Immigration Museum to confront this ideological legacy, which continues to underpin the racism that still structures Brazilian society today. For that reason, it is essential to build bridges that enable the museum to become a home for everyone: internal migrants as well as African, Latin American, and other immigrant communities that have more recently made their way to São Paulo.

Partnerships with community-based initiatives such as the Andean-Amazonian Cultural Center (CCAA) are one of the keys to opening the windows and doors of the old hostel. In this spirit, the in-person educational series "*Sarnaqtanxa*: Andean Indigenous Knowledge and Research in São Paulo" began its second year in 2026 and had already reached more than 530 attendees at the time this text was written (an average of 44 people per gathering, from March 2025 through February 2026), the vast majority of them Andean migrants and people of Andean descent. Supporting this educational program has become another front of research and public engagement developed by the Immigration Museum. The museum provides the venue, refreshments, and support for the visual and audiovisual promotion of the initiative, while the curation and production of the series remain entirely under the responsibility of the CCAA. The Immigration Museum does not decide who will speak or what will be discussed; the partnership is structured precisely to preserve the CCAA's full autonomy over its programming decisions. The community enters the museum and transforms it into a new kind of space based on its own needs.

To illustrate this partnership, we present below a text originally written for publication on the São Paulo State Immigration Museum blog.

THE TEN GATHERINGS OF ANDEAN INDIGENOUS KNOWLEDGE AND RESEARCH AT THE IMMIGRATION MUSEUM

One possible etymology for the Aymara word *aymara* is that it derives from the expression *jaya aru mara*, which can be roughly translated as "the word of an ancient time" (Layme Pairumani, 2004). Among the many distinctive features of this Andean language (today spoken by around two million people across the highland regions of

1 Cristina Branco is a visual anthropologist and researcher at the Immigration Museum. She is a member of Visto Permanente (an audiovisual collective and migrant artistic convergence initiative) and the Andean-Amazonian Cultural Center.

Monica Huanca is an Aymara Indigenous woman born in Bolivia. She is a member of the Andean-Amazonian Cultural Center and a master's degree candidate in Ancestral Knowledge, Biocultural Heritage, and Tourism at the Simón Bolívar Andean University.

the Andes and beyond), is the existence of a pronoun identified as the fourth person singular, known as *jiwasa*. This pronoun conveys inclusivity: a way of conjugating verbs that embraces everyone, me and you, including all and excluding no one. Because it is inclusive, it denotes an action or state that only makes sense when carried out together, collectively.

The verb *sarnaqaña*, meanwhile, means to walk, travel, move, or journey from one place to another, referring to spatial displacement. Conjugated in the present tense and in the fourth person singular form, it becomes *sarnaqtanxa*, bringing us closer to the collective movement made by many Andean migrants in the present day, not necessarily in a single movement, at a single moment, or toward a single destination, but rather moving through different spaces, in multiple directions and with many purposes, creating stories and life trajectories along the way.

Inspired by these linguistic and conceptual roots, the educational series "*Sarnaqtanxa*: Andean Indigenous Knowledge and Research in São Paulo" was created in early 2025/5532[2] by the Andean-Amazonian Cultural Center (CCAA). The CCAA is an independent collective made up primarily of Indigenous Andean people and their descendants—Aymara and Quechua—with strong roots in *Kollasuyu* (the multiethnic Indigenous territory spanning southern present-day Peru, western Bolivia, and northern Argentina and Chile), as well as allied non-Indigenous Bolivian and Brazilian participants.

2 According to the Aymara system of timekeeping, the current year is 5533. Accordingly, we have included the corresponding year in the Andean calendar alongside the Gregorian calendar year throughout the text.

Founded around 2019/5526 through the collective efforts of several Andean Indigenous music and dance groups that jointly organized the Andean New Year celebration, known as *Willka Kuti* in Aymara and *Inti Raymi* in Quechua, the cultural center began charting new paths in late 2023/5532, when we held our first *Illa Pacha* as a collective. By that point, the cultural center had already organized the Andean New Year celebrations of 2022 (5530–5531) in Itaquaquecetuba and of 2023 (5531–5532) at Praça Dom Pedro I in downtown São Paulo. During the transition from 2023/5532 to 2024/5532, the collective began expanding its work beyond the annual New Year celebrations. As a result, we started publicly celebrating other festivities from the Andean cosmological calendar, including *Awti Pacha* in March and *Chakana Raymi* in May.

Each celebration was, in itself, a moment of learning and remembrance, not only about specific Andean Indigenous practices associated with each commemorative date, but also about the foundational values and principles of the Aymara and Quechua worlds, particularly those rooted in *Kollasuyu* and the Andean Altiplano. Even so, there was a growing demand for more direct educational spaces led by Andean Indigenous teachers and knowledge keepers. Recognizing that many partic-

ipants were seeking information to complement their own processes of reconnection with and remembrance of their Andean origins, in May 2024/5532 we created the course *Approaches to Aymara Language and Cosmogony,* consisting of six hybrid classes led by Roger Chambi, Elias Ajata, Minerva Coronel, Rubén Hilari, Nancia Huanca, and Froilan Laime, all Aymara scholars working in fields such as linguistics, philosophy, sociology, history, and related disciplines.

"IN THE CIRCULAR AND SPIRAL CONCEPTION OF TIME THAT CHARACTERIZES THE ANDEAN WORLD, PATHS OVERLAP, COMPLEMENT EACH OTHER, COMMUNICATE, AND INTERTWINE"

Given the success of this first educational initiative, which attracted more than one hundred participants, we organized a working group dedicated specifically to meeting this demand for training and knowledge-sharing. At the beginning of 2025/5532, the CCAA launched this monthly educational project, designed to listen to a diverse range of Andean Indigenous knowledge keepers and researchers living in São Paulo and its surrounding region. In partnership with the Immigration Museum—which, since March 2025/5532, has provided space for the monthly gatherings, supported the production of graphic and audiovisual promotional materials, and offered refreshments during each meeting—the cultural center has been organizing the educational series "*Sarnaqtanxa*: Andean Indigenous Knowledge and Research in São Paulo."

Faced with São Paulo's large Andean Indigenous community and its many points of reference, the CCAA's educational team adopted the Aymara and Quechua principle of complementary duality, known as *chachawarmi*, as a guide for shaping and organizing the series. This duality, fundamental to life in Aymara and Quechua ontology, goes far beyond a simple division between man (*chacha*) and woman (*warmi*). Complementarity exists in the interconnection between times and spaces—between *Uku Pacha*, *Kay Pacha*, and *Hanan Pacha* in Quechua, or *Manqha Pacha*, *Aka Pacha*, and *Alax Pacha* in Aymara; between the Sun, *Tata Inti* or *Willka*, and the Moon, *Mama Killa* or *Phaxsi*; as well as among all living beings, mountains, rivers, and beyond. Complementarity also exists between people who, by sharing their worlds and experiences, reveal both their differences and similarities, their

harmonies and dissonances. All of this is woven together into life itself, into living memory, into possible futures.

With this in mind, the cultural center's educational team designed a curatorial approach in which participants alternately hear from a woman educator and a man educator, an Aymara speaker and a Quechua speaker, someone from a younger generation and someone from an older generation, a researcher working within academic frameworks and a knowledge keeper whose expertise has been shaped through personal, communal, and social experience outside the university system. In this way, a diversity of voices from across the Andean Indigenous world can be heard speaking on a wide range of subjects. In addition, during 2026, presenters were invited to bring whichever topics they wished, with the exception of two occasions when, due to the coincidence with major Andean festivities, they were encouraged to address themes related to those celebrations.

Within these cycles, we meet one another. In the circular and spiral conception of time that characterizes the Andean world, paths overlap, complement each other, communicate, and intertwine. The Aymara word *qhipha* is an adverb that expresses what comes later, what is last, what lies behind. Spatially, it also refers to what is at a person's back or behind them. Following this understanding, the future is, complementarily, what cannot yet be seen; therefore, it lies behind us, at our backs. By contrast, the Aymara word *nayra* means both "before" or "earlier" and also "eye" and "sight." Because we walk toward what we can see, in the Andean worldview we see what has preceded us—we see what came before. And it is in that direction that we walk.

Yet this only makes sense if we understand time as cyclical, unfolding in successive phases, like the cycles of the seasons, the celestial bodies, day and night, and the many movements of what the Eurocentric Western world calls "nature," but which in the Andean world carries the broader meaning of everything that exists and is known as *Pacha*: the totality of existence, visible and invisible alike. Thus, in *qhiphat nayrakamaw* we can find a complementary meaning to that expressed in *sarnaqtanxa*: from what comes after (*qhiphat*) toward what came before (*nayrakamaw*), we walk (*sarnaqtanxa*).

Traditions, memories, histories, lived experiences, collective meanings, and shared feelings come from what came before—from what we have seen and experienced, from those who preceded us. What we can see today is what has already come before. What comes later, what lies ahead, remains behind our backs; we cannot yet see it. In the present moment, however, we can build it. From the *awichanaka* (grandmothers) and *achachilanaka* (grandfathers), the ancestors who came before

us on these lands of Abya Yala, we inherit the strength to keep walking, for they have passed on to us all the knowledge and wisdom needed to walk upon the Earth, treading lightly upon it, as our relative Ailton Krenak (2020) reminds us. For future generations—for what is yet to come—we will become their *Nayra Pacha*, their inheritance, within the long and continuous thread through which Life and its wisdom are transmitted in all their diversity and complexity.

The fact that these gatherings at the Immigration Museum are called educational cycles also evokes the idea of sharing: knowledge understood as a circulation of words, mutual listening, and the exchange of experiences. In this context, every contribution matters. This is further enriched by the generational diversity of both the audience and those who share their experiences in Piratininga (the ancestral name for the lands now known as São Paulo).

To convey even a fraction of what we experienced during the last ten months of *sarnaqtanxa*, we look back on each of the ten gatherings held in 2025, bringing together some of these many voices, perspectives, stories, memories, impressions, and lived experiences. Taken together, these reflections build a shared understanding of ancestry as a living and constitutive presence in both the individual and the collective. This understanding emerges first and foremost through the ethical and ritual recognition of those who came before us.

Opening the formative cycle in March (*achuqa*), Monica Huanca stated that "nós sempre pedimos, no começo, um permiso, pedimos permiso a todos los que vinieron antes de nosotros" [we always ask permission at the beginning; we ask permission from all those who came before us[3]] and who remain here in some way—our memories, our histories, everything we carry with us, all of which shapes who we are. In this sense, ancestry is not understood as a distant inheritance, but as a relationship rooted in the present moment, in the here and now.

This same logic runs through the idea of remembrance and the continuity of ancestral knowledge, understood as practices that remain in motion. *Don* Martín Caballero, speaking in April (*qasiwi*), noted that "hoy en día estamos rescatando todo lo que manejaban nuestros ancestros" [today we are reclaiming everything that our ancestors used to do], highlighting the many active processes of reclaiming knowledge—such as the dissemination of traditional herbal medicine—that challenge any notion of definitive loss. Shirley Espejo, in May (*llamayu*), deepened this perspective by stating that "os nossos ancestros estão vivos também, a minha história vem a partir de ser filha dos meus pais [...] é por causa deles que eu estou aqui" [our ancestors are alive as well; my story begins with being the daughter of my parents [...] it is because of them that I am here], reinforcing the central role of kinship and

3 All excerpts from spoken statements or written quotations originally in Spanish were initially translated into Portuguese by the authors. The same applies to the glossary.

family experience as spaces where ancestral memory is continually renewed.

In the same vein, ancestry was also described as embodied memory, inscribed in the body, in the vital energy of every living being and of the community itself, even amid the challenges of migration. Mama Elena Abya Yala, together with Tata Max Chura, encapsulated this idea during the June (*mara t'aqa*) gathering, stating that "lo que nosotros manejamos es la memoria ancestral, es lo que hemos dejado nuestros ancestros, nuestras vivencias, aquellas que quizás por la migración ya se olvidaron, pero nunca es tarde para recorrer, porque está en el ADN del ajayu" [what we work with is ancestral memory, what our ancestors left us, our lived experiences—those that may have been forgotten because of migration, but to which it is never too late to return, because they remain in the DNA of the vital energy]. By invoking "*el despertar*" [the awakening], they denounce processes of erasure—"nos han hecho dormir haciéndonos olvidar de ellos [*aphus*]" [they have made us sleep thus making us forget them (the tutelary beings, the mountains)]—and propose a temporal inversion that is fundamental to Andean Indigenous ontology when they affirm that "la curación del futuro es el pasado" [the cure for the future is the past].

"ANCESTRY, FAR FROM BELONGING SOLELY TO THE PAST, CONSTITUTES AN ACTIVE PRINCIPLE OF CRITIQUE, EXISTENCE, AND THE IMAGINING OF FUTURES"

This movement of reconnection does not occur without conflict, especially when it intersects with academic institutions and spaces that legitimize knowledge. Hans Quelca Yanique highlighted the tensions involved in this journey during the July (*willka kuti*) gathering, explaining that "é muito complexo chegar nesse lugar, ocupar esse espaço, trazer toda a sua família e elas fortalecerem a sua caminhada também" [it is very complex to reach this place, occupy this space, bring your whole family with you and have them strengthen your journey as well], after "doze, treze anos de muita correria, de busca pelo conhecimento, de muita deslegitimação, de muito desaforo" [twelve or thirteen years of constant struggle, searching for knowledge, facing delegitimization and countless acts of disrespect]. For him, the presence of his family—"Significa muito para mim, ela está aqui hoje, minha mãe, meus irmãos"

[it means a great deal to me; my mother and my siblings are here today]—reaffirms ancestry as a source of support and resistance.

In this way, family and community relationships, along with intergenerational transmission, emerge as central themes across many of last year's gatherings, particularly in the context of mobility, migration, and life in urban settings. During the August (*llumpaqa*) cycle, Libertad Pinto described her research experience as a path shared with different Indigenous communities, one whose fruits may not be immediately visible but will resonate through future generations. Similarly, Oscar Willka Condori Ninahuanca explained during the September (*sata*) gathering that the collective work carried out by the CCAA seeks to ensure that children and descendants already born in Brazil know where they come from and recognize the strength of their origins and ancestry.

Such concern with everyday transmission also appears in the testimony of Jobana Moya, who, during the October (*taypi sata*) cycle, described the effort involved in communicating to her children what it means to be a Quechua person—with traditions, wisdom, knowledge, and distinct ways of being and thinking—within an urban, non-Andean context that often operates through mechanisms of forgetting and cultural homogenization. The permanence of this knowledge is also expressed through the relationship with the land and its elements, as Cesar Chui Quenta explained during the November (*lapaka*) gathering, when he stated that these teachings endure through an ongoing dialogue with the diversity of the earth and medicinal plants, a space where it is possible to find *la sanación* [healing].

Ultimately, these experiences and reflections converge toward a broader political and epistemological affirmation. During the final gathering, in December (*jallu qallta*), Roxana Condori Flores emphasized the importance of recognizing within ourselves both the resilience and the relevance of decolonial thought and action. Although the term "decolonial" is becoming increasingly common within academic circles, the very lives and struggles of Andean peoples have affirmed this reality for more than five hundred years, demonstrating that ancestry, far from belonging solely to the past, constitutes an active principle of critique, existence, and the imagining of futures.

BUT IF WE HAVE WALKED THIS FAR TOGETHER, WE MAY NOW ASK OURSELVES: HOW WILL WE CONTINUE?

Our upcoming gatherings, scheduled to begin in January 2026, will continue to reaffirm the diversity of speakers, experiences, and bodies of knowledge, valuing the

presence of wise Andean Indigenous elders and researchers from a wide range of fields—including linguistics, history, ancestral traditions, music, and other forms of cultural expression—from younger and older generations. Some are widely known through digital media, while others are recognized for their grassroots work within their communities.

In this way, we reaffirm the continuity of this educational initiative as an active space for the exchange of knowledge, the transmission of wisdom, and open, plural, constructive dialogue. The partnership between the CCAA and the Immigration Museum will be further strengthened through the articulation of the formative cycle with the project "Andean New Year: Willka Kuti 5534," supported by VAI, São Paulo's Cultural Initiatives Support Program, run by the Municipal Secretariat of Culture. The project was conceived and written by the CCAA, while the museum continues to back it by providing space and assisting with outreach and communication.

Within this moving cycle, our celebratory dates from the Andean cosmogonic calendar will continue to be honored and remembered, both within the museum and in other spaces throughout the city, as part of an ongoing process of walking alongside our ancestors in this space-time, in this Pacha.

Qhiphat nayrakamaw sarnaqtanxa.

Jallalla!!!

GLOSSARY

The entries presented here were translated directly from the Aymara-Spanish dictionary by Félix Layme Pairumani (2004).

Achachila. n. Great-grandfather. // adj. Ancestral.
Tutelary deities of a region or nation.
Ajayu. n. Spirit. // n. Soul, vitality, life force.
Amawt'a. n. Scientist. A person who practices science.
Amawt'aña. n. Philosophy. A way of thinking about
or perceiving one's surroundings.
Amawt'iri. n. Philosopher. A person who reflects and philosophizes.
Apu. n. Captain, commander of a troop. // n. Lord,
distinguished noble. // fig. Sublime.
Aru. n. Word. // Language. // The language of a country or nation.
Awicha. n. Grandmother. // Ancestor. A benevolent spiritual being believed
to dwell near the hearth, within a textile, or among ancient ruins.

Awti Pacha. n. Dry season or dry climate.
Chakana Raymi. n. Festival of the Southern Cross.
Inti Raymi. n. Great New Year celebration; Winter Solstice festival.
Jallalla. interj. Long live! An exclamation of celebration and affirmation.
Jaya. adj. Far, distant. // adv. Far away, at a great distance.
Mara. n. Year. The passage of twelve months.
Nayra. n. Eye. Organ of sight. // Before, previous.
Pacha. n. Space-time. // Cycle. // Epoch.
Phaxsi. n. Moon. // fig. Month; each of the twelve divisions of the year.

Achuqa: because all crops have already yielded (March).
Qasiwi: because after producing, all crops turn yellow before they die (April).
Llamayu: because everywhere potatoes are dug up and harvested (May).
Mara t'aqa: end of the year; because the days are shortest (June, Winter Solstice in the Southern Hemisphere).
Willka kuti: *Willka* = Sun; *Kuti* = return, coming back. The sun is reborn, meaning the days begin to grow longer again (July).
Llumpaqa: month of offerings and rituals of reciprocity to the deities (August).
Sata: sowing; the first planting season (September).
Taypi sata: middle sowing; this is the month of mid-season planting throughout the region (October).
Lapaka: final planting season, because this is the hottest month (November).
Jallu qallta: the rains begin (December).

Qhipha. adv. Behind. Afterwards. Last.
Qulla Suyu (Kollasuyu). Ancient province of the Tawantinsuyu. Today, it refers to the Aymara nation, which still preserves the two constituent territorial divisions: Lupaka and Pakaji.
Sarnaqaña. intr. v. To walk. To move from one place to another on foot. To travel, march, or journey.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAYME PAIRUMANI, Félix. 2004. *Diccionario Bilingüe Aymara Castellano – Castellano Aymara.* 3. ed. Consejo Educativo Aymara (CEA), 2004.

O PODER DO FUTEBOL DE CONTRIBUIR PARA A AUTONOMIA E A IDENTIDADE DE PESSOAS REFUGIADAS NO BRASIL

The Power of Football to Foster Autonomy and Identity Among Refugees in Brazil

Miguel Pachioni[1]

Há algo simbólico quando falamos de deslocamento de pessoas e a relação delas com o futebol – em especial sobre aquelas que se deslocaram de forma forçada, tendo deixado seus países de origem por guerra, perseguições e violações de direitos humanos, assim como neste cenário mais atual de desastres e mudanças climáticas.

O futebol é uma atividade coletiva, composta de individualidades que têm seus universos construídos por variadas e inúmeras referências de vida, transitando entre certezas e inseguranças, racionalidade e devoção, objetividades e afetos. Na essência, o futebol forja identidades e se move por paixões, tendo em si a responsabilidade – não assumida – de fazer com que o momento em que é jogado seja único, memorável, até mesmo atemporal. Bem me lembro das conquistas de meu time de coração com as referências sobre onde estava, por qual momento de minha vida passava, como a ocorrência do campo influenciava o meu estado de espírito – e assim segue sendo.

Enquanto partidas são disputadas e gols são celebrados por um lado e sofridos pelo outro – momentos nos quais se identificar com o escudo de um determinado time une todos em uma única convicção (a de que estão todos juntos naquele momento e que se somam) –, em paralelo há um outro movimento, em muitos casos alheio ao que se passa dentro dos estádios, que também marca a vida de milhões de pessoas. Isso se dá não pelos sentimentos de alegria ou pertencimento, mas sim pela tragédia de um desenraizamento, e não há camisa a ser vestida para aliviar esse imenso sofrimento.

1 Miguel Pachioni é oficial de comunicação da Agência da ONU para Refugiados, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

A Agência da ONU para refugiados é o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), da qual tenho grande entusiasmo de ser parte. Trata-se de uma organização dedicada a assegurar direitos a grupos e pessoas que foram forçadas a deixar suas casas e comunidades devido a guerras, desastres climáticos, conflitos armados, perseguições ou graves violações dos direitos humanos.[2] Dados da agência mostram que mais de 120 milhões de pessoas neste mundo vivem em situação de deslocamento forçado, tendo à sua frente caminhos a serem trilhados contra sua própria vontade, em busca de meios pelos quais consigam minimamente sobreviver em segurança e ter seus direitos garantidos e o destino de suas vidas reestabelecido – idealmente próxima de seus familiares, o que nem sempre acontece. Esses números desafiadores de nosso tempo, comparativamente, configurariam o 13º país mais populoso do mundo, com uma população de mais de 1.500 Maracanãs lotados. São um retrato estatístico da essência do que realmente está em jogo: as individualidades que são absorvidas como parte de uma identidade coletiva, sendo subjugadas sob o título que lhes é imposto (não conquistado como nos gramados) – o de "refugiados".

2 Para saber mais, acesse: https://www.acnur.org/br/

As pessoas reconhecidas sob essa classificação temporária atravessam fronteiras estruturais de muitas incertezas, buscando reconstruir sua trajetória em lugares onde, muitas vezes, são julgadas como não pertencentes: são estranhas e inconvenientes, sob a percepção rasa de muitos – daí a terminologia "estrangeira". A dúvida sobre o outro abre espaço para a desconfiança, que, por si só, passa a construir um pré-julgamento que reduz quem verdadeiramente é aquele outro, substituindo a identidade existente por uma percepção limitada e superficial, por meio da qual toda a construção de uma vida passa a ser vista sob as lentes da xenofobia.

A essa desconfiança credita-se a origem de muitos dos males sociais que afrontam um estado de bem-estar social e o convívio pacífico entre as diferenças, que são tão notáveis na formação da sociedade brasileira – acredito que esse sentimento tenha sido gerado pelo deslocamento forçado de pessoas de diferentes países africanos em condição de escravização ao país que mais os recebeu, mas isso iria requerer outra análise. O que destaco aqui é que a identidade está em disputa nas narrativas de isolamento, visando a preservar um "grupo de origem" diante da riqueza da mistura de povos e de suas culturas, seus valores e suas vivências, que chegam para se somar ao tecido social, multiplicando as possibilidades de se abrir para a riqueza que haveria se a dúvida fosse sobreposta pelo sentimento genuíno de acolhimento digno.

Comparando ao futebol, quando um jogador ou jogadora de outra nacionalidade é apresentado/a ao clube em que passa a "vestir a camisa", o sentimento imediato gerado é de um êxtase coletivo, acrescido de uma crença de que ele/ela tenha muito a contribuir "com sua dedicação, seu talento e sua força de vontade" àquele time. Já

na sociedade como um todo, esse sentimento tende a ser exatamente o oposto em relação ao acolhimento de refugiados e refugiadas que chegam ao novo país, pois não são vistos pelo potencial que têm, como no caso dos atletas, mas sim sob a ótica das ameaças: de que sobrecarregarão os serviços públicos, reduzirão o salário médio e o poder de compra daquela localidade, ameaçarão os empregos existentes, ampliarão os índices de violência e de criminalidade... Trata-se de mitos confrontados por diversos estudos em diferentes países, mas que são facilmente explorados por discursos populistas e segregadores que fazem questão de esquecer a identidade do povo local (neste caso, o brasileiro) e suas riquezas.

Mas o que o futebol tem a ver com tudo isso? Os esportes em geral – e o futebol em particular, pelo seu engajamento com diferentes públicos e pela representatividade de seus atletas – podem ter o poderoso papel de serem mediadores de uma integração mais humana, promovendo diálogo onde antes havia dúvida e pré-julgamento. Nos projetos de vínculo esportivo apoiados pelo ACNUR, a atividade esportiva é utilizada como uma ferramenta de proteção, inclusão e fortalecimento comunitário que amplia as redes de sociabilidade e a compreensão de quem é uma pessoa refugiada, considerando suas próprias narrativas e sua autonomia. Note a importância de perguntar "quem é" um refugiado, e não "o que é", objetificando-o.

Parcerias estratégicas do ACNUR dão uma dimensão de como o futebol acolhe as diferentes individualidades de pessoas refugiadas enquanto promove meios de proporcionar informação e pertencimento a um grupo maior – uma microesfera da sociedade na qual estão inseridas. Essa transição contribui para possibilitar que essas pessoas, deslocadas à força, façam parte de um conjunto de novos significados que estão atrelados às suas necessidades específicas de integração local, atentando ao todo dessas necessidades sem perder de vista a individualidade por trás de cada demanda.

São três os exemplos que gostaria de compartilhar, por meio de minha experiência prática e de quem esteve envolvido em cada um desses processos, sobre o papel social exercido pelo futebol como mecanismo protetivo, de autoconfiança e de fortalecimento comunitário. Aliás, por mais que esses projetos tenham objetivos específicos pré-determinados, é na sua implementação que novas demandas surgem e podem ser contempladas, porque, assim como no jogo de futebol em si, as relações sociais derivam dos diferentes momentos em que seus jogadores se encontram e como são recebidos.

A Copa dos Refugiados, realizada no Brasil desde 2016, teve desde o início a efetiva participação de pessoas refugiadas em sua construção, inclusive por meio da formalização de uma organização liderada por pessoas refugiadas – África do Coração/Pacto pelo Direito de Migrar (PDMIG) – que foi a gestora responsável por

esse notório projeto de inclusão. Como premissa dessa iniciativa, o objetivo era não apenas criar um espaço para pessoas refugiadas e migrantes participarem de um campeonato, mas também possibilitar a efetiva participação de todos os jogadores, representados pelos capitães do time, na construção de um diálogo com as realidades existentes. Nesse processo, que foi sendo consistentemente aprimorado, os jogos, por exemplo, não eram realizados durante o período do Ramadã – em respeito às tradições muçulmanas de jejuar durante o dia. Da mesma maneira, o apoio com alimentos atendia a um balanço nutricional e era composto de acordo com as orientações das diversas religiões presentes.

Outro ponto-chave da composição da Copa dos Refugiados era integrar mulheres brasileiras aos diálogos dos capitães com suas respectivas equipes, o que possibilitou transpor conhecimentos, por exemplo, sobre a realidade da violência de gênero enfrentada pelas mulheres no Brasil e a devida legislação referente a isso. Portanto, o respeito em face do reconhecimento das diferenças sempre esteve atrelado à organização desse projeto – o qual não me permito reduzir a simplesmente "competição".

Em seu ápice, em 2022, a Copa dos Refugiados foi realizada em sete capitais brasileiras, com 54 seleções participantes e mais de 1.100 jogadores inscritos. Os organizadores da copa fizeram reuniões com articuladores relevantes da iniciativa privada e dos setores públicos em todas essas localidades, diluindo entre os membros da organização as responsabilidades para gerir as etapas locais de cada campeonato de forma autônoma. Os objetivos tinham em comum um elemento fundamental: que todos os participantes, mesmo torcedores, pudessem criar e vivenciar um clima de confraternização e de trocas, já que em cada ano um tema central de suas vidas no Brasil era eleito e discutido, facilitando assim a superação das diversas barreiras de integração existentes.

Em diferentes etapas da competição, a organização também contribui para aproximar a copa de políticas públicas voltadas ao aprimoramento dos serviços públicos existentes, tornando-se assim um importante instrumento de *advocacy* alicerçado na realidade pragmática de quem vivencia as dificuldades cotidianas. Somado a esse ensejo, os jogos eram acompanhados também por variadas atividades culturais e artísticas voltadas à valorização das culturas dos países representados, o que tornava ainda mais única a relevância social dessa iniciativa. Todo esse processo fortaleceu a autonomia dessas comunidades e evidenciou o potencial de liderança e organização coletiva, rompendo narrativas que frequentemente associam refugiados apenas à condição de subserviência e de vulnerabilidade. Os talentos notáveis da Copa dos Refugiados estavam nos pés de quem jogava, assim como nas mentes de quem permanentemente buscava por justiça social e maior divisão de oportunida-



Crianças indígenas venezuelanas, abrigadas em Boa Vista (RR), têm no futebol uma atividade complementar de lazer, em que reforçam sociabilidades e constroem vínculos com a comunidade onde residem. Crédito: Miguel Pachioni.

Venezuelan Indigenous children living in a shelter in Boa Vista, Roraima, find in football a complementary recreational activity through which they strengthen social ties and build connections with the community where they live. Credit: Miguel Pachioni.

des, sem que os preconceitos prevalecessem.

Se os benefícios da prática do futebol também se relacionam com a promoção da atividade física, no campo da saúde mental o futebol oferece um amplo potencial de autoconfiança e pertencimento. Fortalece-se com isso um ambiente em que valores como senso comunitário, resolução pacífica de conflitos e igualdade de gênero podem ser fortalecidos. Para crianças e adolescentes refugiados, participar de treinamentos e torneios também ajuda a reconstruir rotinas positivas, oferecendo estabilidade emocional após experiências de deslocamento muitas vezes traumáticas.

A parceria do ACNUR com o Santos F.C. para que crianças refugiadas possam treinar com crianças brasileiras nas escolinhas de futebol Meninos da Vila dialoga muito com essa esfera de saúde mental. Em muitos casos, crianças refugiadas assumem mais responsabilidades do que deveriam, por aprenderem com facilidade o novo idioma e, assim, passarem a negociar os contratos de aluguel, por exemplo. Por isso, garantir que elas tenham espaços para vivenciar a infância é fundamental. Além disso, para grande parte delas, estar no Brasil envolve uma almejada experiência de se envolver com o futebol.

"NO BRASIL, JÁ CHAMADO DE 'PAÍS DO FUTEBOL' E HISTORICAMENTE MOLDADO POR FLUXOS DE CHEGADAS DE DIVERSOS POVOS, PRÓXIMOS OU DISTANTES, ESSE ESPORTE TEM SIDO UM DOS MAIS PODEROSOS MEDIADORES DE INTEGRAÇÃO. ELE CRIA UM IDIOMA COMUM ONDE ANTES HAVIA SILÊNCIO E FACILITA A CONVIVÊNCIA ENTRE AS DIFERENÇAS QUE O COMPÕEM"

Ao permitir que crianças refugiadas ingressem gratuitamente nas suas escolinhas de futebol, o Santos F.C. assume uma responsabilidade social que enaltece o direito de brincar, assim como de criar laços sociais que extrapolam os muros escolares, dentro dos quais comumente as relações sociais são construídas. Há também um componente importante dessa parceria que transpassa a vivência das crianças e

chega diretamente aos pais: o acolhimento mental que sentem ao ver seus filhos e filhas – sim, meninas também podem treinar – compreendendo-se pertencentes à uma comunidade que as acolhe, sem qualquer discriminação ou indiferença, o que amplia o repertório de relações desses jovens. "Estar no Brasil, com meus filhos na escola e vendo que eles estão realizando um sonho de infância, que é poder jogar bola, é muito mais do que eu esperava quando eu só buscava um teto seguro para morar", disse-me uma mãe congolesa ao ver seus pequenos vestirem em um campo sintético o manto com o "10" estampado nas costas.

Por fim, o terceiro exemplo que trago de parcerias do ACNUR ligadas ao universo futebolístico é com a organização holandesa Klabu. Foi montado literalmente um "contêiner esportivo" dentro de um abrigo indígena localizado em Boa Vista, Roraima, chamado Waraotuma a Tuaronoko, que acolhe pessoas das etnias Warao, Kariña, E'ñepa e Wayúu vindas da Venezuela. A ação da Klabu envolveu a instalação de equipamentos para diversas atividades físicas, incluindo o futebol.

O espaço esportivo é operado com o apoio de equipes de voluntários da própria comunidade, que organizam atividades, gerenciam equipamentos e ajudam a definir as prioridades do projeto. Esse modelo fortalece a autonomia, o senso de pertencimento e a liderança comunitária, permitindo que refugiados participem ativamente da construção de soluções para sua própria realidade. Além disso, os voluntários recebem formações específicas para organizar atividades inclusivas e desenvolver habilidades como liderança, trabalho em equipe e comunicação inclusiva. Para muitos participantes, essa experiência representa também uma porta de entrada para novas oportunidades de trabalho e integração social fora do abrigo.

Como aspecto central das atividades, o futebol tem um papel de relevância na integração comunitária por ser organizado de dentro para fora. Quando iniciativas esportivas incluem recortes específicos – como a prática com grupos de uma etnia indígena, em que conhecimentos sobre seus modos de vida e visão de mundo foram sendo compreendidos de uma perspectiva para além da antropológica –, criam-se oportunidades concretas de convivência e trocas culturais. Essas interações contribuem para reduzir estereótipos, promovendo uma narrativa baseada em referências coletivas e conquistas compartilhadas. Dessa forma, o futebol deixa de ser apenas uma atividade recreativa e passa a funcionar como um catalisador de coesão social, fortalecendo tradições e traços culturais já existentes.

Subtrair o exotismo da vivência com as pessoas indígenas, sem que isso deixe de preservar seus hábitos, tradições, costumes e valores, revela algo que chamou profundamente minha atenção durante os jogos com as pessoas indígenas: o futebol sendo praticado em silêncio, no qual a comunicação por meio dos olhares revela

mais do que palavras soltas ao vento. Em comum entre os universos dos povos indígenas venezuelanos está justamente a paixão por jogar como uma grande família, em uma atividade em que imperam o respeito e o *fair play*.

Enfim, no Brasil, já chamado de "país do futebol" e historicamente moldado por fluxos de chegadas de diversos povos, próximos ou distantes, esse esporte tem sido um dos mais poderosos mediadores de integração. Ele cria um idioma comum onde antes havia silêncio e facilita a convivência entre as diferenças que o compõem. É uma ferramenta de proteção, inclusão e saúde física e mental, assim como de autonomia e fortalecimento comunitário. No contexto vigente, em que o deslocamento contemporâneo é um fenômeno atravessado por tensões políticas, sociais, culturais e de disputas de narrativas, "jogar bonito" é estar nos campos da vida com o intuito de oferecer dignidade e escuta.

"TALVEZ O MAIOR GESTO POLÍTICO DO ESPORTE SEJA ESTE: AFIRMAR QUE TODA HISTÓRIA DE DESLOCAMENTO É, TAMBÉM, UMA HISTÓRIA DE PERTENCIMENTO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO"

Se o futebol nos ensina que nenhuma partida se joga sozinho, o mesmo vale para a construção do tecido social do qual fazem parte os jogadores, profissionais ou amadores. Espaços de significância, como as trocas simbólicas em nossa sociedade ou em vínculos de afinidade, podem ser arquibancadas onde diferentes trajetórias de vida encontram reconhecimento; podem ser gramados onde identidades possam ser reconstruídas com dignidade; podem ser espaços esportivos onde histórias antes marginalizadas ganham centralidade e se consagram pelo poder transformador de revelar algo de que temos nos esquecido nestes tempos atuais: os valores da humanidade.

Em um mundo marcado por fronteiras cada vez mais tensionadas e ataques a povos mais fragilizados, talvez o maior gesto político do esporte seja este: afirmar que toda história de deslocamento é, também, uma história de pertencimento em permanente construção, independentemente de camisas, paixões ou estereótipos. E o futebol tem muito a contribuir com isso.


POKER
sodexo



Participantes da Copa dos Refugiados de 2019 cumprimentam-se antes do jogo final do torneio que reuniu pessoas refugiadas e migrantes de diversas nacionalidades, com diferentes cantos e expressões nas arquibancadas do Pacaembu. Crédito: Gabo Morales.

Participants in the 2019 Refugee Cup greet one another before the tournament final, which brought together refugees and migrants of many nationalities, accompanied by chants and expressions from diverse cultures in the stands of the Pacaembu Stadium. Credit: Gabo Morales.

There is something symbolic about discussing human displacement and its relationship with football, especially when it comes to people who have been forcibly displaced, having left their countries of origin because of war, persecution, human rights violations, and, increasingly in today's world, disasters and climate change.

Football is a collective activity made up of individuals whose worlds are shaped by countless life experiences and influences, constantly moving between certainty and uncertainty, rationality and devotion, objectivity and emotion. At its core, football forges identities and is driven by passion. It carries within itself the (unspoken) responsibility of making every moment in which it is played unique, memorable, even timeless. I vividly remember the triumphs of the club I support, along with memories of where I was, what stage of life I was going through, and how what happened on the pitch influenced my state of mind—and that remains true to this day.

While matches are played and goals celebrated by one side and lamented by the other—moments in which identifying with a club crest brings everyone together under a single conviction, that they are united and part of something larger—there is, at the same time, another movement taking place. In many cases, it unfolds far from the stadiums, yet it also shapes the lives of millions of people. This movement is not marked by joy or belonging, but by the tragedy of uprooting. And there is no jersey one can put on to ease such immense suffering.

The UN Refugee Agency, formally known as the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), is an organization of which I am immensely proud to be a part of. It is dedicated to ensuring the rights of groups and individuals who have been forced to leave their homes and communities because of war, climate-related disasters, armed conflict, persecution, or serious human rights violations.[2] According to UNHCR data, more than 120 million people worldwide are currently living in situations of forced displacement. Ahead of them lie paths they never chose to take, as they search for ways to survive safely, secure their rights, and rebuild their lives—ideally close to their families, though that is not always possible. To put these staggering numbers into perspective, they would amount to the thirteenth most populous country in the world, with a population equivalent to more than 1,500 sold-out Maracanã stadiums. Yet behind these statistics lies what is truly at stake: individuals whose identities are absorbed into a collective label, assigned a title imposed upon them (as opposed to earned on the football pitch): "refugee."

People identified under this temporary classification cross multiple structural barriers marked by uncertainty, seeking to rebuild their lives in places where they are often perceived as not belonging. They are seen as outsiders, as inconveniences, through the shallow lens of many observers—hence the very notion of being a "for-

1 Miguel Pachioni is a Communications Officer at the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR).

2 For more information, visit: https://www.acnur.org/br/

eigner." Doubt about the other creates space for mistrust, which in turn generates prejudice, reducing a person's true identity and replacing it with a limited and superficial perception. Through the lens of xenophobia, an entire life story is compressed into a distorted image.

This mistrust often becomes the basis for blaming newcomers for a wide range of social problems that are seen as threatening social welfare and peaceful coexistence among differences—differences that have, in fact, been central to the formation of Brazilian society. I believe this sentiment has roots in the forced displacement of enslaved people from various African countries to Brazil, the country that received the largest number of them, although that would require a different discussion altogether. What I want to emphasize here is that identity itself is contested between narratives that seek to preserve an "group of origin" through isolation as opposed to the richness that emerges from mixing peoples, cultures, values, and lived experiences. These newcomers arrive not to subtract, but to add to the social fabric, multiplying opportunities to embrace the richness that becomes possible when doubt gives way to a genuine spirit of welcome and dignity.

In football, when a player from another country is introduced to a club and begins to "wear the shirt," the immediate reaction is one of collective excitement, accompanied by the belief that they will contribute their dedication, talent, and determination to the team. In society at large, on the other hand, the response to refugees arriving in a new country is often exactly the opposite. Unlike athletes, they are rarely judged by their potential. Instead, they are seen through the lens of perceived threats: that they will overburden public services, lower average wages and purchasing power, take away jobs, increase violence and crime, and so on. These are myths that have been challenged by numerous studies conducted in different countries. Yet they remain easy targets for populist and exclusionary rhetoric, which conveniently ignores the identity of the local population (in this case, Brazilians) and the richness that has always defined it.

But what does football have to do with all of this? Sport in general—and football in particular, given its ability to engage diverse audiences and the visibility of its athletes—can play a powerful role as a mediator of more humane forms of integration, fostering dialogue where doubt and prejudice once prevailed. In sports-based initiatives supported by UNHCR, athletic activity is used as a tool for protection, inclusion, and community strengthening, expanding social networks and deepening understanding of who a refugee is, based on their own narratives and autonomy. Notice the importance of asking *who* a refugee is, rather than *what* a refugee is, thereby avoiding objectification.

UNHCR's strategic partnerships offer a clear sense of how football embraces the individuality of refugees while also creating pathways to information, belonging, and participation in a broader community—a microcosm of society in which they are rebuilding their lives. This transition helps people who have been forcibly displaced become part of a new set of meanings tied to their specific needs for local integration, addressing those needs as a whole without losing sight of the individual behind each demand.

There are three examples I would like to share, drawn from my practical experience and from the experiences of those involved in each of these processes, that illustrate the social role football can play as a mechanism for protection, self-confidence, and community empowerment. Although these projects are designed with specific objectives in mind, it is through their implementation that new needs emerge and can be addressed because, just as in football itself, social relationships develop through the different moments in which people come together and through the ways they are welcomed.

The Refugee Cup ("Copa dos Refugiados," in Portuguese), held in Brazil since 2016, has from the outset relied on the active participation of refugees themselves in its design and implementation. This included the formal establishment of a refugee-led organization—África do Coração/Pacto pelo Direito de Migrar ("Africa at the Heart/Pact for the Right to Migrate," abbreviated as PDMIG in Portuguese)—which became the managing body responsible for this remarkable inclusion initiative. The guiding principle was not simply to create a space where refugees and migrants could participate in a tournament, but also to ensure that all players, represented by their team captains, had a voice in discussions about the realities they faced and the directions the project should take. As the initiative evolved and improved over time, practical decisions reflected this commitment to inclusion. Matches, for example, were not scheduled during Ramadan, out of respect for Muslim traditions of daytime fasting. Likewise, food support was planned to meet nutritional needs while also respecting the dietary guidelines of the various religious groups represented.

Another key element of the Refugee Cup was the inclusion of Brazilian women in the discussions between captains and their respective teams. This created opportunities to share knowledge, for instance about the realities of gender-based violence faced by women in Brazil and the legal protections available to address it. Respect grounded in the recognition of difference has therefore always been central to the organization of this project—one that I hesitate to reduce to the label of a mere "competition."

At its peak, in 2022, the Refugee Cup was held in seven Brazilian state capitals, bringing together 54 national teams and more than 1,100 registered players. The

organizers convened meetings with key stakeholders from both the private and public sectors in each of these locations, distributing responsibilities among members of the organizing network so that local stages of the tournament could be managed autonomously. Across all of these efforts, the objectives shared a fundamental element: ensuring that every participant, including supporters, could experience an atmosphere of fellowship, exchange, and mutual learning. Each year, a central theme related to participants' lives in Brazil was chosen and discussed, helping to overcome many of the barriers to integration they faced.

At different stages of the tournament, the organizers also worked to connect the Refugee Cup with public policies aimed at improving existing public services. In this way, the initiative became an important advocacy tool grounded in the lived realities of those confronting daily challenges. Complementing this effort, the matches were accompanied by a wide range of cultural and artistic activities celebrating the cultures of the countries represented, making the initiative's social significance even more distinctive. The entire process strengthened the autonomy of these communities and highlighted their capacity for leadership and collective organization, challenging narratives that frequently associate refugees solely with subservience and vulnerability. The remarkable talents displayed at the Refugee Cup could be found not only in the feet of those on the pitch, but also in the minds of those who continually sought greater social justice and a fairer distribution of opportunities, refusing to allow prejudice to prevail.

If the benefits of playing football are often associated with physical health, its impact on mental well-being is equally significant. Football fosters self-confidence and a sense of belonging. In doing so, it helps create environments where values such as community spirit, peaceful conflict resolution, and gender equality can flourish. For refugee children and adolescents, participating in training sessions and tournaments also helps rebuild positive routines, offering emotional stability after displacement experiences that are often deeply traumatic.

UNHCR's partnership with Santos F.C., which allows refugee children to train alongside Brazilian children at the club's Meninos da Vila football academies, speaks directly to this dimension of mental well-being. In many cases, refugee children take on more responsibilities than they should, simply because they learn the new language quickly and end up negotiating rental agreements, for example, on behalf of their families. Ensuring that they have spaces where they can experience childhood is therefore essential. Moreover, for many of them, being in Brazil includes the long-held dream of engaging with football.

By allowing refugee children to enroll free of charge in its football academies,

Santos F.C. embraces a social responsibility that upholds both the right to play and the opportunity to build social bonds beyond the school environment, where social relationships are often primarily formed. There is also an important dimension of this partnership that extends beyond the children themselves and directly reaches their parents: the emotional comfort they feel when they see their sons and daughters—yes, girls can train too—coming to understand themselves as part of a community that welcomes them without discrimination or indifference, broadening these young people's networks of relationships. "Being in Brazil, seeing my children in school, and watching them fulfill a childhood dream, the dream of playing football, is far more than I imagined when all I was looking for was a safe roof over our heads," a Congolese mother once told me as she watched her children pull on the shirt bearing the number 10 on the back at a synthetic football pitch.

Finally, the third example I would like to share of UNHCR partnerships connected to the world of football is with the Dutch organization Klabu. Quite literally, a "sports container" was set up inside an Indigenous shelter in Boa Vista, in Roraima state, called *Waraotuma a Tuaronoko*, which hosts members of the Warao, Kariña, E'ñepa, and Wayúu peoples who have arrived from Venezuela. Klabu's initiative included the installation of equipment for a range of physical activities, including football.

The sports space is operated with the support of volunteer teams drawn from the community itself. These volunteers organize activities, manage equipment, and help define the project's priorities. This model strengthens autonomy, a sense of belonging, and community leadership, allowing refugees to participate actively in building solutions for their own circumstances. In addition, volunteers receive specialized training to organize inclusive activities and develop skills such as leadership, teamwork, and inclusive communication. For many participants, this experience also serves as a gateway to new employment opportunities and broader social integration beyond the shelter.

Football plays a central role in these activities because community integration is built from within. When sports initiatives incorporate specific cultural perspectives—such as activities involving Indigenous groups, in which knowledge about their ways of life and worldviews is understood from a perspective that goes beyond a purely anthropological lens—they create concrete opportunities for coexistence and cultural exchange. These interactions help reduce stereotypes, fostering narratives rooted in collective experiences and shared achievements. In this way, football ceases to be merely a recreational activity and becomes a catalyst for social cohesion, strengthening traditions and cultural traits that already exist within these communities.

Removing the sense of exoticism that often surrounds interactions with Indig-

enous peoples, while fully preserving their habits, traditions, customs, and values, revealed something that deeply struck me during matches involving Indigenous participants: football played in silence, where communication through glances conveys more than words carried away by the wind. What these Venezuelan Indigenous communities share is precisely a passion for playing football as an activity of one large family, where respect and fair play prevail.

Ultimately, in Brazil—a country once dubbed the "nation of football" and historically shaped by successive waves of people arriving from both near and far—this sport has become one of the most powerful mediators of integration. It creates a common language where there was once silence and makes coexistence possible among the differences that make up society. It is a tool for protection, inclusion, physical and mental well-being, as well as for autonomy and community empowerment. In today's context, where displacement is a phenomenon marked by political, social, and cultural tensions and by competing narratives, "*jogar bonito*" [playing a beautiful game] means stepping onto the fields of life with the intention of offering dignity and a willingness to listen.

If football teaches us that no match is played alone, the same is true for the social fabric of which players, whether professional or amateur, are all a part. Spaces of meaning, whether in the symbolic exchanges that shape our societies or in networks of affinity and solidarity, can become grandstands where different life trajectories find recognition; they can become pitches where identities are rebuilt with dignity; they can become sporting spaces where stories once pushed to the margins take center stage and are affirmed through the transformative power of revealing something we seem to have forgotten in our times: our shared humanity.

In a world marked by increasingly contested borders and by attacks on the most vulnerable populations, perhaps the greatest political act of sport is this: to affirm that every story of displacement is also a story of belonging that remains under construction, regardless of jerseys, loyalties, or stereotypes. And football has much to contribute to that project.







ENTRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO:

A imagem do retirante na exposição *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará*

Between Memory and Representation: The Representation of the Migrant Figure *in the Exhibition* Along the Tracks of Time: Stories of Ceará's Railway

José Jardelson Rufino Lima e
José Wellington Sousa Martins[1]

INTRODUÇÃO

Os espaços museológicos configuram-se como ambientes orgânicos e dinâmicos, isto é, vivos, que possibilitam ao público visitante experiências diretas com materialidades culturais de relevância histórica para a sociedade. Nesses espaços desenvolvem-se processos de produção, mediação e difusão do conhecimento, além de ações voltadas à preservação e à valorização de diferentes tipos de patrimônios e memórias. Dessa forma, os museus também refletem as múltiplas relações estabelecidas entre os indivíduos, seu meio social e o tempo histórico em que estão localizados.

A comunicação é um fator fundamental na experiência museal, pois influencia a forma como os visitantes se envolvem, interpretam e constroem significados a partir das exposições e dos objetos apresentados. Nesse contexto, compreender a natureza dos processos comunicacionais nos museus torna-se essencial para o aprimoramento das estratégias educativas, para o fortalecimento do diálogo com os visitantes e para a promoção de experiências mais participativas e significativas. Dessa forma, a comunicação contribui para a construção de sentidos compartilhados entre o museu, seus acervos e a sociedade.

1 José Jardelson Rufino Lima é graduando em História pela Universidade Estadual do Ceará e integra o Núcleo Educativo do Museu Ferroviário Estação João Felipe, equipamento da Secretaria da Cultura do Ceará, gerido em parceria com o Instituto Mirante de Cultura e Arte. Desenvolve pesquisas nas áreas de memória, museus e seca.

José Wellington Sousa Martins é licenciado em História pela Universidade Estadual do Ceará, com especialização em História do Brasil pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Atua em equipamentos culturais na cidade de Fortaleza/CE desde 2017. É supervisor do Núcleo Educativo do Museu Ferroviário Estação João Felipe, equipamento da Secretaria da Cultura do Ceará, gerido em parceria com o Instituto Mirante de Cultura e Arte. Realiza pesquisa na área de Patrimônio Cultural.

Contudo, é fundamental reconhecer que tais instituições não são neutras ou inocentes: nelas se manifestam disputas simbólicas e narrativas, evidenciando que a construção e a preservação da memória são atravessadas por constantes conflitos e negociações. Chartier (1990, p.17) disserta sobre essas representações:

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.

À luz dessa reflexão, para analisar a representação da imagem do retirante presente na expografia da exposição intitulada *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará* [2] – localizada no Museu Ferroviário Estação João Felipe, em Fortaleza, espaço da Secretaria da Cultura do Ceará –, é fundamental levar em consideração as bases ideológicas que historicamente moldaram os discursos sobre as secas no Nordeste. Em muitos desses discursos, a figura do retirante foi construída a partir de uma lógica utilitarista, segundo a qual essas populações deveriam ser incorporadas como força de trabalho em obras públicas (construção de açudes, pedreiras e ferrovia) em oposição à prática de pedir esmolas. Assim, reinou uma narrativa que associava a gestão das secas não apenas à política de socorro, mas também à mobilização da mão de obra sertaneja como instrumento de ordenamento social.

A SECA NO CEARÁ: A CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA POLÍTICO

A temática da seca é algo presente no cotidiano da população cearense, cujo efeito pode ser sentido tanto no plano físico quanto no emocional, atravessando gerações. De fenômeno meramente climático a problema político e econômico, a seca, com o passar dos anos, tornou-se parte do horizonte social dos cearenses, assim como

a forma de lidar com ela também passou a compor essa experiência. Seria aquela que adentra o mundo do poder constituído e avança ao centro do imaginário (Neves, 2000), capaz de trazer um reordenamento do espaço vivido, criando e recriando cenários capazes de mudar profundamente as relações anteriormente constituídas.

O Ceará, historicamente, foi marcado por períodos de grandes estiagens. Mesmo com relatos de secas em outros momentos, os episódios de 1877, 1915 e 1932 estão entre aqueles de maior impacto e repercussão.[3] Mas em que momento a seca deixa de ser um fenômeno, principalmente natural, para ser encarado como um problema regional e nacional dentro das esferas políticas, econômicas e sociais? Neves (2000) aponta que foi a partir de 1877 que a seca passou a ser encarada para além do fenômeno climático, e os motivos são diversos. Podemos citar que, além de ter sido uma das mais trágicas em termos numéricos,[4] foi também muito noticiada e acompanhada no século XIX por jornais, revistas, intelectuais, entre outros, que nos explanam tal período.

Como afirma Albuquerque Júnior (1995), o marco de 1877 não é a explicação em si, mas foi caracterizado por um processo conflituoso, com práticas e discursos que inauguram a chamada "Seca do Norte".[5] É naquele momento que se constroem narrativas sobre aquilo que acontecia, seja por meio da chamada "indústria da seca", seja pela construção de uma identidade nordestina que, muitas vezes, era associada à pobreza e ao atraso.

A construção dessas narrativas e perspectivas também contribuiu para que a questão da seca passasse a exigir respostas mais sistemáticas do poder público. Durante o final do século XIX e ao longo do século XX, esse cenário começa a ganhar cada vez mais contornos. O cotidiano vivenciado no final do século XIX viria a congregar uma série de experiências que influenciaram os caminhos e as práticas adotadas nos anos seguintes. As movimentações em torno de medidas que pudessem conter o impacto da seca foram sendo pensadas e ampliadas por diferentes setores da sociedade, mas principalmente por parte do Estado, que naquele momento se colocou à frente no enfrentamento desses problemas, sobretudo no período pós-República, quando a seca com frequência era associada à pobreza e o Estado era cobrado em busca de soluções (Gomes, 1999).

A partir desse cenário foram criadas a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909, a Comissão de Obras Novas Contra as Secas, em 1915, e a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, que posteriormente resultaria no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Tais medidas foram tomadas buscando oferecer respostas institucionais para o enfrentamento das estiagens. São tentativas de minimizar os efeitos das secas através de obras como a

2 Inaugurado em 2023 e localizado em um dos pavilhões da Pinacoteca do Ceará, em antigos galpões da Rede Ferroviária Federal S.A., o Museu Ferroviário Estação João Felipe abriga a exposição de longa duração intitulada *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará*, com curadoria assinada por André Scarlazzari e Marcus Braga. Entre objetos, fotografias e documentos, a mostra reúne 180 obras, e seu acervo é oriundo dos objetos remanescentes do extinto Museu do Centro de Preservação da História Ferroviária do Ceará, em atividade entre 1982 e 1999 nas antigas Oficinas Demosthenes Rockert – conhecidas como Oficinas do Urubu, em Fortaleza. Na entrada da exposição, a cenografia de uma bilheteria, com arquitetura e ambientação inspiradas nas estações ferroviárias do interior do estado recebe o público. Mais adiante, o visitante se depara com sacas de café e fardos de algodão, fazendo uma alusão aos produtos que, na época, alavancaram e justificaram economicamente a construção da ferrovia no estado. Em seguida, o público encontra painéis que discutem temas como os impactos sociais e ambientais, os diferentes trabalhadores da ferrovia, além de outros objetos que fizeram parte da história ferroviária no estado do Ceará. A exposição ainda conta com projeções de locomotivas em tamanho real e um monitor profissional *touch screen* que apresenta aos visitantes fotos e informações relacionadas à via férrea cearense. Além disso, para garantir o acesso das pessoas com deficiência ao equipamento, o museu dispõe de tradução em Libras e audiodescrição em todos os painéis e obras da exposição. A sala expositiva abriga também objetos táteis como proposta didático-pedagógica, como miniaturas de trens e de peças do cenário ferroviário. Por fim, abafadores de ruído estão disponíveis para visitantes com hipersensibilidade sensorial.

ferrovia, estradas, açudes, poços, entre outras intervenções, e elas passaram a congregar boa parte dos retirantes que migraram em busca de auxílio e sobrevivência, funcionando também como espaços de assistência e de controle social sobre essas populações atingidas pela seca.

Portanto, quando falamos desse histórico de secas no Norte/Nordeste e especificamente no Ceará, nós nos deparamos com inúmeras questões que atravessam diferentes dimensões da vida humana. De fator climático a problema político, essa temática também foi parte e produto de narrativas que ajudaram a moldar o que conhecemos como seca e como Nordeste. No centro de toda essa discussão histórica, encontra-se uma figura fundamental: o retirante, que na prática vivenciou os impactos da seca e das transformações que ela provocou na sociedade nordestina.

A FIGURA DOS RETIRANTES: MEMÓRIA, MIGRAÇÃO E EXPERIÊNCIAS

Em que momento das nossas vidas passamos a tomar conhecimento da palavra e do ser "retirante"? As secas que atingiram o Ceará formaram grande leva de pessoas que foram afetadas diretamente pelos efeitos da estiagem e que migraram em busca de auxílio. Esse movimento migratório era sempre marcado por um forte impacto nas diferentes dimensões da vida humana. Migrar, no contexto de seca, era quase sempre um processo doloroso, pois significava deixar para trás histórias, vínculos e formas de vida, mergulhando muitas vezes em um futuro incerto. A cada nova estiagem, esses deslocamentos ganhavam contornos diversos, sendo marcados por inúmeras movimentações dos retirantes, carregadas de estratégias e tentativas de sobrevivência.

A experiência da seca e daqueles afetados por ela foi sendo construída ao longo das sucessivas estiagens. A grande seca de 1877, por exemplo, deixou marcas e produziu experiências que seriam disseminadas ao longo dos anos na memória dos retirantes. Durante esses períodos de estiagem, constituía-se uma relação entre memória e experiência: os retirantes que precisavam partir em busca de auxílio carregavam memória das experiências vividas em estiagens anteriores, o que influenciava suas decisões e estratégias durante novos deslocamentos.

Nesse contexto, em meio às medidas de enfrentamento promovidas pelo Estado, sobretudo as obras públicas, muitos retirantes depositavam suas esperanças em diferentes frentes, inclusive nas próprias obras. Como aponta Ferreira (2009), mesmo diante do rigor do trabalho, buscar uma saída para obras mais próximas podia significar menos sofrimento. Assim, com a chegada da seca de 1915, os retirantes que precisaram bater em retirada já carregavam consigo uma memória das

3 Isso se deve ao fato de que as secas citadas trouxeram consigo uma série de implicações nas diferentes dimensões da vida humana. No século XIX, o Ceará registrou algumas epidemias que, associadas ao contexto da seca, afetaram diretamente a sociedade cearense. Uma dessas epidemias foi a de varíola, que, durante a seca de 1877, espalhou-se rapidamente entre a população, provocando inúmeras mortes. Já nas secas do século XX, temos a criação dos campos de concentração, espaços pensados para conter o fluxo de retirantes que migravam em direção às cidades, funcionando como instrumentos de controle social e isolamento dessas populações. Sobre o tema, cf. Maia (2022), Costa (2004), Rios (2014) e Neves (1995).

4 Cf. bibliografia indicada na nota anterior, especialmente Maia (2022) e Costa (2004).

5 O termo faz referência a um contexto vivido no Brasil durante o século XIX em que ainda não se tinha, conceitualmente e geograficamente, a configuração da Região Nordeste, algo que ocorreu durante o século XX. Sobre o tema, cf. Albuquerque Júnior (1995).

O pesquisador e professor Robério S. Souza conduziu a palestra "As experiências negras nas estradas de ferro do Brasil", com mediação do professor Arilson dos Santos Gomes, no III Festival Afrocearensidades. Crédito: Tainá Cavalcante.

*R*esearcher and professor Robério S. Souza gave a lecture titled "Black Experiences on Brazil's Railroads," moderated by professor Arilson dos Santos Gomes, at the III Festival Afrocearensidades. *Credit: Tainá Cavalcante.*



experiências vividas em estiagens anteriores. Em levas e, muitas vezes, reunidos em famílias, eles elaboravam variadas estratégias de sobrevivência, que se traduziam, também, na chegada em grande número às obras à procura de auxílio. Evitando, sempre que possível, uma saída brusca dos seus locais de origem, muitos retirantes tentavam firmar no chão do trabalho o enfrentamento dos efeitos da seca.

As obras públicas tornaram-se, portanto, e intencionalmente, pontos centrais nos percursos desses migrantes. Como aponta Cândido (2014, p. 98):

> Na verdade (as obras) foram criadas exatamente para conter os "excessos" das migrações, tentando evitar a massiva "fuga de braços" dos sertões ou as grandes aglomerações de retirantes nas cidades do litoral. As imensas multidões de pessoas que confluíam para essas obras, ao ali chegarem, já haviam antes percorrido longas trajetórias. [...] Suas experiências migratórias prévias eram, assim, um dado importante no momento do engajamento e durante a vivência no cotidiano de trabalho. Por outro lado, muitos não perduravam nas obras, partindo – isoladamente ou em grupos – na intenção de forjar outras estratégias pessoais para enfrentar as duras jornadas da seca [...].

Dessa forma, as frentes de trabalho foram espaços pensados e inseridos nesse trajeto migratório. Foram lugares pensados como espaços de assistência, assim como de controle e disciplinamento da população retirante, tornando-se também espaços de conflitos sentimentais e físicos, onde, mesmo após chegarem às obras depois de longos deslocamentos, os retirantes continuavam a elaborar novas estratégias para enfrentar as dificuldades impostas pela estiagem.

"A COMUNICAÇÃO É UM FATOR FUNDAMENTAL NA EXPERIÊNCIA MUSEAL, POIS INFLUENCIA A FORMA COMO OS VISITANTES SE ENVOLVEM, INTERPRETAM E CONSTROEM SIGNIFICADOS"

Com base nessa relação entre migração e obras, dentro desse contexto das secas do final do século XIX e do início do século XX, podemos citar como exemplo a construção da antiga Estação Central, também conhecida como Estação Ferroviária

Professor João Felipe, que hoje abriga o Complexo Cultural Estação das Artes em Fortaleza e que está presente na narrativa expográfica da exposição *Nos trilhos do tempo*. Sendo a primeira estação construída para o projeto ferroviário no estado (iniciado em 1870), a estação foi concluída em 1880 e contou com a mão de obra dos retirantes da seca de 1877. Ela constitui, assim, um dos marcos materiais dessa relação entre os retirantes e as obras.

Nesse período, Fortaleza passou a se apresentar como um dos caminhos mais tomados pelos retirantes. Isso se deve tanto à importância política e econômica que a cidade tinha no contexto do século XIX quanto à própria relação com a ferrovia, que despontava como uma das principais obras da província e era vista como símbolo de progresso e modernização. Contudo, a chegada dessa população à cidade representava um contraste marcante entre progresso e atraso, seja pelo Estado ou para a elite local. Com isso, os retirantes foram cada vez mais afastados para as frentes de trabalho e para locais de isolamento espalhados pelo Ceará.

Um exemplo dessa política de isolamento foram os campos de concentração, criados durante as secas de 1915 e 1932, que constituíam uma estratégia de controle desse fluxo migratório. Espalhados por diferentes regiões do estado, esses espaços tinham como objetivo reunir e vigiar os retirantes durante o período de seca, servindo também como forma de controle desse processo migratório, seja para conter o avanço para grandes centros urbanos, seja para controlar a entrada e a saída para as frentes de trabalho (Rios, 2014).

Além disso, outras obras também mobilizaram grande quantidade de trabalhadores retirantes. Um exemplo importante foi a construção da Estrada de Ferro de Baturité, em 1870, que ligava Fortaleza ao Maciço de Baturité. Seu principal objetivo era facilitar o escoamento de mercadorias até o litoral, especialmente o café e o algodão. A obra contou com a presença significativa dos retirantes, que, transformados em operários, participaram diretamente da construção da estrada de ferro que se apresentava como um dos projetos de progresso da província (Silva, 2013). Da mesma forma, diversas obras de açudagem espalhadas pelo interior do estado, como os açudes de Patu e Tucunduba, foram erguidas com a participação desses trabalhadores.

A presença dos retirantes nesses inúmeros espaços também contribuiu para a formação de novos territórios. No final do século XIX, por exemplo, em meio à construção da Estação Central, as chegadas sucessivas dos retirantes à capital estiveram relacionadas à formação do Moura Brasil, bairro que se origina a partir da presença de trabalhadores retirantes da seca. Já ao longo do século XX, outro espaço marcante dessa presença foi a região onde hoje se localiza o bairro Pirambu, no litoral oeste de Fortaleza. Durante o período das secas, essa área abrigou um dos

chamados campos de concentração, conhecido como "campo do Urubu", destinado a concentrar retirantes que chegavam à capital durante os períodos de estiagem.

Diante desse cenário, percebe-se que os retirantes que partiam em busca de auxílio traziam consigo questionamentos tanto do momento presente quanto das memórias acumuladas das secas anteriores. O ato de migrar era constantemente pensado e reavaliado, marcado por decisões que envolviam riscos, expectativas e estratégias. Muitos dos retirantes que chegavam às obras ou em outros locais de assistência durante a estiagem, quando esta amenizava, optavam por permanecer na região onde estavam, não pelo "apoio" ou pela "assistência" disponível, mas sim por temer enfrentar novamente os caminhos incertos provocados por novas secas.

Assim, ao migrarem, os retirantes não levavam consigo apenas a necessidade imediata de sobrevivência, mas também uma série de anseios. Espalhados em vários locais do Brasil além de em Fortaleza e no Ceará, os retirantes, ao mesmo tempo que construíram ferrovia, açudes e cidades, construíram também suas próprias trajetórias históricas, deixando marcas profundas na formação social do Ceará.

REPRESENTAÇÃO DO RETIRANTE E MEDIAÇÃO EDUCATIVA NA EXPOSIÇÃO *NOS TRILHOS DO TEMPO*

A partir desse contexto histórico apresentado, torna-se importante refletir sobre a representação do retirante na exposição *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará*. Dentro da concepção expográfica,[6] há um módulo intitulado "Impactos sociais", no qual essa temática aparece de forma mais evidente. A presença dos retirantes pode ser trabalhada em praticamente toda a exposição, contudo é nesse módulo que se evidencia de maneira direta a relação dessas pessoas com a seca e com as obras públicas. Nesse cenário, a presença dos retirantes é evocada não apenas como trabalhadores durante os períodos de estiagem, mas como sujeitos históricos que atravessaram diferentes trajetórias e elaboraram diferentes estratégias de enfrentamento tanto às questões climáticas quanto às políticas, aspecto já discutido anteriormente neste texto.

Nesse sentido, o trabalho educativo desenvolvido pelos educadores do Museu Ferroviário assume um papel fundamental na ampliação das interpretações dessa narrativa. Durante as mediações, o público é convidado a refletir sobre os retirantes para além da ideia de simples presença nas construções, tensionando essa narrativa ao inserir discussões sobre seca, migração, políticas de assistência e mecanismos de controle social que fizeram parte das experiências dessas populações. Sendo assim, a atuação dos educadores contribui para problematizar a presença dos retirantes na construção da ferrovia, bem como em diferentes espaços da sociedade.

6 Sobre a exposição, cf. a primeira nota da introdução deste texto.



Alojamento de uma das famílias dos flagelados, fev. 1920. Crédito: Biblioteca Nacional.

Housing for one of the families affected by the disaster, Feb. 1920. Credit: National Library.

Evidencia-se, dessa maneira, não apenas a importância da exposição, mas também o papel do museu em construir novas propostas educativas que ampliem o debate sobre essa temática. Como exemplo, destaca-se a parceria entre o Museu Ferroviário Estação João Felipe e a Casa de Saberes Cego Aderaldo, de Quixadá, no Ceará, a partir da qual foi realizada uma formação em Senador Pompeu (CE) para moradores da cidade, resultando em uma exposição intitulada *Memórias em movimento: entre o campo, a estação e a devoção*. Com essa iniciativa, foi possível discutir as relações entre seca, ferrovia e retirantes em um território diretamente marcado por essa história, uma vez que a cidade foi ponto de um dos maiores campos de concentração do Ceará: o Campo do Patu, cujas marcas materiais e simbólicas podem ser vistas e sentidas tanto nas estruturas remanescentes do campo quanto na realização da Caminhada da Seca, evento que ocorre anualmente em memória dos retirantes.

"A FIGURA DOS RETIRANTES PODE SER COMPREENDIDA COMO ALGO ALÉM DA MÃO DE OBRA: TRATA-SE DE SUJEITOS HISTÓRICOS CUJAS NARRATIVAS ESTÃO PROFUNDAMENTE LIGADAS ÀS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS, ECONÔMICAS E CULTURAIS VIVIDAS NO CEARÁ"

Essas experiências também evidenciam a importância das ações educativas na construção e na problematização dessas representações sobre retirantes. A partir da mediação e da relação estabelecida entre exposição, educadores e público, emergem novas camadas de interpretação sobre a história da ferrovia, das secas e das migrações. Assim, a figura dos retirantes pode ser compreendida como algo além da mão de obra: trata-se de sujeitos históricos cujas narrativas estão profundamente ligadas às transformações sociais, políticas, econômicas e culturais vividas no Ceará.

CONCLUSÃO

Ao analisar a representação do retirante na exposição *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará,* evidencia-se a importância de compreender como narrativas

historiográficas são construídas, selecionadas e comunicadas no espaço museal. É fato que as representações não são neutras: elas são atravessadas por disputas simbólicas, interesses e perspectivas que influenciam a forma como o passado é interpretado e apresentado ao público.

Assim, refletir sobre essas representações contribui não apenas para ampliar o entendimento sobre a história das secas, das migrações e da ferrovia local, mas também para problematizar a forma como as memórias e experiências sociais são narradas, valorizadas ou silenciadas. Desse modo, o Museu Ferroviário Estação João Felipe reafirma seu potencial como espaço crítico de mediação cultural, capaz de promover diálogos mais plurais sobre o passado, reconhecendo a complexidade das experiências e protagonismo daqueles que, como os retirantes, participam ativamente da construção histórica.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 28, p. 111-120, 1995.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Proletários das secas*: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Maria Clélia. Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 11, n. 1, p. 57-74, jan./abr. 2004.

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Enxadas e compassos*: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. *In*: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 53-72.

MAIA, Janille Campos. *O cortejo da moléstia*: varíola, seca e assistência à saúde no Ceará (1877-1913). 2022. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história*: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de janeiro: Relume-Dumará, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. Currais dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 9, p. 93-122, 1995.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder*: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SILVA, Wendell Guedes da. *A todo vapor!* Formação de trabalhadores na estrada de ferro de Baturité (1877-1880). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

INTRODUCTION

Museums are living, dynamic environments that enable visitors to engage directly with culturally significant material expressions that hold historical value for society. Within these spaces, processes of knowledge production, mediation, and dissemination take place, alongside initiatives aimed at preserving and valuing different forms of heritage and memory. Museums thus also reflect the multiple relationships established between individuals, their social environment, and the historical moment in which they are situated.

Communication is a fundamental aspect of the museum experience, as it shapes how visitors engage with, interpret, and construct meanings from exhibitions and the objects on display. In this context, understanding the nature of communication processes within museums becomes essential for improving educational strategies, strengthening dialogue with visitors, and fostering more participatory and meaningful experiences. Communication therefore contributes to the construction of shared meanings between the museum, its collections, and society.

It is important to recognize, however, that such institutions are neither neutral nor innocent. They are spaces where symbolic disputes and competing narratives emerge, revealing that the construction and preservation of memory are constantly shaped by conflict and negotiation. Reflecting on these representations, Chartier (1990, p. 17) writes:

> Representations of the social world, though they may aspire to the universality of a diagnosis grounded in reason, are always determined by the interests of the groups that produce them. Hence, in every case, it is necessary to relate the discourses being articulated to the position of those who employ them. [...] Perceptions of the social world are by no means neutral discourses: they generate strategies and practices (social, educational, political) that seek to impose authority at the expense of others whom they marginalize, to legitimize reformist projects, or to justify individuals' own choices and conduct. For this reason, this investigation of representations assumes that they always operate within fields of competition and struggle whose stakes are expressed in terms of power and domination.

In light of this reflection, any analysis of the representation of the *retirante*[2] within the exhibition *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará* [Along the Tracks of Time: Stories of Ceará's Railway],[3] located at the João Felipe Station Railway Museum in Fortaleza, a cultural institution of the Ceará State Secretariat of Culture, must take into account the ideological foundations that have historically shaped narratives

1 José Jardelson Rufino Lima is pursuing a bachelor's degree in History at Ceará State University. He is a member of the Educational Department of the João Felipe Station Railway Museum, an institution of the Ceará State Secretariat of Culture managed in partnership with the Mirante Institute of Culture and Art. His research focuses on memory, museums, and drought.

José Wellington Sousa Martins holds a degree in History from Ceará State University and a specialization in Brazilian History from the State University of Vale do Acaraú. He has worked in cultural institutions in Fortaleza, Ceará, since 2017. He is the supervisor of the Educational Department of the João Felipe Station Railway Museum, an institution of the Ceará State Department of Culture managed in partnership with the Mirante Institute of Culture and Art. His research focuses on Cultural Heritage.

2 A drought-displaced migrant, especially from Brazil's Northeast. [Translator's note]

about drought in Brazil's Northeast. In many of these narratives, the figure of the *retirante* was constructed according to a utilitarian rationale, according to which these populations should be incorporated as labor for public works projects—such as the construction of reservoirs, quarries, and railways—instead of resorting to begging. As a result, a dominant narrative emerged that linked drought management not only to relief policies but also to the mobilization of *sertanejo*[4] labor as an instrument of social control and order.

DROUGHT IN CEARÁ: THE CONSTRUCTION OF A POLITICAL PROBLEM

Drought is a constant presence in the daily life of the people of Ceará, and its effects are felt on both physical and emotional levels, across generations. From a purely climatic phenomenon to a political and economic problem, drought gradually became part of the social horizon of Ceará's population, and so too did the ways of dealing with it. It entered the sphere of established power and advanced into the center of the collective imagination (Neves, 2000), capable of reshaping everyday life and creating and recreating scenarios that profoundly altered previously established social relations.

Historically, Ceará has been marked by periods of severe drought. Although droughts had occurred at other times, the episodes of 1877, 1915, and 1932 rank among those with the greatest impact and repercussions.[5] But when did drought cease to be understood primarily as a natural phenomenon and begin to be regarded as a regional and national problem within political, economic, and social spheres? Neves (2000) argues that it was from 1877 onward that drought came to be viewed as something beyond a climatic event, for several reasons. In addition to being one of the most tragic droughts in quantitative terms,[6] it was also extensively reported and followed throughout the 19th century by newspapers, magazines, intellectuals, and other observers whose accounts help illuminate that period.

As Albuquerque Júnior (1995) points out, the significance of 1877 lies not in the event itself as a complete explanation, but in the fact that it was marked by a conflict-ridden process involving practices and discourses that inaugurated what became known as the "Northern Drought" [*Seca do Norte*].[7] Around that time, narratives began to take shape describing what was happening, whether through what later became known as the "drought industry" or through the construction of a Northeastern identity often associated with poverty and backwardness.

The development of these narratives and perspectives also contributed to

3 Opened in 2023 and located in one of the pavilions of Pinacoteca do Ceará art museum, in former warehouses of the Brazilian Federal Railway Network Corporation, the João Felipe Station Railway Museum houses the long-term exhibition *Along the Tracks of Time: Stories of Ceará's Railway*, curated by André Scarlazzari and Marcus Braga. Featuring objects, photographs, and documents, the exhibition brings together 180 items from the collection of the former Museum of the Ceará Railway History Preservation Center, which operated from 1982 to 1999 in the former Demosthenes Rockert Workshops—known locally as the *Urubu Workshops*—in Fortaleza. At the entrance to the exhibition, visitors are welcomed by a ticket-office set design inspired by the architecture and atmosphere of railway stations in the interior of Ceará. Further along, sacks of coffee and bales of cotton evoke the commodities that drove and economically justified the construction of the railway in Ceará state at the time. Visitors then encounter panels addressing topics such as the social and environmental impacts of the railway, the diverse groups of railway workers, and other objects that form part of Ceará's railway history. The exhibition also features life-size locomotive projections and a professional-grade touchscreen monitor providing photographs and information related to Ceará's railway system. To ensure accessibility for people with disabilities, the museum offers Brazilian Sign Language (Libras) translation and audio description for all exhibition panels and objects. The exhibition space also includes tactile objects as part of its educational approach, such as scale models of trains and railway infrastructure. Finally, noise-cancelling earmuffs are available for visitors with sensory hypersensitivity.

4 Pertaining to the culture and identity of Brazil's semi-arid northeastern interior. [Editor's note]

5 This is because the droughts mentioned had a series of implications across different dimensions of human life. In the 19th century, Ceará experienced several epidemics that, combined with the effects of drought, directly impacted local society. One of

making drought a matter that demanded more systematic responses from public authorities. From the late 19th century and throughout the 20th century, this process became increasingly defined. The experiences of daily life at the end of the 19th century gave rise to a range of practices and understandings that would shape the paths taken in subsequent decades. Efforts to develop measures capable of mitigating the impact of drought expanded across different sectors of society, but especially within the state apparatus, which increasingly assumed a leading role in addressing these challenges, particularly after the establishment of the Republic (1889), when drought was frequently associated with poverty and the state was pressed to provide solutions (Gomes, 1999).

Within this context, a series of institutions were created: the Inspectorate of Works Against Droughts (IOCS, for the Portuguese acronym) in 1909, the Commission for New Works Against Droughts in 1915, and the Federal Inspectorate of Works Against Droughts (IFOCS) in 1919, which would later become the National Department of Works Against Droughts (DNOCS). These measures sought to provide institutional responses to recurring droughts. They represented attempts to lessen the effects of drought through projects such as railways, roads, reservoirs, wells, and other infrastructure works. Such projects also absorbed large numbers of *retirantes* who migrated in search of aid and survival, functioning not only as spaces of assistance but also as mechanisms of social control over populations affected by drought.

Therefore, when discussing the history of droughts in Brazil's Northeast, and particularly in Ceará, we encounter a wide range of issues that cut across multiple dimensions of human life. From a climatic factor to a political problem, drought has also been both a constituent element and an outcome of narratives that helped define what we understand today as drought itself and as the Northeast. At the center of this historical discussion stands a key figure: the *retirante*, who directly experienced the impacts of drought and the transformations it brought to Northeastern society.

THE FIGURE OF THE *RETIRANTES*: MEMORY, MIGRATION, AND LIVED EXPERIENCE

At what point in our lives do we first become familiar with the word and the figure of the *retirante*? The droughts that struck Ceará gave rise to large waves of people directly affected by prolonged dry spells who migrated in search of assistance. This migratory movement always carried a profound impact across different dimensions of human life. In the context of drought, migration was almost always a painful process, as it meant leaving behind stories, relationships, and ways of life, often

these was the smallpox epidemic, which spread rapidly among the population during the drought of 1877, causing numerous deaths. During the droughts of the 20th century, concentration camps were established as spaces designed to contain the flow of *retirantes* moving toward urban centers, functioning as instruments of social control and isolation. On this topic, see Maia (2022), Costa (2004), Rios (2014), and Neves (1995).

6 See the bibliography cited in the previous note, especially Maia (2022) and Costa (2004).

stepping into an uncertain future. With each new drought, these displacements took on different forms, marked by countless movements of the *retirantes*, shaped by strategies and attempts at survival.

The experience of drought, and of those affected by it, was forged through successive periods of hardship. The Great Drought of 1877, for example, left lasting marks and generated experiences that would be carried forward in the collective memory of the *retirantes*. During these periods of drought, a relationship emerged between memory and experience: those forced to leave in search of aid carried memories of previous droughts, and these memories influenced their decisions and survival strategies during subsequent displacements.

Within this context, amid the measures adopted by the state to combat drought, especially public works projects, many *retirantes* pinned their hopes on a variety of opportunities, including the works themselves. As Ferreira (2009) notes, despite the harshness of the labor involved, securing a position on a nearby project could mean less suffering. Thus, when the drought of 1915 arrived, the *retirantes* forced to move already carried with them memories of experiences from earlier droughts. Traveling in waves and often accompanied by family members, they developed a range of survival strategies, one of which was arriving in large numbers at public works sites in search of assistance. Avoiding, whenever possible, an abrupt departure from their places of origin, many sought to confront the effects of drought by anchoring themselves in work.

Public works projects therefore became, intentionally, central points along the routes taken by these migrants. As Cândido (2014, p. 98) observes:

> In fact, the works were created precisely to contain the "excesses" of migration, seeking to prevent the massive "flight of labor" from the hinterlands or the large concentrations of *retirantes* in coastal cities. The immense crowds who converged on these projects had already traveled long distances before arriving. [...] Their previous migratory experiences were thus an important factor during both recruitment and daily work life. At the same time, many did not remain at the works for long, leaving—alone or in groups—in an effort to forge other personal strategies for confronting the harsh realities of drought [...].

In this way, public works sites were conceived and incorporated into the migratory routes themselves. They were designed as spaces of assistance, but also of control and discipline over the *retirante* population. They became sites of emotional and physical conflict where, even after reaching the sites following long and difficult

7 The term refers to a historical context in 19th-century Brazil in which the Northeast Region had not yet been established as a distinct conceptual and geographical region, a process that only took shape during the 20th century. On this topic, see Albuquerque Júnior (1995).

journeys, the *retirantes* continued to devise new strategies for coping with the hardships imposed by drought.

This relationship between migration and public works can be illustrated through the construction of the former Central Station, also known as Professor João Felipe Railway Station, which today houses the Estação das Artes Cultural Complex in Fortaleza and features prominently in the exhibition narrative of *Nos trilhos do tempo*. As the first station built as part of the state's railway project (launched in 1870), it was completed in 1880 with the labor of *retirantes* displaced by the drought of 1877. It therefore stands as one of the material landmarks of the relationship between drought migrants and public works.

During this period, Fortaleza increasingly became one of the main destinations for *retirantes*. This was due both to the city's political and economic importance in the 19th century and to its connection with the railway, which emerged as one of the province's major public works projects and was viewed as a symbol of progress and modernization. Yet the arrival of large numbers of drought migrants also created a striking contrast between progress and backwardness, at least in the eyes of state authorities and local elites. As a result, *retirantes* were increasingly moved to public works sites and isolation facilities scattered throughout Ceará.

One example of this policy of isolation was the concentration camps established during the droughts of 1915 and 1932, which formed part of a strategy to control migratory flows. Spread across different regions of the state, these camps were designed to gather and monitor *retirantes* during periods of drought. They also functioned as mechanisms for regulating migration itself, whether by preventing the movement of drought migrants toward major urban centers or by controlling access to and from public works sites (Rios, 2014).

In addition, other infrastructure projects mobilized large numbers of *retirante* workers. One important example was the construction of the Baturité Railway in 1870, which connected Fortaleza to the Baturité Massif. Its primary purpose was to facilitate the transportation of goods to the coast, especially coffee and cotton. The project relied heavily on the labor of *retirantes*, who, transformed into laborers, played a direct role in building a railroad that was presented as one of the province's flagship projects of progress and modernization (Silva, 2013). Likewise, numerous reservoir projects across the interior of the state, such as the Patu and Tucunduba reservoirs, were built with the participation of these workers.

The presence of *retirantes* in these various spaces also contributed to the formation of new territories and communities. In the late 19th century, for example, amid the construction of the Central Station, successive waves of drought migrants

arriving in the capital were linked to the emergence of Moura Brasil, a neighborhood that grew out of the presence of workers displaced by drought. Throughout the 20th century, another significant site associated with this presence was the area now occupied by the Pirambu neighborhood, on Fortaleza's western shore. During periods of drought, the area housed one of the so-called concentration camps, known as the "Urubu [Vulture] Camp," established to concentrate *retirantes* arriving in the capital during times of severe drought.

Against this backdrop, it becomes clear that the *retirantes* who set out in search of assistance carried questions shaped both by the present moment and by memories accumulated from previous droughts. Migration was constantly weighed and reconsidered, marked by decisions involving risk, expectation, and strategy. Many of those who arrived at public works sites or other relief locations during drought periods chose to remain there once conditions improved, not because of the "support" or "assistance" available, but because they feared once again facing the uncertainty brought about by future droughts.

Thus, when they migrated, *retirantes* carried with them not only an immediate need for survival but also a wide range of aspirations. Scattered across different parts of Brazil, including throughout Fortaleza and Ceará, they not only helped build railways, reservoirs, and cities; they also forged their own paths through history, leaving profound marks on the social formation of Ceará.

REPRESENTING THE *RETIRANTE* AND EDUCATIONAL MEDIATION IN THE EXHIBITION *NOS TRILHOS DO TEMPO*

Against this historical background, it is important to reflect on how the *retirante* is represented in the exhibition *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará*. Within the exhibition design,[8] there is a section entitled "Social Impacts," where this theme is addressed most directly. Although the presence of *retirantes* can be explored throughout nearly the entire exhibition, it is in this section that the relationship between these populations, drought, and public works becomes most explicit. In this context, *retirantes* are presented not merely as laborers employed during periods of drought, but as historical subjects who navigated multiple trajectories and developed diverse strategies for confronting both climatic and political challenges, as discussed earlier in this article.

In this sense, the educational work carried out by the educators at the Railway Museum plays a fundamental role in broadening interpretations of this narrative. During guided visits, audiences are encouraged to think about *retirantes* beyond

8 For the exhibition, see the third note in the introduction to this text.

their role as workers on construction projects. This perspective complicates the narrative by introducing discussions about drought, migration, relief policies, and the mechanisms of social control that shaped the experiences of these populations. The educators' work therefore contributes to a more critical understanding of the role of *retirantes* in the construction of the railway, as well as in the broader history of Ceará's society.

"THE FIGURE OF THE *RETIRANTE* CAN BE UNDERSTOOD AS SOMETHING MORE THAN LABOR: THEY ARE HISTORICAL SUBJECTS WHOSE NARRATIVES ARE DEEPLY INTERTWINED WITH THE SOCIAL, POLITICAL, ECONOMIC, AND CULTURAL TRANSFORMATIONS EXPERIENCED IN CEARÁ"

What emerges is not only the importance of the exhibition itself, but also the role of the museum in developing new educational initiatives capable of expanding the debate around these issues. One notable example is the partnership between the João Felipe Station Railway Museum and the Cego Aderaldo House of Knowledge in Quixadá, Ceará. Through this collaboration, a training program was organized for local residents in the town of Senador Pompeu, resulting in an exhibition entitled *Memórias em movimento: entre o campo, a estação e a devoção* [Memories in Motion: Between the Countryside, the Station, and Devotion]. This initiative made it possible to discuss the connections between drought, railways, and *retirantes* in a territory directly shaped by that history. Senador Pompeu was the site of one of Ceará's largest concentration camps—the Patu Camp—whose material and symbolic traces can still be seen and felt today, both in the surviving structures of the camp and in the annual *Caminhada da Seca* [Drought Walk], an event held in memory of the *retirantes*.

These experiences also highlight the importance of educational initiatives in constructing and critically examining representations of the *retirantes*. Through mediation and the relationship established between the exhibition, educators, and visitors, new layers of interpretation emerge regarding the history of the railway, droughts, and migration. In this way, the figure of the *retirante* can be understood as something more

than labor: they are historical subjects whose narratives are deeply intertwined with the social, political, economic, and cultural transformations experienced in Ceará.

CONCLUSION

An analysis of the representation of the *retirante* in the exhibition *Nos trilhos do tempo: histórias da ferrovia do Ceará* reveals the importance of understanding how historical narratives are constructed, selected, and communicated within museum spaces. Representations are not neutral; they are shaped by symbolic disputes, interests, and perspectives that influence how the past is interpreted and presented to the public.

Reflecting on these representations contributes not only to a broader understanding of the history of droughts, migration, and the local railway system, but also to questioning how social memories and experiences are narrated, valued, or silenced. In this sense, the João Felipe Station Railway Museum reaffirms its role as a critical space for cultural mediation, capable of fostering more diverse dialogues about the past while recognizing the complexity of historical experiences and the agency of those who, like the *retirantes*, actively participated in shaping history.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 28, p. 111-120, 1995.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Proletários das secas*: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Maria Clélia. Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 11, n. 1, p. 57-74, jan./abr. 2004.

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Enxadas e compassos*: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. *In*: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 53-72.

MAIA, Janille Campos. *O cortejo da moléstia*: varíola, seca e assistência à saúde no Ceará (1877-1913). 2022. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história*: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de janeiro: Relume-Dumará, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. Currais dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 9, p. 93-122, 1995.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder*: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SILVA, Wendell Guedes da. *A todo vapor!* Formação de trabalhadores na estrada de ferro de Baturité (1877-1880). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

UM MUSEU DOS ESTILOS DE JOGO

A Museum of Styles of Play

Nuno Domingos[1]

1

Não é evidente o lugar de um museu do futebol no universo de tipologias museológicas. A conclusão de que será um museu histórico, por oposição a um museu de arte, será apressada, porque o jogo possui uma linguagem artística que um museu do futebol pode mostrar, exibindo as componentes da prática – não apenas os gols –, sua ciência e sua estética, os aspetos presentes nos estilos e jeitos de jogar.

Um museu do futebol tem a vantagem de falar uma língua amplamente partilhada; não tem de ser sério, solene ou erudito, nem seguir a agenda das vanguardas do campo da arte, não tem de proteger acervos históricos monumentais (que na Europa resultaram, em parte, de saques coloniais) nem o valor de mercado de peças modernas e contemporâneas, vigiadas por funcionários receosos que uma criança tome por objeto banal uma obra-prima celebrada por curadores, críticos, acadêmicos, galeristas, leiloeiros e negociantes – em algumas salas de museu, o mais subversivo é mesmo a atitude de descrença infantil, ignorante dos códigos do campo artístico e, por isso, com capacidade de os desafiar.

Já num museu de futebol, as crianças reconhecerão a beleza de um gol de Pelé, de Maradona ou de Marta, de um drible de Garrincha, de um passe de Zidane ou de Bonmatí, do futebol da seleção brasileira de 1982 – vencida em campo, mas campeã da memória da arte do jogo – ou das geometrias extraordinárias dos tiki-taka de Guardiola. Na realidade, muitos museus, mesmo quando se esforçam por alcançar os não iniciados, parecem, involuntariamente, segredar à parte do seu público: "Este não é o seu lugar". Num museu do futebol tudo se conjuga para uma situação oposta, e isso não se explica apenas pela popularidade do jogo, mas porque o público percebe a sua beleza, mesmo quando desvaloriza essa capacidade. Caberá a um museu

1 Nuno Domingos é investigador principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Tem pesquisado as relações entre o espaço urbano colonial em Moçambique e as formas de cultura popular moderna, nomeadamente o futebol.

do futebol retirar essa competência da invisibilidade, dizendo a quem o visita que "Vocês são uns estetas, uns conhecedores" e que o futebol é arte democratizada, embora seja, também, muitas outras coisas.

"DESDE LOGO, TRATA-SE DO MOVIMENTO QUE CONCEDEU AO FUTEBOL A CAPACIDADE PRÁTICA E POLÍTICA DE ASSOCIAR PESSOAS E GRUPOS E DE SE CONVERTER NUM MEIO DE REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS, CONTRA PRIVILÉGIOS E EXCLUSÕES."

Como os géneros artísticos, os estilos de jogar futebol, em relação com a história, são manifestações corporais de mundos situados no tempo e no espaço, nos bairros pobres, nas várzeas, nas vilas industriais, nas escolinhas para jovens das classes abastadas, nos encontros entre colegas de trabalho. A composição desses estilos exprime, também, o desenvolvimento da linguagem do futebol, que resulta, como nas artes, de trocas criativas, inspirações e imitações, e de momentos de rutura. No futebol profissional, em que se afina o ajustamento racional dos corpos aos objetivos instrumentais do jogo, essa evolução específica é mais visível. Mas o linguajar do futebol é plural, não se resume à depuração de fórmulas para conquistar a vitória: as suas racionalidades consagram pequenas autonomias estéticas e humanas. À apropriação desse vocabulário corporal em movimento se deve a diversidade das formas de jogar.

O movimento encontra-se, na verdade, na base da gramática do futebol, um jogo de deslocações e relações, uma condição captada pela palavra "associação" (*association*), que nomeou a versão ortodoxa do futebol moderno, mas que se aplica a todos os sítios por onde corre uma bola: o movimento cria associações desenhadas pelos percursos da bola e pelas respostas dos jogadores aos gestos de colegas e adversários. Sujeitas a adaptações, as regras do futebol moldam o movimento, mas não explicam os padrões emanados das ligações performativas. Intérpretes dessas danças, os corpos dos jogadores regulam-se por outras normas, tácitas, emergentes da sociedade envolvente, e que não se confundem com versões economicistas do comportamento humano, dominantes no futebol profissional. Como me confessou um antigo jogador dos subúrbios da Maputo colonial, a capital de Moçambique, a

então Lourenço Marques, "Perdemos, mas demos um baile" – e dar um baile, em tantas ocasiões, importava mais do que ganhar. Economias singulares com moralidades próprias, os estilos de jogo distinguem-se pelos gestos e comportamentos valorizados por jogadores e pelo público, nem sempre homogeneamente, e pelo efeito do "lugar" na sua gramática; uma localização que permite, igualmente, ler no movimento dos corpos o processo histórico e social.

Situar, no entanto, comporta riscos, nomeadamente o esquecimento do papel do movimento em toda essa história. Desde logo, trata-se do movimento que concedeu ao futebol a capacidade prática e política de associar pessoas e grupos e de se converter num meio de reivindicação de direitos, contra privilégios e exclusões. Mas também o movimento constituinte desses lugares, cuja biografia nos ajuda a compreender a linguagem situada de um estilo de jogo. Um dos movimentos fundamentais para explicar a génese desses mundos de trocas, onde o futebol se recriou, envolveu indivíduos em deslocação, nomeadamente migrantes internos e imigrantes.

2

Durante o meu trabalho de pesquisa sobre futebol no período colonial tardio em Moçambique, deparei-me com a riqueza dessa história incorporada. Com a ajuda das crónicas jornalísticas do poeta moçambicano José Craveirinha,[2] procurei reconstruir o estilo de jogo dominante nos subúrbios da Maputo colonial nas últimas décadas de governação portuguesa, encerrada em junho de 1975, com a independência de Moçambique. Esse futebol do subúrbio resultava da coexistência, nem sempre pacífica, entre as populações migrantes de outras partes do território e as que já lá estavam há muito.

Gentes de várias origens e crenças, integradas num mercado de trabalho colonial coercivo e discriminatório, sujeitas a uma cidadania dual – que separava os indígenas, os africanos, dos "civilizados", os europeus –, vigiados pela burocracia e pelas polícias, subsistiam nesse espaço periférico. Das suas terras trouxeram laços de parentesco, cosmologias religiosas e práticas culturais, que usaram para reconstruir redes de entreajuda e enfrentar uma realidade nova e perturbadora. Como a tradição não respondia suficientemente aos desafios radicais da cidade colonial, adquiriram novas rotinas, fundaram associações, juntaram-se em igrejas monoteístas – não abandonando, contudo, as crenças tradicionais –, formaram alianças no trabalho e no lazer, e começaram a jogar futebol. Essa não é, certamente, apenas uma história moçambicana.

A primeira bola chutada nas ruas do subúrbio de Lourenço Marques chegou na bagagem de um mineiro moçambicano de regresso da África do Sul, ou pela mão de

2 José Craveirinha (1922-2003), poeta e jornalista moçambicano, destacou-se na luta contra o colonialismo português e a discriminação racial. Sua obra destacou a identidade moçambicana e a resistência cultural, tornando-se figura central na história literária do país.

um missionário católico ou protestante, ou transportada por um trabalhador africano desde o centro da cidade, ou terá sido manufaturada por um habitante local, à semelhança de uma imagem vislumbrada numa página de jornal, ou mesmo levada por um cantineiro português amante do jogo, como aquele cuja paixão pelo Benfica de Lisboa acabou por batizar informalmente um dos maiores bairros do subúrbio de Maputo – uma nomenclatura ainda usada, que resistiu à persuasão do nome oficial atribuído no pós-independência, o do teórico comunista búlgaro George Dimitrov.

Foi assim, sem identidade herdada, que o futebol começou a ser jogado de pé descalço nos terrenos livres de bairros como a Mafalala, a Munhuana, Xipamanine e Chamanculo, onde os habitantes de uma cidade nova forjaram, em conjunto, um estilo de jogo. Eles não fizeram, porém, sozinhos, nem sob condições escolhidas por si, para evocar uma conhecida frase de Marx.[3] Guiaram-se, em primeiro lugar, pela estrutura básica erguida pelas regras do futebol moderno.

Para os dirigentes dos clubes africanos fundados no subúrbio desde a segunda década do século XX, a possibilidade de todos partilharem os fundamentos do jogo possuía uma dimensão política: agrupar em competições organizadas as populações locais, garantindo-lhes um espaço de participação no contexto de um sistema colonial governado por uma ditadura. Além disso, dominar o *association* revelou como os africanos praticavam esse passatempo moderno tão bem como os europeus – e só não demonstraram talento semelhante em outras atividades porque o sistema colonial racista os impediu. Mas alguns desses dirigentes associativos ambicionavam mais: da prática do futebol na periferia devia brotar um estilo de jogo "correto", decalcado do *fair play* amador, evidência da assimilação à cultura europeia, que vinculavam à Europa civilizada, mais a norte. Essas elites africanas pediam, no entanto, o impossível: que a economia moral inscrita no estilo de jogo da elite inglesa tomasse de assalto as pernas e os sentidos dos jogadores africanos da periferia de Lourenço Marques. Na verdade, porém, o que as pernas e os sentidos dos jogadores da periferia expressavam era a lei dos subúrbios, a lógica das suas economias práticas e simbólicas.

Nos jogos de bairro e nas competições da Associação Africana de Futebol, criada em 1924 para juntar os clubes da periferia, nasceu um jogo duro e malabarista, praticado por referência às regras universais determinadas pelo International Board, mas permitindo a negociação dessas regras, para que o subúrbio pudesse exprimir a sua poesia convenientemente. Craveirinha chamou malicioso a esse futebol de bairro, sublinhando a astúcia e a inteligência dele, qualidades tão necessárias para os habitantes dos subúrbios navegarem pela cidade colonial. Assim, naquele lugar da costa oriental de África, a cumplicidade entre os jogadores e o público modelou a gramática de um estilo, representação corporal de valores que irrompiam da vida

3 MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011, cap. I. "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado."

quotidiana do subúrbio e que, em determinadas circunstâncias, vincaram pertenças étnicas e religiosas, além de identidades de bairros, fraturas desse espaço em crescimento tenso.

Se esse estilo de jogo representava o subúrbio colonial, estimulado por outros movimentos, ele não se encontrava fechado ao exterior. Por exemplo, o interesse pelo futebol brasileiro enriqueceu esse cosmopolitismo africano. Quando com os seus amigos formou uma equipa na Mafalala, Eusébio da Silva Ferreira, considerado o maior jogador africano de todos os tempos, chamou a esse grupo Os Brasileiros, e quando escolheu a sua alcunha foi buscá-la a Nené, médio da Portuguesa dos Desportos. Os jogadores locais inspiraram-se ainda na imaginação do estilo de jogar futebol brasileiro, sobre o qual haviam lido numa notícia de jornal, ouvido falar num programa rádio ou visto mais proximamente quando, por exemplo, a Ferroviária de Araraquara visitou Lourenço Marques em 1960; as histórias acerca do jeito brasileiro de jogar disseminavam-se depois pelas extensas redes da oralidade africana.

3

Sempre me questionei sobre como contar esta história e sobre quais nomes seriam os mais indicados para descrever o estilo de jogo do subúrbio de Lourenço Marques; os nomes fixam a história, mas também a produzem. Craveirinha vinculava esse futebol a uma cultura africana negra em transformação e adaptação, não hermética e com aptidões plásticas. Na realidade, se pudesse manifestar seu anticolonialismo e seu nacionalismo, o poeta chamar-lhe-ia, provavelmente, um estilo de jogo moçambicano. Ele sabia que, quando a independência chegasse, Moçambique, o resultado da adição de povos, tradições e idiomas, careceria de referências culturais unificadoras, cuja constituição, como nas histórias de todos os Estados-nação modernos, se realizou por seleção, simplificação e invenção. Para mais, esse futebol de subúrbio nascera no sul do território sob condições particulares e, em Moçambique, como em qualquer parte do mundo, é um problema converter as histórias das grandes e poderosas cidades em narrativas fundacionais de toda a nação.

Antes da independência de Moçambique, quando alguns talentosos jogadores africanos de Lourenço Marques prosseguiram carreiras fenomenais na metrópole, ao serviço dos clubes de Lisboa e da seleção nacional portuguesa, a propaganda colonial aproveitou a situação para celebrar um estilo de jogo luso-africano. Inspirada no lusotropicalismo de Gilberto Freyre, a representação idealizada de uma forma de jogar proporcionava a imaginação de um império plurirracial, integrado e harmonioso, tão distinto do verdadeiro império, nessa altura assolado por três guerras,

em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique. Em Portugal nunca houve interesse em conhecer a história desses jogadores em África, como se a sua existência começasse apenas quando chegaram, de barco ou de avião, a Lisboa – um modelo narrativo eurocêntrico típico da historiografia imperial, mas também dos nacionalismos.

Acabei por chamar "suburbano" a esse estilo de jogo. Seria essa a estratégia mais eficaz para o proteger de apropriações que simplificavam a sua história, desde logo as cooptações infames, que o reinventaram para manter uma ordem colonial exploradora e racista, mas também outras, que, perseguindo agendas libertadoras e emancipatórias, se encontravam reféns de uma explicação dependente da narrativa nacional ou ancestral, e que anulava todo o movimento e as trocas que despontaram desse "lugar". Enquanto referente para explicar um estilo de jogo, a condição suburbana não anulava a imaginação política. Desde logo, as suas vivências aproximavam essa periferia de outros espaços que, pelo mundo, expunham a expansão de uma sociedade desigual, mas de onde, em condições difíceis e precárias, nasciam criatividades e resistências, como se encontrava expresso nas suas maneiras de jogar futebol. Não se encontrando bloqueadas por prescrições de entrada, nacionais, raciais e de género, as fronteiras desses espaços, negociáveis e porosas, criaram uma cidadania particular e, sob inúmeros aspetos, imperfeita, mas com qualidades suficientes para confrontar o exercício, não menos débil, da cidadania formal.

Um museu dos dos estilos de jogo pode celebrar, criticamente, como alguns espaços museológicos o procuram fazer, o movimento que criou esses lugares, as suas criatividades e os seus direitos, começando por movimentar-se em direção a ele ou trazê-lo para dentro do museu, contrariando, assim, o papel da oferta cultural na construção de assimetrias sociais e espaciais, e cumprindo o seu papel de democratização.

1

The place of a football museum within the universe of museum typologies is not self-evident. It would be hasty to conclude that it is a historical museum, as opposed to an art museum, because the game possesses an artistic language that a football museum can reveal by exhibiting the elements of the game—not only its goals, but also its science and aesthetics, the elements embodied in styles and ways of playing.

A football museum has the advantage of speaking a widely shared language. It does not need to be stuffy, solemn, or scholarly, nor does it have to follow the agenda of the avant-garde art world. It does not need to safeguard monumental historical collections (which in Europe were, in part, the result of colonial plunder), nor protect the market value of modern and contemporary works watched over by anxious workers fearful that a child might mistake for an ordinary object a masterpiece celebrated by curators, critics, academics, gallerists, auctioneers, and dealers. In some museum galleries, the most subversive act is precisely a child's disbelief—unaware of the codes of the art world and therefore capable of challenging them.

In a football museum, by contrast, children will instantly recognize the beauty of a goal scored by Pelé, Maradona, or Marta; a dribble by Garrincha; a pass by Zidane or Bonmatí; the football played by the Brazilian national team of 1982—defeated on the pitch, yet forever victorious in the memory of the game's artistry—or the extraordinary geometries of Guardiola's *tiki-taka*. Actually, many museums, even when striving to reach broader audiences, seem unintentionally to whisper to part of their public: "This is not your place." In a football museum, everything points in the opposite direction. This is not explained solely by the game's popularity, but also by the fact that people recognize its beauty even without acknowledging it. It is the task of a football museum to bring that capacity out of invisibility, telling its visitors: "You're true aesthetes, true *connoisseurs*," and that football is a democratized art form, even though it is also many other things.

Like artistic genres, footballing styles are embodied expressions of worlds rooted in particular times and places: in poor neighborhoods, floodplain pitches, industrial towns, youth academies serving affluent families, and gatherings among co-workers. These styles also reveal the evolution of football's language, which, like the arts, emerges through creative exchanges, inspirations and imitations, as well as moments of rupture. In professional football, where the rational adjustment of bodies to the instrumental objectives of the game is refined, this particular evolution is more visible. Yet the language of football is plural; it cannot be reduced to the refinement of formulas for achieving victory. Its rationalities preserve small aesthetic and human autonomies. The diversity of ways of playing stems precisely from the appropriation of this moving bodily vocabulary.

1 Nuno Domingos is a Principal Researcher at the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon. His research has focused on the relationship between colonial urban space in Mozambique and forms of modern popular culture, particularly football.

Movement lies at the very foundation of football's grammar. Football is a game of movement and relationships, a condition captured by the word "association," which gave its name to the orthodox version of modern football but applies equally to every place where a ball is set in motion. Movement creates associations traced through the paths of the ball and through players' responses to the actions of teammates and opponents. The laws of the game, which are subject to adaptation, shape movement but do not explain the patterns that emerge from these performative connections. As interpreters of these dances, players' bodies are regulated by other, tacit norms that arise from the surrounding society and cannot be reduced to the economistic understandings of human behavior that dominate professional football. As I once heard from a former player from the suburbs of colonial Maputo, then known as Lourenço Marques, the capital of Mozambique: "We lost, but we ran rings around them." And on many occasions, outplaying the opposition often mattered more than winning. Singular economies with their own moralities, playing styles are distinguished by the gestures and behaviors valued by players and spectators, not always uniformly, and by the influence of "place" on their grammar, one that also allows us to read historical and social processes in the movement of bodies.

Situating them, however, carries risks, particularly the risk of forgetting the role of movement in the whole history. First, there is the movement that gave football its practical and political capacity to bring individuals and groups together and to become a vehicle for claiming rights against privilege and exclusion. But there is also the constitutive movement of those very places, whose biographies help us understand the situated language of a playing style. One of the fundamental movements in explaining the genesis of these worlds of exchange, where football continually reinvented itself, involved people on the move, especially internal migrants and immigrants.

2

During my research on football in late colonial Mozambique, I encountered the richness of this embodied history. With the help of the newspaper columns of the Mozambican poet José Craveirinha[2], I sought to reconstruct the dominant style of play in the suburbs of colonial Maputo during the final decades of Portuguese rule, which came to an end in June 1975 with Mozambican independence. This suburban football emerged from the (not always peaceful) coexistence between migrant populations arriving from other parts of the territory and those who had long been established there.

People of diverse origins and beliefs, incorporated into a coercive and discriminatory colonial labor market, subject to a dual citizenship system that separated the

2 José Craveirinha (1922–2003), a Mozambican poet and journalist, played a prominent role in the fight against Portuguese colonialism and racial discrimination. His work highlighted Mozambican identity and cultural resistance, making him a central figure in the country's literary history.

indigenous population, the Africans, from the "civilized" Europeans, and monitored by bureaucratic and police authorities, struggled to survive in this peripheral space. They brought kinship ties, religious cosmologies, and cultural practices from their homelands, which they used to rebuild networks of mutual support and confront a new, unsettling reality. Because tradition alone could not adequately respond to the radical challenges of colonial urban life, they developed new routines, founded associations, joined monotheistic churches—without abandoning their traditional beliefs—formed alliances at work and for leisure, and began to play football. This story is certainly not exclusive to Mozambique.

The first football to roll through the streets of suburban Lourenço Marques may have arrived in the luggage of a Mozambican miner returning from South Africa, or in the hands of a Catholic or Protestant missionary; it may have been carried by an African worker from the city center, or manufactured locally based on an image glimpsed in a newspaper, or even brought by a Portuguese shopkeeper passionate about the game, like the one whose devotion to Benfica informally gave the Lisbon club's name to one of the largest neighborhoods in suburban Maputo—a name still used today, despite efforts after independence to replace it with that of the Bulgarian communist theorist Georgi Dimitrov.

3 MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011, ch. 1. "Men make their own history, but they do not make it under circumstances of their own choosing; rather, under circumstances directly encountered, given and transmitted from the past."

"ONE OF THE FUNDAMENTAL MOVEMENTS IN EXPLAINING THE GENESIS OF THESE WORLDS OF EXCHANGE, WHERE FOOTBALL CONTINUALLY REINVENTED ITSELF, INVOLVED PEOPLE ON THE MOVE, ESPECIALLY INTERNAL MIGRANTS AND IMMIGRANTS."

Thus, without any fixed identity, football began to be played barefoot on the open grounds of neighborhoods such as Mafalala, Munhuana, Xipamanine, and Chamanculo, where the inhabitants of a new city collectively forged a style of play. They did not do so alone, however, nor under conditions of their own choosing, to borrow a well-known phrase from Marx.[3] First and foremost, they were guided by the basic framework established by the rules of modern football.

For the heads of the African clubs founded in the suburbs from the second de-

cade of the 20th century onward, the possibility of everyone sharing the foundations of the game carried a political dimension: bringing local populations together through organized competitions and guaranteeing them a space for participation within a colonial system governed by a dictatorship. Moreover, mastering *association football* demonstrated that Africans could play this modern pastime just as well as Europeans—and that if they had not shown similar talents in other activities, it was because the racist colonial system had prevented them from doing so. Some of these club officials, however, aspired to more. They hoped that football on the urban periphery would produce a "proper" style of play, modeled on the ideals of amateur fair play and serving as evidence of assimilation into European culture, which they associated with a civilized Europe farther north. Yet these African elites were asking for the impossible: that the moral economy embodied in the playing style of the English elite should somehow take possession of the legs and senses of African footballers in the outskirts of Lourenço Marques. Yet, what those legs and senses eventually expressed was the law of the suburbs and the logic of their practical and symbolic economies.

"WHILE THIS STYLE OF PLAY REPRESENTED THE COLONIAL SUBURB, NOURISHED BY A VARIETY OF MOVEMENTS, IT WAS NEVER CLOSED OFF FROM THE OUTSIDE WORLD"

In neighborhood matches and competitions organized by the African Football Association, founded in 1924 to bring together clubs from Lourenço Marques' outskirts, a game that was both hard-fought and full of improvisation emerged. It was played according to the universal rules established by the International Board, yet it allowed room for the negotiation of those rules, so that the suburbs could properly express their poetry. Craveirinha described this neighborhood football as "sly," emphasizing its cunning and intelligence, qualities essential for suburban residents navigating colonial urban life. Thus, in that corner of Africa's eastern coast, the complicity between players and spectators shaped the grammar of a style, a bodily representation of values that sprang from everyday suburban life and that, under certain circumstances, reinforced ethnic and religious affiliations, as well as neighborhood identities and the fractures of this rapidly expanding and tension-filled urban space.

While this style of play represented the colonial suburb, nourished by a variety of movements, it was never closed off from the outside world. Interest in Brazilian football, for example, enriched this African cosmopolitanism. When Eusébio da Silva Ferreira, widely regarded as the greatest African footballer of all time, formed a team with friends in Mafalala, he named it *Os Brasileiros* ("The Brazilians"), and when choosing his nickname he drew inspiration from Nené, a midfielder for the São Paulo side Portuguesa de Desportos. Local players were also inspired by the idea they had formed of Brazilian football, which they encountered through newspaper reports, radio broadcasts, or more directly when, for example, Ferroviária de Araraquara visited Lourenço Marques in 1960. Stories about the Brazilian way of playing then spread through the extensive networks of African oral culture.

3

I have always questioned how this story should be told and which terms would be most appropriate to describe the playing style of the suburbs of Lourenço Marques; names consolidate history, but they also produce it. Craveirinha associated this football with a Black African culture undergoing transformation and adaptation, one that was not hermetic and endowed with a capacity for transformation. In reality, had he been free to express his anti-colonialism and nationalism openly, the poet would probably have called it a Mozambican playing style. He understood that, when independence arrived, Mozambique, a nation formed through the sum of peoples, traditions, and languages, would require unifying cultural references. Their construction, as in the histories of all modern nation-states, would involve processes of selection, simplification, and invention. Moreover, this suburban football had emerged in the southern part of the territory under particular conditions, and in Mozambique, as anywhere else in the world, it is problematic to transform the histories of large and powerful cities into foundational narratives for an entire nation.

Before Mozambican independence, when some talented African players from Lourenço Marques pursued remarkable careers in the metropole, playing for Lisbon clubs and for the Portuguese national team, colonial propaganda seized upon the situation to celebrate a supposedly Luso-African style of football. Inspired by the Lusotropicalist ideas of Gilberto Freyre, this idealized representation of a way of playing sustained the image of a multiracial, integrated, and harmonious empire, an image far removed from the reality of an empire that was being consumed by three wars in Angola, Guinea-Bissau, and Mozambique. In Portugal, there was never much interest in understanding the history of these players in Africa, as though

their existence began only when they arrived in Lisbon by ship or plane. This was a typically Eurocentric narrative model, characteristic of both imperial historiography and nationalist histories.

In the end, I chose to call this a *suburban* style of play. It seemed the most effective strategy for protecting it from appropriations that simplified its history, from the infamous co-optations that reinvented it in order to sustain an exploitative and racist colonial order, to other interpretations which, despite pursuing liberatory and emancipatory agendas, remained captive to explanations dependent on national or ancestral narratives, thereby erasing the movement and exchanges that had emerged from this particular "place". As a framework for understanding a playing style, the suburban condition did not negate political imagination. On the contrary, the lived experiences of this periphery connected it to other spaces around the world that reflected the expansion of unequal societies, yet where creativity and resistance flourished under difficult and precarious conditions, as expressed in their ways of playing football. Unrestricted by national, racial, or gender barriers to entry, the boundaries of these spaces, negotiable and porous, created a particular form of citizenship. Imperfect in many respects, it nevertheless possessed sufficient qualities to challenge the equally fragile exercise of formal citizenship.

A museum of styles of play can critically celebrate, as some museums already seek to do, the movement that created these places, their forms of creativity, and their struggles for rights. It can do so by moving toward them, or by bringing them into the museum itself, thereby countering the role that cultural institutions sometimes play in reproducing social and spatial inequalities, while fulfilling their democratic mission.

UMA EXPOSIÇÃO DO EMPATHY MUSEUM NA COP30: TERRITÓRIO, DESLOCAMENTOS SIMBÓLICOS, RECONHECIMENTO DE CONFLITOS

An Empathy Museum Exhibition at COP30: Territory, Symbolic Displacement, and the Recognition of Conflicts

Andréa Bueno Buoro[1]

O JOGO DA EMPATIA – DA PERSPECTIVA INDIVIDUAL À COLETIVA

Você já se imaginou na pele de uma bibliotecária cega, ou de um jovem com TDAH em busca de seu caminho profissional? Já tentou conceber a trajetória de uma moça analfabeta que chega do interior da Bahia e precisa criar estratégias imediatas para sobreviver na metrópole paulista? Ou, ainda, consegue imaginar a memória de um ex-detento do Pavilhão 9, sobrevivente do massacre do Carandiru?

Mesmo a vida daquele vizinho cujos horários e rotina coincidem com os seus guarda uma densidade invisível. Qualquer existência, por mais ordinária ou singular que pareça, é moldada por histórias, escolhas, lutas e conquistas. Como diz o ditado, cada um sabe "onde lhe aperta o sapato". Mas o que a capacidade de se colocar, efetivamente, no lugar de outra pessoa pode acrescentar à nossa própria vida e à sociedade?

Em seus estudos sobre a empatia, sistematizados na obra *O poder da empatia*, Roman Krznaric (2015) fundamenta-se em pesquisas recentes da biologia e da neurociência que reforçam a dimensão cooperativa intrínseca ao ser humano. Com esse embasamento, ele questiona a visão hobbesiana clássica (Hobbes, 2019), que descreve o homem como um ser movido exclusivamente pelo desejo de poder, pelo

1 Andréa Bueno Buoro é diretora-executiva da Intercultura. Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, na atuação de organizações da sociedade civil no Center for Civil Society Studies da Johns Hopkins University, Estados Unidos. Sua trajetória profissional tem envolvido diversas áreas relacionadas ao desenvolvimento social, tais como direitos humanos, educação, novas tecnologias, meio ambiente, desenvolvimento local sustentável e cultura.

medo da morte e por um egoísmo inerente, condenado a um estado de "guerra de todos contra todos". Krznaric defende que essa propensão à cooperação transparece até mesmo em uma leitura mais imediata da clássica obra de Charles Darwin, *A origem das espécies*. Embora identifique a autopreservação como pilar da seleção natural, segundo Krznaric, o naturalista também reconhece que estruturas e comportamentos de auxílio mútuo aumentam as chances de sobrevivência da espécie. Como ressalta Krznaric (2015, p. 37), "nos anos seguintes à publicação de *A origem das espécies* Darwin se convenceu de que cooperação e reciprocidade eram tão essenciais quanto a competição para o processo evolucionário".

"EMBORA A EMPATIA SEJA COMUMENTE RESTRITA ÀS RELAÇÕES INTERPESSOAIS, ELA CONSTITUI O FERRAMENTAL NECESSÁRIO PARA IMPULSIONAR MUDANÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS RADICAIS"

Um importante autor que Krznaric destaca como uma das bases para os estudos mais recentes sobre a empatia como parte constitutiva da vida humana é o primatologista Frans de Waal (2010), que em seus estudos com primatas indica a importância da cooperação no processo evolucionário. "Em ambientes primitivos severos a empatia permitia a seres humanos cooperar para assegurar que todos na comunidade tivessem o suficiente para comer", garantindo a preservação da espécie (Krznaric, 2015, p. 46-49).

Para além de um preceito moral, essa habilidade é o alicerce da vida em sociedade. O autor argumenta que, embora a empatia seja comumente restrita às relações interpessoais, ela constitui o ferramental necessário para impulsionar mudanças sociais e políticas radicais. Trata-se de um recurso essencial no enfrentamento dos grandes dilemas contemporâneos, da pobreza e desigualdade à violência armada e ao colapso ambiental. No entanto, ele ressalta que tal movimento exige um esforço cognitivo profundo: o ato de "colocar-se no lugar do outro" envolve não apenas o "contágio emocional", sentir o que o outro sente (chamada de empatia afetiva), mas também a compreensão genuína de perspectivas, valores e visões de mundo alheias, mesmo que não haja concordância entre elas (chamada de empatia cognitiva).

Foi com essa perspectiva que o Empathy Museum foi criado pelo autor e pela artista plástica Clare Patey, tendo por missão fomentar empatia por meio de experi-

ências participativas e narrativas vividas a partir de instalações sensoriais imersivas que promovem experiências para que as pessoas se coloquem no lugar do outro e reconheçam a importância desse movimento em seu dia a dia.

A artista utiliza dispositivos da arte em uma proposta de interação que coloca as pessoas em uma situação de estranhamento, para provocar reflexões a partir de histórias narradas por meio de objetos, documentos e instalações. Ao articular memórias e experiências individuais, ela materializa vivências que nos convidam a revisitar campos desconhecidos. Esse processo nos impulsiona a imaginar novas formas de ser e estar, projetando outros mundos possíveis.

Seu projeto mais conhecido é *A mile in my shoes*, ou *Caminhando em meus sapatos...*, tal como foi traduzido, e de que tratamos aqui. É uma instalação que parte de um outro ditado ou provérbio, esse norte-americano, que diz que "não se pode julgar uma pessoa sem antes caminhar uma milha em seus sapatos". Clare Patey criou uma instalação cenografada como uma grande caixa de sapatos dentro da qual o visitante escolhe aleatoriamente um par de sapatos, calça-o e caminha por cerca de dez minutos escutando em um fone a história de seu dono, contada por ele próprio.

A EMPATIA EM JOGO – ESCUTA, ALTERIDADES, DIÁLOGOS

No Brasil, essa proposta ganhou contornos a partir de uma parceria com a Intercultura, organização sem fins lucrativos que trabalha com a perspectiva da cultura como um poderoso vetor de transformações sociais. Identificando nessa instalação um potencial grande de provocar mudanças, pessoais e sociais, desde 2017 a Intercultura vem coletando histórias e experiências de vida nas várias regiões do país, compondo um acervo de relatos doados por indivíduos, acompanhados de seus próprios calçados.

A mostra já percorreu diversos espaços públicos de São Paulo em parques e centros culturais e tem itinerado por escolas da rede pública desde 2022. Em cada montagem, o propósito permanece central: provocar a reflexão sobre a diversidade como alicerce de uma educação cidadã. Ao convidar o público a, literalmente, caminhar nos sapatos do outro, a obra dissolve barreiras sociais e afetivas, transformando diferenças em pontos de partida para novas compreensões sobre si e o mundo.

Os impactos dessa abordagem manifestam-se em múltiplas esferas. Inicialmente, nota-se uma abertura para a escuta ativa, a disposição rara de ouvir sem interrupções ou julgamentos antecipados. Caminhar ouvindo atentamente o relato de uma outra pessoa revela-se uma prática revolucionária por si mesma, em nosso mundo



Sapato doado pela Cacica Inaura, de comunidade indígena próxima a Manaus. Crédito: Betânia B.

Shoe donated by Chief Inaura, from an Indigenous community near Manaus. Credit: Betânia B.





Sapato de Eliel, ex-garimpeiro de Serra Pelada/PA e sapato de Dona Dudu, quilombola e quebradora de coco do Maranhão. Crédito: Betânia B.

Shoe donated by Eliel, a former gold miner from Serra Pelada, Pará, and Shoe donated by Dona Dudu, a Quilombola coconut breaker from Maranhão. Credit: Betânia B.

povoado de tantas falas e tão pouca escuta. Esse exercício, embora silencioso, é profundamente dialógico e estabelece uma conexão íntima entre o visitante e o narrador, assim como entre o visitante e suas próprias reflexões internas durante seu caminhar.

Essa dinâmica torna-se evidente ao final do percurso, quando os participantes respondem à provocação: "Como foi caminhar nesses sapatos?". Seja em mensagens diretas ao dono da história ou em notas reflexivas, percebe-se um movimento de constante aproximação e distanciamento entre a própria vivência e a realidade alheia.

Para além do impacto individual, a vivência também fomenta diálogos coletivos. Em 2017, no Parque Ibirapuera, um grupo de mães e crianças reuniu-se espontaneamente em roda para compartilhar as sensações e os aprendizados do dia. Esse episódio não foi isolado. Conforme a repercussão da iniciativa crescia, o público passou a contar com grupos de amigos, equipes profissionais de diversas áreas e famílias que chegavam com o propósito claro de debater o que haviam vivido após o percurso.

No ambiente escolar, novas camadas de significado se somam às possibilidades abertas pela instalação. A proposta original visava fomentar o debate sobre a empatia, auxiliando as instituições na incorporação dos temas transversais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio[2] a partir da escuta ativa e da ativação da percepção da diversidade como ferramentas para ampliar a visão coletiva e reduzir a individualista, frequentemente acentuada nas novas gerações.

Contudo, o aspecto mais notável ao longo da itinerância foram retornos que superaram as expectativas iniciais. Em diversos diálogos com docentes e gestores, destacou-se como a iniciativa conseguiu estabelecer um campo seguro para o tratamento de questões complexas com os estudantes. Após as vivências, os alunos demonstraram maior abertura para discutir temas sensíveis, como o bullying e a violência dentro e fora da escola. Esses resultados reafirmam a empatia como um pilar fundamental da educação e evidenciam que a linguagem artística e a interação proporcionada pela instalação podem ser ferramentas pedagógicas poderosas no suporte à escola diante de alguns de seus desafios mais complexos.

A EMPATIA NO JOGO – TERRITÓRIO E RECONHECIMENTOS DE CONFLITOS

Refletindo sobre as experiências de montagem em espaços públicos e de itinerância em escolas, percebemos que a instalação *Caminhando em meus sapatos…* teria potencial não apenas para tratar a empatia como um objetivo final, mas também para tomá-la como um meio para discutir temas específicos, gerando aproximações e promovendo conhecimento e reposicionamentos. Poderia tratá-la como um ferramental fundamen-

2 Os materiais da BNCC estabelecem os parâmetros curriculares a serem desenvolvidos para todos os níveis da educação no país. No caso do ensino médio, os documentos estabelecem seis temas transversais – Meio Ambiente, Economia, Saúde, Multiculturalismo, Ciência/Tecnologia e Cidadania –, que devem ser trabalhados na montagem do currículo em cada escola. A empatia é uma dimensão presente em vários deles.

tal que pode "desempenhar um papel no enfrentamento dos grandes problemas de nosso tempo", como citamos anteriormente, sobre a perspectiva de Roman Krznaric.

Foi nesse contexto que idealizamos a proposta de montar a instalação *Caminhando em seus sapatos...* na COP30, em Belém do Pará, no mês de novembro de 2025. A Conferência das Partes (COP) é o principal fórum global no qual quase todos os países do mundo se reúnem para decidir como enfrentar a crise climática. É o único mecanismo de governança global capaz de coordenar uma resposta unificada para evitar que o clima da Terra chegue a um ponto de não retorno.

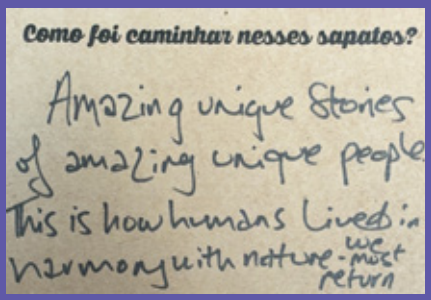
"AO CONVIDAR O PÚBLICO A, LITERALMENTE, CAMINHAR NOS SAPATOS DO OUTRO, A OBRA DISSOLVE BARREIRAS SOCIAIS E AFETIVAS"

A cada edição da COP, representantes do mundo se colocam diante de um conjunto de desafios que extrapolam fronteiras geográficas e políticas. Não se trata apenas de metas de redução de emissões ou acordos multilaterais: estão em jogo modos de vida, formas de produção, relações com o território e, sobretudo, a capacidade coletiva de imaginar futuros possíveis. As linhas de frente da COP são múltiplas e interligadas, indo da urgência climática às desigualdades sociais, da preservação de ecossistemas à escuta de saberes tradicionais frequentemente invisibilizados.

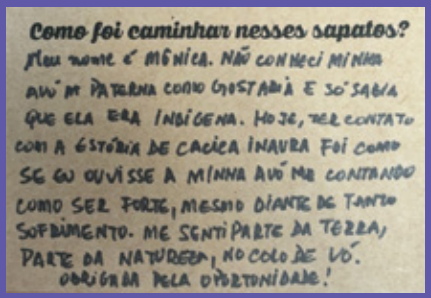
Nesse cenário, torna-se inevitável reconhecer que todos estamos jogando em um mesmo campeonato, para usar uma metáfora do futebol. O planeta é um só, finito em seus recursos, mas profundamente fértil em suas possibilidades de criação e recriação. Essa tensão entre limite e potência exige uma mudança de perspectiva: sair de uma lógica de exploração para uma de coabitação. Não há possibilidade de solução isolada. O que se constrói na COP depende tanto de decisões globais quanto de ações locais, cotidianas e enraizadas em contextos específicos, mas interconectadas.

É nesse ponto que as experiências humanas ganham centralidade. Nesse sentido, torna-se essencial a capacidade de se colocar em outras realidades, entender o impacto das mudanças climáticas na vida de populações diversas e compreender os modos de vida e perspectivas das pessoas impactadas pelas mudanças climáticas nos mais variados contextos e territórios.

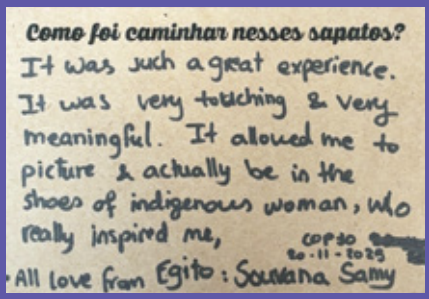
Tomando em conta nossa premissa de que a cultura, em suas múltiplas linguagens, possui uma capacidade singular de sensibilização para temas e questões


Como foi caminhar nesses sapatos?
Amazing unique Stories
of amazing unique people
This is how humans Lived in
harmony with nature - we must return

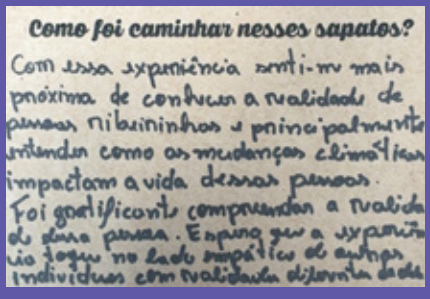
1


Como foi caminhar nesses sapatos?
Meu nome é MÔNICA. NÃO CONHECI MINHA AVÓ MATERNA COMO GOSTARIA E SÓ SABIA QUE ELA ERA INDÍGENA. HOJE, TER CONTATO COM A HISTÓRIA DE CACICA INAURA FOI COMO SE EU OUVISSE A MINHA AVÓ ME CONTANDO COMO SER FORTE, MESMO DIANTE DE TANTO SOFRIMENTO. ME SENTI PARTE DA TERRA, PARTE DA NATUREZA, NO COLO DE VÓ.
GRATIDÃO PELA OPORTUNIDADE!

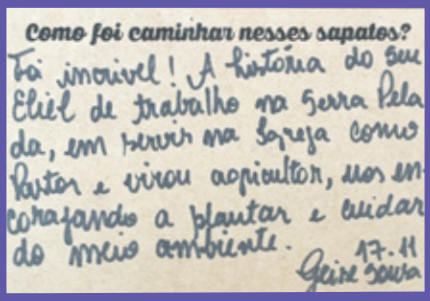
2


Como foi caminhar nesses sapatos?
It was such a great experience.
It was very totching & very
meaningful. It allowed me to
picture & actually be in the
shoes of indigenous woman, who
really inspired me,
COP30
20-11-2025
All love from Egito: Soussana Samy

3


Como foi caminhar nesses sapatos?
Com essa experiência senti-me mais
próxima de conhecer a realidade de
pessoas ribeirinhas e principalmente
entender como as mudanças climáticas
impactam a vida dessas pessoas.
Foi gratificante compreender a realida
de dessa pessoa. Espero que a experiên
cia toque no lado empático de outros
indivíduos com realidades diferentes da

4



5

1 Histórias incríveis e excepcionais de pessoas incríveis e excepcionais. É assim que humanos viviam em harmonia com a natureza - temos de voltar

Amazing unique stories of amazing unique people. This is how humans lived in harmony with nature – we must return

2 Meu nome é Mônica. não conheci minha avó paterna como gostaria e só sabia que ela era indigena. Hoje, ter contato com a estória de Cacica Inaura foi como se eu ouvisse a minha avó me contando como ser forte, mesmo diante de tanto sofrimento. Me senti parte da terra, parte da natureza, no colo de vó. Obrigada pela oportunidade!

My name is Mônica. I didn't get to know my paternal grandmother as I'd like to and I know only that she was indigenous. Today, being in contact with Cacica Inaura's story was like listening to my grandmother telling me about being strong before so much suffering. I felt like part of the land, part of the nature, on a grandmother's lap. Thank you for the opportunity!

3 Foi uma experiência incrível. Foi muito emocionante e muito impactante. Permitiu que eu pudesse visualizar e vestir os sapatos de uma mulher indígena, que realmente me inspirou, Todo o amor diretamente do Egito

It was such a great experience. It was very touching & very meaningful. It allowed me to picture & actually be in the shoes of indigenous woman, who really inspired me, All love from Egito

4 Com essa experiência senti-me mais próxima de conhecer a realidade de pessoas ribeirinhas e principalmente entender como as mudanças climáticas impactam a vida dessas pessoas. Foi gratificante compreender a realidade dessa pessoa. Espero que a experiência foque no lado empático de alguns indivíduos com realidade diferente da dele

With this experience I felt closer to knowing the reality of riverine peoples and specially to understand how climate change impact the lifes of those peoples. It was very rewarding to understand the reality of that person. I hope the experience get to the empathetic perspective of those from a different reality

5 Foi incrível! A história do seu Eliel de trabalho na Serra Palavra, em servir na Igreja como Pastor e virou agricultor, nos encorajando a plantar e cuidar do meio ambiente.

It was amazing! Mister Eliel's story of working at Serra Palavra, serving the Church as a Pastor and becoming a farmer, encouraging us to cultivate and care for the enviroment.

importantes para pensar as dimensões individuais e sociais do ser humano, vislumbramos o potencial de levar a instalação *Caminhando em seus sapatos...* para a COP.

Essa iniciativa representava uma oportunidade de promover deslocamentos simbólicos, trazendo narrativas que pudessem revelar diversas formas de relação com a natureza para recriar possibilidades de diálogo e novos entendimentos sobre a crise climática. Ao reunir histórias, práticas e saberes ancestrais da Amazônia, o acervo amplia o repertório coletivo e contribui para discutir a dimensão humana junto aos desafios estruturais discutidos na COP.

Partimos da construção de um acervo amazônico, com a coleta de histórias de pessoas moradoras desse território. Ribeirinhos, pessoas pertencentes a comunidades tradicionais como indígenas e quilombolas, ex-garimpeiros e moradores de área urbanas fizeram parte das histórias coletadas.

"O EXERCÍCIO DE SUSPENDER A SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL PARA HABITAR, TEMPORARIAMENTE, CONTEXTOS E EXISTÊNCIAS INTRÍNSECAS À PRESERVAÇÃO DAQUELE TERRITÓRIO"

A montagem foi estabelecida às margens da baía do Guajará, em Belém, durante os onze dias da conferência. Embora a expectativa inicial estivesse voltada ao público oficial da COP (composto de delegações estrangeiras, representantes de organismos internacionais e militantes), a adesão majoritária partiu da comunidade local. Foram os próprios moradores de Belém que, ao circularem pelas programações transversais da cidade, integraram-se a essa cartografia de relatos e vivências.

O cenário de amazônidas ouvindo amazônidas, tanto quanto estrangeiros ouvindo amazônidas, revelou que a proximidade geográfica não elimina o estranhamento, mas o converte em um processo de descoberta. Ao final de cada percurso, observou-se que a percepção de deslocamento e o reconhecimento da alteridade não variavam entre o visitante estrangeiro e o nativo. O deslocamento simbólico sobrepõe-se ao geográfico: é o exercício de suspender a subjetividade individual para habitar, temporariamente, contextos e existências intrínsecas à preservação daquele território.

As reações registradas demonstraram a eficácia desse método de encontro, que provoca surpresa, desconforto e um aprendizado mediado pela identificação e pelo

reconhecimento do outro. Muitos participantes relataram o reencontro com aspectos de sua própria identidade que estavam silenciados pela rotina urbana, especificamente a conexão fundamental com a natureza. A escuta atenta, potencializada pela experiência sensorial, abriu caminho para uma compreensão em que o julgamento é substituído pela reflexão sobre a conexão da experiência pessoal e territorial.

No contexto da COP, exercer a empatia a partir do solo amazônico significou projetar a vivência pessoal para uma escala coletiva. Diante de desafios climáticos compartilhados, a solução exige, necessariamente, esse enfrentamento coletivo – um grande desafio.

Vivemos um cenário planetário regido por limites biológicos que demandam responsabilidades distribuídas. Reinventar o modelo de desenvolvimento atual depende do reconhecimento de que nenhum agente atua isolado. O jogo, iniciado na relação íntima entre dois indivíduos, escala para o grande tema de nossa era: a capacidade de coexistir e agir pelo futuro comum. Nesse contexto, na instalação *Caminhando em seus sapatos...*, a empatia deixa de ser um valor abstrato para tornar-se uma urgência prática.

Finalizamos a montagem na COP com a convicção de que a empatia é o ponto de partida fundamental para qualquer mudança. Acreditamos no poder da linguagem artística para conectar pessoas a temas urgentes e nos sentimos motivados a replicar essa prática, despertando novos diálogos e desejos de transformação. Ao enfrentar os desafios globais com passos cuidadosos, reconhecemos que a complexidade do nosso mundo exige, acima de tudo, um compromisso assumido por cada um e coletivamente.

HOBBES, Thomas. *Leviatã*: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

KRZNARIC, Roman. *O poder da empatia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

WAAL, Frans de. *A era da empatia*: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THE EMPATHY GAME – FROM THE INDIVIDUAL TO THE COLLECTIVE

Have you ever imagined yourself in the shoes of a blind librarian, or a young person with ADHD trying to find their career path? Have you tried to picture the journey of an illiterate young woman arriving from the countryside of Bahia who must immediately devise strategies to survive in the metropolis of São Paulo? Or can you imagine the memories of a former inmate from Pavilion 9, a survivor of the Carandiru massacre?

Even the life of a neighbor whose schedule and daily routine mirror your own contains an invisible depth. Every life, however ordinary or singular it may seem, is shaped by stories, choices, struggles, and achievements. As the saying goes, only the wearer knows where their shoe pinches. But what can the ability to truly put oneself in another person's place add to our own lives, and to society as a whole?

In his book *Empathy: Why It Matters, and How to Get It*, Roman Krznaric (2015) draws on recent findings from biology and neuroscience that reinforce the intrinsically cooperative dimension of human beings. Based on this body of research, he challenges the classic Hobbesian view (Hobbes, 2019), which portrays humans as creatures driven exclusively by the desire for power, fear of death, and an inherent selfishness, condemned to a state of "war of all against all". Krznaric argues that this inclination toward cooperation can be discerned even in a more attentive reading of Charles Darwin's classic work, *On the Origin of Species*. Although Darwin identified self-preservation as a pillar of natural selection, Krznaric notes that the naturalist also recognized that structures and behaviors based on mutual aid increase a species' chances of survival. As Krznaric (2015, p. 37) points out, "in the years after the publication of *On the Origin of Species*, Darwin became convinced that cooperation and reciprocity were as essential as competition to the evolutionary process."

One of the key thinkers Krznaric highlights as a foundation for contemporary studies of empathy as a constitutive element of human life is primatologist Frans de Waal (2010), whose research with primates underscores the importance of cooperation in evolutionary processes. "In harsh primitive environments, empathy enabled human beings to cooperate in ensuring that everyone in the community had enough to eat," thereby helping secure the survival of the species (Krznaric, 2015, pp. 46–49).

More than a moral principle, this ability forms the bedrock of social life. Krznaric argues that although empathy is commonly confined to interpersonal relationships, it is in fact an essential tool for driving profound social and political change. It is a crucial resource for confronting the great dilemmas of our time, from poverty and inequality to armed violence and environmental collapse. Yet he

1 Andréa Bueno Buoro is the Executive Director of Intercultura. She holds a Master's degree in Social Anthropology from the University of São Paulo and has conducted research on the role of civil society organizations at the Center for Civil Society Studies at Johns Hopkins University. Her professional career has encompassed a wide range of fields related to social development, including human rights, education, new technologies, the environment, sustainable local development, and culture.

stresses that such a movement requires a deep cognitive effort: the act of "putting oneself in another's place" involves not only emotional contagion—the experience of feeling what another person feels (known as affective empathy), but also a genuine understanding of other perspectives, values, and worldviews, even when we do not agree with them (known as cognitive empathy).

It was from this perspective that the Empathy Museum was created by Krznaric and visual artist Clare Patey. Its mission is to foster empathy through participatory experiences and lived narratives presented through immersive sensory installations that encourage people to step into another person's shoes and recognize the importance of doing so in everyday life.

Patey employs artistic devices in interactive experiences that place participants in situations of unfamiliarity, prompting reflection through stories conveyed by objects, documents, and installations. By weaving together memories and personal experiences, she materializes lives and journeys that invite us to revisit unfamiliar territories. This process encourages us to imagine new ways of being and belonging, opening up the possibility of other worlds.

Her best-known project is *A Mile in My Shoes*, the focus of our discussion here. The installation is inspired by an American proverb that says one should never judge another person until one has walked a mile in their shoes. Patey created an installation resembling a giant shoebox. Inside, visitors randomly choose a pair of shoes, put them on, and walk for about ten minutes while listening through headphones to the life story of the shoes' owner, narrated in their own voice.

EMPATHY AT PLAY – LISTENING, OTHERNESS, DIALOGUE

In Brazil, this initiative took shape through a partnership with Intercultura, a non-profit organization that works from the premise that culture can be a powerful driver of social transformation. Recognizing the installation's potential to spark both personal and social change, Intercultura has been collecting life stories and experiences from different regions of the country since 2017, building an archive of narratives donated by individuals and accompanied by their own shoes.

The exhibition has been presented in a variety of public spaces in São Paulo, including parks and cultural centers, and since 2022 it has toured public schools across the state. In every setting, its central purpose remains the same: to encourage reflection on diversity as a foundation for citizenship education. By inviting visitors to literally walk in someone else's shoes, the installation dissolves social and emo-

tional barriers, transforming differences into starting points for new understandings of oneself and of the world.

The impact of this approach can be observed on multiple levels. First, it fosters an openness to active listening, a rare willingness to hear another person without interruption or premature judgment. Walking while attentively listening to someone else's story becomes, in itself, a revolutionary act in a world filled with so much speaking and so little listening. Although silent, the experience is profoundly conversational, creating an intimate connection between visitor and narrator, as well as between the visitor and their own reflections during the walk.

This dynamic becomes especially evident at the end of the experience, when participants are invited to respond to the question: "What was it like to walk in these shoes?" Whether through direct messages to the owner of the story or through reflective notes, one can observe a continual movement of proximity and distance between one's own lived experience and that of another person.

Beyond its individual impact, the experience also encourages collective dialogue. In 2017, at the Ibirapuera Park in São Paulo, a group of mothers and children spontaneously gathered in a circle to share the emotions and insights they had taken from the installation. This was not an isolated episode. As awareness of the initiative grew, visitors increasingly arrived in groups of friends, professional teams from different fields, and families, all with the explicit intention of discussing what they had experienced after completing the walk.

Within the school environment, additional layers of meaning emerge from the possibilities opened up by the installation. The project was originally conceived as a way of fostering conversations about empathy while helping schools incorporate the cross-curricular themes of Brazil's National Common Core Curriculum (BNCC, for the Portuguese acronym)[2] for secondary education. Through active listening and heightened awareness of diversity, it seeks to broaden collective perspectives and counter the individualistic outlook often exacerbated among younger generations.

Yet the most remarkable aspect of the project's tour was the feedback that exceeded its initial expectations. In conversations with teachers and school administrators, many emphasized how the initiative succeeded in creating a safe space for addressing complex issues with students. Following the experience, participants showed a greater willingness to discuss sensitive topics such as bullying and violence both inside and outside the school environment. These outcomes reaffirm empathy as a fundamental pillar of education and demonstrate that artistic language and the participatory engagement fostered by the installation can serve as powerful pedagogical tools, helping schools address some of their most challenging issues.

2 The BNCC establishes the curricular guidelines to be developed at all levels of education across the country. At the secondary-school level, the framework identifies six cross-cutting themes—Environment, Economy, Health, Multiculturalism, Science and Technology, and Citizenship—which are to be incorporated into each school's curriculum. Empathy is a dimension that cuts across several of these themes.

EMPATHY AT PLAY — TERRITORY AND THE RECOGNITION OF CONFLICTS

Reflecting on the experiences of presenting the installation in public spaces and touring it through schools, we realized that *A Mile in My Shoes* had the potential not only to treat empathy as an end goal, but also to use it as a means of addressing specific issues, fostering connections, generating knowledge, and encouraging shifts in perspective. It could be understood as a fundamental tool capable of "playing a role in confronting the great challenges of our time," as we noted earlier in reference to Roman Krznaric's work.

It was in this context that we conceived the idea of presenting *A Mile in My Shoes* at COP30 in Belém, Pará, in November 2025. The Conference of the Parties (COP) is the world's leading forum where nearly every country comes together to decide how to confront the climate crisis. It is the only global governance mechanism capable of coordinating a unified response to prevent the Earth's climate from reaching a point of no return.

"BY INVITING VISITORS TO LITERALLY WALK IN SOMEONE ELSE'S SHOES, THE INSTALLATION DISSOLVES SOCIAL AND EMOTIONAL BARRIERS"

At each edition of the COP, representatives from around the world face a set of challenges that transcend geographical and political boundaries. The issues at stake are not limited to emission-cutting targets or multilateral agreements. What is being negotiated are ways of life, forms of production, relationships with territory, and, above all, our collective capacity to imagine possible futures. The front lines of the COP are multiple and interconnected, ranging from climate urgency to social inequalities, from ecosystem preservation to listening to traditional forms of knowledge that are often rendered invisible.

In this context, it becomes impossible to ignore that we are all playing in the same league, to borrow a football metaphor. There is only one planet, finite in its resources, yet extraordinarily fertile in its capacity for creation and renewal. This tension between limitation and possibility demands a shift in perspective: moving from a logic of exploitation to one of coexistence. No solution can be achieved in isolation. What is built at the COP depends as much on global decisions as on local,

everyday actions rooted in specific yet interconnected contexts.

This is where human experience becomes central. The ability to place oneself within other realities becomes essential to understand the impact of climate change on diverse populations and to grasp the ways of life and perspectives of those affected by climate change across a wide range of contexts and territories.

Starting from our premise that culture, in its many languages and forms of expression, possesses a unique capacity to raise awareness about issues that help us think through both the individual and social dimensions of human existence, we recognized the potential of bringing *A Mile in My Shoes* to the COP.

The initiative meant an opportunity to promote symbolic displacement by presenting narratives capable of revealing different ways of relating to nature, thereby creating new possibilities for dialogue and fresh understandings of the climate crisis. By bringing together stories, practices, and ancestral knowledge from the Amazon, the collection expanded the collective repertoire and contributed to discussions of the human dimension alongside the structural challenges being debated at the COP.

We began by building an Amazonian archive through the collection of stories from people living in the region. Riverine communities, members of traditional communities such as Indigenous and Quilombola peoples, former gold miners, and urban residents were among those whose stories became part of the collection.

The installation was set up on the shores of Guajará Bay in Belém and remained open throughout the eleven days of the conference. Although the initial expectation was to engage primarily with the official COP audience (foreign delegations, representatives of international organizations, and activists), most participants came from the local community. It was the residents of Belém themselves who, while attending the city's parallel events and cultural programming, became part of this cartography of stories and lived experiences.

The image of Amazonians listening to Amazonians, as well as foreigners listening to Amazonians, revealed that geographical proximity does not eliminate estrangement; rather, it transforms it into a process of discovery. At the end of each walk, it became clear that the sense of displacement and the recognition of otherness did not differ between foreign visitors and local participants. Symbolic displacement outweighted geographical distance: it is the exercise of temporarily holding up one's own subjectivity to inhabit contexts and lives intrinsically connected to the preservation of that territory.

The reactions recorded throughout the event demonstrated the effectiveness of this method of encounter, one that generates surprise, discomfort, and learning mediated by identification with and recognition of the other. Many participants

described reconnecting with aspects of their own identity that had been obscured by urban life, particularly a fundamental connection to nature. Careful listening, intensified by the sensory experience, opened the way for a form of understanding in which judgment gave way to reflection on the relationship between personal experience and territory.

Within the context of the COP, practicing empathy on Amazonian ground meant projecting personal experience onto a collective scale. Faced with shared climate challenges, solutions necessarily require collective action—a formidable challenge.

We inhabit a planet shaped by biological limits that demand shared responsibilities. Reinventing the current development model depends on recognizing that no actor operates alone. The game, which begins in the intimate relationship between two individuals, scales up to become the defining issue of our time: the capacity to coexist and act for a common future. In this context, within *A Mile in My Shoes*, empathy ceases to be an abstract value and becomes a practical urgency.

We concluded the installation at the COP convinced that empathy is the essential starting point for any meaningful change. We believe in the power of artistic language to connect people with urgent issues, and we left inspired to replicate this practice, sparking new dialogues and new desires for transformation. As we confront global challenges one careful step at a time, we recognize that the complexity of our world demands, above all, a commitment that must be embraced both individually and collectively.

HOBBES, Thomas. *Leviatã*: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

KRZNARIC, Roman. *O poder da empatia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

WAAL, Frans de. *A era da empatia*: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUTEBOL E PERTENCIMENTO: ESPORTE E ADAPTAÇÃO NA MIGRAÇÃO CANADENSE

Soccer and Belonging: Sport and Adaptation in Canadian Migration

Steven Schwinghamer[1]

INTRODUÇÃO[2]

O esporte é um mecanismo importante na expressão, na adaptação e na integração dos migrantes. O sociólogo Ramón Spaaij (2012, p. 2) argumenta que "o esporte serve como um campo significativo para a participação cívica, permitindo que os refugiados reassentados cultivem relações sociais e adquiram conhecimentos sobre a sua cultura". A natureza global do futebol faz com que muitas pessoas tenham habilidades e conhecimentos referentes ao jogo. No Canadá, essa experiência prévia é uma base útil para a adaptação depois da chegada. A prática do futebol ajuda a adaptação dos migrantes no Canadá. A análise das experiências dos jogadores, das adaptações fora do campo e de algumas complexidades identitárias no contexto do esporte mostra que os migrantes constroem comunidades e lares por meio do futebol.

NO CAMPO

O esporte pode ser uma ferramenta potente para promover adaptação e inclusão de pessoas marginalizadas, incluindo imigrantes e refugiados. Um jovem refugiado entrevistado pelo historiador Greg Yerashotis lembrou que isso afetou sua vida muito antes de ele chegar ao Canadá:

1 Steven Schwinghamer é historiador no Museu Canadense da Imigração, onde pesquisa destinos e políticas da imigração canadense.

2 O presente artigo foi adaptado, com permissão, de um conteúdo originalmente escrito pelo autor para o Museu Canadense da Imigração.

> Quando eu era criança, nos mudávamos muito. No Afeganistão, por conta da guerra, fomos forçados a sair de lá, então fomos do Afeganistão para o Tajiquistão e, do Tajiquistão, para o Cazaquistão. Mas a única coisa que eu amava e procurava em todos esses lugares diferentes era o futebol. Foi assim que me aproximei das pessoas desses novos lugares.

A longa familiaridade com o jogo, criada por conta de o esporte ser praticado no mundo todo, está refletida nas memórias da infância de Alan Efetha no Quênia:

> Era para cuidarmos das vacas, mas [...] esquecíamos e começávamos a jogar [futebol] [...] estávamos tão envolvidos com o jogo, que as vacas saiam e voltavam para casa no fim do dia. Quando percebíamos que as vacas tinham partido, elas já tinham chegado em casa [...].

Efetha levou seu amor pelo futebol para Saskatchewan. À medida que seus estudos avançavam, o futebol continuou sendo parte importante de sua vida social, inclusive por meio da associação de estudantes africanos na Universidade de Saskatchewan. Essa associação de estudantes se uniu ao grupo de estudantes da América Central e do Sul para jogar futebol juntos – mais uma vez, algo que tinham em comum antes e depois da migração para o Canadá –, e isso deu aos grupos uma chance de criar laços sociais mais amplos.

O futebol pode ajudar as pessoas a construir uma comunidade, em parte, através dos sentimentos e relacionamentos dos jogadores no campo. O empoderamento e a euforia proporcionados pelo esporte são muito importantes para os atletas imigrantes, sobretudo nos casos em que, de outra forma, eles poderiam se sentir marginalizados. O esporte também pode dar a eles a chance de desafiar as fronteiras culturais. Uma moça entrevistada por Yerashotis (2022, p. 236) comentou:

> Eu gostava de coisas que me fizessem sentir forte, gostava de taekwondo e futebol. Preferia coisas em que eu pudesse usar um pouco de força sem ter problemas [...]. Na sociedade, as mulheres, em especial, precisam ter certa aparência e precisam se comportar de certa forma; quando você pratica um esporte, sua aparência não importa se você não tiver habilidades [...] o hijab não era relevante ali. Nunca me senti diferente quando estava concentrada praticando um esporte – me sentia conectada ao meu corpo e à minha pele.

A superação das diferenças também transparece nas palavras de um imigrante português entrevistado pelo antropólogo Marcelo Herrera (2018, p. 33):

> O futebol se tornou [nossa] forma de relaxar, de esquecer muitas ansiedades e sentimentos de inadequação neste país. O futebol era algo que conseguíamos fazer sem um bom inglês e sem conhecer a cultura e os costumes canadenses. Isso ajuda a pessoa [...] na mente e no coração.

A história do futebol na Colúmbia Britânica oferece um relevante exemplo da adaptação da comunidade migrante e do empoderamento por meio do esporte. O time de futebol de Estudantes Chineses foi formado em 1919, em Vancouver, na Colúmbia Britânica, e se tornou um time de futebol consagrado (Mickleburgh, 2011). O time jogou em uma liga contra times brancos em uma época em que a discriminação contra canadenses de origem chinesa era aceitável e disseminada. Os canadenses de origem chinesa foram alvo de muitas restrições, incluindo a proibição de votar e de exercer muitas profissões.



Alan Efetha chutando a bola em um campo de futebol em Saskatchewan, 1996. Crédito: CMI (DI2019.66.1)

Alan Efetha kicking a ball on a soccer field in Saskatchewan, 1996. Credit: CMI (DI2019.66.1).

“ASSIM COMO O CANADÁ, O FUTEBOL É BONITO [...] QUALQUER UM PODE FAZER QUALQUER COISA. NÃO EXISTEM RESTRIÇÕES E, SE EXISTIREM, ELAS PODEM SER CONFRONTADAS, COMO EM UM JOGO.

ASSIM COMO O CANADÁ, O FUTEBOL PODE TE FAZER IGUAL. SE TIVER OUTRAS PESSOAS NO SEU TIME QUE SÃO MAIS FORTES QUE VOCÊ, ELAS VÃO TE APOIAR, ELAS VÃO TE AJUDAR. A SOCIEDADE CANADENSE É ASSIM TAMBÉM.”

Joe Pereira, português-canadense (Herrera, 2018, p. 42)

Nesse contexto, os famosos Estudantes Chineses – chamados assim porque, quando o time foi formado, muitos dos integrantes ainda estavam no ensino médio – representavam bem sua comunidade. Em especial, a vitória do time na Mainland Cup, em 1933, deu origem a um feriado e a comemorações animadas no centro leste de Vancouver, então lar de muitos imigrantes asiáticos (Beck, n.d.). O filho de uma das estrelas do time relembra o impacto, dizendo:

> Ele nasceu aqui, mas meu pai não tinha nenhum dos direitos dos demais canadenses. O futebol foi uma das únicas oportunidades que ele teve de competir como igual [...] Aqueles jogadores ganharam mais do que um troféu. Eles quebraram barreiras, ganharam respeito para sua comunidade e deixaram um legado que continua até hoje (Mickleburgh, 2011).

NAS ARQUIBANCADAS E MINIVANS

Assim como é possível perceber com os Estudantes Chineses, a influência inclusiva do futebol se estende para bem longe do campo. Espectadores, patrocinadores, dirigentes e outras pessoas participam de identidades forjadas pelo futebol. Conforme argumentado pelo historiador Stephen Fielding (2018, p. 30), "os clubes esportivos estão entre as primeiras entidades criadas pelos recém-chegados, que basearam muitas de suas aspirações de comunidade, reconhecimento e inclusão nas costas dos atletas". Além disso, como observa Hugo Santos-Gomez (2014, p. 144) em seu trabalho sobre o futebol dos imigrantes na Califórnia, "os jogadores de futebol são obrigados a se envolver de forma cívica e política para que se criem condições mínimas necessárias ao jogo, ou seja, para que tenham acesso a espaços públicos adequados para a prática do esporte".

O envolvimento dos imigrantes na criação e no crescimento do esporte se manifesta desde os primórdios do futebol no Canadá. David Forsyth, conhecido como o "pai" do futebol canadense, era um imigrante escocês. Ele chegou ainda bebê da Escócia, em 1953. Forsyth teve uma carreira importante como jogador em jogos internacionais e universitários, mas também se esforçou para disseminar o esporte no Canadá. Ele fundou a Western Football Association, uma liga de dezenove times no sul de Ontário, em 1880, e treinou muitas futuras estrelas do futebol através de seu trabalho como professor nas escolas de ensino médio em Berlin (hoje Kitchener)/Waterloo, na região de Ontário, no final dos anos 1800 e no início de 1900 (Profile [...], 2020).

Esse trabalho de liderança esportiva exercido por imigrantes continua até hoje e em todos os níveis do jogo. Nas bases, o imigrante queniano Alan Efetha tinha



B.C. MAINLAND CUP CHAMPIONS - 1933

Standing L to R	William Lore	Gibb Yip	Jackson Louie	Jack Soon	Shupon Wong	Horne Yip	Charles Louie (mgr)	Gam Jung	George Lam
Sitting L to R	(treas)	Lem On	Dock Yip	Art Yip	Quene Yip	Frank Wong	Buck S. Chung		(secty)

Em 1933, estudantes chineses venceram a Mainland Cup da Colúmbia Britânica. Crédito: BC Sports Hall of Fame.

In 1933, the Chinese Students won British Columbia's Lower Mainland Cup. Credit: BC Sports Hall of Fame.

jogado futebol quando criança na África e continuou jogando na Universidade de Saskatchewan depois de ir para o Canadá em 1984. Quando Efetha (2014) mudou-se para Lethbridge, virou treinador, ressaltando que "Lethbridge é muito grande para ser um bombeiro voluntário, então fiz minha escolha – porque não me movimento mais como costumava, mas tenho uma paixão pelo futebol. Comecei a dar treinos. Então, sou o treinador de futebol da Lethbridge Soccer Association".

Nos escritórios dos times e das ligas por todo o Canadá, imigrantes – e em especial voluntárias mulheres – podem desenvolver experiência administrativa e uma rede profissional e social para apoiar sua transição para uma identidade canadense e, possivelmente, um trabalho remunerado (Herrera, 2018). Com isso em mente, entendemos o contexto da afirmação de Herrera (2018, p. 104) de que uma liga como a Liga de Futebol da Juventude Muçulmana, com seu núcleo de mulheres líderes voluntárias, "não é para separar ideologicamente mulheres muçulmanas das canadenses, mas integrá-las à sociedade canadense", conforme reproduzem as normas do Canadá.

"OS PAIS DE CRIANÇAS DE UMA SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES NO CANADÁ TRANSFORMARAM AS VIAGENS INTERNACIONAIS DE FUTEBOL EM OPORTUNIDADES PARA QUE SEUS FILHOS CRIASSEM OU REATASSEM LAÇOS COM SUAS TERRAS NATAIS"

Essa integração vai além da forma como os migrantes constroem sua identidade, estendendo-se às redes informais e sociais. Pais de jogadores de futebol imigrantes, por exemplo, lembram em entrevistas que "fizeram seus primeiros amigos canadenses por meio do envolvimento com o time de futebol da filha ou do filho" (Herrera, 2018, p. 69). Um exemplo prático, mas importante, do envolvimento que o futebol promove pode ser observado entre pais imigrantes cujos filhos praticam o esporte, que são incentivados a tirar a carteira de motorista para ajudar no transporte do time (Herrera, 2018). Em resumo, os benefícios para as comunidades e para os pais podem ser significativos. Conforme Sonia Pereira narra para Herrera (2018, p. 38-39):

> Nos campos, encontrei outros imigrantes portugueses e imigrantes de outros países. Nós compartilhamos histórias sobre nossas vidas em nossos lares e nossa nova vida aqui – o que fez com que eu me sentisse ouvida e vista como outra coisa além de mãe e esposa. Eu me senti parte de uma comunidade maior de imigrantes e da comunidade em geral. Me senti real. Sabe, existe isso de ser de verdade, mas ainda assim se sentir invisível.

O uso do futebol para fortalecer os laços culturais funciona de maneiras complexas. Os pais de crianças de uma segunda geração de imigrantes no Canadá transformaram as viagens internacionais de futebol em oportunidades para que seus filhos criassem ou reatassem laços com suas terras natais. Essas viagens, frequentemente organizadas pelos líderes da comunidade que se dedicaram à consciência diaspórica de sua juventude, complementaram as políticas públicas e as redes transnacionais comunitárias (Fielding, 2018, p. 109). Fielding cita uma entrevista com o imigrante italiano Michael di Biase, que diz: "Nós chamamos isso de *ritorno ai radicci*" (de volta às nossas raízes). Di Biase assumiu papéis de liderança no Canadá como imigrante, tanto na comunidade do futebol quanto na política: ele foi presidente do Woodbridge Strikers Soccer Club e prefeito de Vaughan (Fielding, 2018).

MÚLTIPLAS IDENTIDADES

Essas viagens refletem o tipo de consciência dupla que frequentemente observamos nas comunidades migrantes e diaspóricas. Cada Copa do Mundo é um espetáculo de torcidas rivais no Canadá, em parte graças a essa versatilidade. Em 2014, David Common da CBC observou que "não é nenhuma surpresa em um país construído pela imigração você encontrar torcedores para todos os 32 times".[3] Essa manifestação pública de torcida por outros países surge após um momento decisivo no multiculturalismo esportivo canadense. Depois da vitória da Itália sobre a Alemanha Ocidental em 11 de julho de 1982, 250 mil canadenses de origem italiana tomaram as ruas de Toronto (especialmente na região de St. Clair West) para uma gigantesca festa de rua (Fielding, 2018). Essa enorme manifestação nas ruas canadenses com as cores da Itália é um excelente exemplo das"A paixão pelo futebol constrói identidade: os torcedores estão afirmando seus lugares nos espaços públicos canadenses como canadenses – e comemorando a identificação com os campeões italianos.

Os laços afetivos que o esporte promove são específicos e locais, e não apenas nacionais. Como apontado pelo sociólogo Federico Genovesi (2024, p. 84), "o futebol de base solidário pode proporcionar oportunidades para o desenvolvimento de um

3 "Canada has supporters of all 32 FIFA soccer teams", *The National*, exibido em 12 de junho de 2014, na CBC.

sentimento comum de pertencimento à comunidade local em geral [...] [e] pode desempenhar um papel fundamental na resistência à liminaridade imposta pelas políticas autóctones de pertencimento". O historiador Greg Yerashotis (2022, p. 306) destaca que as interligações entre as identidades urbanas, políticas e de grupo definem "como o esporte pode promover diversas formas de pertencimento na vida dos participantes". Esses estudos destacam a importância de dar atenção à adaptação e à integração por meio do esporte em níveis "acima" e "abaixo" do nacional.

"A PAIXÃO PELO FUTEBOL CONSTRÓI IDENTIDADE: OS TORCEDORES ESTÃO AFIRMANDO SEUS LUGARES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS CANADENSES COMO CANADENSES"

As adaptações do próprio futebol também constituem uma parte importante do intercâmbio cultural. Um exemplo local para a comunidade do Museu Canadense da Imigração é o *Mundialito*, organizado pela Latispánica para a crescente comunidade latino-americana em Halifax, Nova Escócia, Canadá (Ortega-Araiza, 2024). Em particular, no Canadá e nos Estados Unidos, a forma como o futebol é jogado reflete a adaptação às novas normas. As mulheres entram em campo, reivindicando um espaço que costuma ser culturalmente masculino. Elas criam uma identidade híbrida que retrata tanto o amor duradouro pelo esporte, trazido de sua terra natal, quanto a inclusão das mulheres como jogadoras, adotada em seu novo lar (Cuadros, 2011; Herrera, 2018). De acordo com o que uma mulher latina contou para Herrera (2018, p. 59) sobre essa diferença entre o futebol *daqui* e o de *lá*, "o fato de estarmos cientes de que as coisas no Canadá são diferentes e, então, seguirmos essas regras não faz de nós hipócritas, mas sim cidadãs conscientes".

CONCLUSÃO

Jogar futebol ajuda na adaptação dos migrantes. O jogo tem suas bases em trocas culturais complexas e adaptações recíprocas. No entanto, alguns dos principais benefícios e adaptações acontecem fora dos holofotes, já que torcer ou jogar futebol pode desafiar normas culturais tradicionais e proporcionar um espaço para novas redes sociais e profissionais. Dessa forma, os migrantes podem ter várias identidades por meio do futebol, incluindo, por um lado, o fortalecimento ou a criação de vínculos com grupos culturais e, por outro, a afirmação do sentimento de pertencimento no espaço público canadense. O próprio ato de torcer pela seleção de outro país é considerado não apenas aceitável, mas também desejável, dentro dos limites do multiculturalismo oficial canadense. Os migrantes constroem comunidades e se estabelecem no Canadá por meio do futebol.

BECK, Jason. 1933 Chinese Students'. *BC Sports Hall of Fame*, n.d. Disponível em: https://bcsportshall.com/honoured_member/1933-chinese-students/. Acesso em: 6 dez. 2024.

CUADROS, Paul. We play too: Latina integration through soccer in the "New South". *Southeastern Geographer*, v. 51, n. 2, p. 227-241, 2011.

EFETHA, Alan. *Oral History*, 25 maio 2014. Digital video, CMI Collection.

FIELDING, Stephen. *Sporting multiculturalism*: Toronto's postwar European immigrants, gender, diaspora, and the grassroots making of Canadian diversity'. 2018. Dissertação (PhD em História) – University of Victoria, Victoria, 2018.

GENOVESI, Federico. Spaces of football and belonging for people seeking asylum: resisting policy-imposed liminality in Italy. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 59, n. 1, p. 82-100, 2024.

HERRERA, Marcelo. *Soccer, space, and community integration*: being and becoming Canadian in London, Ontario through the world's game. 2018. Tese – University of Western Ontario, Londres, 2018.

MICKLEBURGH, Rod. Nearly 70 Years on, an act of inclusion for Chinese Students Soccer team. *Globe and Mail*, 11 jan. 2011. Disponível em: https://www.theglobeandmail.com/news/british-columbia/nearly-70-years-on-an-act-of-inclusion-for-chinese-students-soccer-team/article561242/. Acesso em: 11 abr. 2026.

ORTEGA-ARAIZA, Javier. Amid a booming Latin American population in Canada, this Halifax group is building community from the ground up. *The Hamilton Spectator*, Toronto, 7 fev. 2024. Disponível em: https://www.thespec.com/news/canada/amid-a-booming-latin-american-population-in-canada-this-halifax-group-is-building-community-from/article_77c9b4b1-3315-5668-bd9f-822aee4185d1.html. Acesso em: 11 abr. 2026.

PROFILE – David Forsyth. *Canada Soccer*, 28 jan. 2020. Disponível em: https://canadasoccer.com/profile/?id=1181. Acesso em: 21 jun. 2026.

SANTOS-GOMEZ, Hugo. *Immigrant farmworkers and citizenship in rural California*: playing soccer in the San Joaquin Valley. El Passo: LFB Scholarly Publishing LLC Books, 2014.

SPAAIJ, Ramón. Beyond the playing field: experiences of sport, social capital, and integration among Somalis in Australia. *Ethnic and Racial Studies*, v. 35, n. 9, p. 1519-1538, 2012.

YERASHOTIS, Greg. *Kickin' it in 'the Hood'*: soccer and social inclusion in global Toronto. 2022. Dissertação – Universidade de Toronto, Toronto, 2022.

INTRODUCTION[2]

Sport is an important device for migrant expression, adaptation, and integration. Sociologist Ramón Spaaij (2012, p. 2) argues that "[s]port serves as a significant site for civic participation, potentially enabling resettled refugees to foster social relationships with, and cultural knowledge of, the host community." The global nature of football (soccer) means that many people arrive with skills and knowledge of the game. In Canada, that previous experience is a useful foundation for adaptation after arrival. Participating in soccer aids adaptation for migrants in Canada. Tracing player experiences, adaptations off the field, and some of the complexity of identities around sport shows that migrants build communities and make their homes in Canada through soccer.

1 Steven Schwinghamer is a historian at the Canadian Museum of Immigration, where he researches places and policies of Canadian immigration.

2 This article is adapted with permission from content originally created by the author for the Canadian Museum of Immigration.

ON THE FIELD

Sport can be a potent tool to promote the adaptation and inclusion of marginalized people, including immigrants and refugees. One refugee youth interviewed by historian Greg Yerashotis recalled this affecting his life well before arrival in Canada:

> When I was little we moved around a lot. In Afghanistan, because of war we got kicked out from [there] so we went from Afghanistan to Tajikistan, from Tajikistan to Kazakhstan. But the one thing I loved, and I looked for in all these different places was football. That's how I kind of connected with people from these new places.

The long familiarity with the game, built from playing all over the world, is reflected in Alan Efetha's memories of growing up in Kenya:

> We were supposed to be taking care of the cows, but… we'd forget and we'd get playing [football]… we were so much involved in playing that the cows would take off and head back home when the evening came. By the time we realized the cows had gone, they were already at home…

Efetha brought his love of football to Saskatchewan. As his studies progressed, soccer was a significant part of his social life, including through the African student association at the University of Saskatchewan. His student association joined with the Central & South American student group to play football together—again, something they had in common from before and after migrating to Canada—and this gave the groups a chance to make broader social ties.

Soccer can help people build community, in part, through the feelings and relationships of players on the field. The empowerment and exhilaration of sport matter greatly to immigrant athletes, especially where they might otherwise feel marginalized. The sport can afford a chance to challenge cultural frontiers, too. A young woman interviewed by Yerashotis (2022, p. 236) remarked,

> I liked things that made me feel strong, I liked Taekwondo and soccer. I liked things where I could be a little bit physical and not get in trouble... in society women especially have to look a certain way and act a way, when you play a sport, it doesn't matter how you look if you don't have the skills... the Hijab wasn't relevant at that point. I never felt, when I was in the zone playing sport, like I was different—I felt attached to my body and my skin.

Overcoming difference appears, too, in the words of a Portuguese immigrant interviewed by anthropologist Marcelo Herrera (2018, p. 33):

> Soccer became [our] way to relax, to forget about many anxieties and inadequacies in this country. Soccer was something we could do without good English or knowing Canadian culture and customs. This helps a person [...] in their heads and in their hearts.

The soccer history of British Columbia offers a striking example of migrant community adaptation and empowerment through sport. The Chinese Students football team was formed in 1919, in Vancouver, British Columbia, and they became a celebrated soccer team (Mickleburgh, 2011.) They played in a league against white teams at a time when discrimination against Chinese Canadians was acceptable and pervasive. Chinese Canadians were targeted for many exclusions, including from voting and from working in many professions.

In this context, the storied Chinese Students—called this because when they formed many of the players were still in secondary school—represented their community well. In particular, the 1933 team's victory in the Mainland Cup triggered a holiday and enthusiastic festivities in Vancouver's downtown East Side, then home to many Asian immigrants (Beck, n.d.) The son of one of the team's stars remembers their impact, saying,

> He was born here, but my father had none of the rights of other Canadians. Soccer was one of the only opportunities he had to compete as an equal… Those players won more than a trophy. They broke down barriers, they won respect for their community and they left a legacy that continues to this day. (Mickleburgh, 2011)

IN THE STANDS AND MINIVANS

As we see with the Chinese Students, the inclusive influence of soccer extends well away from the pitch. Spectators, sponsors, officials, and others all participate in identities forged through football. As argued by historian Stephen Fielding (2018, p. 30), "[s]ports clubs were among the first entities created by newcomers, who hinged many of their aspirations for community, recognition, and inclusion on the backs of the athletes." Further, as Hugo Santos-Gomez (2014, p. 144) notes in his work on immigrant soccer in California, "soccer players are compelled to become civic and politically engaged in order to make possible the minimum conditions required to play, i.e., access to public spaces amenable to practice the sport."

Immigrant engagement to establish and grow the sport is reflected in the earliest development of soccer in Canada. David Forsyth, known as the "father" of Canadian soccer, was a Scottish immigrant. He arrived as a baby from Scotland in 1853. Forsyth had a notable career as a player in early international and university games but also worked to expand the sport in Canada. He founded the Western Football Association, a league of 19 teams in Southern Ontario, in 1880, and he coached many future soccer stars through his work as a teacher in a Berlin (now Kitchener) / Waterloo, Ontario area high school through the late 1800s and early 1900s (Profile […], 2020).

This sport leadership work by immigrants continues to the present, and at every level of the game. At the grassroots level, Kenyan immigrant Alan Efetha had played football as a child in Africa and continued with the game at the University of Saskatchewan after coming to Canada in 1984. When Efetha (2014) moved to Lethbridge he took up coaching, noting "Lethbridge is too big to be a volunteer fireman, so I made a choice of—because I'm all, like, don't move around like I used to move around, but I have a passion for football, soccer. I started coaching. So, I coach soccer for the Lethbridge Soccer Association."

In team and league offices across Canada, immigrants—and notably women volunteers—can gain administrative working experience and a social and professional network to support their move into both Canadian identities and possibly paid Canadian employment (Herrera, 2018). With this in mind, we see the framework for Herrera's (2018, p. 104) assertion that a league like the Muslim Youth Soccer League,

“LIKE
CANADA,

SOCCER IS BEAUTIFUL...
ANYONE CAN DO
ANYTHING. THERE ARE
NO RESTRICTIONS, AND IF
THERE ARE RESTRICTIONS,
THEY CAN BE CHALLENGED,
LIKE IN A SOCCER MATCH.

LIKE
CANADA,
SOCCER CAN MAKE YOU
EQUAL. IF THERE ARE
OTHERS ON YOUR TEAM
THAT ARE STRONGER THAN
YOU, THEY WILL SUPPORT
YOU, THEY WILL HELP YOU.
CANADIAN SOCIETY IS LIKE
THIS TOO.”

Joe Pereira, Portuguese Canadian (Herrera, 2018, p. 42)

with its core of volunteer women leaders, "is not meant to ideologically separate Muslim women from other Canadians but to integrate them to Canadian society" as they reproduce Canadian norms.

This integration extends beyond the ways migrants produced identity to casual and social networking. Immigrant soccer parents, for instance, recalled in interviews that "they made their first Canadian friends through their involvement with their daughter's or son's soccer" (Herrera, 2018, p. 69). A practical but important example of the engagement soccer fosters can be found among immigrant parents with children in the sport, who are pushed along in getting a driver's license to help with team transportation (Herrera, 2018). In sum, the benefits for the communities and the parents can be profound. As Sonia Pereira tells Herrera (2018, p. 38-39),

> At the fields I met other Portuguese immigrants, and immigrants from other countries. We shared stories about our lives back home and our new lives here—made me feel heard and seen as something other than a mother and wife. I felt part of a larger community of immigrants, and of the bigger general community. I felt real. There is such a thing, you know, as being real but still feel invisible.

The use of soccer for reinforcement of cultural ties works in complex ways. Parents of second-generation immigrant children in Canada turned international soccer trips into occasions for their children to forge or recover links to their ancestral homelands. These trips, often organized by community leaders who were invested in the diasporic consciousness of their youth, complemented state policy and community transnational networks (Fielding, 2018, p. 109). Fielding quotes an interview with Italian immigrant Michael di Biase, who says "We called it *ritorno ai radicci*" (returning to our roots). Di Biase took up leadership in Canada as an immigrant both within the soccer community and in politics: he was president of the Woodbridge Strikers Soccer Club and mayor of Vaughan (Fielding, 2018).

MULTIPLE IDENTITIES

These trips reflect the kind of double consciousness we often mark in migrant and diasporic communities. Every World Cup is a spectacle of competing fandoms in Canada thanks in part to this polyvalence. In 2014, CBC's David Common remarked that it is "no surprise in a country built on immigration you can find supporters here of all 32 teams."[3] This public expression of fandom for other countries follows a turning point in Canadian sport multiculturalism. Following the World Cup

3 'Canada Has Supporters of All 32 FIFA Soccer Teams', *The National*, aired 12 June 2014, on CBC.

victory of Italy over West Germany on 11 July 1982, a quarter of a million Italian Canadians erupted onto the streets of Toronto (especially around St. Clair West) for a tremendous street party (Fielding, 2018). This massive taking to Canadian streets in Italian colours is a fine example of "SOCCER fandom produces identity: the fans are asserting they belong in Canadian public places as Canadians—and rejoicing in the identification with the Italian champions.

The potential belongings fostered by sport are particular and local, not just national. As sociologist Federico Genovesi (2024, p. 84) points out, "solidarity grassroots football can provide opportunities for shared senses of belonging with the wider local community… [and] can play a vital role in the resistance of the liminality imposed by autochthonic politics of belonging." Historian Greg Yerashotis (2022, p. 306) points to interlinked urban, political, and group belongings in setting out "how sport can facilitate multiple different forms of belonging in participants' lives." These studies underscore the importance of paying attention to adaptation and integration through sport at levels "above" and "below" the national.

"SOCCER FANDOM PRODUCES IDENTITY: THE FANS ARE ASSERTING THEY BELONG IN CANADIAN PUBLIC PLACES AS CANADIANS"

Adaptations of the sport of football itself are also an important part of cultural exchange. A local example for our museum community is the *Mundialito* run by Latispánica for the growing Latin American community in Halifax, Nova Scotia, Canada (Ortega-Araiza, 2024). Notably, in Canada and in the United States, the way soccer is played reflects adaptation to new norms. Women take to the field, claiming a space that is often culturally masculine. They craft a hybrid identity that reflects both an abiding love of the sport (brought from their old home) and an inclusion of women as players (adopted from their new home) (Cuadros, 2011; Herrera, 2018). As one Latina woman told Herrera (2018, p. 59) of this difference between soccer *here* and *there*, "[b]eing aware that things in Canada are different and then playing by those rules doesn't make us hypocrites, it makes us conscious citizens."

CONCLUSION

Participating in soccer aids adaptation for migrants. The game is founded on complex cultural exchanges and reciprocal adaptations. Some of the most significant benefits and adjustments happen out of the spotlight, however, as supporting or participating in soccer can push previous cultural norms and provide a venue for new social and professional networks. In this way, migrants can produce many identities through soccer, including reinforcing or adding connections with cultural groups on one hand, while asserting belonging in Canadian public space on the other. The very act of embracing another country's team is itself seen as not only acceptable but desirable within the constraints of sanctioned Canadian multiculturalism. Migrants build communities and make their homes in Canada through soccer.

BECK, Jason. 1933 Chinese Students'. *BC Sports Hall of Fame*, n.d. Available at: https://bcsportshall.com/honoured_member/1933-chinese-students/. Retrieved on: Dec. 06, 2024.

CUADROS, Paul. We play too: Latina integration through soccer in the "New South". *Southeastern Geographer*, v. 51, n. 2, p. 227-241, 2011.

EFETHA, Alan. *Oral History*, 25 May 2014. Digital video, CMI Collection.

FIELDING, Stephen. *Sporting multiculturalism*: Toronto's postwar European immigrants, gender, diaspora, and the grassroots making of Canadian diversity'. 2018. Dissertação (PhD em História) – University of Victoria, Victoria, 2018.

GENOVESI, Federico. Spaces of football and belonging for people seeking asylum: resisting policy-imposed liminality in Italy. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 59, n. 1, p. 82-100, 2024.

HERRERA, Marcelo. *Soccer, space, and community integration*: being and becoming Canadian in London, Ontario through the world's game. 2018. Dissertations & Theses – University of Western Ontario, London, 2018.

MICKLEBURGH, Rod. Nearly 70 Years on, an act of inclusion for Chinese Students Soccer team. *Globe and Mail*, Jan. 11, 2011. Available at: https://www.theglobeandmail.com/news/british-columbia/nearly-70-years-on-an-act-of-inclusion-for-chinese-students-soccer-team/article561242/. Retrieved on: Apr. 11, 2026.

ORTEGA-ARAIZA, Javier. Amid a booming Latin American population in Canada, this Halifax group is building community from the ground up. *The Hamilton Spectator*, Toronto, Feb. 07, 2024. Available at: https://www.thespec.com/news/canada/amid-a-booming-latin-american-population-in-canada-this-halifax-group-is-building-community-from/article_77c9b4b1-3315-5668-bd9f-822aee4185d1.html. Retrieved on: Apr. 11, 2026.

PROFILE – David Forsyth. *Canada Soccer*, Jan. 28, 2020. Available at: https://canadasoccer.com/profile/?id=1181.

SANTOS-GOMEZ, Hugo. *Immigrant farmworkers and citizenship in rural California*: playing soccer in the San Joaquin Valley. El Passo: LFB Scholarly Publishing LLC Books, 2014.

SPAAIJ, Ramón. Beyond the playing field: experiences of sport, social capital, and integration among Somalis in Australia. *Ethnic and Racial Studies*, v. 35, n. 9, p. 1519-1538, 2012.

YERASHOTIS, Greg. *Kickin' it in 'the Hood'*: soccer and social inclusion in global Toronto. 2022. Dissertação – Universidade de Toronto, Toronto, 2022.



Ricardo Oliveira

DE *NHE'Ẽ PORÃ* AO OYAPOCK: UMA REDE TRANSFRONTEIRIÇA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

From Nhe'ẽ Porã *to the Oyapock: A Cross-Border Network of Indigenous Languages*

CECILIA FARIAS E MAJOÍ FAVERO GONGORA

CECILIA FARIAS é linguista e pesquisadora no Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa, e integra o Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas. É membro da Comissão de Revitalização Linguística da Associação Brasileira de Linguística (Abralin).

is a linguist and researcher at the Reference Center of the Museum of the Portuguese Language, and a member of the Documentation Center for Indigenous Languages and Cultures. She serves on the Language Revitalization Committee of the Brazilian Linguistics Association (Abralin).

MAJOÍ FAVERO GONGORA é antropóloga e integra o Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas. Foi assistente de curadoria e coordenadora de pesquisa da exposição *Nhe'ẽ Porã: memória e transformação.*

is an anthropologist and a member of the Documentation Center for Indigenous Languages and Cultures. She served as curatorial assistant and research coordinator for the exhibition Nhe'ẽ Porã: Memory and Transformation.

DE UMA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA À NASCENTE DE UM CENTRO

O Museu da Língua Portuguesa situa-se na Estação da Luz, em um bairro constituído ao longo de séculos por pessoas oriundas das mais diferentes origens. Desde sempre, um território multilíngue. Essas trajetórias cruzadas são matéria-prima para o museu pensar a sua missão como espaço de valorização da diversidade e de construção de diálogos sobre as riquezas das línguas e das culturas a elas relacionadas. O museu – que escolheu como tema principal o universo da língua portuguesa e os contextos multilíngues em que ela se insere – vem mostrando, por meio de suas exposições e ações culturais, que não existem fronteiras para as línguas e seus falantes, e por isso é preciso olhar com atenção seus encontros e desencontros.

Mais recentemente, o Museu da Língua Portuguesa realizou a primeira grande exposição sobre as línguas indígenas no Brasil, *Nhe'ẽ Porã: memória e transformação* (2022-2023), sob a premissa institucional de uma curadoria indígena. Com a maestria da artista Daiara Tukano, a mostra levou ao centro de São Paulo a resiliência, a riqueza e a multiplicidade das formas de expressão dos povos indígenas e a sua luta pela manutenção de suas línguas e seus modos de existir e pelo direito à diferença. Daiara desenvolveu a ideia de que "as línguas indígenas são territórios de memória, de pensamento e de espiritualidade; como árvores de uma grande floresta, formam comunidades, conectam mundos, espalham sementes e geram vida" (Tukano, 2023, p. 23). Cada língua é, ao mesmo tempo, constituída e constituidora de uma cosmovisão, um modo específico de apreciar a vida e de estar no mundo; é expressão de antigas sabedorias sobre a experiência humana na Terra; por isso o valor inestimável de cada língua indígena falada neste país.

Um marco na história da instituição, *Nhe'ẽ Porã* se consagrou como a primeira ação no Brasil da Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI 2022-2032), promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e recebeu mais de 189 mil visitantes. Isa Grinspum Ferraz, curadora especial do museu, comenta no catálogo que a exposição "nasceu do desejo de ampliar o diálogo com o público, trazendo à luz novas formas de abordar a complexa questão das culturas e línguas dos povos originários do país" (Tukano, 2023, p. 12). É fundamental mencionar ainda a colaboração de Altaci Corrêa Rubim, do povo Kokama, linguista e representante dos povos indígenas da América Latina e Caribe no Grupo de Trabalho Mundial da DILI; ela fez parte da equipe de pesquisa da exposição e, em 2025, passou a integrar o Comitê Curatorial do museu, contribuindo de forma duradoura. Desde então, o debate em torno das línguas indígenas no Brasil tornou-se uma pauta fundamental para o museu, que vem atuando em diferentes iniciativas voltadas à promoção e ao fortalecimento das línguas indígenas.

As itinerâncias de *Nhe'ẽ Porã*, realizadas em 2024 no Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém/PA), no Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro/RJ) e no Centro Cultural Vale Maranhão (São Luís/MA), tiveram o objetivo de ampliar o acesso à diversidade linguística do território brasileiro e compreender a urgência de valorizarmos as mais de 175 línguas indígenas faladas hoje. Em março de 2024, uma versão reduzida da mostra ocupou o Hall Ségur, na sede da UNESCO, em Paris (França), durante o encontro do Conselho Executivo da UNESCO, que reuniu representantes de 58 Estados-membros e 195 observadores de todo o mundo. Paralelamente a essa ação, o Museu da Língua Portuguesa, em parceria com o Laboratoire d'Anthropologie Sociale e o Collège de France, organizou o colóquio internacional "Línguas indígenas da América do Sul: memória e transformação" no edifício histórico do Collège de France, abrindo espaço pela primeira vez a acadêmicos e artistas indígenas. Nas itinerâncias da exposição vimos surgir uma vocação: a de construir em cada contexto expositivo, em cada cidade, pontes e convergências entre instituições e pessoas cujos trabalhos voltam-se à valorização das línguas e culturas indígenas.

Nesse sentido, a exposição *Nhe'ẽ Porã* pode ser compreendida não apenas como um marco expositivo, mas também como um nascedouro. Foi a partir desse solo fértil aberto por uma curadoria indígena, pelos intensos diálogos com a sociedade e pela reverberação em diferentes territórios – de Belém a Paris – que nasceu o *Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas*, uma iniciativa conjunta do Museu da Língua Portuguesa e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Criado em maio de 2025, o centro surge com um compromisso fundamental: desenvolver ações de pesquisa, documentação, preservação e difusão a partir de uma abordagem que coloque em primeiro lugar a relação de confiança e respeito com as comunidades e pessoas indígenas. Mais do que celebrar a diversidade linguística e cultural, trata-se de agir concretamente para sua preservação e seu fortalecimento, materializando o entendimento de que as línguas e culturas indígenas são "territórios de memória" – e que protegê-los exige um trabalho contínuo de registro e diálogo com as comunidades envolvidas. O Museu da Língua Portuguesa, por meio dessa iniciativa, consolida um importante compromisso institucional anunciado na abertura de *Nhe'ẽ Porã*, em outubro de 2022.

DIÁLOGOS ENTRE O BRASIL E A FRANÇA E UMA REDE TRANSFRONTEIRIÇA EM TORNO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

Com a realização de *Nhe'ẽ Porã* na sede da UNESCO em Paris e do colóquio sobre línguas indígenas no Collège de France, o Museu da Língua Portuguesa foi estreitando laços com importantes instituições francesas – como a Cité internationale de la langue française – e se aproximando de debates sobre as línguas indígenas nos territórios da França, em especial na Guiana Francesa.

Em novembro de 2024, incentivada pela curadoria da Temporada França-Brasil 2025 e com o apoio do Consulado Geral da França em São Paulo, a equipe do museu foi à Guiana Francesa para conhecer os contextos locais e estudar a possibilidade de realizar ações culturais com o objetivo de ampliar as trocas entre os povos e instituições situados nos dois lados da fronteira, problematizando a ideia de que fronteiras políticas correspondem a fronteiras linguísticas e culturais. Além disso, a região das guianas é um território prioritário para a linha de pesquisa linguística do centro, coordenada por Luciana Storto, linguista e do-

cente da Universidade de São Paulo. Nessa missão de intercâmbio, a equipe também visitou o município de Oiapoque/PA, onde se encontra o Museu Kuahí – Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque, uma instituição ligada à Secretaria da Cultura do Estado do Amapá que atua como centro de referência, memória, documentação e pesquisa para os povos Palikur, Galibi Kali'na, Karipuna e Galibi Marworno.

Após essa viagem, uma série de diálogos se iniciou entre o Museu da Língua Portuguesa e representantes da Coletividade Territorial da Guiana (CTG), em especial Anne-Marie Chambrier, encarregada de Línguas e Autoctonia/CTG, entre outros parceiros. O objetivo era organizar um colóquio internacional dedicado às línguas e culturas indígenas da região que priorizasse a participação de indígenas dos dois lados da fronteira e tematizasse seus desafios e demandas contemporâneas.

O território guianense, ainda pouco conhecido no Brasil, é habitado por sete povos indígenas: Apalai, Kali'na, Lokono, Palikur, Teko, Wajãpi e Wayana. Das sete línguas indígenas hoje faladas na Guiana Francesa, cinco também são faladas nos países vizinhos. A região conhecida como Maciço Guianense abrange áreas de fronteira entre Brasil, Guiana Francesa, Suriname, Guiana e Venezuela e é reconhecidamente multilíngue. Antes da invasão colonial, os povos originários dessa vasta região estabeleciam diversas formas de relação (comercial, política, matrimonial e ritual) e partilhavam territórios. As atuais fronteiras políticas entre os Estados são heranças coloniais e não correspondem aos territórios habitados por esses povos, cuja circulação era intensa, marcada por intercâmbios regulares entre falantes da mesma língua ou de variedades linguísticas e por um contato significativo com povos falantes de outras línguas. No Brasil, os povos que vivem na região de fronteira com a Guiana Francesa são Apalai, Galibi Marworno, Galibi Kali'na, Karipuna, Palikur, Wajãpi e Wayana, e suas comunidades estão localizadas em Terras Indígenas no norte do Pará e do Amapá.

"Mais do que um limite geográfico, é uma via de conexão entre os povos indígenas da região"

OYAPOCK, O RIO QUE UNE: AÇÕES DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Como desdobramento dos diálogos estabelecidos com a Guiana Francesa, foi realizada em novembro de 2025 a primeira ação internacional do Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas: o *Colóquio Internacional Oyapock, o rio que une: línguas e conhecimentos indígenas além das fronteiras*. O evento, sediado no Museu da Língua Portuguesa, integrou oficialmente a programação da Temporada França-Brasil 2025 e foi cofinanciado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por entidades francesas (Institut Français, Ministério da Cultura francês, Consulado Geral da França, Cité internationale de la langue française), por instituições locais da Guiana Francesa (a já citada CTG e o Parque Amazônico da Guiana/PAG), além da parceria do Centro Franco-Brasileiro da Biodiversidade Amazônica (CFBBA).

Topônimo de origem indígena, *Oyapock* é o nome do rio que desenha a fronteira entre o Brasil e a Guia-

na Francesa, percorrendo centenas de quilômetros até desaguar no Oceano Atlântico. Mais do que um limite geográfico, é uma via de conexão entre os povos indígenas da região, cujas relações, muito antigas, extrapolam as fronteiras nacionais impostas pelo período colonial. Inspirado na ideia de um rio que une, o Museu da Língua Portuguesa acolheu um encontro inédito entre povos que, apesar de vizinhos, não tiveram muitas oportunidades para debater de forma qualificada suas realidades, suas características comuns e suas diferenças.

Com foco nos conhecimentos e línguas indígenas, o colóquio internacional reuniu linguistas, antropólogos, educadores, artistas e lideranças em torno de questões cruciais para os povos originários em geral, e especialmente os habitantes do Planalto das Guianas, região reconhecida mundialmente por sua biodiversidade e sua pluralidade sociocultural. Privilegiando as participações indígenas, foram abordados temas como multilinguismo, políticas linguísticas, educação intercultural, revitalização cultural e linguística, museus indígenas, restituição de coleções, entre outros.

A partir das trocas intensificadas no âmbito do colóquio *Oyapock, o rio que une*, ficou evidente que a faixa transfronteiriça entre o Brasil e a Guiana Francesa constitui uma região de profunda continuidade sociocultural e linguística: os povos indígenas da região mantêm vínculos históricos que se refletem no compartilhamento de línguas, territórios e práticas culturais. No norte do Amapá, as Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi, assim como a Terra Indígena Wajãpi, mantêm relações com comunidades localizadas na Guiana Francesa.

Como já mencionado, a diversidade linguística guianense inclui línguas transfronteiriças como palikur e wajãpi. O caso palikur é particularmente significativo: com falantes distribuídos entre o Baixo Oiapoque e a costa central da Guiana Francesa, trata-se de uma língua em situação de ameaça, o que torna ainda mais relevantes iniciativas binacionais de documentação e revitalização.

"Topônimo de origem indígena, Oyapock é o nome do rio que desenha a fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa"

Também integra esse cenário as chamadas línguas crioulas (ou línguas de contato) que existem tanto na Guiana Francesa quanto no norte do Brasil, como é o caso das línguas khéol faladas pelos Karipuna e Galibi Marworno, utilizadas como língua franca entre os povos indígenas do Baixo Oiapoque. A presença dessas línguas de contato nos dois lados evidencia outros fluxos históricos da região, envolvendo povos indígenas, comunidades negras e grupos migrantes. Instituições como o já mencionado Museu Kuahí, criado e gerido pelos povos Palikur, Galibi Kali'na, Karipuna e Galibi Marworno, são exemplos de iniciativas locais que fortalecem a memória e a circulação de conhecimentos entre as margens brasileira e guianense.

Ao observar esse conjunto de línguas, territórios e iniciativas, compreende-se que a região do Oiapoque não é apenas um espaço fronteiriço, mas um território de continuidade. As línguas citadas no colóquio – muitas delas faladas há séculos em ambos os lados do

rio – reforçam que a diversidade cultural e linguística ali existente é compartilhada e interdependente, reafirmando a importância de ações colaborativas entre Brasil e Guiana Francesa na promoção, na documentação e na revitalização desse patrimônio comum.

O colóquio, além de ter sido um marco por reunir pela primeira vez delegações indígenas do Brasil e da Guiana Francesa, também foi uma celebração dessa riqueza cultural e linguística. Esse encontro criou espaços de diálogo e visibilidade para os povos da região transfronteiriça e se transformou em uma plataforma para a construção de parcerias e colaborações futuras.

Nesse sentido, ao final do evento, as instituições envolvidas na realização do Colóquio assinaram uma declaração conjunta, a "Declaração conjunta de São Paulo", expressando o interesse em consolidar uma cooperação entre o Brasil e a França. A partir de então, um grupo de trabalho foi criado com representantes do Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas/Museu da Língua Portuguesa, do Museu Kuahí e da CTG.

O primeiro desdobramento desse grupo foi o Encontro de Cooperação entre Museus, realizado em fevereiro de 2026 no Museu Kuahí (Oiapoque/AP). Na ocasião, reuniram-se instituições do Brasil e da Guiana Francesa com o objetivo de estabelecer um marco para a cooperação entre museus, instituições e organizações sociais parceiras. A programação foi guiada por eixos prioritários, como os museus indígenas e o protagonismo dos povos indígenas, a valorização e a documentação dos patrimônios linguísticos e culturais indígenas, a gestão de coleções indígenas e a formação de profissionais indígenas.

É importante destacar a aproximação que essas trocas têm promovido entre o Museu Kuahí, o Museu das Culturas Indígenas e a comissão indígena da Guiana Francesa dedicada à criação de um museu do outro lado da fronteira. O debate centrou-se na definição de ações conjuntas a serem realizadas na Guiana Francesa e no Brasil (especialmente no Oiapoque), com o objetivo de fortalecer os laços transfronteiriços por meio de encontros, seminários e intercâmbios de diversas naturezas.

A partir das contribuições das instituições presentes, foram elencadas as diretrizes para o desenho dessa rede de cooperação, consolidando os compromissos assumidos ao longo do encontro e estabelecendo as bases para a colaboração futura entre museus, instituições e organizações dos dois países. O Encontro de Cooperação entre Museus representou um passo significativo na construção dessa rede comprometida com a valorização dos patrimônios linguísticos e culturais indígenas, o protagonismo indígena e as práticas museais colaborativas e interculturais. Como resultado, além do desenho preliminar do Plano de Ação Comum (2026-2027), foi criado um Grupo de Trabalho Permanente para consolidação do plano e desenvolvimento de ações conjuntas.

Oyapock, o rio que une promoveu, assim, um mergulho em águas que aproximaram povos e instituições culturais do Brasil e da Guiana Francesa na expectativa de fortalecer as línguas e culturas indígenas da região por meio da cooperação.

1 Em março de 2024, o Museu da Língua Portuguesa e a Cité internationale de la langue française assinaram um termo de parceria para fortalecer os laços comuns de cooperação e desenvolver programações conjuntas ou cruzadas em torno de temas de interesse das instituições.

2 São chamadas de crioulos as línguas que se desenvolveram em contextos coloniais a partir do contato entre grupos que falavam línguas mutuamente ininteligíveis, sendo a maioria resultado do encontro entre as línguas locais com as línguas dos colonizadores europeus. Esse é o caso das línguas kheuól (ou crioulas), que têm como base a língua francesa e surgiram no contexto escravista nas colônias no Atlântico.

TUKANO, D. (cur.). *Nhe'ẽ Porã: memória e transformação*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2023.

FROM A TEMPORARY EXHIBITION TO THE BIRTH OF A CENTER

The Museum of the Portuguese Language is located at Luz Station, in a neighborhood shaped over centuries by people from a wide range of backgrounds. It has always been a multilingual territory. These intersecting trajectories provide the raw material through which the museum reflects on its mission as a space for valuing diversity and fostering dialogue about the richness of languages and the cultures connected to them. The museum—which has chosen the universe of the Portuguese language and the multilingual contexts in which it exists as its central theme—has shown through its exhibitions and cultural programs that there are no borders for languages or their speakers, and that their encounters and misunderstandings deserve careful attention.

More recently, the Museum of the Portuguese Language presented the first major exhibition on Indigenous languages in Brazil, *Nhe'ẽ Porã: Memory and Transformation* (2022–2023), grounded in the institutional premise of Indigenous curatorship. Under the masterful leadership of artist Daiara Tukano, the exhibition brought to downtown São Paulo the resilience, richness, and diversity of Indigenous forms of expression, as well as their struggle to preserve their languages, ways of life, and right to difference. Daiara developed the idea that "Indigenous languages are territories of memory, thought, and spirituality; like trees in a vast forest, they form communities, connect worlds, spread seeds, and generate life" (Tukano, 2023, p. 23). Every language both shapes and is shaped by a worldview, a particular way of understanding life and being in the world. Each of them embodies ancient forms of knowledge about the human experience on Earth. This is why every Indigenous language spoken in this country carries immeasurable value.

A landmark in the institution's history, *Nhe'ẽ Porã* became the first Brazilian initiative of the International Decade of Indigenous Languages (IDIL 2022–2032), promoted by the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization (UNESCO), and welcomed more than 189,000 visitors. Isa Grinspum Ferraz, the museum's special curator, notes in the exhibition catalogue that the exhibition "was born from the desire to expand dialogue with the public by bringing to light new ways of approaching the complex issue of the cultures and languages of the country's Indigenous peoples" (Tukano, 2023, p. 12). It is also important to highlight the collaboration of Altaci Corrêa Rubim, from the Kokama peoples, a linguist and representative of the Indigenous peoples of Latin America and the Caribbean in the IDIL Global Task Force. She was part of the exhibition's research team and, in 2025, joined the museum's Curatorial Committee, making a perennial contribution. Since then, discussions surrounding Indigenous languages in Brazil have become a central concern for the museum, which has undertaken a range of initiatives aimed at promoting and strengthening Indigenous languages.

The traveling editions of *Nhe'ẽ Porã*, presented in 2024 at the Emílio Goeldi Museum of Pará (Belém, state of Pará), the Rio Art Museum (Rio de Janeiro), and the Vale Maranhão Cultural Center (São Luís, state of Maranhão), sought to broaden access to the linguistic diversity of Brazil and to underscore the urgency of valuing the more than 175 Indigenous languages spoken today. In March 2024, a reduced version of the exhibition occupied the Hall Ségur at the UNESCO headquarters in Paris, France, during a meeting of UNESCO's Executive Board which brought together representatives from 58 member states and 195 observers from around the world. Alongside this initiative, the Museum of the Portuguese Language,

in partnership with the Laboratoire d'Anthropologie Sociale and the Collège de France, organized the international colloquium "Indigenous Languages of South America: Memory and Transformation" in the historic building of the Collège de France, opening its doors for the first time to Indigenous scholars and artists. Through the exhibition's travels, a vocation emerged: the construction, in each exhibition context and each city, of bridges and points of convergence among institutions and individuals dedicated to valuing Indigenous languages and cultures.

In this sense, *Nhe'ẽ Porã* can be understood not only as an exhibition milestone but also as a point of origin. It was from this fertile ground—opened by Indigenous curatorship, by intense dialogue with society, and by the exhibition's resonance across different territories, from Belém to Paris—that the Documentation Center for Indigenous Languages and Cultures was born. The initiative is a joint project of the Museum of the Portuguese Language and the Museum of Archaeology and Ethnology of the University of São Paulo (MAE), funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP).

"Every language both shapes and is shaped by a worldview, a particular way of understanding life and being in the world"

Created in May 2025, the center emerged with a fundamental commitment: to develop research, documentation, preservation, and dissemination initiatives grounded in an approach that places relationships of trust and respect with Indigenous communities and individuals first. More than celebrating linguistic and cultural diversity, the goal is to act concretely for its preservation and strengthening, materializing the understanding that Indigenous languages and cultures are "territories of memory"—and that protecting them requires ongoing work of documentation and dialogue with the communities involved. Through this initiative, the Museum of the Portuguese Language consolidates an important institutional commitment announced at the opening of *Nhe'ẽ Porã* in October 2022.

DIALOGUES BETWEEN BRAZIL AND FRANCE AND A CROSS-BORDER NETWORK AROUND INDIGENOUS LANGUAGES

With the presentation of *Nhe'ẽ Porã* at UNESCO headquarters in Paris and the colloquium on Indigenous languages at the Collège de France, the Museum of the Portuguese Language strengthened ties with important French institutions—such as the Cité internationale de la langue française [International City of the French Language][1]—and became increasingly engaged with discussions surrounding Indigenous languages in French territories, particularly in French Guiana.

In November 2024, encouraged by the curatorial team of the France–Brazil Season 2025 and supported by the Consulate General of France in São Paulo, the museum's team traveled to French Guiana to learn about local contexts and explore the possibility of developing cultural initiatives aimed at expanding

exchanges between peoples and institutions located on both sides of the border, while challenging the notion that political boundaries correspond to linguistic and cultural boundaries. In addition, the Guiana region is a priority territory for the linguistic research line of the center, coordinated by Luciana Storto, a linguist and professor at the University of São Paulo. As part of this exchange mission, the team also visited the municipality of Oiapoque, in the state of Amapá, where the Kuahí Museum – Museum of the Indigenous Peoples of Oiapoque is located. Linked to the Department of Culture of the State of Amapá, the institution serves as a reference center for memory, documentation, and research for the Palikur, Galibi Kali'na, Karipuna, and Galibi Marworno peoples.

Following this trip, a series of dialogues began between the Museum of the Portuguese Language and representatives of the Territorial Collectivity of French Guiana (CTG), particularly Anne-Marie Chambrier, Head of Languages and Indigenous Affairs at the CTG, among other partners. The goal was to organize an international colloquium dedicated to the Indigenous languages and cultures of the region, prioritizing the participation of Indigenous peoples from both sides of the border and addressing their contemporary challenges and demands.

The territory of French Guiana, still little known in Brazil, is home to seven Indigenous peoples: Apalai, Kali'ña, Lokono, Palikur, Teko, Wajãpi, and Wayana. Of the seven Indigenous languages currently spoken in French Guiana, five are also spoken in neighboring countries. The region known as the Guiana Shield encompasses border areas between Brazil, French Guiana, Suriname, Guyana, and Venezuela, and is widely recognized as multilingual. Before colonial invasion, the Indigenous peoples of this vast region established diverse forms of interaction (commercial, political, marital, and ritual) and shared territories. The current political borders between nation-states are colonial legacies and do not correspond to the territories inhabited by these peoples, whose circulation was intense, marked by regular exchanges among speakers of the same language or linguistic varieties and by significant contact with speakers of other languages. In Brazil, the peoples living along the border with French Guiana include the Apalai, Galibi Marworno, Galibi Kali'ña, Karipuna, Palikur, Wajãpi, and Wayana. Their communities are located in Indigenous Territories in northern Pará and Amapá.

OYAPOCK, THE RIVER THAT UNITES: INTERNATIONAL COOPERATION INITIATIVES

As an outcome of the dialogues established with French Guiana, November 2025 saw the first international initiative of the Documentation Center for Indigenous Languages and Cultures: the International Colloquium "Oyapock, the River That Unites: Indigenous Languages and Knowledge Beyond Borders." Hosted by the Museum of the Portuguese Language, the event officially formed part of the France–Brazil Season 2025

"More than a geographical boundary, it is a route of connection among the Indigenous peoples of the region"

and was co-funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), French institutions (the Institut Français, the French Ministry of Culture, the Consulate General of France, and the Cité internationale de la langue française), local institutions in French Guiana (the CTG and the Guiana Amazonian Park), as well as through a partnership with the French-Brazilian Center for Amazonian Biodiversity (CFBBA).

A toponym of Indigenous origin, Oyapock is the name of the river that forms the border between Brazil and French Guiana, flowing for hundreds of kilometers before reaching the Atlantic Ocean. More than a geographical boundary, it is a route of connection among the Indigenous peoples of the region, whose relationships long predate the national borders imposed during the colonial period. Inspired by the idea of a river that unites, the Museum of the Portuguese Language hosted an unprecedented gathering of people who, despite being neighbors, had rarely had opportunities to discuss their realities, common characteristics, and differences in a structured and meaningful way.

Focusing on Indigenous knowledge and languages, the international colloquium brought together linguists, anthropologists, educators, artists, and community leaders around issues that are crucial for Indigenous peoples in general and particularly for the inhabitants of the Guiana Plateau, a region globally recognized for its biodiversity and sociocultural diversity. Prioritizing Indigenous participation, discussions addressed topics such as multilingualism, language policies, intercultural education, cultural and linguistic revitalization, Indigenous museums, and the restitution of collections, among others.

The exchanges fostered during "Oyapock, the River That Unites," made it evident that the border region between Brazil and French Guiana constitutes an area of profound sociocultural and linguistic continuity.

"A toponym of Indigenous origin, Oyapock is the name of the river that forms the border between Brazil and French Guiana, flowing for hundreds of kilometers before reaching the Atlantic Ocean"

The Indigenous peoples of the region maintain historical ties reflected in their shared languages, territories, and cultural practices. In northern Amapá, the Uaçá, Juminã, and Galibi Indigenous Territories, as well as the Wajãpi Indigenous Territory, maintain relationships with communities located in French Guiana.

As previously mentioned, the linguistic diversity of the Guiana region includes cross-border languages such as Palikur and Wajãpi. The Palikur case is particularly significant: with speakers distributed between the Lower Oyapock region and the central coast of French Guiana, it is a language under threat, making binational documentation and revitalization initiatives especially important.

Also, part of this landscape are the so-called Creole languages (a type of contact languages), which exist both in French Guiana and in northern Brazil. This is the case of the Khéol languages spoken by the Karipuna and Galibi Marworno peoples, used as a *lingua franca* among the Indigenous peoples of the Lower Oyapock region. The presence of these contact languages on both sides of the border highlights other historical flows in the region involving Indigenous peoples, Black communities, and migrant groups. Institutions such as the Kuahí Museum, created and managed by the Palikur, Galibi Kali'ña, Karipuna, and Galibi Marworno peoples, are examples of local initiatives that strengthen memory and facilitate the circulation of knowledge between the Brazilian and Guianese sides of the border.

When observing this constellation of languages, territories, and initiatives, it becomes clear that the Oyapock region is not merely a borderland but a territory of continuity. The languages highlighted during the colloquium—many of them spoken on both sides of the river for centuries—demonstrate that the cultural and linguistic diversity found there is shared and interdependent, reinforcing the importance of collaborative actions between Brazil and French Guiana in promoting, documenting, and revitalizing this common heritage.

The colloquium was not only a milestone for bringing together, for the first time, Indigenous delegations from Brazil and French Guiana; it was also a celebration of this cultural and linguistic richness. The meeting created spaces for dialogue and visibility for the people of the cross-border region and became a platform for building future partnerships and collaborations.

In this spirit, at the end of the event, the institutions involved signed the "São Paulo Joint Declaration," expressing their interest in consolidating cooperation between Brazil and France. A working group was subsequently established, bringing together representatives from the Documentation Center for Indigenous Languages and Cultures / Museum of the Portuguese Language, the Kuahí Museum, and the CTG.

"the border region between Brazil and French Guiana constitutes an area of profound sociocultural and linguistic continuity."

The first outcome of this working group was the Museum Cooperation Meeting, held in February 2026 at the Kuahí Museum (Oiapoque, Amapá). The event brought together institutions from Brazil and French Guiana with the aim of establishing a framework for cooperation among museums, institutions, and partnering civil-society organizations. The program was organized around priority themes such as Indigenous museums and Indigenous leadership, the appreciation and documentation of Indigenous linguistic and cultural heritage, the management of Indigenous collections, and the professional development of Indigenous museum practitioners.

Particularly noteworthy is the growing collaboration fostered through these exchanges among the Kuahí Museum, the Museum of Indigenous Cultures, and the Indigenous commission in French Guiana

dedicated to creating a museum on the other side of the border. Discussions focused on defining joint actions to be carried out in French Guiana and Brazil (especially in Oiapoque) with the aim of strengthening cross-border ties through meetings, seminars, and exchanges of various kinds.

Drawing on contributions from the participating institutions, a set of guidelines was established for designing this cooperation network, consolidating the commitments made during the meeting and laying the groundwork for future collaboration among museums, institutions, and organizations in both countries. The Museum Cooperation Meeting represented a significant step toward building a network committed to valuing Indigenous linguistic and cultural heritage, strengthening Indigenous leadership and agency, and promoting collaborative and intercultural museum practices. As a result, in addition to the preliminary drafting of the Common Action Plan (2026–2027), a Permanent Working Group was created to consolidate the plan and develop joint initiatives.

"Oyapock, the River That Unites" thus offered a deep immersion into the waters that connect peoples and cultural institutions in Brazil and French Guiana, with the shared goal of strengthening the Indigenous languages and cultures of the region through cooperation.

1 In March 2024, the Museum of the Portuguese Language and the Cité internationale de la langue française signed a partnership agreement aimed at strengthening their collaborative ties and developing joint and cross-institutional programs around themes of shared interest.

TUKANO, D. (ed.). *Nhe'ẽ Porã: memória e transformação.* São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2023.



Kayo Magalhães

G Costa (Giulia Costa)





Severino Silva





Yago Saraiva

GOL DE PLACA *AWESOME GOAL*

O FUTEBOL BRASILEIRO NOS QUATRO CANTOS DO PLANETA

Brazilian Football Across the Four Corners of the Planet

MARCEL DIEGO TONINI E MARCELO DUARTE

MARCEL DIEGO TONINI é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e pesquisador sênior do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, do Museu do Futebol.

holds a PhD in Social History from the University of São Paulo and is a senior researcher at the Brazilian Football Reference Center (CRFB) of the Football Museum.

MARCELO DUARTE é jornalista, escritor, curador da atual exposição de longa duração do Museu do Futebol e membro da Academia Brasileira de Letras do Futebol.

is a journalist, writer, curator of the Football Museum's current long-term exhibition, and a member of the Brazilian Academy of Letters on Football.

Como chamar a atenção dos jovens visitantes? De que maneira iluminar a presença de atletas brasileiros em qualquer país que tenha uma competição de futebol? A criação da sala Brasil no Mundo, dentro do espaço Almanaque da Bola, marca uma mudança simbólica e geracional na narrativa do Museu do Futebol. Inaugurada junto à remodelada exposição de longa duração, em julho de 2024, a nova sala reconhece que muitos torcedores de hoje criaram vínculos afetivos com jogadores que tiveram passagens breves pelos gramados do Brasil antes de se consolidarem no exterior. É o futebol globalizado como experiência formadora de identidade.

Até aquele momento, o Museu do Futebol concentrava sua narrativa quase exclusivamente no futebol jogado nos campos nacionais, exaltando campeonatos, clubes e conquistas domésticas. Também valorizava ídolos que brilharam longamente no país, antes de se aventurarem no exterior – tal como Didi, bicampeão mundial em 1958 e 1962. A sala Brasil no Mundo amplia esse olhar ao reconhecer o impacto da diáspora brasileira no futebol internacional e o papel central do país como maior exportador de talentos do Planeta Bola, em especial depois da conquista da primeira estrela pela Seleção Brasileira. A sala mantém o padrão expositivo do Almanaque da Bola, criando continuidade estética e conceitual, mas desloca o eixo da narrativa para além das quatro linhas, ou melhor, das fronteiras.

O percurso começa com os grandes marcos do êxodo brasileiro:

Anos 1920-1930: primeiras transferências para Itália, Uruguai e Argentina, exatamente em um período em que o futebol no país ainda era amador (Lanfranchi; Taylor, 2001);

Anos 1950-1960: após a Segunda Guerra Mundial e as primeiras conquistas brasileiras em Copas do Mundo, os jogadores nacionais eram levados para diversos clubes italianos e espanhóis, não apenas os tradicionais e de maior poder aquisitivo. Do mesmo modo, iniciaram um trajeto que se tornaria a rota mais movi-

"A sala Brasil no Mundo amplia esse olhar ao reconhecer o impacto da diáspora brasileira no futebol internacional e o papel central do país como maior exportador de talentos do Planeta Bola"

mentada de todo o globo: Brasil-Portugal, mesmo com um oceano de distância (Tonini; Giglio, 2019);

Anos 1970: depois do tricampeonato mundial da Seleção Brasileira, surgiram dois mercados: o estadunidense com seu *glamour* e o árabe com seus petrodólares, levando tanto atletas como treinadores (Coelho, 2009);

Anos 1980: diante da nova regulamentação das ligas europeias, que passaram a permitir mais estrangeiros por equipe, e da entrada de capital na grande indústria que se transformou o futebol, com patrocínio em camisas e transmissão televisiva, os nossos futebolistas passaram a ir para diversos destinos no continente europeu (Tonini, 2016);

Anos 1990: desimpedidos de amarras nacionalistas, dada a resolução do caso Bosman,[1] os trabalhadores da bola estavam livres para decidir onde atuar. Não se tratava mais apenas da saída de nossos craques, pois jovens promessas também deixavam o país precocemente. Até mesmo para o outro lado do mundo, no Japão, os brasileiros partiram em debandada;

Anos 2000: a partir do novo milênio, não houve mais limites, e nossos atletas passaram a rumar para qualquer canto em que a bola rolasse – Leste Europeu, Ásia, África, América Central e do Norte e até mesmo Oceania, fosse na modalidade masculina, fosse na feminina. Foi assim que brasileiros e brasileiras emigraram para Ucrânia, Vietnã, Sudão, Canadá e Vanuatu, por exemplo (Rial, 2008, Almeida, 2018).

Com esse repertório, a trajetória ajuda o visitante a entender como o Brasil passou de centro do espetáculo a principal fornecedor de "'pé de obra' altamente qualificado do futebol mundial", como bem definiu o historiador Bernardo Buarque de Hollanda, consultor de conteúdo da sala.

Placas com curiosidades sucintas trazem muitos outros elementos. Comparam alguns números milionários das transferências de atletas brasileiros em distintas épocas e evidenciam a discrepância entre as modalidades masculina e feminina. Para além da idade de jogadores ao sair do Brasil, revelam a juvenilização da emigração nas últimas décadas. Além disso, frisam alguns anos marcantes nesse processo, tal como a primeira Copa do Mundo em que a Seleção Brasileira masculina convocou mais futebolistas que atuavam no exterior do que no próprio país, e aquele em que o conjunto de transferências ultrapassou a marca de mil pela primeira vez. Ainda, apontam, entre outros dados, a quantidade de atletas em distintos países, ligas e até clubes ao longo do tempo, demonstrando o quão difuso e influente é o futebol brasileiro.

"O brilho nos gramados estrangeiros aparece lado a lado com os custos emocionais dessa travessia"

Soma-se a isso a escolha de frases específicas ditas pelos próprios futebolistas brasileiros, entre homens e mulheres, que expõem as dificuldades relativas à integração social e cultural. Transparece, assim, o enfrentamento de adversidades climáticas, culinárias e linguísticas, mas também, sobretudo, a solidão e os episódios de xenofobia ocorridos com elas e eles em diferentes países. O brilho nos gramados estrangeiros aparece lado a lado com os custos emocionais dessa travessia (Back; Crabbe; Solomos, 2001). Não à toa, na entrada da sala, há um manifesto contra o racismo,



Vista da sala Brasil no Mundo. Crédito: Acervo Museu do Futebol | Nilton Fukuda.

Photo: View of the Brazil in the World *gallery. Credit: Football Museum Collection | Nilton Fukuda.*

personificado na figura do jogador Vinicius Júnior.

Nesse contexto, a sala também introduz o conceito de *soft power*, como aponta a antiga diretora técnica do museu, Marília Bonas. O futebol funciona como uma das principais ferramentas de projeção simbólica do Brasil no mundo: jogadores brasileiros exportam talento, estilos de jogo, ginga, linguagem corporal e referências culturais. Gols, dribles e comemorações ajudam a construir uma imagem do país no imaginário global, reforçando a ideia do Brasil como "o país do futebol". Para além da construção social e do envolvimento de interesses políticos, ideológicos e midiáticos nesse conceito, que não cabe aqui serem esmiuçados, pode-se afirmar que o Brasil é o maior celeiro de craques no mundo, bem como fornecedor de "pés de obra", em ambas as modalidades – feminina e masculina –, para o mercado nacional e o global (Fédération..., 2014).

O destaque de Brasil no Mundo é um painel multimídia que dá a exata dimensão de como o futebol brasileiro se espalhou pelos cinco continentes. O mapa-múndi, em constante movimento, apresenta a ficha de jogadoras e jogadores brasileiros por todos os cantos do mundo. Nela, o público pode ver: o nome da ou do atleta, sua cidade de origem e a sigla do estado, o país de destino e sua bandeira, uma lista dos clubes (em alguns casos, seleções) em que atuou nessa nação e o período de atuação em cada um deles, e, claro, uma ilustração com a camisa do time mais representativo de sua passagem no exterior.

A escolha dos cinquenta nomes seguiu critérios rígidos. Foi uma tarefa digna de um treinador que precisa escolher seus convocados para uma Copa do Mundo. A partir de uma lista inicial de 75 nomes, preparada pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro, foram misturados atletas muito famosos com atletas quase desconhecidos. Outro critério foi a seleção de países, alguns com forte relevância no futebol mundial e outros nada óbvios. Tentou-se, ao máximo, equilibrar o número de atletas por continente, tendo a Europa uma primazia, dada a relevância

histórica, e a Oceania uma inferioridade, devido a seu tamanho menor. Ainda que a proposta inicial fosse privilegiar jogadores da atualidade, conseguiu-se alargar o período temporal abarcado desde a década de 1930. Do mesmo modo, garantiu-se a porcentagem de 30% para mulheres e jogadores menos conhecidos, na tentativa de trazer representatividade.

A ideia é que, de tempos em tempos, essas jogadoras e jogadores sejam trocados no painel para a entrada de novos ídolos brasileiros ou de novas revelações. Desse modo, a sala Brasil no Mundo continuará cumprindo seu objetivo de trazer para dentro do Museu do Futebol novos personagens que dialoguem sempre com seus jovens visitantes, bem como revelem os lugares para os quais nossas e nossos futebolistas se deslocam.

1 Jean-Marc Bosman foi um ex-atleta profissional que entrou com uma ação contra o clube belga RFC Liège em 1990. Após cinco anos, a Corte Europeia de Justiça deu sentença favorável ao jogador. A resolução tornou ilegal qualquer cobrança pecuniária para a liberação de futebolistas com vínculos trabalhistas encerrados, bem como ratificou a livre circulação de trabalhadores da União Europeia contra qualquer discriminação baseada na nacionalidade. Em pouco tempo, países europeus de fora dessa comunidade e nações de outros continentes valeram-se dessa jurisprudência para seguir pelo mesmo caminho. Em suma, o caso Bosman trouxe como consequências o fim do vínculo esportivo de atletas profissionais (o chamado "passe"), o encerramento do sistema de cotas de jogadores estrangeiros nos países da União Europeia e a livre concorrência no mercado do futebol, impulsionando as transferências internacionais de futebolistas.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Do sonho ao possível*: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BACK, Les; CRABBE, Tim; SOLOMOS, John. *The changing face of football*: racism, identity and multiculture in the English game. Oxford: Berg, 2001.

COELHO, Paulo Vinicius. *Bola fora*: o êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild: Anpocs, 2007.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. *Market Insights*: Brazil, a key player in the international transfer market. FIFA/TMS, jul. 2014. Disponível em: https://inside.fifa.com/transfer-system/transfer-reports. Acesso em: 06 mai. 2026.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. *Moving with the ball*: the migration of professional footballers. Oxford: Berg, 2001.

RIAL, Carmen Silvia. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

TONINI, Marcel Diego. *Dentro e fora de outros gramados*: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no Sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 609-632, set./dez. 2019.

How can we capture the attention of young visitors? How can we highlight the presence of Brazilian footballers in every country where the game is played competitively? The creation of the *Brasil no Mundo* [Brazil in the World] gallery, within the *Almanaque da Bola* [Ball's Almanac] section, marks a symbolic and generational shift in the Football Museum's narrative. Opened alongside the redesigned long-term exhibition in July 2024, the new gallery acknowledges that many of today's fans have formed emotional connections with players who have had only a brief stint on Brazilian pitches before establishing themselves abroad. It is globalized football as an experience that shapes identity.

Until then, the Football Museum had focused its narrative almost exclusively on football played on Brazilian soil, celebrating domestic competitions, clubs, and achievements. It also highlighted idols who enjoyed long and successful careers in Brazil before venturing overseas—such as Didi, a two-time world champion (1958 and 1962). The *Brazil in the World* gallery broadens this perspective by recognizing the impact of the Brazilian diaspora on international football and the country's central role as the largest exporter of talent in the Football Planet, especially after the Brazilian National Team won its first World Cup title. The gallery maintains the same exhibition design as the *Ball's Almanac*, creating both aesthetic and conceptual continuity, while shifting the narrative beyond the touchlines, or rather, beyond national borders.

The exhibition journey begins with the major milestones of the Brazilian football exodus:

1920s–1930s: First transfers to Italy, Uruguay, and Argentina, at a time when football in Brazil was still amateur (Lanfranchi & Taylor, 2001);

1950s–1960s: Following World War II and Brazil's first World Cup triumphs, Brazilian players were recruited by clubs across Italy and Spain, and not only by the traditional powerhouses with greater financial resources. During this period, another route began to take shape, one that would become the busiest migration corridor in world football: Brazil–Portugal, despite an ocean separating the two countries (Tonini & Giglio, 2019);

1970s: After Brazil's third World Cup title, two new markets emerged: the United States, with its glamour, and the Arab world, with its petrodollars, attracting both players and coaches (Coelho, 2009);

1980s: As new regulations in European leagues allowed more foreign players per team, and as football became a major industry fueled by shirt sponsorships and television broadcasting, Brazilian footballers began moving to a wide range of destinations across Europe (Tonini, 2016);

1990s: Liberated from nationalist restrictions following the ruling on the Bosman case,[1] football

"This timeline helps visitors understand how Brazil moved from being the center of the spectacle to becoming the world's leading supplier of 'highly skilled football labor force'"

workers gained greater freedom to choose where to play. It was no longer only established stars who left Brazil; promising young talents also began departing at increasingly early ages. Even on the other side of the world, Brazilians moved to Japan in droves;

2000s: With the arrival of the new millennium, there were no limits. Brazilian athletes headed wherever the ball was rolling—Eastern Europe, Asia, Africa, Central and North America, and even Oceania, in both the men's and women's game. As a result, Brazilian footballers migrated to countries such as Ukraine, Vietnam, Sudan, Canada, and Vanuatu, among many others (Rial, 2008; Almeida, 2018).

This timeline helps visitors understand how Brazil moved from being the center of the spectacle to becoming the world's leading supplier of "highly skilled football labor force", as aptly defined by historian Bernardo Buarque de Hollanda, who acted as content consultant for the gallery.

Panels featuring concise facts and figures add further layers to the narrative. They compare the multimillion-dollar transfer fees paid for Brazilian players across different eras and highlight the disparity between the men's and women's games. By showing the age at which players leave Brazil, they also reveal the increasing youthfulness of migration in recent decades. The displays emphasize landmark moments in this process, such as the first FIFA World Cup in which the Brazilian men's national team called up more players based abroad than competing domestically, and the year in which the number of international transfers surpassed one thousand for the first time. They also present, among other data, the number of Brazilian footballers playing in different countries, leagues, and even clubs over time, demonstrating how widespread and influential Brazilian football has become.

Added to this are carefully selected quotations from

"Success on foreign pitches appears side by side with the emotional costs of this journey"

Brazilian footballers themselves, both men and women, which reveal the challenges of social and cultural integration. These testimonies highlight difficulties related to climate, food, and language, but above all, they expose experiences of loneliness and episodes of xenophobia in different countries. Success on foreign pitches appears side by side with the emotional costs of this journey (Back, Crabbe & Solomos, 2001). It is no coincidence that visitors are greeted at the entrance to the gallery by a statement against racism, embodied in the figure of Vinicius Júnior.

In this context, the gallery also introduces the concept of "soft power," as noted by the museum's former technical director, Marília Bonas. Football functions as one of Brazil's most important tools of symbolic projection in the world: Brazilian players export talent, playing styles, flair, body language, and cultural references. Goals, dribbles, and celebrations help construct an image of Brazil in the global imagination, reinforcing the notion of Brazil as "the country of football." Without delving into the social construction of this idea or the political, ideological, and media interests that shape it, it can be said that Brazil is the world's largest breeding ground for football stars, as well as a supplier of football labor, both in the women's and men's game, for domestic and international markets (Fédération..., 2014).

The centerpiece of *Brazil in the World* is a multimedia display that vividly illustrates how Brazilian football has spread across all the continents. A constantly moving world map identifies Brazilian male and female players in every corner of the globe. Visitors can view each footballer's name, city and state of origin, destination country with its flag, a list of the clubs (and, in some cases, national teams) they represented in that country, the period spent with each of them, and, of course, an illustration featuring the jersey of the team most representative of their career abroad.

The selection of the fifty featured names followed strict criteria. It was a task worthy of a coach choosing a World Cup squad. Starting from an initial list of seventy-five names prepared by the Brazilian Football Reference Center, the curators combined world-famous names with players who are virtually unknown. Another criterion involved the selection of countries, some highly relevant within world football and others far less obvious. Every effort was made to balance the number of players by continent, although Europe received greater representation due to its historical importance, while fewer places in Oceania were featured because of its smaller size. Although the original proposal prioritized contemporary players, the final selection expanded the timeframe to include players dating back to the 1930s. Likewise, a target of 30 percent representation for women and lesser-known players was established in an effort to broaden representation.

The intention is that these players will be periodically rotated on the display, making room for new Brazilian idols and emerging talents. In this way, the *Brazil in the World* gallery will continue fulfilling its purpose of bringing new figures into the Football Museum—figures who resonate with younger visitors while also revealing the many destinations to which Brazilian footballers have migrated.

1 Jean-Marc Bosman was a former professional footballer who filed a lawsuit against the Belgian club RFC Liège in 1990. Five years later, the European Court of Justice ruled in his favor. The decision made it illegal to require transfer fees for players whose employment contracts had expired and reaffirmed the free movement of workers within the European Union, prohibiting discrimination based on nationality. Within a short period, European countries outside the EU, as well as nations on other continents, drew on this legal precedent and adopted similar approaches. In summary, the Bosman ruling led to the end of the transfer system that tied professional players to clubs after the expiration of their contracts (the so-called *passe* in Brazilian football), abolished foreign-player quotas within European Union countries, and promoted free competition in the football labor market, thereby accelerating international player transfers.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Do sonho ao possível*: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BACK, Les; CRABBE, Tim; SOLOMOS, John. *The changing face of football*: racism, identity and multiculture in the English game. Oxford: Berg, 2001.

COELHO, Paulo Vinicius. *Bola fora*: o êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild: Anpocs, 2007.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. *Market Insights*: Brazil, a key player in the international transfer market. FIFA/TMS, jul. 2014. Disponível em: https://inside.fifa.com/transfer-system/transfer-reports. Acesso em: 06 mai. 2026.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. *Moving with the ball*: the migration of professional footballers. Oxford: Berg, 2001.

RIAL, Carmen Silvia. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

TONINI, Marcel Diego. *Dentro e fora de outros gramados*: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no Sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 609-632, set./dez. 2019.

ENTREVISTA COM JAMIL CHADE

INTERVIEW WITH JAMIL CHADE

LETÍCIA MARCOLAN E MATIAS PINTO

LETICIA MARCOLAN é pesquisadora do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol e doutoranda em História, Política e Bens Culturais pela FGV CPDOC.

is a researcher at the Brazilian Football Reference Center (CRFB) at the Football Museum and a PhD candidate in History, Politics, and Cultural Heritage at FGV CPDOC.

MATIAS PINTO é historiador de formação e atua como podcaster desde 2013. Também foi um dos curadores da exposição *¡Cancha Brava! Futebol sudamericano en disputa*, que ficou em cartaz no Museu do Futebol de outubro de 2025 a abril de 2026.

holds a degree in History and has worked as a podcaster since 2013. He was also one of the curators of the exhibition ¡Cancha Brava! South American Football in Dispute*, on view at the Football Museum from October 2025 to April 2026.*

No dia 25 de fevereiro de 2026, tivemos o prazer de receber Jamil Chade no auditório Armando Nogueira, do Museu do Futebol, para uma conversa especialmente significativa para esta quarta edição da *Revista Arquibancada*, que trata de deslocamentos humanos e, claro, futebol. Jornalista brasileiro de grande reconhecimento, radicado em Genebra, Jamil se dedica a acompanhar alguns dos temas mais decisivos do nosso tempo, como os direitos humanos, as relações internacionais, os conflitos contemporâneos, a democracia e os bastidores do poder global. Sua trajetória faz dele uma das vozes mais consistentes e respeitadas do jornalismo brasileiro quando o assunto é compreender o mundo a partir de suas tensões políticas, sociais e institucionais.

Em seu trabalho há um aspecto especialmente caro a nós como pesquisadores e ao museu como instituição: a maneira como ele insere o futebol no centro das discussões. Em vez de tratar o esporte como um campo à parte, Jamil contribui para revelar de que forma o futebol se conecta com os diversos interesses geopolíticos, as disputas de narrativa, as representações de poder, as identidades nacionais e as relações internacionais. Em 2026, ano de Copa do Mundo, em um cenário internacional marcado pela guerra e pelo recrudescimento dos conflitos que hoje reconfiguram o Oriente Médio, a leitura de Jamil se torna particularmente importante para ampliar o debate realizado pelo Museu do Futebol. Ela evidencia como o jogo, neste contexto, está cada vez mais atravessado por questões diplomáticas, econômicas e simbólicas – sendo, portanto, uma chave importante de interpretação do mundo contemporâneo.

Ao longo da conversa, tivemos também o privilégio de abordar a relação pessoal e afetiva que Jamil mantém com o futebol, dimensão que aproxima ainda mais sua fala do universo de experiências, lembranças e pertencimentos que o museu busca preservar e ativar. Essa questão sensível se articula, ainda, ao seu interesse pelos museus e à sua atenção à força pública desses espaços, o que torna sua contribuição especialmente significativa para a *Revista Arquibancada*. Sua presença reafirma a vocação do Museu do Futebol como lugar de reflexão, escuta e produção crítica, capaz de articular memória, cultura e tempo presente. Convidamos, assim, a leitora e o leitor a acompanhar esta entrevista e a compartilhar conosco as reflexões suscitadas por uma conversa que toma esta edição da Copa do Mundo de 2026 como marco de memória e história para pensar, ao mesmo tempo, o futebol e o mundo.

Matias Pinto

Queria começar por uma dimensão mais afetiva em relação ao futebol. Você pode contar como se deu a sua relação com o esporte ao longo da vida e especificamente qual é o lugar das Copas do Mundo na sua memória – seja a partir de experiências pessoais, seja à luz do seu trabalho profissional? Há lembranças ou histórias que considere marcantes?

O futebol, de uma forma muito específica, fez parte de toda a minha infância. O [estádio do] Morumbi era praticamente um destino semanal, que, depois, durante a adolescência, não sei se vocês se lembram de um período que tinha um campeonato paulista que jogava na quarta-feira à tarde, não era só à noite. Então, às vezes, a gente saía da escola e ia para o estádio. Não há nenhuma dúvida do papel do futebol nesse momento.

E a Copa do Mundo sempre foi algo muito distante, pelo menos no meu imaginário. Era algo que acontecia em outro lugar, quase em outro planeta. A ideia de ir a uma Copa do Mundo me parecia fora da possibilidade das coisas reais. E quando eu passei a trabalhar como jornalista na Suíça, eu me dei conta de que estava no local onde muitas das decisões do poder do futebol eram tomadas. E isso foi um retorno, no fundo, ao sentimento básico da infância de acreditar no futebol como um local genuíno do nosso afeto. Era onde eu ia ao campo junto com os primos, meus pais, era um local genuíno de emoção. Não era fabricado, nem manipulado, era realmente uma explosão de emoção. E quando eu começo a trabalhar justamente com futebol, de uma forma profissional, já como jornalista, descobri ou caiu a ficha de uma coisa óbvia: de que eu tinha sido enganado. De que aquela minha emoção, não só minha, mas de todo mundo em volta, era sequestrada, de uma certa forma, para gerar lucros ou benefícios para um grupo muito pequeno de pessoas.

Eu levei muito tempo para entender isso. Óbvio, hoje, acho que talvez seja muito mais claro, mas eu tinha o futebol muito no lugar da magia. Sim, claro, existe a política, mas esse negócio de política é para outras pessoas, o futebol vai ser sempre o futebol.

Quando eu chego na FIFA [Federação Internacional de Futebol] ou na UEFA [União das Associações Europeias de Futebol], também no COI [Comitê Olímpico Internacional], caiu a ficha de que eu tinha sigo enganado. Então, o futebol entra, dessa forma, tanto na minha vida profissional quanto na minha infância.

E as Copas do Mundo marcaram, eu diria, acho que me lembro de cada jogo onde eu estava, de que forma a gente comemorou, com quem... Acho que desde 1982 posso dizer com muita precisão toda a sequência. Mas algo mudou de uma forma radical em 2006, quando eu vou para a primeira Copa do Mundo, a primeira

como repórter, e aí foi justamente naquele momento que entendi que aquele local absolutamente distante, que era a Copa do Mundo, passou a ser também o meu local de trabalho.

E aí com um dilema interno que era a magia da Copa do Mundo, mas também a missão que eu me colocava de decifrar e de alertar as pessoas sobre o que era de fato aquele evento, que aquele evento não era só magia. Então, desde 2006 e todos os mundiais desde então, e não para tirar a magia do mundial, mas para deixar muito claro que esses mundiais são várias coisas, na verdade, que eles têm vários componentes. Eu acho que um dos componentes é, sem dúvida nenhuma, o quanto algo que para nós, o torcedor, é legítimo – em termos de local de festa e de torcida –, para um outro grupo é simplesmente uma transformação de tudo isso que a gente sente em lucros, em poder. Não é só poder financeiro, um poder político realmente.

Então, a Copa do Mundo, para mim, é realmente um evento complexo, porque é um local de sonho, mas é um local também de denúncia, no caso.

Letícia Marcolan

Para fazer um gancho com o que você está falando, além dessa ideia do futebol como magia ou como festa, como você bem disse, às vezes existe uma ideia, que está na origem da própria criação de determinadas instituições, do futebol como espaço despolitizado – como se existissem exclusivamente para o cumprimento das regras dos jogos. As instituições esportivas, muitas vezes, reforçam essa ideia, punindo determinadas manifestações de diversos gêneros. Só que quando a gente vai observar a realidade da coisa, colocar o futebol no lugar neutro, muitas vezes pode ser uma das formas mais eficazes de exatamente se fazer política. Queria que você comentasse um pouco sobre isso.

Eu também levei bastante tempo para elaborar essa neutralidade, essa decisão dos organismos do esporte de dizer “A política não entra aqui” ou “A política não deve entrar aqui”.

Eu acho que a minha conclusão é que essa neutralidade não tem nada de neutra. A neutralidade é, na verdade, a garantia de que só pode fazer política aqueles que controlam o futebol. Então o futebol, o esporte, ele é permanentemente politizado, mas não por nós, não pelo torcedor, não por aqueles jogadores que estão em campo, não pelas manifestações talvez espontâneas do torcedor.

O único grupo que pode fazer política no esporte é o dono daquele evento. E aí é feita de forma absolutamente escancarada. Então, a neutralidade não existe. Ela é um caminho muito, eu diria até inteligente, de garantir um espaço em que há um monopólio da política no futebol. E isso acontece de várias formas, não é uma forma só de fazer política no futebol. Mas, por exemplo, quando você vê o comportamento da FIFA em relação a ditaduras, o que eles apresentam é basicamente: "Olha, nós lidamos com qualquer governo". Sim, mas aquele evento, muitas vezes, catapulta ditadores, ou limpa a imagem de torturadores, ou transforma aquele país – com uma névoa em cima dele – em algo simpático.

Então, isso tudo é política. Isso tudo é um instrumento de política. O que eu defendo é que todos tenhamos o direito de fazer política no futebol, porque não adianta dizer que política não deve entrar no futebol. Ou devemos avisar a todos os organizadores de Copa do Mundo, a FIFA, o Comitê Olímpico Internacional, a UEFA, a CONMEBOL [Confederação Sul-Americana de Futebol], de que eles não podem fazer política tampouco.

Claro, não vai acontecer. Então, está bem, que se abra e que qualquer um possa fazer política. Claro que se pode fazer política, desde que você não use o futebol ou um evento para disseminar o ódio, a discriminação, a homofobia etc. Ou seja, não é "qualquer coisa vale", mas realmente você poder ir a um estádio e exercer, por exemplo, a liberdade de expressão.

Agora, recentemente, nas Olimpíadas de Inverno em Milão, um casal apareceu com uma bandeira da Groelândia em um jogo. Foram retirados e obrigados a guardar a bandeira, porque a regra é que você só pode apresentar bandeiras de países reconhecidos pelo movimento olímpico. A gente sabe que não é isso, mas sim que foi um ato político, obviamente, em relação ao Donald Trump. E, de outro lado, [temos] um Comitê Olímpico Internacional morrendo de medo de ser visto como aliado de algum tipo de resistência contra o governo norte-americano, justamente num momento em que a próxima Olimpíada é nos Estados Unidos. Então, isso é, sem dúvida nenhuma, política. E ao longo da história todos os historiadores talvez coloquem isso de uma forma muito clara: regimes fascistas de direita e inclusive ditaduras ao longo da história usaram o futebol para o seu próprio benefício. Fizeram política escancarada.

O que Mussolini fez na Copa dos anos 1930 foi algo que não tem como dizer que a política não entra no futebol; se ele deu até uma taça paralela: tinha a taça Jules Rimet, e ele deu uma taça dele mesmo para o vencedor – claro, a própria Itália. Então, tudo isso é político. Quando a gente fala em neutralidade no futebol, é uma grande mentira.

Matias Pinto

E, nesse sentido, como você vê a atuação das organizações esportivas no cenário político internacional, considerando as decisões envolvendo diferentes nações e seus conflitos políticos atuais? Dá para dizer que existe um duplo padrão?

Dá para dizer que existe um duplo padrão e uma enorme hipocrisia. Porque se nós adotássemos, por exemplo, a situação da Rússia, um país que invade um outro país e que é alvo de dezenas de sanções. Se não me engano, a última vez que vi, não só no esporte, mas, se colocarmos todas as instituições internacionais, toda a parte de comércio, financeiro etc., são mais de 2 mil sanções contra a Rússia. Uma boa parte delas é justamente na ala esportiva, com os atletas que só podem participar de uma forma neutra, sem o uniforme.

Então está bem, vamos pegar exatamente os mesmos critérios e adotar com outros países. Por exemplo, os Estados Unidos em relação à Venezuela. Simplesmente não há esse debate. O governo norte-americano foi lá, sequestrou uma pessoa, o chefe de Estado, você pode gostar ou não gostar – esse é um outro debate –, mas você vai lá, sequestra um líder, instaura um governo-fantoche. Basicamente você invadiu aquele país, ou pelo menos passou a controlá-lo, criou um protetorado, violou todo o direito internacional, violou a soberania, e não há nenhum debate hoje sobre qualquer tipo de punição aos Estados Unidos.

Então, volto aqui no debate da política: essa é uma decisão política, de punir uns e não punir outros. E não houve nenhum debate quando o governo norte-americano invadiu o Iraque, por exemplo. Ali, não houve absolutamente nenhum debate sobre o que aconteceria com os Estados Unidos nas Olimpíadas ou na Copa do Mundo.

Então, essas organizações perdem credibilidade cada vez que tomam uma decisão como essa. Não estou aqui defendendo a invasão russa sobre a Ucrânia, não é essa a questão. Mas, se a decisão foi a de punir a Rússia por conta da invasão da Ucrânia, isso deveria ser pelo menos colocado como uma espécie de critério para todos. Por exemplo, você quer colocar um critério que você só faz mundiais ou Copas do Mundo em democracias. Imagine que um dia tenha essa decisão, duvido que jamais terá, mas não adianta depois você dizer "Ali não é uma democracia, mas, na verdade, eles vão caminhar para uma democracia". Então, obviamente, há a maleabilidade dessas organizações. E, sinceramente, eu acho que é o que aprofunda a falta de credibilidade deles.

Letícia Marcolan

Já que falamos sobre eventos e você citou algumas Copas, até a Itália, [a Copa] de 1982, por exemplo. Na sua memória e na sua experiência, você poderia comentar algum momento em que particularmente essa dobradinha, essa jogada entre futebol e política se tornou evidente?

Acho que são vários, tem várias ligações muito poderosas entre o futebol e a política, principalmente em Copas do Mundo, que é um momento que, claro, o mundo todo está olhando para aquela situação. Mas eu queria contar uma história, na verdade, de 1978, de uma Copa muito complicada na Argentina, numa Argentina que matava, que fazia as pessoas desaparecerem. Um amigo muito próximo era um dos prisioneiros na ESMA [Escola Superior de Mecânica da Armada], que era basicamente o DOPS [Departamento de Ordem Política e Social] deles, o local onde acontecia uma parte absolutamente dramática da tortura na Argentina. E ele conta histórias muito impressionantes sobre o que foi viver aquela Copa do Mundo de dentro do local da tortura. Ele contava que não ficava muito longe do [estádio] Monumental de Núñez. Quando a Argentina jogava, os prisioneiros escutavam o grito da torcida. E era uma coisa muito forte para eles, porque os gritos deles de tortura não eram escutados, mas o grito claro da torcida chegava até eles. Era uma sensação muito complicada para aqueles prisioneiros; até sobre o que fazer com o sentimento de torcer para a Argentina ou não, sabendo que uma conquista da Argentina poderia ser importante, mas que ela poderia ser manipulada justamente pela junta militar naquele momento.

E esse [amigo], hoje um senhor, conta do dia da final, que os torturadores colocaram televisões no local para que todos pudessem assistir, inclusive as pessoas torturadas, e que ele nunca entendeu se aquilo ali fazia parte da tortura, porque de fato te coloca num dilema, ou se era um gesto simpático daqueles torturadores para dizer que, no final, somos todos argentinos. É uma história muito impressionante da complexidade... "Ah, não, eu vou torcer contra a Argentina, porque estou sendo torturado pelo regime." Não sei. Não necessariamente essa reação...

E ele conta uma outra história daqueles ativistas que estavam fora, que não estavam presos, que eles viram na possibilidade da conquista, das festas etc. uma pequena brecha de liberdade também no país, que é uma coisa que a gente talvez não pense. "Ah, não, eu vou ser contra essa Copa do Mundo, porque essa Copa do Mundo vai legitimar um governo ditatorial." Sim, mas, se ela pode ir por outro caminho, por que os grupos de ativistas não sequestram aquele evento, que era para ser um evento da ditadura, para também abrir brechas, pequenas brechas de liberdade?

Então, o que eu quero dizer com isso é que sempre é mais complexo do que

branco e preto ou bem e mal. Um mundial é sempre [complexo], e por isso que é fascinante; porque ele abre brechas que talvez não estivessem previstas nem pelo regime nem pela oposição, que talvez você tenha esses cenários. Dito isso, ao longo da história, insisto, são obviamente os regimes que colocam esses mundiais como instrumentos de poder. Esses mundiais, em alguns desses locais, foram instrumentos de poder, sem dúvida nenhuma. Em outros lugares, até mesmo no Brasil, em 2014... Mundial é uma espécie de espelho do país. E, quando você fica na frente do espelho, você não escolhe: "Eu quero que o espelho reflita só esse lado meu ou que ele elimine minha barriga". Não, o espelho vai mostrar tudo. E, às vezes, esse espelho que mostra tudo é mais poderoso do que a instrumentalização política que estava sendo prevista inicialmente pelos governos que fizeram esse mundial.

Matias Pinto

Trazendo agora para o presente, e olhando para a próxima Copa do Mundo que será realizada no Canadá, Estados Unidos e México, chama a atenção o protagonismo dos Estados Unidos. Como você enxerga, nesse contexto, as tensões entre os três países-sede e, de um modo mais amplo, as relações dos Estados Unidos com outras nações participantes da Copa?

É muito impressionante essa história, porque, naquele momento que foi apresentada a ideia de um mundial continental, eu me lembro de que estava na reunião do Congresso da FIFA e todo o debate que foi criado, o argumento central era justamente a de unir esses países, de romper fronteiras, barreiras. Era de permitir uma circulação maior entre esses países. E a gente está vivendo, obviamente, uma situação absolutamente contrária a tudo isso. Hoje, esse mundial, a meu ver, é em três países, ele não é um continente, ele está separado. Claro, o comitê organizador tem um diálogo permanente, em termos de organização tem funcionado, mas ele não é mais o mundial da união, da integração.

Eu percorri o muro do México com os Estados Unidos no ano passado, e é muito dramático aquele muro. Primeiro, as fronteiras são políticas, aquela fronteira nem sempre foi ali, não existem fronteiras naturais. É uma conquista de um território, e por tantos outros motivos, que coloca a fronteira naquele local. E aquele local, hoje, é uma fronteira que não é entre os Estados Unidos e o México: é entre os Estados Unidos e o outro. E esse outro, sim, são os mexicanos, mas também são os guatemaltecos, somos nós, são os haitianos, são todos aqueles que usavam aquela fronteira para chegar nos Estados Unidos. Então é uma fronteira que vai muito além de ser

apenas um local de delimitação de um país. É a delimitação também em relação a todos os outros, que nós não consideramos adequados para viver no nosso país. Então, o mundial vai acontecer num contexto extremamente diferente daquele que foi inicialmente pensado.

Ainda assim, eu me lembro daquele momento da elaboração do mundial e que a decisão de colocar 80% dos jogos nos Estados Unidos e 10% só no México, 10% no Canadá não era exatamente um problema. Porque, naquele momento, era uma espécie de primeiro, o reconhecimento de que, sim, a Copa seria essencialmente nos Estados Unidos, mas que teriam benefícios para os dois países fronteiriços nesse aspecto da integração. Hoje, não é mais essa percepção, que, é claro, foi contaminada por essa situação política, foi revertida – eu diria – num outro tom. E esse tom é: por que 80% nos Estados Unidos? Por que ter uma Copa do Mundo tão concentrada em um só país? Então, houve uma transformação política profunda na história desse mundial, que ainda nem começou.

Claro, nós estamos gravando isso tudo antes do mundial, mas é uma história fascinante que eu vou querer muito ler o que os historiadores vão contar desse período, porque é fascinante a ideia de [como] uma decisão tomada anos antes se transforma ao longo do tempo e ganha um outro significado quando acontece.

Letícia Marcolan

Nesse cenário da Copa de 2026, algumas seleções, nações, ameaçaram um boicote. Como é que você avalia essa possibilidade?

Olha, antes de mais nada, o boicote precisa ser uma decisão das instituições, não do torcedor. É muito injusto exigir do torcedor de um país em desenvolvimento, por exemplo, o nosso ou de qualquer outro país em desenvolvimento, que, depois de todas as dificuldades da vida que ele tem e das horas percorridas para chegar ao trabalho, de trabalhos com remunerações absolutamente insuficientes, da penúria que ele vive na maioria das vezes, que naquele momento de alegria seja o torcedor o responsável por, então, promover o boicote contra aquele regime autoritário. Não é o torcedor que tem que assumir. Ele pode até assumir essa responsabilidade, sem dúvida nenhuma. Se eu tomar a decisão de não ver o mundial, porque eu não quero contribuir para isso... Mas julgar o torcedor, "Ah, você assistiu ao mundial? Então você é pró-Donald Trump!" ou "Você assistiu ao mundial? Então você é pró-fascista"... Não é nada disso.

Agora, as instituições são os locais onde o boicote, ou protestos, talvez não precise ir ao extremo do boicote, mas são as instituições que precisam repensar e

"OS MUNDIAIS SÃO INSTRUMENTOS POLÍTICOS, E NÃO NECESSARIAMENTE SÃO INSTRUMENTOS POLÍTICOS PARA O MAL.

ELES PODEM SER INSTRUMENTOS POLÍTICOS DE PROMOÇÃO DE DEMOCRACIA, DE PROMOÇÃO DE COMBATE AO RACISMO."

pensar de que forma vão usar aquele mundial para dar um recado que não seja o de legitimar o desmonte de uma democracia. Porque o silêncio, voltando à questão política, o silêncio é político. A decisão de não falar nada sobre aquele assunto não é uma decisão de dizer simplesmente: "Ah, eu não me envolvo em política". O silêncio é político. Então, ao dizer "Olha, o nosso trabalho, da seleção X, é entrar em campo e fazer o nosso melhor" – não, isso já é uma decisão política.

Eu tenho a impressão de que, ao longo da história, e a Olimpíada de 1936 é muito reveladora – não só a Olimpíada, mas o debate que aconteceu antes –, por exemplo, nos Estados Unidos, houve uma votação, inclusive, na época da Associação Atlética, que era o centro basicamente da participação dos Estados Unidos na Olimpíada, e foi levado à votação da associação. O boicote perdeu por poucos votos, então quase houve um boicote real dos Estados Unidos em relação à Olimpíada de 1936. É nesse local que essas decisões precisam ser tomadas. Insisto, é de uma injustiça, é até cruel exigir que o torcedor seja aquele que vai se colocar contra o mundial. Eu espero – voltando à questão da neutralidade – que a gente passe a ter muita consciência, porque o silêncio num jogo de futebol promove aqueles que estão ali organizando aquele espetáculo.

No Mundial de Clubes, agora nos Estados Unidos, eu fui a vários jogos e alguns episódios foram... [o que] eu considero como uma espécie de ensaio geral [para o futuro]. A questão do combate ao racismo, por exemplo, [...] nos primeiros jogos do Mundial de Clubes, desapareceu a campanha da FIFA sobre o racismo. Claro, num contexto de Donald Trump, desmontando toda a questão de políticas, de igualdade racial etc. A FIFA, então, vai fazer esse jogo porque, ao retirar o combate ao racismo como uma campanha, insisto, ela está fazendo política. Não é uma neutralidade, é política.

Matias Pinto

Falando deste espaço, que a gente está usando o futebol, eu queria perguntar para você: qual pode ser ou qual deveria ser o papel desempenhado por instituições – não só museus, mas [outras] ligadas ao futebol e ao esporte – no tratamento da memória nesses debates, particularmente quando se consideram suas ações e práticas voltadas à educação?

Em primeiro lugar, considero que um museu não é sobre o passado, mas sim sobre quem nós somos e a construção do futuro. Olhar para o museu como um local onde está sendo contada uma história do passado já é um erro. Ainda que você entre no

museu e só veja peças do passado, o museu tem a função, absolutamente fundamental, de preservar a história, sem dúvida nenhuma, mas [também de] colocar perguntas para a atual geração: afinal de contas, quem somos nós? Como vamos lidar com o futuro?

Quando o museu, no caso o [Museu] do Futebol, ou qualquer outra instituição, se dispõe a contar essa história, eu acho que ele tem um papel fundamental na construção justamente de uma sociedade democrática. Então, denunciar o papel das mulheres, por exemplo, absolutamente escondido ou, na verdade, até proibido, no caso do futebol; denunciar de que forma instituições tentaram suprimir ou não permitir que debates sobre o racismo ou sobre discriminação pudessem acontecer. Então, tudo isso deve fazer parte da educação.

"Ah, mas é sobre futebol." Não, não é sobre o futebol só, é sobre a sociedade, como a sociedade via a mulher dentro daquele contexto; como a sociedade olhava para o racismo dentro daquele contexto. E [é] um alerta muito claro a nós, sobre como vamos construir o futuro. Alguns casos têm me chamado muito a atenção. Por exemplo, vejo na Espanha, como não há, hoje, uma sociedade disposta a entender a profundidade do racismo no país e há uma resistência enorme [...] "Não, nós não somos racistas e, portanto, não precisamos nem debater esse assunto", quando a gente sabe que, obviamente, todos os episódios que vêm acontecendo mostram que há um profundo problema.

No Brasil, não é diferente. Quando você tem uma reação, eu diria até violenta, de uma parte da sociedade em relação a minorias, a corpos marginais – marginais dentro da estrutura de poder, obviamente –, a gente sabe o que significa. Então, um museu, uma instituição, tem uma missão fundamental, que é de, em primeiro lugar, resguardar e preservar o passado, mas provocar permanentemente a discussão atual sobre quem nós queremos ser.

Letícia Marcolan

Nessas suas andanças, teve algo que particularmente te marcou em algum museu de esportes, de discussão, nesse sentido? Você poderia citar?

Eu fico sempre muito incomodado com o Museu do COI em Lausanne, porque ele sempre conta a história dos Jogos Olímpicos a partir das medalhas, da tecnologia, do uniforme, da superação de um atleta, e nunca sobre o que era a sociedade naquele momento e contexto. Antes das Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, o Museu

Olímpico fez uma exposição temporária sobre o Brasil, e em um dos totens você colocava o fone e aprendia palavras em português. Questionável, mas enfim, era talvez uma questão para interagir. E algumas das palavras que foram colocadas eram absolutamente misóginas, escandalosas. E, quando eu coloquei [os fones] e entendi, eu denunciei e tiraram.

"Ah, mas isso aqui são palavras que fazem parte da cultura brasileira."

Não, de quem? De qual cultura brasileira? Da cultura misógina que quer dominar ainda a arquibancada e quer excluir esses corpos marginais – marginais, insisto, dentro da estrutura de poder? Ou a gente vai tomar a decisão de ser, de sermos atores, da mudança? Um museu, portanto, pode ser um ator de mudança.

Algumas coisas, não só ao que se refere a museus, mas, de uma forma geral, às instituições do esporte, elas são muito reveladoras de uma classe ou de um grupo de pessoas que está no poder. Me lembro de como, naquele momento em que a FIFA começou a multar federações nacionais, por conta de cantos homofóbicos por parte da torcida em eliminatórias de Copa do Mundo, jogos oficiais, também em atos de discriminação, eram multas, entre aspas, pequenas: 10 mil, 5 mil dólares; mas, naquele momento, 2013, 2014, grande parte das multas acontecia contra a CONMEBOL ou contra as federações nacionais da CONMEBOL, porque de fato existe um problema profundo da torcida entoar cantos homofóbicos no estádio. E a CONMEBOL, cansada de ser multada, ou as federações que fazem parte da CONMEBOL, cansadas de serem multadas, foram até a FIFA se queixar. Eu fui naquela reunião, porque eu não sabia o que era, caí ali por acaso. E aí, a um dos dirigentes, um dos cartolas da CONMEBOL perguntei: "Para que vai ser essa reunião?".

Ele falou: "Nós queremos conversar com a FIFA, porque não pode acontecer isso, de sermos multados sempre que tiver um canto homofóbico no estádio".

Eu perguntei o que eles iriam argumentar. Era um uruguaio, que disse: "Nós vamos argumentar o óbvio, [que] é cultural isso!".

Aí você fala, não é possível que vão dizer que um canto homofóbico era simplesmente parte da cultura do torcedor latino-americano ou do torcedor sul-americano. E, é claro, a FIFA falou: "Então mude a cultura".

Desculpa, essa é uma das raras vezes que vocês vão me ver elogiando a FIFA, mas é realmente estapafúrdio você pensar que dirigentes desportivos vão fazer uma viagem para argumentar que um canto homofóbico é só parte da cultura.

Então, realmente é um desafio muito grande. Os museus, insisto, eles podem ter essa função de serem atores da mudança. Eu fico imaginando a quantidade de garotos que podem ser confrontados com essa realidade analisada a partir de um outro ponto de vista, ou ser considerado de outro ponto de vista. Como que se sentiria

uma menina dentro daquele contexto? Trazer, como diriam os [norte-]americanos, colocar aquela pessoa nos sapatos da outra e tentar inverter. Como é que você se sentiria? É cultural só? Obviamente não.

Matias Pinto

Trazendo novamente para uma perspectiva pessoal, ao trazer seu pai, seu filho, para o Museu do Futebol, quais foram as impressões deles e as suas observações a partir do que é exposto na mostra principal? E de que maneira você entende que o Museu do Futebol pode contribuir no debate da própria modalidade sobre política, história e memória?

Volto a esse tema, porque inclusive sou parte do conselho do Instituto Vladimir Herzog. Então, memória é absolutamente fundamental. E a memória, voltando àquele ponto [mencionado antes], também a memória não é sobre o passado, mas sobre o futuro; é justamente um instrumento para construir uma sociedade mais justa e menos desigual, menos discriminatória, menos racista, menos misógina. Então, a memória [é] fundamental. Eu usei já o museu, muitas vezes, com os meus filhos para contar a história do Brasil. São dois europeus que, apesar de terem passaporte brasileiro, nunca moraram no Brasil. Então, o museu, de uma forma muito importante, me ajudou a contar a história do Brasil. Não a história das conquistas, [mas a história] que eu acho que é uma coisa muito bonita desse museu, é a história dos desafios, a história do fato de que mulheres por tanto tempo simplesmente eram colocadas em outro lugar e não tinham o direito a ter direitos. Não é que elas não podiam jogar bola, elas não tinham direito a ter direitos. É muito mais profundo. O futebol era mais um exemplo desse local.

Então foi sempre muito poderoso nesse sentido. Eu acho que o museu pode ter um papel que talvez uma parte da sociedade brasileira não queira ver. Talvez uma parte da sociedade brasileira não vá ao museu sobre a ditadura militar. Uma parte da sociedade brasileira talvez dissesse: “Isso é parte do passado. Vamos olhar para o futuro. Não precisamos ficar lidando com a ditadura. Isso já aconteceu há tanto tempo, vamos adiante”. Mas, por um outro caminho, de um elemento cultural tão fundamental na sociedade brasileira, que é o futebol, resgatar todos esses elementos, da escravidão, sem dúvida nenhuma, do papel da mulher dentro da sociedade e, claro, da questão dos regimes autoritários nos vários momentos da história do Brasil.

Letícia Marcolan

A cada quatro anos, a gente faz uma atualização da sala das Copas. A última foi em 2024, no contexto de toda a renovação para exposição de longa duração. E aí fazemos a atualização com fatos marcantes do futebol feminino e masculino, mas também com esses episódios políticos, econômicos, sociais. O que você acha que deveria entrar para a nossa próxima atualização?

Tem muita coisa... Mas, olha, um aspecto positivo e um aspecto... os dois são positivos, no fundo, no sentido de aprendizado. Eu acho que a foto do estádio da final do Mundial Feminino que as [norte-]americanas vencem... 2021? 2023! Estádio completamente lotado. É absolutamente mágica aquela imagem. Não uma foto só, mas talvez um vídeo, é um ato político. Aquilo ali, aquela final num estádio daquela dimensão e dizer que o futebol feminino chegou a essa dimensão é uma declaração política muito forte. Principalmente se a gente acompanha tudo que vem no museu e vê todo o desafio, a história do circo e das mulheres sendo apresentadas como episódio, basicamente como atração de circo jogando futebol. Você sair daquilo e mostrar um estádio de futebol completamente lotado é, sim, a conquista de direitos. Então ali é muito mais do que um jogo de futebol. Eu, pelo menos, acho um momento muito relevante aquela final. Um outro, e aí é muito mais complicado, mas também tem que ser colocado, é justamente a final do Mussolini, com a seleção da Itália fazendo um gesto fascista, também precisa ser colocado, principalmente pra desmontar a ideia de que futebol é um local de neutralidade. [Há] neutralidade desde que não seja o dono do mundial fazendo aquele gesto. Então, ali é para deixar muito claro – e eu colocaria isso – que, sim, os mundiais são instrumentos políticos, e não necessariamente são instrumentos políticos para o mal. Eles podem ser instrumentos políticos de promoção de democracia, de promoção de combate ao racismo.

Agora, precisa ser honesto, não pode ser uma faixa escondida em algum lugar para dizer: "Olha, nós fizemos a nossa parte, o combate ao racismo está aqui, está entregue". Tem que ser honesto. Caso contrário, a gente sabe que é mais um capítulo da hipocrisia daqueles que mandam no futebol.

Matias Pinto

E, Jamil, estamos gravando no começo de 2026, mas em uma data mais próxima da Copa do Mundo deve ser lançado o seu livro. Queria que você comentasse um pouco sobre esse projeto.

Na verdade, é um projeto meu e da Milly Lacombe. É uma troca. Não são cartas, mas um diálogo que decidimos estabelecer sobre futebol, sociedade, vida e morte. Então, é uma tentativa de a gente decifrar alguns aspectos que o futebol – só o futebol talvez – teria a capacidade de escancarar, seja o debate sobre o racismo, sobre a misoginia, sobre o papel do futebol dentro de uma sociedade como a do Brasil, na qual a gente até conta, se você vai numa maternidade aqui, na porta de cada nova mãe, que até já tem a camiseta da menina ou do menino que acaba de nascer. E eu não sei qual a identidade [do bebê], mas já sei que é são paulino, palmeirense ou flamenguista etc. É muito poderoso isso. E a quantidade também de pessoas que, claro, depois de uma vida inteira, tem no seu caixão a bandeira do seu time. Então, o futebol no nosso país, e em outros lugares também, vai do momento que você nasce ao momento da tua morte. Isso é muito poderoso e faz parte de quem nós somos.

É reducionista? Não, não é. Eu sou muito mais do que futebol, sem dúvida, mas você também é futebol... Não é algo para ser excluído. Das viagens que eu fiz e faço, ser brasileiro foi um instrumento que tive para entrar em locais que meus colegas jornalistas americanos não entravam.

E por quê? Me lembro de uma ocasião, que a gente conta no livro, um general, basicamente o autor do genocídio em Darfur, no Sudão, não dava entrevista para ninguém. Imagina o cara, um genocida, ele não falava com o jornalista de nenhum lugar do mundo. Mas o nosso papel é pedir. Então eu estava em Darfur, no Sudão, logo depois da guerra, tentando entender o que era tudo aquilo e pedi uma entrevista com ele, mas já sabendo que ali seria muito improvável. E, de repente, os assessores dele vêm para mim e dizem que ele queria me dar entrevista. Eu chego na entrevista, um senhor muito alto, com turbante gigantesco, túnica, quase um personagem de um filme. Ele senta e fala: "Olha, não dou entrevista, mas eu só aceitei essa entrevista porque eu queria conhecer na minha vida um dia alguém do país do Pelé". Não tinha nada a ver com a entrevista, ele só queria conhecer um brasileiro.

E o livro traz vários episódios sobre isso. Também tem um debate muito interessante: afinal, camisa amarela ou não? A gente vai manter ou não vai manter a camisa amarela? Mas não vou dar spoiler. Então leiam, porque vocês vão descobrir que talvez a gente tenha outros caminhos.



Museu do Futebol | Fernando Pilatos

On February 25, 2026, we had the pleasure of welcoming Jamil Chade to the Armando Nogueira Auditorium at the Football Museum for a conversation that was especially meaningful for this fourth edition of *Revista Arquibancada*, dedicated to human mobility and, of course, football. A renowned Brazilian journalist based in Geneva, Jamil covers some of the defining issues of our time, including human rights, international relations, contemporary conflicts, democracy, and the inner workings of global power. Over the course of his career, he has become one of the most consistent and respected voices in Brazilian journalism when it comes to understanding the world through its political, social, and institutional tensions.

One aspect of his work is particularly meaningful to us as researchers, and to the museum as an institution: the way he places football at the center of these discussions. Rather than treating sport as a separate sphere, Jamil helps reveal how football intersects with geopolitical interests, competing narratives, power structures, national identities, and international relations. In 2026, a World Cup year, amid an international landscape marked by war and the escalation of conflicts reshaping the Middle East, Jamil's perspective is especially valuable in broadening the conversations promoted by the Football Museum. His work shows how the game is increasingly shaped by diplomatic, economic, and symbolic forces—and therefore serves as an important lens through which to interpret the contemporary world.

During our conversation, we also had the privilege of exploring Jamil's personal and emotional relationship with football, a dimension that brings his reflections even closer to the world of experiences, memories, and senses of belonging that the museum seeks to preserve and activate. This more intimate perspective also connects to his interest in museums and his appreciation for their public role, making his contribution especially significant for *Revista Arquibancada*. His presence reaffirms the Football Museum' s vocation as a space for reflection, dialogue, and critical inquiry, one capable of bringing together memory, culture, and the present moment. We invite readers to join us in this conversation and engage with the reflections sparked by an exchange that takes the 2026 World Cup as a reference point for discussing both football and the world through the lenses of memory and history.

Matias Pinto

I'd like to start with a more personal and emotional dimension of your relationship with football. Could you tell us how the sport has been part of your life over the years, and specifically what place the World Cup holds in your memory—whether through personal experience or through your professional work? Are there any memories or stories that stand out?

Football, in a very particular way, was part of my entire childhood. The Morumbi Stadium was practically a weekly destination. Then, during my teenage years (I don't know if you remember this), there was a period when the São Paulo state championship had matches on Wednesday afternoons, not just at night. So sometimes we'd leave school and head straight to the stadium. There's no doubt about the role football played by then.

And the World Cup was always something very distant, at least in my imagination. It was something that happened somewhere else, almost on another planet. The idea of actually going to a World Cup felt completely outside the realm of real possibilities. Then, when I started working as a journalist in Switzerland, I realized I was in the place where many of football's most important decisions were being made. In a way, that brought me back to that basic childhood feeling of believing in football as a genuine place of affection and emotion. It was about going to the field with my cousins and my parents. It was a genuinely emotional space. It wasn't manufactured or manipulated; it really was an explosion of emotion. And when I began working professionally with football as a journalist, I discovered (or maybe it finally clicked) something obvious: that I had been fooled. That emotion of mine, and not just mine but everybody else's around me, was being appropriated, in a certain sense, to generate profits and benefits for a very small group of people.

It took me a long time to understand that. Today, it may seem obvious, much clearer than it once did. But I always placed football in the realm of magic. Sure, politics existed, but politics was for other people. Football would always just be football.

When I arrived at FIFA, UEFA, and later the IOC, that realization really hit me: I had been fooled. So, football enters my life in both ways, through my childhood and through my professional career.

As for the World Cups, all of them have left a mark on me. I think I remember every match, where I was, how we celebrated, and who I was with… Since 1982, I can probably recount that entire sequence with great precision. But something changed radically in 2006, when I went to my first World Cup, my first as a reporter. That was the moment when I understood that that place that had always seemed so distant,

the World Cup, had also become my workplace.

And that created an internal dilemma. There was still the magic of the World Cup, but there was also the mission I had set for myself: to decode it and to warn people about what that event actually was, that it wasn't only magic. So, since 2006, and through every World Cup since then, I've tried not to take away the magic, but to make it very clear that these tournaments are many things at once. They have many different layers. And one of those layers is undoubtedly the way something that, for us as fans, is a legitimate space for celebration and collective passion becomes, for another group, a mechanism for transforming everything we feel into profit and power. And I'm not talking only about financial power. I'm talking about political power as well.

So, for me, the World Cup is truly a complex event. It's a place of dreams, but it's also a place for exposing realities.

Letícia Marcolan

Picking up on what you've just been saying, beyond this idea of football as magic or celebration, there's also the notion—present in the very origins of certain institutions—that football exists as a depoliticized space, as though these organizations existed solely to enforce the rules of the game. Sports institutions often reinforce this idea by punishing certain forms of expression. Yet when we look at how things actually work, presenting football as neutral can sometimes be one of the most effective ways of doing politics. I'd like to hear your thoughts on that.

It also took me a long time to make sense of this idea of neutrality—the decision by sports' governing bodies to say, "Politics doesn't belong here," or "Politics shouldn't enter here."

My conclusion is that there's nothing neutral about that neutrality. Neutrality is actually a way of ensuring that only those who control football are allowed to do politics. Football, and sport more broadly, is constantly political. But not for us. Not for the fans. Not for the players on the field. Not through the spontaneous expressions of supporters.

The only group allowed to do politics in sport is the group that owns the event. And they do it very openly. So, neutrality doesn't exist. It's actually a very effective (and I'd even say very intelligent) way of guaranteeing a space where political power in football remains a monopoly. And that happens in many ways. Take FIFA's relationship with dictatorships, for example. What they basically say is: "Look, we work

with any government." Fine. But those events often help elevate dictators, launder the image of torturers, or transform countries that are shrouded by a haze of controversy into something more appealing.

That's politics. All of that is a political tool. What I defend is that all of us should have the right to engage politically through football. Because it's pointless to say politics shouldn't enter football. If that's really the rule, then someone should probably inform the organizers of the World Cup, FIFA, the International Olympic Committee, UEFA, and CONMEBOL that they aren't allowed to do politics either.

Of course, that's never going to happen. So fine, then open the space and let everyone participate. Obviously, there are limits. You can't use football or sporting events to spread hatred, discrimination, homophobia, and so on. It's not that "anything goes." But you should be able to go to a stadium and exercise, for example, your freedom of expression.

Recently, during the Winter Olympics in Milan, a couple showed up carrying a Greenland flag at an event. They were removed and told to put the flag away because the rule says you can only display flags of countries recognized by the Olympic movement. We know that's not really what happened. What happened was a political act, clearly connected to Donald Trump. And on the other side, you had an International Olympic Committee terrified of appearing aligned with any form of resistance to the U.S. government, especially at a moment when the next Olympics will be held in the United States. That's politics, without a doubt. And throughout history, historians have shown this very clearly: right-wing fascist regimes, as well as dictatorships more broadly, have repeatedly used football for their own purposes. They engaged in politics very openly.

What Mussolini did during the World Cups of the 1930s makes it impossible to argue that politics doesn't belong in football. There was the Jules Rimet Trophy, but he even created a separate trophy of his own to award the winner, which, unsurprisingly, was Italy itself. All of this is political. When we talk about neutrality in football, we're talking about a very big lie.

Matias Pinto

And in that sense, how do you see the role of sports organizations in the international political arena, considering decisions involving different nations and their current political conflicts? Can we say there is a double standard?

We can say there is a double standard and a huge amount of hypocrisy. Because if we adopted, for example, the situation of Russia, a country that invades another country and becomes the target of dozens of sanctions. If I'm not mistaken, the last time I checked, not only in sports, but if we include all international institutions, trade, finance, and so on, there are over 2,000 sanctions against Russia. A good portion of them are in sports, with athletes only being allowed to compete in a neutral capacity, without their national uniform.

So fine, let's take exactly the same criteria and apply them to other countries. For example, the United States in relation to Venezuela. There is simply no debate about that. The U.S. government went there, kidnapped a person, the head of state (you may like him or not, that's another discussion), but you go there, kidnap a leader, install a puppet government. Basically, you invaded that country, or at least started controlling it, created a protectorate, violated international law, violated sovereignty, and yet today there is no debate whatsoever about any kind of punishment for the United States.

So, I come back to the discussion about politics: this is a political decision, to punish some and not punish others. And there was no debate when the U.S. government invaded Iraq, for example. There was absolutely no discussion about what would happen to the United States at the Olympics or the World Cup.

These organizations lose credibility every time they make decisions like that. I'm not defending the Russian invasion of Ukraine, that's not the point. But if the decision was to punish Russia because of the invasion of Ukraine, then that should at least be established as a criterion for everyone. For example, let's say you create a criterion that World Cups can only be held in democracies. Imagine that one day such a decision were made, I doubt it ever will be, but then you can't turn around and say, "That isn't a democracy, but actually they're moving toward democracy." So obviously, there is a great deal of flexibility in how these organizations operate. And honestly, I think that's what deepens their lack of credibility.

Letícia Marcolan

Since we're talking about events and you've mentioned some World Cups, the one in Italy, and the 1982 [World Cup], for example. In your memory and experience, could you comment on a moment when this combination, this interplay between football and politics, became particularly evident?

I think there are many. There are many powerful connections between football and politics, especially during World Cups, which are moments when, of course, the entire world is watching. But I'd actually like to tell a story from 1978, from a very complicated World Cup in Argentina, an Argentina that was killing people, making them disappear. A very close friend of mine was one of the prisoners at ESMA, the Navy Mechanics School, which was basically their version of the political police, a place where some of the most dramatic torture in Argentina took place. And he tells very striking stories about what it was like to experience that World Cup from inside a torture center. He said it wasn't very far from the Monumental Stadium. When Argentina played, the prisoners could hear the crowd's roar. And that was something very powerful for them, because their own screams under torture were not heard, but the clear roar of the crowd reached them. It was a very complicated feeling for those prisoners. Even the question of whether to support Argentina or not became difficult, knowing that an Argentine victory could be important, but also that it could be manipulated by the military junta at that moment.

"The central argument was precisely about bringing these countries together, breaking down borders and barriers"

And this friend, who today is an elderly man, tells the story of the day of the final, when the torturers placed television sets in the facility so everyone could watch, including the people being tortured. And he never understood whether that was part of the torture itself, because it really puts you in a dilemma, or whether it was a friendly gesture from those torturers, as if to say that, in the end, we're all Argentinians. It's a very powerful story about complexity. "No, I'm going to root against Argentina because I'm being tortured by the regime." I don't know. One doesn't necessarily react that way.

And he tells another story about activists who were outside, who weren't in jail. They saw the possibility of victory, the celebrations, and everything else as a small opening for freedom as well, which is something we perhaps don't think about. "No, I'm against this World Cup because it's going to legitimize a dictatorship." Yes, but if it can also go in another direction, why shouldn't activist groups seize that event, which was supposed to belong to the dictatorship, and use it to open small spaces of freedom?

What I mean is that things are always more complex than black and white, or

good and evil. A World Cup is always complex, and that's why it's fascinating. Because it opens spaces that perhaps neither the regime nor the opposition anticipated. That said, throughout history, and I insist on this, it is obviously regimes that have used these tournaments as instruments of power. Some of these World Cups were instruments of power, without a doubt. In other places, even in Brazil in 2014, a World Cup is a kind of mirror of the country. And when you stand in front of a mirror, you don't get to choose: "I want the mirror to reflect only this side of me," or "I want it to hide my belly." No. The mirror shows everything. And sometimes that mirror, which reveals everything, is more powerful than the political instrumentalization that governments originally intended when they organized the tournament.

Matias Pinto

Bringing the discussion to the present, and looking ahead to the next World Cup, which will be held in Canada, the United States, and Mexico, the prominence of the U.S. stands out. How do you see, in this context, the tensions among the three host countries and, more broadly, the United States' relationships with other nations participating in the tournament?

It's a very striking story, because at the moment when the idea of a continental World Cup was presented, I remember being at the FIFA Congress meeting, and the central argument was precisely about bringing these countries together, breaking down borders and barriers. The idea was to allow greater circulation among these countries. And we're obviously living through a situation that is completely contrary to all of that. Today, in my view, this World Cup is in three countries; it is not a continent. It's divided. Of course, the organizing committee maintains a permanent dialogue, and from an organizational standpoint, things have been working, but it is no longer a World Cup of unity and integration.

I traveled along the wall between Mexico and the United States last year, and that wall is very dramatic. First of all, borders are political. That border has not always been there; there are no natural borders. It is the result of territorial conquest and many other factors that placed the border there. And today that place is a border not between the United States and Mexico, but between the United States and the Other. And that Other is, sure, Mexicans, but they're also Guatemalans, they're us [Brazilians], they're Haitians, and all those who had been using that border to reach

the United States. It's a border that goes far beyond simply marking the limits of a country. It also marks a division against all those others whom we do not consider suitable to live in our country. So, the World Cup will take place in a context that is extremely different from the one originally envisioned.

Still, I remember those early discussions, and at that time, the decision to hold 80% of the matches in the United States and only 10% in Mexico and 10% in Canada wasn't really seen as a problem. At that moment, it was understood first as an acknowledgment that the World Cup would essentially be in the United States, but that there would also be benefits for the two neighboring countries through this idea of integration. Today, that is no longer the perception. And of course, that perception has been contaminated by the political situation. It has been reversed—I would say—in a different tone. And that tone is: why 80% in the United States? Why have a World Cup so heavily concentrated in one country? So, there has been a profound political transformation in the story of this World Cup, and it hasn't even started yet.

Of course, we're recording all of this before the tournament, but it's a fascinating story. I'm really looking forward to reading what historians will write about this period, because it's fascinating to see how a decision made years earlier transforms over time and acquires a completely different meaning by the time it actually happens.

Letícia Marcolan

In the context of the 2026 World Cup, some national teams and countries have threatened a boycott. How do you assess that possibility?

Well, first of all, a boycott must be a decision made by institutions, not by supporters. It's very unfair to expect a supporter from a developing country, for example ours or any other developing country, after all the difficulties they face in life, after the hours spent commuting to work, after jobs that pay absolutely insufficient wages, after the hardship they live through most of the time, to be the person responsible for promoting a boycott against an authoritarian regime during what is supposed to be a moment of joy. It's not the supporter who has to take on that responsibility. They may choose to do so, without a doubt. If I decide not to watch the World Cup because I don't want to contribute to that, that's one thing. But to judge a supporter… "Oh, you watched the World Cup? Then you're pro-Trump!" or "You watched the World Cup? Then you're pro-fascist!…" that's not what this is about.

Now, institutions are where a boycott (or perhaps protests, because it doesn't

necessarily have to go as far as a boycott) should be discussed. Institutions need to rethink and consider how they are going to use that World Cup to send a message that does not legitimize the dismantling of a democracy. Because silence, coming back to the political question, is political. The decision not to say anything about a subject is not simply a way of saying, "Oh, I don't get involved in politics." Silence is political. So, when a national team says, "Look, our job is to go out on the field and do our best," that is already a political decision.

I have the impression that throughout history, and the 1936 Olympics are very revealing, not only the Olympics themselves, but the debate that happened beforehand, for example, in the United States, there was actually a vote within the Athletic Association, which was basically responsible for the country's Olympic participation. The question of a boycott was put to a vote, and it was lost by only a few votes. So, the U.S. came close to actually boycott the 1936 Olympics. That's where such decisions need to be made. Again, it's unfair, in fact, it's even cruel, to expect supporters to be the ones who stand against a World Cup. And I hope, coming back to the issue of neutrality, that we become much more aware of the fact that silence at a football match benefits those who are organizing the spectacle.

At the recent Club World Cup in the United States, I attended several matches, and some episodes felt to me like a kind of dress rehearsal for the future. Take the fight against racism, for example. In the first matches of the Club World Cup, FIFA's anti-racism campaign disappeared. Of course, this happened in the context of Donald Trump dismantling policies related to racial equality and so on. So, FIFA is making a choice there. By removing anti-racism as a campaign, it is engaging in politics. It's not neutrality. It's politics.

Matias Pinto

Speaking about this space, and the way we're using football to have this discussion, I'd like to ask: what can be, or what should be, the role played by institutions—not only museums, but other organizations connected to football and sport—in dealing with memory in these debates, particularly when we consider their educational initiatives and practices?

First of all, I believe a museum is not about the past. It's about who we are and the construction of the future. Looking at a museum as a place that simply tells a story about the past is already a mistake. Even if you walk into a museum and all you see are objects from the past, the museum has the absolutely fundamental role of

preserving history, without any doubt, but also of raising questions for the current generation: after all, who are we? How are we going to deal with the future?

When a museum, in this case, the Football Museum, or any other institution, takes on the task of telling this story, I think it plays a fundamental role in building a democratic society. So, for example, exposing the role of women, which was hidden, or actually prohibited, in the case of football. Exposing the ways institutions tried to suppress or prevent discussions about racism or discrimination from taking place. All of that should be part of education.

"Oh, but it's about football." No, it's not just about football. It's about society. It's about how society viewed women in that context. It's about how society viewed racism in that context. And it's a very clear warning to us about how we are going to build the future. Some examples have really caught my attention. In Spain, for instance, I see a society that today is unwilling to understand the depth of racism in the country. There is enormous resistance… "No, we are not racist, therefore we don't even need to discuss the issue." Yet we know that the many incidents we keep seeing clearly demonstrate that there is a profound problem.

Brazil is no different. When you see a reaction, one I would even describe as a violent, from part of society toward minorities, toward marginalized bodies—marginalized within the power structure, obviously—we know what that means. So, a museum, an institution, has a fundamental mission. First, to safeguard and preserve the past, but also to constantly provoke discussion about who we want to be.

Letícia Marcolan

In all your travels, was there anything that particularly struck you at a sports museum or a museum that approached these kinds of issues? Could you give an example?

I am always very uncomfortable with the IOC Museum in Lausanne because it always tells the story of the Olympic Games through medals, technology, uniforms, athletic achievement, and never through what society was like at that particular moment and in that particular context. Before the Rio Olympics in 2016, the Olympic Museum organized a temporary exhibition about Brazil. One of the interactive displays allowed visitors to put on headphones and learn Portuguese words. Questionable, but anyway, perhaps it was intended as a form of interaction. Some of the words included were absolutely misogynistic, scandalous, even. When I put on the headphones and understood what was being presented, I reported it, and they removed it.

"WORLD CUPS ARE POLITICAL INSTRUMENTS. AND THEY ARE NOT NECESSARILY POLITICAL INSTRUMENTS FOR BAD PURPOSES.

THEY CAN BE POLITICAL INSTRUMENTS FOR PROMOTING DEMOCRACY AND FOR FIGHTING RACISM."

"But these are words that are part of Brazilian culture."

No. Whose culture? Which Brazilian culture? The misogynistic culture that still wants to dominate the stands and exclude marginalized bodies—again, marginalized within the power structure? Or are we going to make the decision to be agents of change? A museum can therefore be an agent of change.

Some things, not only in museums but in sports institutions more broadly, are very revealing about the class or group of people who hold power. I remember when FIFA began fining national federations because of homophobic chants by supporters during World Cup qualifiers and other official matches, as well as for acts of discrimination. The fines were, in quotation marks, relatively small: five thousand, ten thousand dollars. But at that time, around 2013 and 2014, a large share of the fines involved CONMEBOL or CONMEBOL member associations, because there really is a deep problem with homophobic chanting in stadiums. And CONMEBOL, or the federations that belong to CONMEBOL, got fed up with the fines and went to FIFA to complain. I happened to attend one of those meetings because I didn't know what it was about. I just ended up there by chance. I asked one official, one of the CONMEBOL bosses, "What's this meeting about?"

He said, "We want to talk to FIFA because this can't keep happening, being fined every time there is a homophobic chant in the stadium."

I asked what argument they were planning to make. He was Uruguayan, and he said, "We're going to argue the obvious: it's a cultural thing!"

And you think to yourself: it can't be possible that they're going to argue that a homophobic chant is simply part of Latin American or South American supporter culture. And of course, FIFA replied, "Then change the culture."

Sorry, this is one of the rare occasions when you'll see me praising FIFA, but it is truly absurd to think that sports officials would travel all that way to argue that a homophobic chant is merely part of culture.

So, it really is a major challenge. Museums, I insist, can play the role of agents of change. I imagine the number of young boys who could be confronted with that reality when it is presented from another point of view, or encouraged to see it from another perspective. How would a girl feel in that context? To borrow an American expression, put yourself in someone else's shoes and try to reverse the situation. How would you feel? Is it just cultural? Obviously, it is not.

Matias Pinto

Returning to a more personal perspective, when you brought your father and your son to the Football Museum, what were their impressions, and what were your own observations based on what is presented in the main exhibition? And how do you think the Football Museum can contribute to the debates about politics, history, and memory within the sport itself?

I come back to this topic because I'm actually a member of the board of the Vladimir Herzog Institute. So, memory is absolutely fundamental. And memory, going back to that point I mentioned earlier, is not really about the past, it's about the future. It is a tool for building a fairer society, one that is less unequal, less discriminatory, less racist, and less misogynistic. So, memory is fundamental. I've often used the museum with my children to tell the story of Brazil. They are two Europeans who, despite having Brazilian passports, have never lived in Brazil. So, the museum has helped me, in a very important way, tell them the story of Brazil. Not the story of achievements, but what I think is one of the most beautiful things about this museum: the story of challenges, the story of how women, for so long, were simply pushed aside and denied the right to have rights. It wasn't just that they weren't allowed to play football, they were denied the right to have rights. It goes much deeper than that. Football was just one example of that reality.

So, it has always been very powerful in that sense. I think the museum can play a role that part of Brazilian society may not want to see. Perhaps part of Brazilian society does not visit museums about the military dictatorship. Part of Brazilian society might say, "That's part of the past. Let's look to the future. We don't need to keep dealing with the dictatorship. It happened so long ago, let's move on." But through another path, through a cultural element as fundamental to Brazilian society as football, it is possible to recover all of these issues: slavery, without a doubt; the role of women in society; and, of course, the question of authoritarian regimes throughout different moments in Brazilian history.

Letícia Marcolan

Letícia: Every four years, we update the World Cups gallery. The most recent update was in 2024, as part of the broader renovation of the long-term exhibition. We update it with important moments from both women's and men's football, but also with political, economic, and social events. What do you think should be included in our next update?

There's a lot. But look, one positive aspect and another aspect… actually, both are positive in the sense that they teach us something. I think the image of the stadium during the Women's World Cup final that the Americans won… 2021? No, 2023! A completely packed stadium. That image is absolutely magical. Not just a photograph, perhaps even a video. It's a political act. That final, in a stadium of that size, and being able to say that women's football has reached that level, is a very powerful political statement. Especially when we follow everything that is presented in the museum and see the whole struggle, the episode of the circus, and women being displayed almost as a sideshow attraction, playing football. To move from that to showing a completely sold-out football stadium means, indeed, conquering rights. So that moment is much more than a football match. At least for me, that final was a very significant moment.

Another example, and this one is much more complicated, but it also needs to be included, is Mussolini's World Cup final, with the Italian national team making a fascist salute. That also needs to be there, especially to dismantle the idea that football is somehow a neutral space. Neutrality is expected only as long as it isn't the owner of the World Cup making that gesture. So, it should make it very clear, and I would include it, that World Cups are political instruments. And they are not necessarily political instruments for bad purposes. They can be political instruments for promoting democracy and for fighting racism.

But it has to be done honestly. It can't just be a banner hidden away somewhere so people can say, "Look, we did our part. The anti-racism message is here. Box checked." It has to be honest. Otherwise, we know it is just another chapter in the hypocrisy of those who run football.

Matias Pinto

Jamil, we're recording this at the beginning of 2026, and your new book is expected to be released closer to the World Cup. Could you tell us a little about that project?

Actually, it's a project by Milly Lacombe and me. It's an exchange. They're not letters, exactly, but a dialogue that we decided to establish about football, society, life, and death. It's an attempt to decipher certain aspects that football (and perhaps only football) has the ability to lay bare, whether it's debates about racism, misogyny, or the role football plays within a society like Brazil's. We even mention how, if you go to a maternity ward in Brazil, outside the room of every new mother, there's often already

a shirt for the baby girl or baby boy who has just been born. I may not know anything else about that child's identity, but I already know whether they're a supporter of São Paulo, Palmeiras, Flamengo, and so on. That's incredibly powerful. And then there are all the people who, after a lifetime, have their club's flag draped over their coffin. So, football in our country, and in other places, too, accompanies you from the moment you are born until the moment you die. That's powerful. It's part of who we are.

Is that reductionist? No, it isn't. I am much more than football, without a doubt. But you are football too. It's not something that can simply be excluded. In the travels I've made and continue to make, being Brazilian has often been a tool that allowed me to enter places where my American journalist colleagues could not.

And why? I remember one occasion that we talked about in the book. A general who was essentially one of the architects of the genocide in Darfur, Sudan, never gave interviews to anyone. Imagine that, a man responsible for genocide who wouldn't speak to journalists from anywhere in the world. But our job is to ask. So, I was in Darfur shortly after the war, trying to understand what had happened there, and I requested an interview, already knowing it was highly unlikely. Then, suddenly, his aides came to me and said that he wanted to meet with me. I arrived for the interview. He was a very tall man, wearing an enormous turban and a long robe, almost like a character from a movie. He sat down and said, "Look, I don't give interviews. But I agreed to this one because I wanted, at least once in my life, to meet someone from Pelé's country." It had nothing to do with the interview. He simply wanted to meet a Brazilian.

The book includes several stories like that. There's also a very interesting debate in it: what about the yellow jersey? Are we going to keep it or not? But I won't give any spoilers. So, read it, because you may discover that there are other paths forward.

Direção Editorial
Renata Vieira da Motta
Marília Bonas

Comitê Editorial
Camilo de Mello Vasconcellos
Ellen Nicolau
Flávio de Campos
Júnior Nascimento
Letícia Julião
Marcel Diego Tonini
Marcelo Continelli
Silvana Goellner
Silvia Pantoja
Tony Boita
Vilma Campos

Coordenação editorial e produção
Karina Macedo

Colaboradores
Ademir Takara
Carolina Rocha
Dóris Regis
Fabiana Neves
Michael Argento
Renata Beltrão

Projeto gráfico e diagramação
Lucas Blat

Versão para o inglês
Ellen Maria Vasconcellos

Tradução do inglês
Eliana Moura Estúdio Editorial | Ana Valéria Razera

Preparação e revisão de texto
Débora Wink
Eliana Moura Estúdio Editorial | Giulia Correia

Revisão do inglês
Rodrigo Leite

Transcrição da entrevista
Aline Vessoni

Imagem de capa
Fabiane de Paula

A foto da capa e as imagens das páginas 9, 12-13, 14, 15, 34-35, 36, 37, 52-53, 66, 171, 184, 185, 186-187, 188--189 foram vencedoras do Concurso de Fotografia do Museu do Futebol em 2026.

Museu do Futebol
Praça Charles Miller, s/n
Estádio Paulo Machado de Carvalho — Pacaembu
São Paulo/SP — Brasil
(55) 11 3664-3848
contato@museudofutebol.org.br
2026

A revista **ARQUIBANCADA** presta homenagem a Maurício Rafael (*in memoriam*), que idealizou a publicação.

Catalogação na Publicação (CIP)
A795 Arquibancada - A Revista do Museu do Futebol – v.3, n.4 (2026) / Museu do Futebol - São Paulo : IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2026. 232 p. : il. : 18 x 24 cm.
Anual (2024-)

ISSN 3086-4038

1. Museu 2. Museologia 3. Migração 4. Pertencimento 5. Futebol 6. Museu do Futebol (SP)

CDD-069 / CDU-069
Ademir Takara - Bibliotecário - CRB-8/7735

Governo do Estado de São Paulo
Governador | Tarcísio Gomes de Freitas
Vice-Governador | Felicio Ramuth

Secretária de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas | Marilia Marton
Secretário Executivo | Marcelo Assis
Subsecretário | Daniel Scheiblich Rodrigues
Chefe de Gabinete | Viccenzo Carone
Chefe da Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais | Marina Sequetto Pereira
Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural | Mariana de Souza Rolim
Coordenador de Conservação e Restauro | Amer Nagib Moussa Jr.
Coordenador de Reconhecimento e Salvaguarda | Matheus Franco da Rosa Lopes
Coordenadora de Museus | Ana Paula Pacheco Godoy
Chefe da Divisão de Planejamento e Gestão Museológica | Douglas Herval Ponso
Chefe da Divisão Técnica Museológica | Tayna da Silva Rios

Equipe Técnica | Ana Paula Alves dos Santos, Camila Michelle Gonçalves De Lima, Elisabete Mitiko Watanabe, Guilherme de Nardi Viana, Gustavo Nascimento Paes, Jessica Anunciação Araujo da Silva, Marcos Antônio Nogueira da Silva, Mariana Cerqueira de Sousa, Mayara Luzia Lopes Cruz, Murilo Correia de Brito, Reinaldo de Carvalho Bueno Junior, Raisa Ribeiro da Rocha Reis, Regiane Lima Justino, Roberta Martins Silva, Suelen Cristine Barcelos Menezes, Tabata Coelho, Thiago Fernandes de Moura, Valeria Gonzaga Magalhaes

IDBrasil Cultura, Educação e Esporte
Organização Social de Cultura

Conselho de Administração
Luiz Laurent Bloch (Presidente), Haim Franco (Vice-presidente), Bruno Teodoro Oliva, Francisco Vidal Luna, Gustavo Normanton Delbin, João Alegria, Jorge Damião de Almeida, Julia Paccanaro Rosa, Luiz Deoclecio Massaro Galina, Maria Filomena Gregori, Marina de Mello e Souza, Nelson Savioli, Silvia Alice Antibas, Thalyta Ramos Leite da Silva, William Machado de Oliveira (Conselheiros)

Conselho Fiscal
André de Araújo Souza (Presidente), Raul Antonio Correa da Silva, Vicente de Paula de Oliveira (Conselheiros)

Conselho Consultivo
Antônio Goulart dos Reis, Caio Luiz Cibella de Carvalho, Carlos Antonio Luque, Carlos Augusto Barros, Clara de Assunção Azevedo, Dalton Pastore Junior, Esmeralda Vailati Negrão, Elizabeth Ponte de Freitas, Felipe Artur Pie Abib Andery, Fernando José de Almeida, Hélio de Seixas Guimarães, Larissa Torres Graça, Ligia Ferreira, Marcos Ribeiro de Mendonça, Maria Luiza de Souza Dias, Mauro da Silva, Ophir Toledo, Waltely de Oliveira Longo (Conselheiros)

Diretoria
Diretora Executiva | Renata Vieira da Motta
Diretora Administrativa e Financeira | Vitória Boldrin
Diretor Técnico | Daniel Rangel Costa

Assessoria das Diretorias
Ellen Nicolau (Assessora Técnica)
Karina Macedo (Produtora Editorial)

Assessoria Museológica
Vilma Campos (Assessora de Museologia)
Carolina Rocha, Michael Argento e Ramon Vieira (Assessores Técnicos)

Núcleo de Comunicação
Renata Beltrão (Coordenadora)
Simone Hozawa (Supervisora), Bruno Mengato e Lívia Albernaz (Analistas de Comunicação), Hugo Takeyama (Designer) e Julia Fidelis (Estagiária)

Núcleo de Desenvolvimento Institucional
Carolina Bianchi (Coordenadora)
Ariana Marassi (Supervisora), Carolina Gomes, Flavia Macedo e Mariana de Andrade (Técnicas) e Monica Souza (Assistente)

Núcleo de Exposições e Programação Cultural
Maíra Correa Machado (Coordenadora)
Flávio Benatti, Karoline Goncalves e Vinicius Amaral (Produtores)

Núcleo de Gestão Administrativa e Financeira
José Roberto Nascimento (Coordenador)
Luciane Maringolo Vallilo (Analista Administrativo), Carlos Eduardo Prado, Elaine Fernandes Miralha, Everton Luiz Morelli Santos, Guilherme Felix Moreira, Leticia Boregio, Manoel Nuriega e Renata Alves Silva (Analistas Administrativo e Financeiro) e Eliana Rosa (Copeira)
Margarete dos Santos Silva (Supervisora de Bilheteria), Julia Guimarães, Kevin Alves Sousa e Osvaldo Rodrigues (Bilheteiros/as)

Núcleo de Gestão de Recursos Humanos
Paulo Silva (Coordenador)
Andreza Lima, Camila Souza, Joseane Barbosa, Thalyta Ramos, Sergio Lourenço (Analistas), Isabela Souza e Lucas Garcia (Aprendizes)

Núcleo de Operações e Infraestrutura
Luis Marcatto (Coordenador)
Rui C. Araújo Tucunduva (Assistente de Coordenação), José Izídio Silva (Assistente de Serviços Operacionais), Weslley Souza de Almeida (Assistente Administrativo), Carlito P. Santos, Douglas Peçanha e Jean dos Santos Silva (Auxiliares de Serviço de Manutenção)

Núcleo de Tecnologia
Felipe Macchiaverni (Coordenador)
Anselmo Ricardo de Macedo, Diego Roberto Bueno, Eduardo Gomes da Silva, Luiz Felipe Montoni e Pedro Henrique de Araújo (Analistas de Tecnologia) e Daniel Garcêz (Aprendiz)

Núcleo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro
Fiorela Bugatti (Coordenadora)
Ademir Takara (Bibliotecário), Dóris Régis (Técnica em Documentação), Fabiana Neves (Assistente de Documentação), Letícia Marcolan e Marcel Tonini (Pesquisadores)

Núcleo Educativo
Marcelo Continelli (Coordenador)
Débora Henrique de Oliveira (Assistente de Coordenação do Educativo) e Emerson Prata (Assistente de Formação e Conteúdo)
Ademir Alves Soares (Supervisor do Educativo)
Júlia Paccanaro Rosa e Leandro Watanabe (Analistas de Programas e Projetos), Claudia Correia da Silva (Assistente Administrativa) e Thiago Maciel Cruz (Aprendiz)
André Benazzi Piranda, Angélica dos Santos Angelo, Brunno Costa, Denis Oliveira, Denis Silveira, Matheus Alves Vilela, Patrícia Vieira Alves, Raul Montecinos, Vinícius Leite, Yanna Porcino e Yasmin Amorim (Educadores/as)
Alessandro Santos, Amanda Freitas, Anderson Novaes da Silva, Bianca Arocho, Carlos Garzin, Carolina Géa, Clotildes Maris, Danilo Garcia, David Morais, Eduardi Sousa, Eduardo Meira, Gabriel Silva, Ian Santana De Souza, Julia Torres, Kyna Couto, Laryssa Santos, Mauro Alves de Almeida, Nicolly Afonso, Sarah Costa, Stefano Volpini e Vitória Ananias (Orientadores/as de Público)

MUSEU DO FUTEBOL | Temporada 2026

Lei Rouanet

PATROCÍNIO MÁSTER

PETROBRAS

PATROCÍNIO

globo mercado livre Coca-Cola FEMSA BRASIL sabesp

APOIO

ARKEMA PINHEIRO NETO ADVOGADOS UNISA Universidade Santo Amaro GOODYEAR itaú Shopping Cidade São Paulo

GESTÃO

idbrasil Organização Social de Cultura

CONCEPÇÃO

MUSEU DO FUTEBOL

Fundação Roberto Marinho

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA

A revista **ARQUIBANCADA** foi composta
com as fontes Navigo e Source Serif Pro.

A impressão foi feita em papel offset 90 g/m^2
e pólen bold 90 g/m^2 pela gráfica Ipsis
em setembro de 2026.




SE PERDER TÔ NEM